

OS 70 ANOS DO



CASA DO PROFISSIONAL
DA CONTABILIDADE

CASA DO PROFISSIONAL DA CONTABILIDADE

OS 70 ANOS DO CRCSP

Edição: Fernanda Palo Prado
Ricardo Taddeo Pedroni

Supervisão: Márcia Ruiz

2016



PALAVRA DO PRESIDENTE

Ao comemorar os 70 anos de existência do Conselho Regional de Contabilidade do Estado de São Paulo em 2016, quisemos eternizar esta data simbólica com a edição deste livro, que conta a história da contabilidade das últimas sete décadas sob o ponto de vista de quem a viveu.

Ao ler os depoimentos dos profissionais que compõem este livro, enxergamos a Contabilidade Paulista e o Conselho sob diferentes olhares, porque são diversas as vivências, as idades e as experiências. Mas a sensação é sempre a mesma: entusiasmo, admiração e amor pela Contabilidade.

A riqueza dos testemunhos é a mesma presente na Contabilidade, que se confunde com a história do CRCSP. Quantas mudanças, experiências e vidas aconteceram desde aquele 14 de dezembro de 1946, quando ilustres personalidades da Contabilidade da capital e do interior se reuniram para fundar o Conselho paulista.

Além de marcar os 70 anos do CRCSP, este livro é uma bela homenagem aos mais de 150 mil profissionais da contabilidade registrados, que hoje atuam no Estado de São Paulo.

Os números que se referem aos profissionais da contabilidade apresentam-se grandiosos, se comparados a 1947, quando o Conselho passou a registrar os profissionais. Naquele ano eram 2.224; em novembro de 2016 somos 151.154. Apenas 74 mulheres estavam registradas em 1947; hoje estão registradas 62.181 mulheres.

Uma das profissões que mais transformações sofreram na passagem do século XX para o XXI, a Contabilidade soube transmutar-se com o advento da tecnologia. Reconhecida como essencial à saúde das empresas, a moderna Contabilidade ainda hoje luta para ser cada vez mais valorizada.

Na esteira desse trabalho pela transparência das informações e para enriquecer esta já fecunda história da Contabilidade paulista, oferecemos a nossa contribuição e os nossos parabéns a todos que ajudaram a construir os 70 anos do CRCSP.

Contador

Gildo Freire de Araújo

Gestão 2016-2017



**Transparência e
Responsabilidade Social
com Excelência**

CONSTRUINDO VALORES

As narrativas orais são elementos preciosos nos processos de compilação e preservação da memória social. Quando registradas e articuladas à pesquisa documental e iconográfica, resultam numa narrativa histórica e social única. A matéria-prima dos relatos será sempre a experiência vivida, o conhecimento, o sentimento e o olhar específico, que são atributos de cada um dos contadores da história.

Pessoas & Escolhas atua no mercado de memória empresarial desde 2003. Formada por uma equipe multidisciplinar e com foco em gestão de informação e conhecimento, adequou suas práticas ao mundo corporativo.

O desenvolvimento da memória empresarial está atrelado à visão de que a história de uma organização é parte da história do país e que a compreensão dos fatos, estratégias e processos que marcam a sua trajetória deve ser pautada pela análise ampla de todas as fontes disponíveis, como documentos, objetos, publicações e depoimentos orais.

Uma das suas premissas é que a transparência e o acesso às informações de caráter histórico são ativos para fortalecer a reputação de uma organização. A pesquisa realizada para a produção da presente publicação, que registra a trajetória dos 70 anos do CRCSP, foi baseada em entrevistas temáticas de 31 pessoas, cuja trajetória profissional está, de alguma maneira, vinculada à Contabilidade e à atuação do CRCSP. Entrevistas realizadas em outubro de 2016 colheram relatos de conselheiros, colaboradores, parceiros, presidentes da organização em diversos períodos, todos unidos por valores comuns: a transparência, a ética, papel voluntário e a formação continuada como processo de valorização do profissional da contabilidade.

Márcia Ruíz

Pessoas & Escolhas

SUMÁRIO

Capítulo 1 – História da Contabilidade	8
Capítulo 2 – A Atividade Contábil e o CRCSP	48
Capítulo 3 – Diversidade	92
Capítulo 4 – Perspectivas	122
Histórico dos Conselheiros	148
Histórico dos Presidentes	163
Quadro de medalhas	164

A HISTÓRIA DA CONTABILIDADE

Abrimos este livro com uma contextualização histórica a respeito da Contabilidade no Brasil e no mundo. Não poderíamos falar do CRCSP sem usarmos a lupa da história da humanidade. Afinal, como veremos aqui, a Contabilidade é uma prática que está ligada à trajetória humana. Ela cresceu a partir dela e, então, como num ciclo infinito, passou a alimentá-la, e assim as sociedades humanas prosperaram ao longo da história.

No Brasil isso não foi diferente, afinal, não somos um país à parte do globo. Seguimos nosso próprio caminho, mas sempre dentro do contexto mundial, o que foi refletido também na contabilidade brasileira, que, apesar de se destacar no cenário mundial, também se alimentou de fontes externas.

Aqui, entendemos a evolução das práticas contábeis desde a Antiguidade, passando pelas Idades Média e Moderna, até a chegada dos portugueses ao Brasil. A partir daí vemos como os profissionais da contabilidade ajudam a moldar o país que temos hoje, como eles se organizam como classe e como surgem os Conselhos Regionais e Federal.

Trata-se de um momento para entender os contextos mais abrangentes, para que nos próximos capítulos possamos abordar melhor o CRCSP, sua importância e complexidade.

SOMOS MUITOS!

“Nós somos mais de 530 mil profissionais no Brasil e, só em São Paulo, somos mais de 150 mil. Somos o estado que tem o maior número de profissionais registrados.”

Gildo Freire de Araújo

MUITOS ANOS DE CONVIVÊNCIA

“Nada surgiu agora e o que surgiu foi através do esforço de muita gente numa sequência; todo mundo dando uma parte de si. Modéstia à parte, eu vivi muito com essa história. Foram 60 anos de convivência!”

Sergio Prado de Mello

PIONEIRISMO DO CRCSP

“Embora não conheça profundamente os demais CRCs, não há como negar o pioneirismo e a vocação do CRCSP na difusão e no aperfeiçoamento da Contabilidade brasileira. Basta conhecer o número de palestras e oficinas técnicas programadas anualmente, isso sem mencionar as outras inúmeras iniciativas de caráter técnico e cultural desenvolvidas pela entidade ao longo dos seus 70 anos de existência!”

Álvaro Ricardino

UM PANORAMA HISTÓRICO

CONTABILIDADE NA ANTIGUIDADE

A história da Contabilidade se iniciou com a necessidade dos primeiros *Homo sapiens* em controlar aquilo que produziam. Seja com ferramentas, armas ou cabeças de gado, o ser humano já exercia um tipo rudimentar de Contabilidade para controlar melhor seus rendimentos. O inventário foi o primeiro motivo pelo qual a humanidade começou a fazer registros quantitativos. Por isso podemos afirmar que a Contabilidade existia desde antes da invenção da escrita.

Conforme a população humana foi crescendo e se desenvolvendo, houve maior necessidade de aprimorar esse controle. Isso pode ser notado em diversas partes do mundo. Há fichas de barro encontradas nos territórios que

hoje são o Irã, a Turquia, Israel, Síria e Iraque, contendo marcas que registraram a contagem de rebanhos. Em 3500 a.C., na Mesopotâmia, o excedente de produtos agrícolas criou uma situação de maior conforto em relação ao que se viveu até então. Isso fez com que parte da população suméria, habitantes da região, pudesse praticar diferentes formas de agricultura, de caça e de guerra. Começaram a aparecer indivíduos que puderam dedicar suas vidas às práticas comerciais e à manufatura. Com uma sociedade mais populosa e mais complexa, o governo vigente passou a recolher impostos e surgiu a necessidade de registrar e controlar o pagamento destes. A escrita cuneiforme, criada pelos próprios sumérios, foi a forma pela qual estes registros foram feitos.

Curiosidade

No continente americano, os incas tinham seu próprio sistema de Contabilidade por volta de 2000 a.C., o chamado *quipu*, um sistema de cordas nas quais eram dados nós, que significavam valores diferentes.



Sistema de contabilidade inca



Escrita Cuneiforme

A escrita cuneiforme era praticada com objetos em forma de cunha, utilizados em tabuletas de argila para gravar os pictogramas. Quando queriam que o registro fosse permanente, bastava esquentar as tabuletas em um forno para que a marca não saísse mais.



Contrato sumeriano, na escrita cuneiforme



Oferenda do rei Seti I ao deus Horus no templo mortuário de Seti I, em Abidos, Egito

No Egito, por volta de 2500 a.C., passou-se a confeccionar folhas de papiro, que também foram consideradas um salto para o desenvolvimento da Contabilidade. Por meio da figura do escriba, foram registradas, nesse que foi o precursor do papel, as transações comerciais entre governantes, de maneira muito mais complexa do que era feito na Mesopotâmia. Os egípcios começaram a utilizar moedas – *shat* – como a medida comum do valor e os registros passaram a ser mais detalhados, contendo nomes e datas. Os gregos também contribuíram para a evolução da Contabilidade, utilizando este sistema de registro para confrontar informações e apurar saldos. Em Roma, durante o Império, passou a existir um organizado sistema jurídico de Contabilidade.

Roma usou a Contabilidade para controlar todo o aparato de Estado que foi se formando conforme o Império crescia e absorvia outras culturas. Sem a Contabilidade não havia meios de controlar esse desenvolvimento.

Além disso, os algarismos romanos foram utilizados em toda a Europa até o século XIII.

A Contabilidade se desenvolveu lentamente no mundo antigo, sendo adaptada de acordo com a necessidade e com o desenvolvimento técnico de cada povo. Isso já mostrava que a Contabilidade não era uma prática estanque, mas sim muito fluida, que se transformava com as movimentações da própria história da humanidade, que se tornou mais complexa à medida que as sociedades se sofisticaram, sendo uma prática que documenta as atividades produtivas da vida em comunidades humanas.

Além disso, os registros deixados pela Antiguidade são muito mais raros e complexos de se estudar do que os mais recentes. Talvez um dia possamos descobrir mais formas de Contabilidade do Mundo Antigo. Porém, com os registros históricos que temos hoje, só podemos inferir que a Contabilidade utilizada rudimentarmente pelos povos antigos não se compara à complexidade que temos hoje nas práticas contábeis.

A Contabilidade se desenvolveu lentamente no mundo antigo, sendo adaptada de acordo com a necessidade e com o desenvolvimento técnico de cada povo.

CONTABILIDADE NA IDADE MÉDIA

Também conhecida como Idade das Trevas, a Idade Média é tida como um momento de ignorância no qual todo o conhecimento ficava nas mãos da Igreja Católica. Mas isso não faz jus a todos os grandes acontecimentos do período.

É uma era marcada por guerras, mas, ao mesmo tempo, um momento de intensas trocas culturais. Com a expansão muçulmana do século VII, o norte da África e a Península Ibérica passaram por grandes transformações, sendo profundamente alteradas pela presença da cultura árabe, que se mesclou de diversas maneiras com a cultura ibérica. O resto da Europa, principalmente a Península Itálica, apesar de não se tornar domínio muçulmano, também foi influenciada pela nova cultura que chegava.

É uma era marcada por guerras, mas, ao mesmo tempo, um momento de intensas trocas culturais.

Por toda a Europa, surgiram centros comerciais, e a Península Itálica se destacou nesse contexto, começando a ganhar cada vez mais poder sobre o Mar Mediterrâneo, ponto crucial de troca entre a Europa, a Ásia e a África. Cidades como Gênova, Florença, Veneza e Pisa tornaram-se referências comerciais e científicas e isso fez com que os italianos subissem o próximo degrau na evolução da Contabilidade.

No ano de 1202, o matemático italiano Leonardo Fibonacci, escreve um livro que revolucionou o modo de pensar europeu. Trata-se do *Liber Abaci*, um escrito sobre aritmética que tem como maior trunfo ter introduzido os algarismos arábicos no mundo ocidental. Isso foi uma verdadeira revolução no pensamento contábil, tanto que estes são os algarismos que usamos até hoje!

CONTABILIDADE NA IDADE MODERNA

A partir do século XV, a Europa passou por mais mudanças drásticas em sua cultura. No ano de 1453, o Império Otomano tomou o Império Romano do Ocidente, fato que marcou tradicionalmente o início da Era Moderna. Trata-se de um período no qual os Estados Modernos começaram a ganhar força e o poder passou a ser centralizado na figura dos reis absolutistas. Essa nova forma de poder pode ser resumida na famosa frase do rei francês Luís XIV: “O Estado sou eu.” Portanto, vivia-se um período de forte intervenção estatal na Economia, na qual o protecionismo e o acúmulo de capitais foram as regras.

Esse também foi o período das Grandes Navegações, quando os europeus disputam violentamente o domínio do Novo Mundo e o potencial de crescimento econômico que ele traria para a Europa. Quem tivesse

mais poder sobre a América teria mais matéria-prima, mais metais preciosos e, portanto, mais capital.

Nesse contexto, foram necessárias práticas contábeis sólidas. Novamente na Península Itálica, na região da Toscana, mais um importante avanço na Contabilidade aconteceu, através de outro matemático: Luca Pacioli. No ano de 1494, ele terminou sua obra máxima, *La Summa de Arithmetica, Geometria, Proportioni et Proportionalità*, na qual escreveu um capítulo tratando apenas sobre Contabilidade e lá teorizou o sistema de partidas-dobradas, princípio contábil segundo o qual todo lançamento a crédito numa conta faz com que surja outra conta onde é registrada a mesma importância a débito. Isso mudou completamente a forma de fazer Contabilidade em toda a Europa e, com as Grandes Navegações, este método foi trazido às Américas.

Esse foi o período das Grandes Navegações, quando os europeus disputam violentamente o domínio do Novo Mundo e o potencial de crescimento econômico que ele traria para a Europa.



Leonardo Fibonacci

Nascido em Pisa, Itália, em 1170, filho de um mercador, Leonardo teve contato com atividades comerciais desde muito cedo. Passou muito tempo no norte da África com seu pai e lá entrou em contato com outras culturas, aprendendo, além dos algarismos arábicos, técnicas matemáticas ainda desconhecidas no Ocidente.



Leonardo Fibonacci à esquerda, estátua em sua homenagem

Luca Pacioli

Nascido em Sansepolcro, Itália, em 1445, é considerado o pai da Contabilidade moderna. Era um monge franciscano que dedicou sua vida à Matemática e à Teologia, chegando a ser professor em diversas regiões da Itália. Foi professor de ninguém menos que Leonardo Da Vinci.

Pacioli, com o hábito da ordem franciscana. Sobre a mesa há um livro que é possível que seja sua *Summa de Arithmetica, Geometria, Proportioni et Proportionalità*. Há na cena os instrumentos utilizados por matemáticos: esponja, transferidor, caneta, giz e bússolas, 1495



DIVERSOS OLHARES SOBRE A CONTABILIDADE

“O contador é a bússola de uma empresa. Com base nos elementos que ele fornece, o empresário sabe se vai ter sucesso ou insucesso. A Contabilidade dá uma dimensão do que passou e a projeção do futuro. Como fazemos a previsão de alguma coisa? É exatamente olhando o passado e o presente para projetar o futuro.”

Annibal de Freitas,
in memoriam, depoimento concedido em 2001

Contabilidade se faz também em casa

“É só por meio do conhecimento da Ciência Contábil que as pessoas identificam a origem e a aplicação de recursos de maneira automática. Eu aprendi isso em Contabilidade, tudo está relacionado com um processo de débitos e créditos. Seja na relação de marido e mulher, tem créditos e débitos, fatalmente. Na sua relação de pai e filho também, o crédito é o afeto que você recebe e o débito é a responsabilidade de educar, de encaminhar, de cuidar, coisas dessa natureza. No mundo econômico,

da mesma forma, não se pode contrair uma dívida sem saber onde os recursos estarão aplicados e se a forma como eles estão sendo aplicados vai possibilitar que amanhã você possa saldar a dívida. Coisas dessa natureza vão explicar também o problema social brasileiro. Não se pode simplesmente buscar o resultado de uma operação, sem olhar cada uma das aplicações no campo social.”

Antoninho Marmo Trevisan

Linguagem dos negócios

“Sabe o filme Matrix? Eu começo dando aula de Contabilidade Geral falando disso. No filme Matrix 1, tem aquela cena em que todo mundo estava pensando: ‘Será que ele é o escolhido?’ e o Neo começa a desviar das balas. Aí corta essa cena e tem um cara sentado em frente de uma tela cheia de numerinhos caindo... Está o operador olhando para aquelas três telas e fala assim: ‘Nossa, ele é o escolhido!’ Você já reparou que o que acontece na verdade é que esse cara está olhando para uma tela e enquanto você está vendo um monte de números, ele está vendo o Neo desviando das balas? Essa é a mensagem do Matrix. Esse cara é o contador! Ele está olhando para a tela e está vendo coisas que você não está. Então,

o contador olha pra empresa e está vendo um monte de numerinho caindo e transformando isso em linguagem de negócios. A Contabilidade é essa comunicação, essa linguagem. O grande desafio da Contabilidade é que o contador, que olha a tela, tem que transmitir para você, porque você não vai enxergar aqueles numerinhos, não vai entender, não é a sua profissão. Por isso, a gente fala que a Contabilidade é uma linguagem, é a linguagem dos negócios e que tem que interpretar essas coisas que acontecem, essa transformação da empresa em números em algo que seja entendível pra qualquer outra pessoa.”

Marta Pelucio

A médica dos negócios

“A Medicina se vale de uma porção de situações para manter o corpo do indivíduo com a saúde estável, com qualidade de vida e para isso há muitas variáveis: tem o médico do coração, o oftalmologista, o pediatra, o ortopedista... As nossas veias são um organismo percorrido por todo o sangue que mantém o corpo sempre vivo. Qualquer variável aparece no exame de sangue, que o médico afere por meio dos exames laboratoriais, com uma infinidade de indicadores para melhoria da saúde.

A Medicina está para o corpo humano como a Contabilidade está para a saúde das empresas. Então, a Contabilidade é fundamental como elemento, como fonte de informações decisivas para a tomada de decisões. Ao longo dos meus mais de 50 anos de atividade profissional, eu continuo com o escritório de Contabilidade e a gente percebe que somos os verdadeiros médicos das empresas.”

Domingos Orestes Chiomento

O que é a Contabilidade?

“A Contabilidade é uma das profissões mais difíceis e mais complexas que existem, porque, para o profissional exercer, ele tem que se atualizar diariamente com respeito a normas de legislação, tem que ter uma capacidade de relacionamento com o seu cliente, para quem vai prestar o serviço, muito grande, porque ele tem que entender e tem que avaliar

aquilo que esse cliente está fazendo. Por outro lado, ele tem que manter uma postura de total independência, para que possa fazer julgamentos que são requeridos em todas as fases do trabalho do profissional da contabilidade.”

Claudio Filippi

Várias funções

“O trabalho do profissional da contabilidade é o de um parceiro. Ele tem vários conhecimentos, então pode assessorar financeira e economicamente a empresa, além de contabilmente. Nessa parte tributária e trabalhista, embora não seja advogado, ele tem no seu currículo a formação do Direito. Ele é o grande assessor porque as folhas de pagamento são feitas, mas, não é a folha em si – a execução anteriormente era manual, era maquinizada e hoje é por computador –, é a orientação da conduta trabalhista, de recursos humanos, de como fazer, de como aplicar os acordos, como tratar o funcionário para não ter conflito. Então o profissional da

contabilidade pode exercer várias funções, pode ser gerente, diretor de empresa, trabalhar na educação, ser pesquisador. Ou seja, o curso de Contabilidade cada vez mais avalia o processo e o próprio profissional também vai aprender outras coisas: sociologia, psicologia, filosofia, porque quanto mais evolui, mais fica generalista. Existe um estudo do falecido professor Içami Tiba que dizia que a maior parte da nossa atividade é de relacionamento interpessoal, e eu tenho essa visão.”

Joaquim Carlos Monteiro de Carvalho

CONTABILIDADE NO BRASIL

Na terra que hoje é o Brasil, os indígenas já praticavam seus métodos mais rudimentares de Contabilidade, mas a Contabilidade moderna chegou de repente, junto com os portugueses que aportaram. Eles tinham que fazer a administração colonial utilizando o que aprenderam na Europa, com todas as influências de que falamos anteriormente.

Até o século XVII, o Brasil, servindo apenas como o território onde os portugueses conseguiam suas matérias-primas, consistia principalmente em grandes propriedades rurais, nas quais muito se produzia para fora e muito pouco para a própria subsistência. Portanto, não havia complexas relações comerciais estabelecidas. Nos engenhos, faziam-se os inventários e o controle daquilo que tinham produzido e dos escravos adquiridos ou vendidos, mas as cidades ainda eram uma raridade.

A partir do final do século XVII e durante todo o século XVIII, depois da descoberta de minas de ouro, aumentou a necessidade da prática de uma Contabilidade organizada no Brasil. O ouro precisava ser taxado para ser enviado para Portugal de modo que fosse mais controlado para que não houvesse

desvios dessa mercadoria tão preciosa. Por isso, foi criada a Intendência de Minas, órgão responsável por fiscalizar todo o serviço de mineração. Era através dele que se cobravam os impostos referentes ao ouro. Além disso, em 1719, foram criadas as Casas de Fundição e da Moeda, o que significava que nossas moedas passaram a ser cunhadas aqui. Apesar de não ter sido o primeiro momento em que isso aconteceu no Brasil, foi o mais expressivo.

Outro marco da Contabilidade no Brasil foi o ano de 1808, com a chegada da Família Real, que colocou o Brasil na categoria de país europeu e não apenas de colônia, abrindo os portos para a Inglaterra, concebendo, em 1815, a designação oficial de Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves, o que alterou completamente a dinâmica comercial e administrativa entre a colônia e a metrópole. No mesmo ano da chegada da Família Real, foi fundado o Banco do Brasil, o primeiro banco a funcionar em terras brasileiras.

Assim, a figura do profissional da contabilidade se firmava de vez em terras brasileiras e, conforme o tempo foi passando, só ganhou mais importância.

Fins privados

“A Contabilidade, nessa época, era feita apenas para os empresários. Ora, o Imposto de Renda foi criado em 1922, anteriormente não existia. Antes de 1922, não se produzia nenhum documento contábil ou um

balanço para fins fiscais. Produzia-se para o próprio empresário dividir o lucro entre os sócios, para apresentar às pessoas que davam crédito.”

Antoninho Marmo Trevisan

O século XX trouxe diversas transformações sociais e muitas mudanças para a humanidade como um todo. O Brasil, país recém-saído de uma longa tradição colonial e de um período monárquico muito

conturbado, não foi uma exceção. O povo começou, aos poucos, a ganhar voz nas decisões do país e clamar por mais direitos. Além disso, lutava-se para que esses direitos fossem assegurados.



Antiga sede do Sindicato dos Contabilistas de São Paulo, que serviu de palco para a formação do CRCSP

Nos engenhos, faziam-se os inventários e o controle daquilo que tinham produzido e dos escravos adquiridos ou vendidos, mas as cidades ainda eram uma raridade.

ORGANIZAÇÃO DOS PROFISSIONAIS DA CONTABILIDADE

A atuação da profissão era tão debatida que no ano de 1932 foi fundado o Sindicato dos Contadores de São Paulo.

Os profissionais da Contabilidade foram se organizando cada vez mais ao longo do século XX. Além do CRCSP e do Sindicato dos Contabilistas, existem outras entidades que atuam em conjunto. São as entidades congregateadas, parceiras, cada qual com sua especificidade, sempre em prol da categoria.

São elas:

Federação dos Contabilistas do Estado de São Paulo (Fecontesp)

A Fecontesp foi fundada em 27 de fevereiro de 1948 e teve como seu primeiro presidente ninguém menos do que José da Costa Boucinhas. Sem fins lucrativos, é uma entidade que atua com reivindicações e capacitações para a classe, representando seus filiados nas três esferas de poder (Judiciário, Legislativo e Executivo). Promove jornadas técnico-culturais e prêmios, como o “Destaque Dirigente Sindical” e “Personalidade do Ano”.

Presidente: José de Souza

Sindicato dos Contabilistas de São Paulo (Sindcont-SP)

Em 19 de julho de 1919, foi fundado o Instituto Paulista de Contabilidade (IPC), criado por 11 jovens recém-formados na Escola de Comércio Álvares Penteado e cheios de ideais, que incluíam direitos garantidos para a classe contábil. Esse fato tem grande importância, pois foi reflexo de uma classe trabalhadora que passou a se organizar, entendendo a si mesma como uma força de grande importância, sem a qual o país não funciona direito.

Tanto foi assim, que o próprio governo reconheceu isso, principalmente ao notar o crescimento vertiginoso pelo qual passa o IPC. A atuação da profissão era tão debatida que no ano de 1932 foi fundado o Sindicato dos Contadores de São Paulo, criado por um grupo de dissidentes do IPC. Isso significou que, por um momento, havia dois sindicatos atuando em São Paulo em prol da mesma categoria. Só houve a unificação em 1940, com a Lei da Sindicalização, criada no Governo Vargas. Assim, a categoria se uniu novamente, dessa vez sob a égide do Sindicato dos Contabilistas de São Paulo, que existe até os dias de hoje, mas não como a única forma de organização dos profissionais da contabilidade.

Presidente: Jair Gomes de Araújo

Sindicato das Empresas de Serviços Contábeis e das Empresas de Assessoramento, Informações e Pesquisas no Estado de São Paulo (Sescon-SP) e Associação das Empresas de Serviços Contábeis do Estado de São Paulo (Aescon-SP)

O Sescon-SP foi fundado em 12 de janeiro de 1949, com o nome de Associação Profissional das Empresas de Serviços Contábeis de São Paulo. Já a partir desse momento, iniciou-se o processo de transformação em entidade sindical junto ao Ministério do Trabalho. Em 1960, com as mudanças no âmbito de representação, a entidade passou a se denominar Associação Profissional das Empresas de Assessoramento, Perícias, Informações e Pesquisas no Estado de São Paulo. Em 1964, tornou-se uma entidade sindical e passou a se chamar Sindicato, em vez de Associação. O nome atual só foi adotado em 27 de maio de 1987.

A Aescon foi fundada no mesmo ano que o Sescon e é uma entidade sem fins lucrativos, formada por empresas de Contabilidade e por profissionais liberais autônomos. Em sua missão está o fortalecimento das empresas de Contabilidade, com capacitação e discussões, com foco na profissão. Desde 2010, Aescon-SP é a entidade credenciada para emissão de certificados digitais.

O Sescon-SP e a Aescon-SP são entidades irmãs, representadas pelo mesmo presidente e cujos objetivos são voltados para a representação dos direitos da categoria de empresários da contabilidade. Além disso, há um forte vínculo com o Estado, servindo também como um órgão técnico e consultivo no estudo e solução dos problemas da categoria. São entidades que também zelam pela modernização do profissional da contabilidade. Presidente do Sescon-SP e da Aescon-SP: Márcio Massao Shimomoto

Instituto dos Auditores Independentes do Brasil (Ibracon) – 5ª Seção Regional

O Ibracon foi fundado em 13 de dezembro de 1971, da união de dois institutos voltados para os profissionais da contabilidade que trabalhavam com auditoria independente: o Instituto de Contadores Públicos do Brasil (ICPB) e o Instituto Brasileiro de Auditores Independentes (Ibai). Assim surge o Instituto dos Auditores Independentes do Brasil, que na época era conhecido como IaiB. Esta entidade é voltada para o trabalho de auditoria no Brasil e é relativamente nova, visto que a auditoria independente ganha muita força a partir dos anos de 1970, quando essa atividade se torna obrigatória para as empresas de capital aberto, conforme a Circular n.º 179 do Banco Central. Por meio da parceria com a *International Financial Reporting Standards Foundation*, é a única entidade

autorizada a traduzir o livro *Normas Internacionais de Relatório Financeiro*. Assim, se torna muito importante no processo de convergência das normas internacionais. Também participou da criação do Comitê de Pronunciamentos Contábeis (CPC). Presidente: Sergio Antonio Dias



Sede do Sindcont, a mais antiga das entidades congregateadas em prol do profissional da contabilidade

Ambiente favorável



Sergio Antonio Dias

Nascimento: 13 de junho de 1964, na cidade do Rio de Janeiro (RJ)

Atividade: sócio de empresa de auditoria e presidente da 5ª Seção Regional do Ibracon

“Atualmente sou o presidente da 5ª Seção Regional do Ibracon, responsável pelos Estados de São Paulo, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Paraná.

O Conselho Federal de Contabilidade, os conselhos regionais e o Ibracon têm um papel fundamental para a profissão. São estas instituições que atuam no sentido de promover um ambiente regulatório favorável ao desenvolvimento da atividade do profissional da contabilidade, que inclui o auditor. O Conselho Federal, auxiliado pelos conselhos regionais, além de atuar no âmbito do desenvolvimento regulatório, atua também na fiscalização, quer seja do exercício da atividade profissional, quer seja no cumprimento

do programa de educação profissional continuada que visa garantir a permanente atualização dos conhecimentos técnicos imprescindíveis ao bom desenvolvimento da atividade profissional, dentro dos padrões de qualidade que a sociedade exige. Portanto, é a combinação dos esforços conjuntos dessas instituições que promove o fortalecimento contínuo de nossa profissão. Como representante do Ibracon, tenho tido a oportunidade de ver de perto todo o trabalho desenvolvido pelo CFC/CRCs no âmbito da profissão e muito me orgulha ver que temos nestas instituições não só pessoas competentes, mas também com o genuíno interesse de fazer o melhor em prol do crescimento de nossa profissão.”

Associação dos Peritos Judiciais do Estado de São Paulo (Apejesp)

A Apejesp foi criada na sede do Sindcont-SP em 30 de agosto de 1957. Seu primeiro presidente foi José Ferraz de Siqueira Sobrinho, e Odilon Alves Cunha Lima foi o vice. Tem como finalidade congregar peritos judiciais de diversas áreas do conhecimento, de modo a promover aperfeiçoamento profissional e técnico-cultural por meio de cursos, seminários, palestras e outros eventos.

Presidente: Paschoal Rizzi Naddeo

Associação Nacional dos Executivos de Finanças (Anefac)

A Anefac foi fundada em 1968 e tem como grande missão o estímulo à transparência corporativa. Em parceria com a Fipecafi e o Serasa Experian, promove o Troféu Transparência reconhecendo as empresas que apresentam as demonstrações financeiras mais transparentes do Brasil. Também promove o Prêmio Anefac Profissional do Ano, que agracia profissionais que realizam trabalhos de relevância para a sociedade nas áreas de Finanças, Administração e Contabilidade. Além disso, realiza eventos, seminários, cursos, reuniões técnicas e outros eventos que promovem encontros de profissionais competentes, difundindo conhecimento e promovendo a melhor qualificação desses profissionais.

Presidente: Antônio Carlos Machado

Em prol do profissional da Contabilidade

Eu comecei a trabalhar antes dos 13 anos no comércio e, com 13 anos, foi o meu primeiro registro: fui trabalhar na Tipografia e Papelaria Formosa. Era um local de referência dos contadores mais antigos, a maior e melhor empresa, que fazia os melhores impressos. A Tipografia e Papelaria Formosa era bem famosa e conhecida, uma empresa que se especializou em impressos próprios para uso no dia a dia dos escritórios, em Contabilidade. Ela tinha todos os impressos, fazia a chamada ficha tríplice e tinha uma boa qualidade. Na hora de buscar um impresso, era a mais especializada.

A sindicalização, para mim, foi um ato natural em busca de locais onde eu pudesse me capacitar para enfrentar o mercado. Eu encontrei o Sindicato e o Sindicato correspondeu e corresponde ainda hoje a essa necessidade de conhecimento e de estar junto com os pares discutindo. Uma vez participando do Centro de Estudo, das atividades do Sindicato, as pessoas buscaram em mim uma fonte de conhecimento também. Houve uma troca de informações. À medida que fui me destacando, fui chamado para participar da mesa como secretário e essa evolução foi crescendo até chegar a presidente do Centro de Estudos. Comecei a participar mais firmemente dos grupos e fui chamado para trabalhar como conselheiro; foi um crescente. Essa evolução foi ocorrendo de forma natural, eu fui me adaptando e fui me especializando também na área principalmente do terceiro setor. Fui chamado como diretor cultural do Sindicato e entenderam que foi uma gestão boa; fui chamado para ser vice-presidente e, depois, naturalmente, presidente.

O Sindicato foi o precursor das entidades contábeis do Estado de São Paulo. Além da perenidade como órgão de classe, é o órgão preparador para que os profissionais possam exercer sua profissão de forma adequada. Essa é a importância do Sindicato: ter nascido, ter sido contínuo na sua tarefa de preparar os contadores.

O Sindicato e o Conselho são entidades congregadas. Nós compartilhamos alguns trabalhos. O CRC tem algumas atribuições e o Sindicato tem outras. A gente age de forma complementar para o bem da profissão contábil.

Nesse momento de inúmeras mudanças no cenário político e econômico do Brasil, a capacitação profissional é muito importante. As entidades de classe e o Sindicato têm forte importância para o profissional. A gente tinha um pouco menos de recurso antes e não tinha computador, por exemplo. A gente tinha que ir ao Sindicato, fazer perguntas e buscar informação, ou um profissional que já tinha feito, trazia essa informação ou por meio de cursos. Partia também de uma proatividade do próprio profissional em buscar informação, de forma não tão custosa, que permitia sua atualização.

Nós temos que entender que sozinho é muito difícil ter uma profissão. Ser apoiado pelas entidades contábeis, o CRC, Seson, e no meu caso em especial, o Sindicato dos Contabilistas de São Paulo, permite que se tenha uma carreira plena.

Eu vejo o meu trabalho no Sindicato como um fato natural, nós estamos devolvendo alguma coisa para a profissão contábil, cada um pode fazer a sua parte. Hoje, a minha missão é ser presidente, então vou tentar ser o melhor presidente possível. Em seguida, eu vou ser só um associado, então: o melhor associado possível. Como presidente, tenho melhores condições de fazer essa contribuição.

Entendo a importância da perfeita harmonia entre os órgãos da classe contábil. O CRCSP sabe exatamente para que veio, o que ele tem de fazer; o Sindicato também, dentro das suas habilidades, das suas atribuições. O importante é o profissional da contabilidade. O trabalho não é para o indivíduo, para o presidente, e sim, para a Contabilidade e para o profissional da área contábil.



Jair Gomes de Araújo

Nascimento: 13 de janeiro de 1958, na cidade de Santo André (SP)

Atividade: contador e presidente do Sindicato dos Contabilistas de São Paulo

A sindicalização, para mim, foi um ato natural em busca de locais onde eu pudesse me capacitar para enfrentar o mercado. Eu encontrei o Sindicato e o Sindicato correspondeu e corresponde ainda hoje a essa necessidade de conhecimento e de estar junto com os pares discutindo.

ESCOLAS E O PROCESSO DE ENSINO DA CONTABILIDADE

“O Sindicato dos Contabilistas de São Paulo tem uma posição invejável nisso tudo, porque ele foi o fulcro de todas as conquistas da classe. No CRC, todas as conquistas da classe foram feitas por meio do Sindicato dos Contabilistas, dos seus membros e da Álvares Penteadado. Essas duas entidades tiveram uma participação decisiva no desenvolvimento da classe.”

Luiz Fernando Mussolini,
in memoriam, depoimento concedido em 2001

No final do século XIX, a industrialização começou a tomar força no Sudeste; principalmente em São Paulo, passou a crescer desenfreadamente graças à economia do café. O porto de Santos foi estruturado nessa época para escoar a produção e, além disso, receber o grande número de imigrantes europeus que chegavam para trabalhar nas lavouras. Muitos desses imigrantes ficaram na cidade de São Paulo e ajudaram a construí-la, fazendo parte das indústrias ou abrindo seus próprios negócios.

Grande parte desses imigrantes vieram da Itália, o país que é por muitos considerado o berço da Contabilidade Moderna. Isso significou que veio, com eles, o método italiano de fazer a Contabilidade. Essa influência deixou marcas até mesmo pela ascendência italiana dos maiores nomes da Contabilidade brasileira do século XX.

Com a grande demanda da Contabilidade para a gestão dos negócios que vinham para o Brasil, foi natural a procura por treinamento de novos profissionais. Na verdade, mais do que treinar, era preciso dar condições para que competissem no mundo do trabalho profissionais de competência ímpar.

Dois nomes foram chave nesse contexto: Horácio Berlinck e Antônio de Álvares Leite Penteadado. Ambos perceberam que havia uma grande necessidade de estabelecer um meio para que os profissionais da contabilidade recebessem uma formação de qualidade no Brasil. Isso fez com que se dedicassem à fundação de uma escola de comércio. Dessa parceria, surgiu a Escola de Comércio Álvares Penteadado, fundada em 2 de junho de 1902 e instalada no prédio 36 da antiga Rua São José (hoje Líbero Badaró, esquina da Rua Direita).



Fecap no Largo São Francisco em 1962

Não foi tarefa fácil, por mais que fosse muito claro que o Brasil precisava de uma instituição assim. Foi necessário juntar muitas pessoas com vontade de ver esse sonho se realizar e, além disso, foi preciso que o poder público visse a importância dessa iniciativa.

Os maiores profissionais da contabilidade do século XX, principalmente aqueles formados na primeira metade do século, passaram pela Álvares Penteadado e lembram de lá com carinho. Muitos fizeram o curso Técnico de Contabilidade ainda jovens e se formaram já podendo exercer a profissão desde muito cedo.

Ponto de apoio, base

“A Álvares Penteadado foi o fulcro do ensino comercial no Brasil, o centro, não só sob o ponto de vista material, como também sob o ponto de vista intelectual. A Álvares Penteadado foi exatamente isso: a mãe, a patrona.”

Luiz Fernando Mussolini,
in memoriam, depoimento concedido em 2001

Aprendia mais

“Era bem puxado. Tive excelentes professores naquela época: de Contabilidade Bancária, Industrial, Comercial, de Português, aprendi muito português lá na Álvares Penteadado. Fiquei até um apaixonado pela Língua Portuguesa. Aprendi com o Ernani Calbucci. O Aúthos Pagano foi meu professor. Era um curso muito bom mesmo, um curso em que você aprendia de verdade. Não era só a Álvares Penteadado, mas havia escolas boas

antigamente. Havia a Escola 30 de Outubro, que era no Brás, era muito boa escola. Havia a Escola Carlos de Carvalho, que era na cidade, uma boa escola também, que formou bons profissionais. O curso era bem diferente, você aprendia mais Contabilidade.”

Sérgio Approbato Machado,
in memoriam, depoimento concedido em 2001

Aluno e professor

“Eu sou produto da Álvares Penteadado, fui aluno e professor. Fui pra Álvares Penteadado fazer o ginásio comercial quando ela funcionava no Largo São Francisco, andava de terninho e aí eu me realizei! Era muito gostoso ir à escola. Lá eu tive grandes líderes, professor Fernando Contro, professor Francisco Grecco, que era professor de matemática financeira, o Adalberto Pereira da Fonseca que foi o presidente da Álvares

Penteadado... Tive também uma grande professora, talvez a professora que mais me marcou, Rail Gebara, professora de Biologia, uma grande líder, uma grande educadora. Essas pessoas acabaram me inspirando não só como modelo de vida, mas também no magistério. Depois, fui professor lá e alguns desses foram meus colegas.”

Joaquim Carlos Monteiro de Carvalho

Dois nomes foram chave nesse contexto: Horácio Berlinck e Antônio de Álvares Leite Penteadado.

Dessa parceria, surgiu a Escola de Comércio Álvares Penteadado.

No ano de 1929, com a quebra da Bolsa de Nova York, o mundo viveu uma crise econômica até então sem precedentes.

Com o tempo, outras escolas começaram a aparecer em São Paulo, algumas delas tornaram-se referência no meio. Todas elas sempre com forte influência da Contabilidade italiana. Isso começou a tomar outra forma ao longo do século XX.

No ano de 1929, com a quebra da Bolsa de Nova York, o mundo viveu uma crise econômica até então sem precedentes. Muitas empresas quebraram, muitas pessoas perderam tudo o que tinham e o desespero tomava conta do mundo.

Foi um momento em que pudemos ver em primeira mão o poder de uma crise econômica em grande escala. Esse fator foi um dos que impulsionaram a deflagração da Segunda Guerra Mundial, evento que, apesar de tomar parte principalmente na Europa, abalou o mundo todo e trouxe mais um mar de consequências, com as quais lidamos até hoje.

Isso fez com que a Contabilidade norte-americana tivesse que estruturar formas de amenizar o mais rápido possível os problemas da crise, sem direito a erros. Nesse processo, os norte-americanos tornaram-se referência na Contabilidade, sua popularidade, ao longo dos anos, superou até mesmo a dos italianos. A partir disso, vemos um processo no qual a referência se modernizou e se alterou, adaptando-se a tempos mais atuais.

Com os efeitos da globalização, as distâncias do mundo foram encurtadas, processo que continua ocorrendo em alta velocidade. Surgem as multinacionais, empresas de grande porte e cuja estrutura exige uma constante atualização da Contabilidade. Trata-se de um mundo novo, no qual a informação

vem com muito mais facilidade e é preciso entender melhor o que fazer com isso. Portanto o profissional da contabilidade não pode se dar ao luxo de se acomodar.

Conforme as empresas multinacionais foram chegando ao Brasil, junto com elas aparecem as empresas de auditoria, com profissionais extremamente bem treinados no modelo norte-americano. A presença desses profissionais em terras brasileiras se tornou um modelo a ser seguido para que os profissionais da contabilidade brasileira pudessem competir no mercado de trabalho em pé de igualdade.

Esse meio de pensar entrou com muita força nos cursos de Contabilidade por todo o Brasil. Muitos pesquisadores afirmam que isso se deve à atuação do professor José da Costa Boucinhas, que se baseou na obra *Introductory Accounting*, de Finney e Miller, e aplicou esse novo formato em seu trabalho a partir da década de 1960. Esse formato foi utilizado durante suas aulas na mesma época, formando muitos jovens profissionais da contabilidade.

O método norte-americano também foi adotado pela Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo (FEA-USP), a partir da mesma década, por volta de 1964, e tornou-se referência acadêmica no meio da Contabilidade. Foi nesse cenário que o professor Sergio de Iudícibus – hoje modelo para todos os profissionais da contabilidade no Brasil – escreveu sua obra intitulada *Contribuição à Teoria dos Ajustamentos Contábeis*, defendida como tese de doutoramento no ano de 1966.

Italiana → Norte-Americana

“Nós tínhamos, no ensino brasileiro como um todo, uma forma de aprendizagem de Contabilidade que era derivada do modelo da escola italiana, onde se estudava muita teoria, para, lá no fim, começar alguma coisa com o lado prático; discutia conceito de que quase nem se fala mais. Era um negócio que dava muito problema do ponto de vista didático, porque os alunos queriam aprender Contabilidade, mas não viam Contabilidade, não viam balanço, não viam registros contábeis, era muita teoria. O professor Alkindar de Toledo Ramos foi atrás da bibliografia mais utilizada nos Estados Unidos. Trouxe e começou a ir preparando os demais membros da cadeira. Quando eu entrei, estava mudando totalmente o ensino da Contabilidade, passando a ensinar com os balanços. Quer dizer, montava as operações para entender o balanço, o resultado, o vínculo entre as demonstrações contábeis, o vínculo disso com fluxo de fundos, com fluxo de caixa. Os princípios de Contabilidade iam sendo inseridos paulatinamente durante o processo de aprendizagem da parte prática. Até hoje é uma metodologia que atrai o aluno fortemente, porque ele já entra direto no balanço, já entra diretamente no produto da

Contabilidade. A Contabilidade americana é voltada muito para a gerência, gestão ou mercado de capitais. Só os antigos vão saber que não existia demonstração do resultado. Existia uma tal de Demonstração de Lucros e Perdas que era uma bagunça, uma mistura de demonstração de resultados com lucros ou prejuízos acumulados, uma coisa que só contador bem treinado conseguia entender, nenhum outro usuário entenderia. O modelo americano não faz uma demonstração qualquer, minimamente operacionalizada, começa a entender pelo menos o básico: vendas menos quanto custaram as mercadorias, menos quanto eu tive de despesa disso, despesa daquilo, qual é o meu lucro. Uma forma vertical, absolutamente dedutiva, simples. Ou seja, era uma preocupação de conteúdo e de forma voltada para o usuário da contabilidade, dentro dos usuários uma forte presença do gestor. Isso mudou o ensino da Contabilidade no Brasil. Eu fui uma cobaia, isso que é interessante, quer dizer, eu fui da primeira turma que aprendeu Contabilidade sob essa influência, sob essa forma.”

Eliseu Martins

A influência norte-americana ganhou tanta força que foi adotada pelo próprio Governo Federal. Uma prova disso foi a Lei n.º 6.404, de 1976. Trata-se da Lei das Sociedades por Ações, que regula as Sociedades Anônimas. Essa lei é baseada no modelo de legislação societária vigente nos Estados Unidos na mesma época.

Ainda hoje, o modelo norte-americano é o mais difundido nos cursos de Contabilidade por todo o país. A abordagem italiana, adotada inicialmente, hoje é considerada clássica, mas não reflete mais o mundo em que vivemos.

Pesquisador e um pouco de suas pesquisas¹



Álvaro Augusto Ricardino Filho

Nascimento:
4 de janeiro de 1951, na cidade de São Paulo (SP)

Atividade:
professor

Álvaro Augusto Ricardino Filho, embora seja mais conhecido como Álvaro Ricardino ou, simplesmente, Ricardino, nasceu no dia 4 de janeiro de 1951, na cidade de São Paulo, na Maternidade Matarazzo, hoje desativada, que ficava em uma travessa da Avenida Paulista. Mais paulistano que isso, impossível.

Ricardino viveu a maior parte de sua infância no bairro do Cambuci. Quando adolescente, queria ser jogador de futebol – goleiro. Como ele mesmo pondera, “ainda bem que não deu certo. Não tinha as qualidades necessárias”.

No início dos anos 70, ingressou na Escola Superior de Administração de Negócios (Esan). Como tantos estudantes, cursava a faculdade de Administração à noite e trabalhava durante o dia. Quando cursava o terceiro ano, respondeu a dois anúncios de recrutamento, publicados nos quadros de avisos da faculdade. Um deles abria oportunidade para trainees na então prestigiosa empresa de auditoria Arthur Andersen, da qual ele nunca ouvira falar.

Após exaustivos e contínuos treinamentos, aprendeu e passou a se identificar com a área contábil. Concluído o curso de Administração, matriculou-se em uma faculdade de Contabilidade. Era requisito da empresa de auditoria a obtenção do diploma e a inscrição no CRCSP. Cursou a faculdade e obteve tanto o diploma quanto a inscrição sob o n.º 109.823, de 8 de setembro de 1980. Naquela época, não havia o exame de suficiência.

No início do segundo semestre de 1995, paralelamente às atividades profissionais, exercia a diretoria de eventos da Associação Nacional dos Executivos de Finanças Administração e Contabilidade (Anefac). Na ocasião, ao conversar com um colega da entidade, Temístocles

Ribeiro, soube que ele cursava o mestrado em Contabilidade na FEA/USP e que as inscrições estavam abertas. Mais por impulso do que por convicção, se inscreveu e foi aprovado! Após mais de 15 anos afastado e com 45 anos de idade, voltava ao ambiente acadêmico. Era, de longe, o mais velho de sua turma.

No segundo semestre de 1999, defendeu sua dissertação de mestrado, “Contabilidade Gerencial: origens e desenvolvimento”. Vale registrar que, em 2005, contendo diversos acréscimos, a obra foi publicada pela Editora Saraiva sob o título “Contabilidade Gerencial e Societária: origens e desenvolvimento”.

Concluído o mestrado, efetuou inscrição para o doutorado. Foi aceito, juntamente com mais sete colegas. Em 15 de outubro de 2002, defendeu e teve aprovada sua tese sobre as diferenças entre o ensino profissional e acadêmico na área de auditoria.

O interesse pela pesquisa do tema teve início quando, durante o mestrado, cursava a disciplina Controladoria, ministrada pelo Prof. Dr. Reinaldo Guerreiro. Dentre os temas propostos para pesquisa dos alunos estava “A História da Controladoria”.

O gosto pelos temas de caráter histórico, segundo ele, fazia parte do DNA da família. Ao solicitar o tema, ficou surpreso, pois descobriu que não havia nenhuma bibliografia nacional sobre o assunto. Durante mais de três meses, garimpou grande quantidade de obras estrangeiras, preponderantemente, inglesas e americanas, para conseguir reunir material suficiente para apresentar à classe na última aula do semestre. A apresentação valeu um “A” e serviria, posteriormente, como ponto de partida para a elaboração de sua dissertação de mestrado.

As pesquisas encetadas à época indicavam que não era apenas a história do controller que era desconhecida. Pouquíssima produção havia sobre a história da Contabilidade brasileira. Quando algum material era encontrado, muitas vezes as informações eram incompletas, equivocadas e/ou desprovidas da correspondente fonte.

Publicou diversos artigos sobre o tema e informa ter tido a honra de dividi-los com nomes ilustres da Contabilidade nacional, tais como Eliseu Martins, Sergio de Iudícibus, Nelson Carvalho, dentre outros.

Primitiva, rudimentar ou sofisticada, a Contabilidade se apresenta, em todas as épocas e entre todos os povos, como a relatora dos recursos disponíveis. Não há como mensurar recursos sem a existência da Contabilidade. O critério de mensuração pode até ser discutido, mas não a necessidade da mensuração.

Discorrer sobre as formas de contabilização desde os primitivos registros na Mesopotâmia até os processamentos eletrônicos da era digital é assunto para alguns livros. Sinteticamente, podemos dizer que a sociedade, através dos tempos, criou os mecanismos necessários à quantificação dos bens e das obrigações. Os pastores na Antiguidade quantificavam seus rebanhos fazendo marcas em galhos de árvores; as caravelas traziam a bordo um escrivão, que anotava não apenas as mercadorias transportadas para comercialização, mas também os mantimentos da tripulação, esses rigorosamente controlados, pois sua eventual escassez definia vida ou morte. Nos dias de hoje, as relações comerciais podem ser extremamente complexas, como, por exemplo, as que dizem respeito aos instrumentos financeiros derivativos, ou extremamente simplificadas, como o processo comercial dos estoques da loja de armazinhos do bairro. Guardadas as proporções e em última instância, os objetivos dos registros contábeis são similares.

Tem-se como correto que a primeira escola particular de Contabilidade no Estado de São Paulo, foi estabelecida, em 1884, na cidade de São Carlos, por iniciativa do polonês radicado no Brasil Estanislaw Kruszynski. As aulas eram ministradas em sua casa

e serviam para formar profissionais para atuar em seu escritório, que elaborava a Contabilidade dos fazendeiros e comerciantes da região. A segunda foi a Escola Politécnica de São Paulo, que durante o primeiro ano letivo do curso de engenharia ministrava aulas de Contabilidade. O docente era o Prof. Horácio Berlinck. O motivo para um curso de Contabilidade em uma faculdade de Engenharia era o alto grau de evasão à época. Se o aluno desistisse, ao menos teria conhecimento suficiente, caso desejasse, para se dedicar a outra profissão. Em 2 de junho de 1902, Berlinck fundou a Escola Prática de Comércio de São Paulo, primeira instituição exclusivamente voltada ao ensino comercial no Estado de São Paulo. Em 9 de janeiro de 1905, o Decreto Federal n.º 1.339 reconheceu oficialmente os diplomas expedidos pela Escola Prática de Comércio. A 1º de dezembro do mesmo ano, a instituição passou a chamar-se Escola de Comércio de São Paulo, sendo que, em 1908, a Escola ampliava suas metas e criava o Curso Superior de Ciências Comerciais, interrompido em 1914, por ocasião da Primeira Guerra Mundial. A partir dela, muitas outras viriam a ser criadas posteriormente.

Fora do Estado de São Paulo, as iniciativas de criação de Escolas de Comércio datam de 1808, nos moldes da Aula de Comércio de Lisboa, criada pelo Marquês de Pombal, em 1765. O terceiro decreto editado por D. João VI, em 1808, ainda na Bahia, dispunha sobre a criação da Aula de Economia Política, a ser ministrada no Rio de Janeiro. O Alvará de 15 de julho de 1809 altera o curso para Aula de Comércio. Há referências mínimas à efetiva realização de tais aulas. Outros estados adentraram o mesmo caminho. Em 1809, foi aberto concurso para provimento do cargo de lente (professor), se não me engano, na Paraíba. O cargo não foi preenchido por falta de candidatos. Em 1810, foi criada a Aula de Comércio de São Luís, no Maranhão. A Aula foi encerrada em 1820, dada a inépcia do professor, e reaberta em 1831. Ao longo do século XIX, outras iniciativas, poucas, diga-se de passagem, ocorreram em alguns Estados.

Destinar algum tempo para pesquisar campo tão pouco explorado era, em suas palavras, “algo como reunir o útil ao agradável”.

Primitiva, rudimentar ou sofisticada, a Contabilidade se apresenta, em todas as épocas e entre todos os povos, como a relatora dos recursos disponíveis.

As transformações dos anos de 1960-1970



Sergio de Iudícibus

Nascimento:
25 de setembro de 1935,
na cidade de Bari (Itália)

Atividade: professor

A minha mãe era uma pessoa notável, uma das primeiras economistas formadas na Itália, no sul da Itália, na década de 1930. Era a única mulher na turma dela de Economia. É uma pessoa que influenciou demais minha vida e tudo que eu fiz. Meu pai era um excelente contador e, no seu auge, foi diretor de um banco muito importante na Itália, depois, um subsidiário no Brasil quando viemos para cá, chamado Banco do Trabalho Ítalo-Brasileiro.

Eu sempre amei o Brasil, mesmo naquela época quando eu morava na Itália. Eu lembro que vivia cantarolando “Aquarela do Brasil”. Era a música da moda naquela época. Em 1946, houve uma mudança muito importante na Itália, da monarquia foi para a república. E um tio nosso, que já vivia há muito tempo no Brasil, muitos e muitos anos, desde a década de 1920, nos chamou, e viemos para cá!

Considero-me brasileiro, mas não me esqueço de onde nasci.

Ao povo simples brasileiro não existe igual. Eu viajei o mundo inteiro, nunca vi um povo tão expansivo, honesto, trabalhador como o nosso. Eu fico emocionado com a simplicidade e a honestidade das pessoas mais simples.

Vivi num ambiente de Contabilidade, de Economia, mas não sei por que, inicialmente, eu queria ser médico. De médico e louco todo mundo tem um pouco. A sorte quis que acabasse entrando na Faculdade de Economia, chamava Ciências Econômicas e Administrativas da USP naquela época, em 1958.

Eu com 15 anos já trabalhava no banco, Banco do Trabalho Ítalo-Brasileiro, e também ajudava meu pai na papelaria que ele tinha na Sete de Abril. No ano em que me formei, 1961,

praticamente assumi a diretoria financeira de uma média empresa. Quando eu estava no auge nessa empresa, me liga o Professor Atílio Amatuzzi, da Faculdade de Economia, Administração, agora Contabilidade, queria que eu fosse assistente dele. “Mas como assistente? Eu sou, praticamente, financeiro de uma empresa.” Para você ter uma ideia, o salário de tempo integral de um assistente era maior do que o que eu ganhava como diretor da empresa. Imediatamente saí.

As mudanças na Contabilidade foram absolutamente grandes. Transformamos a “gata borralheira” em uma estrela da área econômica. Isso começou na USP, em 1962, quando Alkindar de Toledo Ramos iniciou; eu, José da Costa Boucinhas e, depois, Eliseu Martins, começamos a mudar o método de ensino da Contabilidade, do método italiano para o método norte-americano. Aí começou a grande revolução contábil brasileira. Apesar de eu ser italiano de origem, eu abandonei a escola italiana e fui para a escola norte-americana, porque ela privilegia o usuário.

Depois, em 1964, veio o Golpe, ou a Revolução, como quiser chamar, Militar, período muito difícil na área de direitos individuais. Para mim, nada paga o preço da liberdade. Porém, a gente tem que reconhecer que na área econômica foi de uma criatividade, um período de crescimento inacreditável. Por quê? Os chefes da revolução tiravam recursos das classes médias, por exemplo, o salário mínimo começou a valer zero, alocavam nas empresas e foi um período de grandes investimentos em infraestrutura. A partir dessa época criaram-se grandes instituições: a Lei do Mercado de Capitais, a CVM (Comissão de Valores Mobiliários), o Banco Central. A nossa economia vivia de financiamento de bancos governamentais, principalmente. Eles queriam

criar o grande mercado de capitais, que isso dá uma mudança terrível no panorama econômico, inclusive enobrece muito a função contábil de transparência. Depois veio o Mário Henrique Simonsen, que era um gênio, realmente, e fez o prefácio da Lei das S.A.s, em 1976, que é citada por todos os contadores.

Na sequência, o que aconteceu? Começou a inflação acelerada, que já quando a Revolução começou, a inflação estava na casa dos 30% ao ano. As pessoas não tinham onde aplicar seus recursos, porque existia a lei da usura, você só podia ganhar 12% ao ano. Os empresários, o que eles faziam? Mandavam dinheiro para o exterior. Esses ministros criaram a Obrigação Reajustável do Tesouro Nacional, então foi possível começar a investir, ter um rendimento razoável no Brasil, além do processo de desenvolvimento material incrível à custa das classes trabalhadoras, principalmente dos menos favorecidos.

A criação da CVM foi muito importante, do Banco Central também. A Lei das S.A.s de 1976 deu um impulso à Contabilidade, foi incrível. Eu sempre digo que, para uma profissão progredir, tem que ter inicialmente entidades reguladoras firmes e de qualidade, como o sistema do Conselho Federal, Conselhos Regionais; em segundo lugar, universidades de grande valor; em terceiro lugar, profissionais de excelente qualidade vindos das universidades, mas integrados nesse sistema todo. Não adianta você ter excelente universidade, bons alunos, com QI muito alto, se você não tiver a estrutura regulatória de suporte, que seria e sempre foi o Conselho Federal, Conselhos Regionais, Ibracon de apoio e assim por diante. A Contabilidade começou a evoluir de uma forma extraordinária quando as pessoas entenderam que a gente tinha que se ligar nesse circuito.

As grandes universidades são a base. Tem a Fipecafi, CPC, Sistema Conselho Federal/

Conselhos Regionais, sem a ajuda desses últimos, a gente não consegue fazer nada, porque os Conselhos são os que têm recurso, além do mais. Essa integração demorou para acontecer. Essa integração, essa sinergia, principalmente nos últimos anos, fez a Contabilidade explodir.

Com isso, a Contabilidade vai para um patamar realmente que a gente sempre sonhou, e que não vou ver vivo ainda, mas dentro da minha absoluta modéstia, como depoimento final, a gente pode dizer que tem um grão de participação nessa epopeia. E sou muito feliz por isso e agradeço a todos, inclusive ao Conselho Regional que sempre me prestigiou. Eu me sinto enormemente grato, não só pelo que o Conselho fez por mim, atribuindo-me os títulos que eu nunca pensei em ganhar, nunca trabalhei para isso, e pelo apoio, porque muitos e muitos anos a gente ficou afastado do sistema, lá naquela salinha da faculdade estudando, foi do Conselho que me chamaram e disseram: “Olha, você existe.” A gente não vive para isso, mas se nutre disso para a gente poder trabalhar cada vez melhor. Obrigado a todos, inclusive aos que foram meus colegas na USP e aos meus novos colegas da PUC-SP.



Algumas das produções de Sergio de Iudícibus

A partir dessa época, criaram-se grandes instituições: a Lei do Mercado de Capitais, a CVM, o Banco Central. A nossa economia vivia de financiamento de bancos governamentais, principalmente.

CRIAÇÃO E INSTITUCIONALIZAÇÃO DO CRCSP

Com a liderança do senador João de Lyra Tavares foi realizado, no ano de 1924, o Primeiro Congresso Brasileiro de Contabilidade.

Em 1927, foi criado o Registro Geral de Contabilistas do Brasil.

No ano de 1940, durante o governo de Getúlio Vargas, consolidou-se a instituição do Sindicato dos Contabilistas de São Paulo, que zelava pelos direitos de todos os profissionais da Contabilidade registrados. Mas isso não era o suficiente para garantir um trabalho mais profissional, dotado de boas práticas por parte dos contadores e técnicos em Contabilidade da época. Para tanto, era necessário que houvesse também um órgão que fiscalizasse esse trabalho e garantisse a excelência desses profissionais. Além disso, era preciso que esse órgão fosse constituído pelos próprios contadores e técnicos. Essa foi a ideia que deu origem ao Conselho Regional de Contabilidade do Estado de São Paulo.

Isso não acontece da noite para o dia, foi uma tarefa árdua, que exigiu muito trabalho, muita pesquisa e uma grande articulação com toda a categoria de profissionais da área, além do poder público.

O embrião dessa ideia foi ainda anterior à constituição do Sindicato, mesmo que este tenha se consolidado antes do CRCSP. A categoria já mostrava o ímpeto de se organizar em 1915, quando foi fundado o Instituto Brasileiro de Contadores Fiscais, entidade criada para congregar os profissionais contábeis.

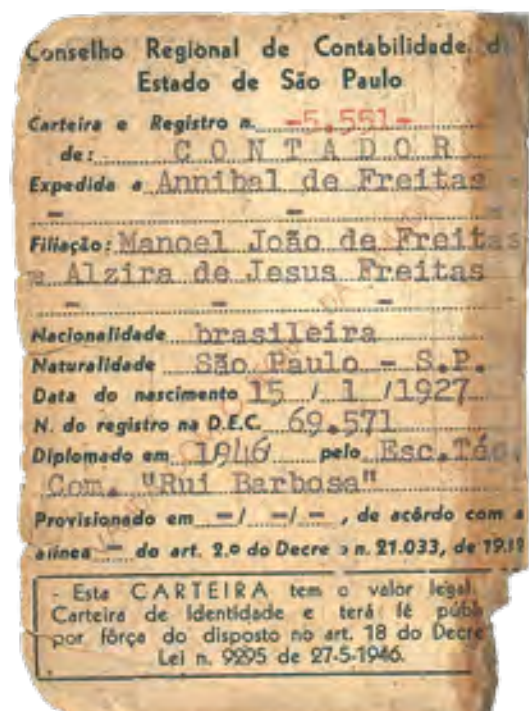


Carteira de contador do Estado de São Paulo de Annibal de Freitas, que durante 59 anos, atuou como empresário contábil e teve uma intensa participação nas entidades da classe contábil. Em 2007, foi homenageado com a criação da Medalha em seu nome dada a profissionais da área que tiveram uma atuação relevante na sociedade e nas entidades de classe

Com a liderança do senador João de Lyra Tavares foi realizado, no ano de 1924, o Primeiro Congresso Brasileiro de Contabilidade, que estabeleceu uma campanha para a regulamentação da profissão de contador e também para a reforma do ensino comercial.

Como resultado dessa campanha e de toda a mobilização da classe, o contador Francisco D'Áuria instituiu o que seria o início do que hoje é o sistema dos Conselhos Federal e Regionais de Contabilidade. Em 1927, foi criado o Registro Geral de Contabilistas do Brasil, medida que possibilitava selecionar os profissionais aptos ao exercício da profissão. Esse registro chegou a ter um Conselho Perpétuo constituído por eminentes profissionais da Contabilidade.

O ano de 1930, além de ter sido um momento de crise econômica para o mundo, foi palco de fortes alterações na



política brasileira. Era o fim da República do Café com Leite, que, grosso modo, representava um acordo de sucessão de poder entre os Estados de São Paulo e Minas Gerais e a ascensão de Getúlio Vargas ao poder, o que trouxe mudanças estruturais na sociedade brasileira. Getúlio acreditava na forte presença do Estado na Economia e fez com que várias profissões fossem regulamentadas. Isso aconteceu também com os profissionais da contabilidade.

Conforme solicitado no Primeiro Congresso Brasileiro de Contabilidade, a reforma do ensino comercial se consolidou em 1931, passando a ser obrigatório o registro dos guarda-livros e dos contadores na Superintendência de Ensino Comercial. O Decreto n.º 21.033 foi baixado pelo governo provisório em 1932, estabelecendo condições e prazos para o registro dos práticos, o que fez com que, a partir desse momento, para ser um profissional da contabilidade fosse necessário ter uma preparação escolar formal na área. Antes de todas essas transformações, o exercício das práticas contábeis poderia se dar de forma empírica, mas, com esse decreto, um caminho foi demarcado para a excelência e para que o Brasil tivesse contadores e técnicos preparados para o exercício da profissão.

Com o Decreto n.º 6.141, de 1943, o ensino comercial foi regularizado. Dois anos depois, com o Decreto n.º 7.938, o ensino superior de Contabilidade foi consolidado e com isso aumentam as reivindicações por um conselho profissional, baseado nos modelos do Conselho Regional de Engenharia e da Ordem dos Advogados do Brasil. Surgiu, então, um anteprojeto de lei, que estrutura a criação de um Conselho Federal de Contabilidade, o CFC.

Em 1945, foi realizada a Primeira Convenção Nacional dos Contabilistas, reunindo profissionais da contabilidade de todo o território nacional. Foram quatro dias de muitos debates, nos quais houve diversos agradecimentos pelas medidas tomadas a favor da profissão, como a própria regulamentação do exercício da Contabilidade ou a criação dos cursos de nível superior voltados à área.

No ano seguinte, mais mudanças aconteceram no Brasil. Getúlio Vargas, no poder desde 1930, deixou a presidência e Eurico Gaspar Dutra assumiu em seu lugar. Mas isso não atrapalhou o caminho da Contabilidade, muito pelo contrário. No dia 27 de maio de 1946, poucos meses depois de tomar posse, o Presidente Dutra assinou o Decreto-Lei n.º 9.295 e o Conselho Federal de Contabilidade foi oficialmente instalado.

A partir disso, ficou muito claro o próximo passo a ser tomado. Um país populoso e geograficamente vasto como o Brasil precisava tornar esse sistema mais eficiente e com alcance nacional, apontando, então, para a necessidade da existência de Conselhos Regionais.

São Paulo foi um estado que passou por mudanças drásticas a partir do século XIX. Por toda a história do Brasil Colônia, o estado ficou quase que estagnado economicamente, sofrendo um crescimento repentino e desenfreado a partir dos anos 1800, tendo sua capital se tornado uma das maiores metrópoles do mundo. Como já vimos, a Contabilidade acompanhou de perto esses processos de transformação e, não à toa, uma das escolas mais importantes de Comércio era localizada em São Paulo. Vê-se muito claramente a necessidade da existência de um órgão regulador voltado especificamente para essa região.

No dia 27 de maio de 1946, poucos meses depois de tomar posse, o presidente Dutra assinou o Decreto-Lei n.º 9.295 e o Conselho Federal de Contabilidade foi oficialmente instalado.

Em 14 de dezembro de 1946, foi instalado o Conselho Regional de Contabilidade do Estado de São Paulo. Nessa mesma data, profissionais da contabilidade do interior do estado e da capital reuniram-se para decidir quem comporia o primeiro plenário do CRCSP. Essa reunião foi presidida por José da Costa Boucinhas, símbolo da Contabilidade brasileira por sua atuação principalmente no que dizia respeito à modernização para a Contabilidade norte-americana. Na época, ele era presidente do Sindicato dos Contabilistas de São Paulo, cuja sede foi o local que abrigou este evento. Ficava no Edifício América, atualmente conhecido por seu nome original, Edifício Martinelli, localizado na Rua São Bento, 405.

Na reunião, estavam representados os Sindicatos dos Contabilistas de Ribeirão Preto, Campinas, Presidente Prudente, Santos, São Carlos, São José do Rio Preto e Sorocaba. Lá foi feita a votação para eleição dos primeiros conselheiros do CRCSP. Os votos foram divididos entre contadores e guarda-livros.

No dia 23 de dezembro de 1946, mais uma vez na sede do Sindicato dos Contabilistas de São Paulo e presidida por José da Costa Boucinhas, houve a primeira reunião oficial do CRCSP, que tinha o objetivo de eleger a primeira diretoria da entidade, dentre aqueles 16 conselheiros eleitos anteriormente.

Assim, o contador e professor Pedro Pedreschi foi eleito o primeiro presidente do CRCSP.

Por um ano, os conselheiros do CRCSP se reuniram semanalmente na sede do Sindicato dos Contabilistas, mas era uma questão de tempo até que tivessem uma sede própria. O primeiro passo para isso foi dado em 15 de dezembro de 1947, quando conseguiram alugar a sala 52, na Rua Venceslau Brás, 175, 5º andar, no centro de São Paulo.

Como era de se esperar, a necessidade por um lugar mais espaçoso era cada vez maior, afinal, a primeira sala tinha apenas 16 m², o que ficaria insustentável dentro de pouquíssimo tempo. Por isso, no final de 1951, o CRCSP se mudou para a Rua Três de Dezembro, ainda no centro de São Paulo.

O sonho da sede própria não estava concretizado, mas era inevitável, visto o crescimento estrondoso do CRCSP desde sua criação. Em 1952, na gestão de Joaquim Monteiro de Carvalho, o Conselho Regional de Contabilidade se fixou no 8º andar do Edifício Lavoura, na Rua 24 de Maio, número 104. Um andar só era muito pouco para uma entidade que não parava de aumentar, tanto em número de registrados, como em credibilidade e poder de atuação. Por isso, outros andares do mesmo edifício foram incorporados ao CRCSP, até chegar a um ponto em que quase o prédio todo fazia parte dele.

O prédio foi o suficiente por cerca de 40 anos, mas o crescimento da categoria ainda era constante. Por isso, nos anos 1990,

começam as discussões sobre os próximos passos e sobre qual seria o próximo local a comportar a sede do CRCSP.

Em 6 de outubro de 1995, foi inaugurada a nova sede, localizada no bairro de Higienópolis, local de tradição e de fácil acesso, ao lado da estação Marechal Deodoro do metrô. A nova sede, que cumpre este papel ainda nos dias de hoje, fica na Rua Rosa e Silva, número 60.

Em 2006, o CRCSP adquiriu o imóvel ao lado da sede, adequando-o para que fosse anexado a ela. Com a reforma do prédio e a comemoração dos 64 anos do Conselho, em 2010, o prédio reformado foi batizado de Edifício Ynel Alves de Camargo.

Essa é a Casa do Profissional da Contabilidade, um grande edifício feito especialmente para acolher todos os profissionais do Estado de São Paulo da melhor maneira possível. A infraestrutura é toda voltada para a categoria, contendo a Biblioteca Nelson Rodrigues, especializada em Contabilidade. Além disso, no edifício acontecem eventos culturais, palestras e confraternizações. Para isso, foram instalados o Teatro Professor Hilário Franco e o Auditório Carlos de Carvalho.

Desde 2001, o prédio também abriga um Centro de Memória, voltado para a História da Contabilidade no Brasil e no mundo. Reformulado e reinstalado em 12 de dezembro de 2011, o Centro de Memória da Contabilidade Paulista Professor Joaquim Monteiro de Carvalho contém diversos equipamentos antigos, além de dar uma contextualização e informações sobre a importância da Contabilidade para a humanidade.

As transformações do prédio e a trajetória das sedes refletem a história do profissional da contabilidade em São Paulo. Uma categoria que se organiza a partir da necessidade e que, por ser tão indispensável, não para de crescer e de se modernizar.

Houve a primeira reunião oficial do CRCSP, que tinha o objetivo de eleger a primeira diretoria da entidade.

Contadores

Pedro Pedreschi (30 votos);
Milton Improta (30 votos);
Joaquim Monteiro de Carvalho (37 votos);
Afonso Russomano (26 votos);
Mário Scaff (26 votos);
Antonio Peres Rodrigues Filho (23 votos).

Guarda-livros

Oscar Castelo Branco (37 votos);
Emílio Bacchi (26 votos);
Joaquim Alves Cruz (23 votos).



O contador e os movimentos econômicos



Nelson Carvalho

Nascimento:
18 de novembro de 1945,
na cidade de São Paulo
(SP)

Atividade:
contador e professor

... eu olhava os grandes economistas brasileiros, Mário Simonsen, Delfim Netto, Celso Furtado... Então, resolvi fazer Ciências Econômicas, inspirado nesses ícones da economia brasileira.

Meu pai era Elpídio, com L, Elpídio Martins de Carvalho, e minha mãe era Zaida, com Z, Guedes de Carvalho. Meu pai, não é mera coincidência, era contador e se formou em Contabilidade, na Escola de Comércio. Eu nunca tive ideias muito fixas; sempre tive um modelo na minha vida, que era o meu pai. Meu pai era um modelo muito forte mental e espiritualmente.

Eu fiz o Técnico de Contabilidade em Ribeirão Preto. Na verdade, eu fiz o técnico e fiz o científico também, um de manhã, um de noite. Terminei o Técnico de Contabilidade, soltei os grilhões e vim pra São Paulo. A essa altura, já tinha certa tendência: eu olhava os grandes economistas brasileiros, Mário Simonsen, Delfim Netto, Celso Furtado... Então, resolvi fazer Ciências Econômicas, inspirado nesses ícones da economia brasileira. Arrumei emprego de assistente de contabilidade numa firma comercial, que vendia material de construção. Naquela época, eu tive a oportunidade de mudar de emprego; saí daquela empresa, fiz um teste e entrei numa das grandes firmas de auditoria da época, eram Big Eight, hoje são Big Four. Tive um tratamento primoroso, esmerado, de formação profissional, técnica, em Contabilidade e Auditoria. Ao mesmo tempo, entrei na Faculdade de Economia da USP e me formei. A essa altura, fiz carreira naquela firma de auditoria. Com isso, a empresa começou a me pressionar: "Olha, você tem o seu diploma de economista, só que aqui é auditoria e tem que ter CRC, ou você se forma em Contábil ou sua carreira terminou." Eu fui para outra faculdade fazer o curso, então terminei Contábeis em dois anos. Tirei o CRC e fiz carreira nessa empresa durante 14 anos.

Na Contabilidade, teve uma grande mudança depois da quebra das Bolsas do Rio de Janeiro e de São Paulo. Em 1972, 73, o ministro da Fazenda, Mário Henrique Simonsen, começou a estudar as causas da quebra. Tinha várias causas, uma das principais era a qualidade dos balanços, que era péssima. A lei que comandava a preparação de balanços em 1972 era uma lei de 1946, que dizia respeito a uma era que não existia mais. Então ele encomendou internacionalmente um estudo sobre como modernizar a legislação do mercado de capitais brasileiro e trouxe alguns especialistas, do Banco Mundial, do Fundo Monetário Internacional, eles fizeram profundo estudo e recomendaram a edição de uma nova lei das sociedades anônimas, que foi editada em dezembro de 1976. Ela trouxe várias inovações. Primeiro, mudou a cara do balanço completamente, que passou a adotar o padrão americano, um padrão de sucesso nas Bolsas de Valores de Nova York. Segundo, uma lei paralela criou a Comissão de Valores Mobiliários, em 1976. Nós não tínhamos um xerife no mercado de capitais. Para se ter uma ideia da defasagem brasileira, a CVM americana foi criada em 1934; nós estávamos 40 anos atrasados. Então, uma grande inovação foi a lei das sociedades por ações, de dezembro de 1976.

Como nós tivemos inflação acelerada durante longas décadas, nós precisávamos de um remédio da Contabilidade para mitigar os efeitos. Por quê? Um balanço na presença da inflação: eu vou somar vendas de janeiro com vendas de dezembro, 12 meses de venda, no meio dos dois eu tenho 200% de inflação. Eu somo porque a aritmética permite, mas um número

junto com o outro não quer dizer nada. Cem mil reais de vendas de janeiro e cem mil reais de dezembro são grandezas completamente diferentes. Começamos a estudar, já tinha quem estudasse isso na Holanda, na universidade americana, na universidade inglesa, a manutenção do poder aquisitivo da moeda diante da desvalorização monetária. Isso se chama Contabilidade inflacionária. Daí veio a correção monetária de balanço, a correção integral das demonstrações financeiras, a demonstração financeira em moeda de poder aquisitivo constante, que são metodologias que acabaram evoluindo e nós dominamos todas. O Brasil exportava conhecimento a esse respeito.

O contador, nessa fase que nós estamos vivendo, de uns 20, 30 anos para cá, passou a se arvorar e a se enxergar como ele sempre deveria ter se enxergado, um comunicador: ele é o repórter do desempenho empresarial. O desafio que nós tivemos com mudança de moeda, cenário econômico, planos econômicos, foi de como eu capitulo essa nova realidade e introjeto nas contas da empresa para melhor comunicar. Hoje, depois do Plano Real, depois do Plano Bresser, do Plano Cruzado, medindo os resultados e os ativos com o novo ambiente e cenário econômico, eu posso comparar com o anterior e preciso ter uma conclusão: a empresa está melhor ou pior? Ela saiu ganhando ou perdendo? O nosso desafio foi afinar o discurso a uma nova realidade, um novo contexto. Eu sou um baterista de uma banda de música, tenho que tocar a minha bateria no palco e tem barulho lá no fundo, tem gente batendo lata, então tenho que dosar a intensidade do som para que eu continue sendo ouvido sem ser perturbado pelo barulho.

A Contabilidade não tem mecanismos nem se propõe a contribuir, por exemplo,

para prevenir crise financeira. O máximo que pode, se ela retratar realmente com fidelidade a realidade, é indicar que uma crise financeira está em gestação, em formação. Eu vejo cúmulo-nimbos¹: pode cair chuva e trovão, pode não cair, mas eu tenho que ver e dizer: "Há o risco." Eu sou um homem do tempo. Agora, depois que a crise está instalada, nós temos toda a obrigação e os instrumentos para medir seus impactos.

Eu sou um baterista de uma banda de música, tenho que tocar a minha bateria no palco e tem barulho lá no fundo, tem gente batendo lata, então tenho que dosar a intensidade do som para que eu continue sendo ouvido sem ser perturbado pelo barulho.

¹ - Um tipo de nuvem que geralmente se associa à ocorrência de tempestades.

A CONTABILIDADE E AS MOEDAS BRASILEIRAS

Não seria possível trazer dinheiro suficiente de Portugal para abastecer o vasto território ainda tão instável; tampouco se via a necessidade de cunhar moedas em território colonial.

Seria impossível falar da importância da Contabilidade no Brasil sem falarmos um pouco da história da moeda brasileira.

Quando os portugueses chegaram ao Brasil, trouxeram consigo a moeda portuguesa, cujo nome era diferente de região para região. Tinham nomes como português, cruzado, são vicente, tostão e vintém. Os indígenas que estabeleceram o primeiro contato com esses europeus não utilizavam moedas de metal e tinham uma economia voltada para a subsistência. Não seria possível trazer dinheiro suficiente de Portugal para abastecer o vasto território ainda tão instável por diversos motivos; tampouco se via a necessidade de cunhar moedas em território colonial.

Devido a isso, o escambo era parte das transações comerciais. Com o início do plantio da cana-de-açúcar, produto de extremo valor nos séculos XVI e XVII, o próprio açúcar era utilizado como moeda corrente. Todo comerciante era obrigado por lei a aceitar a mercadoria, mas, com a oscilação do seu valor, isso foi abandonado. Por isso, em 1694, foi fundada a Casa da Moeda do Brasil em Salvador, como primeira tentativa de cunhar a moeda na região, o que só foi realizado de maneira mais expressiva com o Ciclo do Ouro, iniciado no século XVIII.

Mesmo com a moeda sendo cunhada em terras brasileiras, ainda se utilizavam os réis e isso só foi alterado em 1940, no primeiro governo Vargas, 440 anos depois da chegada dos portugueses.

A partir daí, passamos por períodos política e economicamente conturbados, com

altos índices inflacionários, o que fez com que a moeda do Brasil fosse alterada mais de sete vezes. Do cruzeiro, mudamos para o cruzeiro novo, em 1967, durante o governo Castello Branco, a primeira moeda do Regime Militar. Era um momento de grandes mudanças no Brasil e o auge da Guerra Fria no contexto mundial.

Em 1970, durante o governo Médici, o cruzeiro voltou a ser a moeda oficial brasileira. Era a época do chamado “Milagre Econômico”, momento em que houve um forte crescimento no PIB, mas que também foi acompanhado de inflação.

O cruzeiro continuou sua vigência até o fim do período militar. A partir de então, o Brasil enfrentou uma crise inflacionária nunca vista antes, o que fez com que a moeda se desvalorizasse constantemente. Em 1986, no governo Sarney, foi implantado o cruzado, que durou apenas três anos, sendo substituído em 1989 pelo cruzado novo, este durando apenas um ano. Em 1990, no início do governo Collor, o cruzeiro voltou pela terceira vez e ficou como moeda vigente por apenas três anos, quando foi substituído pelo cruzeiro real em 1993, no governo Itamar Franco.

A última mudança de moeda oficial brasileira até hoje se deu em 1994, ainda no governo Itamar Franco, quando o ministro da Fazenda era Fernando Henrique Cardoso. A valorização que tivemos nesse período, combinada com diversos outros fatores econômicos, marcou uma recuperação da nossa economia depois de um longo período de recesso. Assim foi implantado o Plano Real, que dura até os dias de hoje.

Simple troca

“Não sei se algum país no mundo passou por experiência similar, mas tais situações servem para demonstrar a competência e a versatilidade dos profissionais da Contabilidade brasileiros. A cada troca de moeda, novas regras foram estabelecidas e nossos profissionais superaram cada uma dessas etapas e seguiram em frente.

Não é de surpreender. Uma “simples” troca de moeda chega a ser nada para aqueles profissionais que, quase que diariamente, têm que se adequar às alterações das regras fiscais e tributárias que ocorrem em nosso país.”

Álvaro Ricardino

Réis – 1500



Cruzeiro Novo – 1967



Cruzeiro – 1990



Cruzeiro – 1942



Cruzeiro – 1970



Cruzeiro Real – 1993



Cruzado – 1986



Real – 1994



Cruzado Novo – 1989



A CONTABILIDADE E A LEGISLAÇÃO

A partir dos anos 70, começou uma grande revolução na Contabilidade brasileira. Uma revolução que só terá outra igual no início do século XXI.

No final do século XX, o mundo começou a sofrer grandes mudanças devido à globalização. Os países, suas culturas e pensamentos ficaram cada vez menos isolados e cada vez mais integrados, trazendo uma necessidade de se pensar o lugar da humanidade no mundo e não apenas o indivíduo fechado em sua sociedade.

Os processos da Contabilidade vão seguir pelo mesmo caminho. Aquela Contabilidade que antigamente era feita em uma salinha nos fundos, voltando-se às normas rígidas, foi dando lugar a uma Contabilidade mais aberta a interpretações, já que as próprias normas preveem uma autonomia do profissional em seu trabalho.

Quando se pensa em escala global, surgem novos problemas. O jeito do Brasil fazer Contabilidade é diferente dos Estados Unidos,

que é diferente da Itália e assim por diante. Quando se faz um demonstrativo contábil seguindo as normas brasileiras pode-se aferir um lucro que, pelas normas britânicas, poderia ser um prejuízo. Com o *boom* das multinacionais, esse problema vai se tornando cada vez mais recorrente. Uma mesma empresa teria que fazer a sua Contabilidade de várias maneiras diferentes, dependendo do país-sede e do país no qual estivesse trabalhando e para o qual estivesse prestando contas. Isso gerou um enorme desgaste e perda financeira.

Por isso, a partir dos anos 70, começou uma grande revolução na Contabilidade brasileira. Uma revolução que só teria outra igual no início do século XXI.

Foi a Lei n.º 6.404/1976, conhecida como Lei das S.A.s, pois rege as sociedades anônimas, de capital dividido por ações e

cuja responsabilidade dos sócios é limitada ao número das ações adquiridas. Em empresas dessa natureza é preciso que haja uma padronização no modo como são feitos os demonstrativos contábeis.

Essa lei causou uma verdadeira revolução na Contabilidade brasileira. A atenção dada às empresas multinacionais era muito grande, tanto que no mesmo ano de 1976 foi criada a Comissão de Valores Mobiliários (CVM), com a finalidade de disciplinar, fiscalizar e desenvolver o mercado de valores mobiliários.

No início dos anos 2000, o cenário havia mudado e a Lei das S.A.s já estava se tornando obsoleta. A questão da globalização se intensificou e era preciso que o Brasil seguisse a tendência

da padronização mundial, aderindo à chamada *International Financial Reporting Standards* (IFRS) do Comitê de Normas Internacionais de Contabilidade (IASB). Por esse padrão, qualquer país que tenha aderido a esse sistema consegue interpretar os demonstrativos contábeis brasileiros e vice-versa. Depois da criação do Comitê de Pronunciamentos Contábeis (CPC) por meio da Resolução CFC n.º 1.055/2005, o terreno estava preparado para o Brasil se adequar às normas internacionais.

Assim, em dezembro de 2007 foi aprovada a Lei n.º 11.638, tornando obrigatória a elaboração das demonstrações contábeis dentro das IFRS, incluindo a publicação de Demonstração de Valor Adicionado (DVA) em companhias abertas.



Antoninho Marmo Trevisan durante o lançamento do *Guia Contábil da Lei de Responsabilidade Fiscal* em 21 de julho de 2000, no CRCSP

DVA

“Nós temos o balanço patrimonial, que é esse ativo e passivo e patrimônio líquido. E o segundo relatório mais importante é DRE, que é Demonstração do Resultado do Exercício. A DRE é bem tradicional, começa com faturamento da empresa, receitas, tira os impostos, tira as despesas e chega ao lucro líquido, que é o lucro. Essa é uma demonstração muito observada pelos analistas e investidores, você começa com quanto a empresa vende e quanto sobra de lucro. A DVA é uma DRE escrita de uma forma diferente. Em vez dela chegar ao lucro líquido, ela começa também no faturamento da empresa, mas em vez de chegar ao lucro líquido ela chega ao valor agregado, ao valor adicionado. O que é o valor adicionado? É como se fosse o PIB.

É uma forma mais abrangente de olhar a importância social das empresas no contexto do país. Nem sempre as empresas que têm mais lucro ou que faturam mais são as empresas que agregam mais para a sociedade. Tem empresa que fatura pouco, mas distribui bastante para funcionário, para impostos etc. É isso que é a DVA. Não foi invenção brasileira, mas o Professor Ariovaldo dos Santos fez a tese de livre-docência dele, escreveu um livro; quando implantaram as Normas Internacionais de Contabilidade, o Brasil, além delas, acrescentou a DVA. Então hoje todas as empresas, teoricamente, são obrigadas a publicar a DVA também.”

José Roberto Kassai

A bíblia do contador

“Não adianta a gente escrever um livro maravilhoso de teoria se não tiver o manual! Hoje é um monstro, um monstro de quase 700 páginas que, além de explicitar as normas pelas Leis das S.A.s e outras, ainda liga com vários pronunciamentos do CPC. Um sucesso absoluto. A passagem da Lei das S.A.s de 1940 para essa de 1976 não deixou de ser traumática. A Fipecafi fez outros manuais de custos e de empresas financeiras, mas esse Manual da Lei das Sociedades por Ações se aplicava a toda a sociedade. Foi o primeiro. Foi uma

ideia custeada pela CVM. Esse manual, sem dúvida, juntamente com o livro *Introdução à Contabilidade de Custos*, do Eliseu Martins, são os livros mais vendidos de Contabilidade. O manual, acho que acima. Agora se chama Manual de Contabilidade Societária. Esse título fui eu que sugeri. Quando tenho um trabalho prático, vou estudar no manual que eu teoricamente ajudei a escrever! Vou ler como é, lá tem todos os detalhes.”

Sergio de Iudícibus

Essas mudanças não são feitas da noite para o dia e precisam de tempo de adaptação por parte do mercado e dos profissionais da contabilidade. Além disso, a aplicação dessas duas leis se deu em um período relativamente curto

de tempo, o que torna o desafio ainda maior. Foram as grandes revoluções da legislação da Contabilidade brasileira, e com certeza o futuro reserva mais momentos como esse, que definirão os rumos do novo milênio.

De 30 em 30 anos

“No Brasil, na década de 1940, vai ter o Decreto n.º 2.627, que estabeleceu um modelo contábil, o modelo comercial. Ali a Contabilidade que se propôs na lei era a Contabilidade para o dono. Começava pelo ativo imobilizado, o que ele tem de fábrica, o que ele tem de terrenos e, do outro lado, começava pelo capital. Tempos depois, cerca de 30 anos, em 1976, com o Brasil já entrando num mercado de capitais, houve uma mudança, uma segunda relevante que foi decorrente da lei das sociedades por ações. Aí a Contabilidade se voltou para as pessoas de uma maneira geral, todas as pessoas, os fornecedores, os banqueiros, a Receita Federal, o acionista. Isso foi um fenômeno relevante, que impulsionou a Contabilidade nessa década de 1970 de maneira violenta. Quando veio a inflação galopante, os profissionais da contabilidade do Brasil criaram

formas para que as pessoas pudessem conviver com a inflação por meio da chamada correção monetária do balanço. Os contadores ficaram de cabelo branco e criaram um magistral sistema de correção monetária, que perdurou por dez, 15 anos, até 1985, quando então a inflação foi debelada por meio do Plano Cruzado. Depois houve outra radical mudança no sistema contábil com a Lei n.º 11.638, uma lei federal também chamada de Lei de Convergência, em que a Contabilidade passou a servir a todas as pessoas do mundo. De lá até agora, tivemos 1944, 1976, 2008, você vê que são saltos de 30 anos, a cada 30 anos a Contabilidade dá um grande salto. Hoje eu acho que a Contabilidade está vivendo o seu momento mais rico. Virão outros, eu espero.”

Antoninho Marmo Trevisan

O contador e os movimentos econômicos

Fui aprender Contabilidade quando tinha 18 anos e, sem querer, me afeiçoei e fiz dela a minha carreira. Minha carreira teve sempre uma característica de ser mista, acadêmica e prática, até hoje. A Contabilidade, no fundo, é o grande lazer da minha vida! Eu gosto muito da Contabilidade só pela Contabilidade, não é só pelo lado do magistério. Mais do que razão profissional, a Contabilidade passou a ser parte intrínseca da minha vida.

Eu entrei numa escola de Economia sem ter a mínima ideia do que era. Naquele tempo, você entrava na faculdade, não entrava no curso. No primeiro ano, você era exposto a Economia, Administração, Contabilidade etc. Quando fosse para o segundo ano, aí é que você escolhia o curso. Só que eu me expus à tal da Contabilidade. E foi o ano da grande revolução escolar da Contabilidade no Brasil; eu me encantei com aquilo, achei aquilo tão fácil, até hoje eu tenho dúvida se foi por gostar muito ou por achar que era fácil! Daí optei pelo curso de Contábeis. Caí no curso, adorei, nunca mais abandonei.

Quando entrei na faculdade, eram cátedras. O chefe da cátedra era o senhor Alkindar de Toledo Ramos, e ele logo me convidou para ser monitor da cadeira, ajudar os professores, no segundo ano. Depois, no lugar dele, ficou o Professor Sergio de Ludícibus como o chefe da cadeira. E o Professor Sergio me convidou para ser assistente. Tentei tirar uma licença [do trabalho], mas o Banco do Brasil disse que precisava mais de escriturário do que de mestre. Eu não tive dúvidas, saí do Banco do Brasil e fui ser assistente do Professor Sergio. Assim comecei minha carreira docente, no primeiro dia de março de 1968. Eu fiz o doutoramento sob a tutela do Professor Sergio, fui para os Estados Unidos fazer uns treinamentos, cursos... Acabei fazendo toda a minha carreira na área de Contabilidade.

No Brasil, Henrique Simonsen era o ministro da Fazenda e tinha uma orientação americana; de origem era engenheiro, mas quando ele fez o curso de Economia fez com orientação saxônica – promoveu a revolução da mudança da lei das sociedades por



Eliseu Martins

Nascimento:
2 de junho de 1945, na cidade de Albertina (MG)

Atividade: professor

Em sala de aula, com o professor Nelson Carvalho (esquerda), no período da implantação da Lei das S.A.s



Por um lado, essa lei fez dar um grande salto.

Por outro, ela começou a criar problemas...

... a mesma lei que no início é fenomenal para fazer uma técnica ir para a frente, por outro lado vira uma âncora maior do que a de um transatlântico, ou seja, que não deixa o navio andar.

Aí essa lei sofreu a primeira grande mudança, por quê? O modelo saxônico começou a se expandir pelo mundo, muito pela sua qualidade.

ações. Desenvolveu-se uma legislação que favorecesse, que protegesse, os acionistas minoritários e que desse responsabilidade para os acionistas controladores, os que mandam nas empresas, os administradores. E o sistema de comunicação da empresa com os investidores é a Contabilidade. Dentro dessa revolução da lei, ele mandou que se implantasse o modelo americano de Contabilidade, a lei é de 1976. Eu entrei na faculdade em 1964, tive todo aquele aprendizado da Contabilidade americana.

A gente lá na USP tinha até criado uma fundação que se chama Fipecafi, Fundação Instituto de Pesquisas Contábeis, Atuariais e Financeiras, em 1974. Em 1976, saiu a lei e foi criada junto com ela a CVM. O diretor da CVM veio para a USP: "Vocês são a única escola que ensina Contabilidade americana e a lei nova é na visão americana..." A internet só vai ser inventada lá na frente, então a única forma de comunicação disso era através de um livro. E daí saiu um dos livros nossos mais famosos, o tal do Manual de Contabilidade da Sociedade por Ações, que teve uma repercussão e foi quem espalhou a Contabilidade saxônica, que privilegia o usuário: gestão, investidor, credor. A Lei das S.A.s foi uma revolução nesse país, foi uma mudança completa, de uma Contabilidade voltada para um credor, extremamente conservadora, formalista e muito ligada ao interesse fiscal, Imposto de Renda, como se o usuário de Imposto de Renda, que é um usuário importante, fosse o único. O Brasil foi o primeiro país do mundo não saxônico a usar uma metodologia chamada equivalência patrimonial, equivalência de investimentos em outras ações, coisas que os europeus aprenderam a usar na década de 1990 e nós começamos a usar no final da década de 1970! Antes de nós eram só Estados Unidos, Inglaterra, Austrália, Nova Zelândia, os países de influência saxônica. Fora disso ninguém usava e nós passamos a usar.

Por um lado, essa lei fez dar um grande salto. Por outro, ela começou a criar problemas; a lei era o empecilho à evolução. O problema é que, quando se usa a lei para entrar em aspectos técnicos e normas técnicas, se ela vem com uma boa estrutura, é uma alavanca monstruosa, ela tira décadas em um, dois, três, quatro anos. Mas um, dois anos são para aprovar a lei e depois mais quatro, cinco, seis anos para aprender a lei, o aprendizado é sempre demorado, ainda mais num país deste tamanho, com tanta diferença cultural, de condições, de educação. Então, a mesma lei que no início é fenomenal para fazer uma técnica ir para a frente, por outro lado vira, como eu costumo dizer, uma âncora maior do que a de um transatlântico, ou seja, que não deixa o navio andar.

Foi constituída uma comissão consultiva da CVM com o Sistema CFC e com o CRC sempre participante dessa comissão. Estruturou-se, fez-se um projeto de lei para daí fazer mudanças na lei anterior. Foi um projeto demorado, que começou em 1999, foi para o Congresso no ano 2000 e só foi aprovado em 2007. Aí essa lei sofreu a primeira grande mudança, por quê? O modelo saxônico começou a se expandir pelo mundo, muito pela sua qualidade. Na verdade, quem começou a liderar deixou de ser a Inglaterra e passaram a ser os Estados Unidos, porque eles tinham o poderio. Depois da Segunda Guerra Mundial, eles começaram a ser o grande disseminador dessa Contabilidade. Os europeus, com medo dos americanos, que criaram o organismo deles lá específico para fazer novas Contabilidades, chamado Fasb, Financial Accounting Standards Board, criaram um organismo grande logo de cara, poderoso: o lasb, International Accounting Standard Board, antigamente International Accounting Standard Committee, para que não fosse dominado pelos americanos, fosse dominado pelos europeus. Mas eles precisavam do apoio do resto do mundo, por isso eles colocaram o nome International. E eles foram criados no mesmo ano, em 73. E

o lasb veio com uma postura e uma tentativa de muitos países de fazer com que se acabasse com as linguagens diferentes da Contabilidade no mundo, que todo mundo passasse a usar o mesmo conceito contábil e o mesmo critério contábil. Como é uma Contabilidade que vai ter usuários externos, investidores, credores e depois também o Fisco, é necessário que haja um mínimo de homogeneização nesses critérios, essa é a razão da existência das normas da Contabilidade: são as regras para os usuários externos, são as regras para o usuário gestor que faz o que ele quiser, então regras para os usuários externos. E nessa discussão, os europeus acabam criando então o lasb,

O que aconteceu? O Brasil tinha copiado o modelo americano e ficou parado. Enquanto o mundo foi evoluindo, nós não pudemos evoluir por causa da lei. A gente só evoluía criando normas desde que elas não entrassem em qualquer conflito com a lei. Com esse desenvolvimento, começa a União Europeia, que resolve que todas as suas empresas listadas no mercado, com ações no mercado, vão ter que usar as normas internacionais. Assim começa um país, outro país, outro país... E o Brasil acabou entrando nessa história, de adoção das normas, só que as normas atuais do mundo, da filosofia saxônica da Contabilidade.

FIPECAFI

Durante os anos 60 e 70, a Contabilidade brasileira passava por grandes mudanças, principalmente no que dizia respeito à Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo, a FEA-USP. Por iniciativa dos professores da FEA-USP, foi publicado o livro *Contabilidade Introdutória*, que incluía experiências de professores norte-americanos aliadas aos conteúdos

Foi assim que veio a segunda evolução, que foi de 2008 a 2010, que é a implantação das Normas Internacionais de Contabilidade. O Brasil passou a abdicar de ter normas próprias e adotou como normas próprias as emitidas por esse organismo, o lasb. Esse organismo ensina, não tem poder coercitivo nenhum; ele tem poder de enforcement apenas. Os países vão adotando conforme querem, porque cada país é autônomo. Então a gente teve nesse período de 2008 a 2010 outra revolução contábil porque aquela saxônica, que no início era totalmente saxônica, com o decorrer do tempo, foi perdendo a característica e voltou a ser dominada pelo Fisco, pelo interesse fiscal – esse é um ponto interessante.

Essa adoção voluntária pelo Brasil começou com uma lei saída nos últimos dias de dezembro de 2007, parte entrou em vigência em 2008 e a parte maior completa entrou em vigência em 2010, com base nas tais Normas Internacionais de Contabilidade, ou IFRS, International Financial Report Standard. Essa foi uma segunda revolução. O duro dos cabelos brancos é você ter participado de duas revoluções, quando você começa a segunda você já sabe como vai ser difícil por experiência da primeira.

Assim começa um outro país e o Brasil acabou entrando nessa história, de adoção das normas, só que as normas atuais do mundo, da filosofia saxônica da Contabilidade.

CONTANDO AS CURIOSIDADES

O DIA DO PROFISSIONAL DA CONTABILIDADE

“Trabalhem, pois, bem unidos, tão convencidos de nosso triunfo, que desde já consideramos 25 de abril o Dia do Contabilista Brasileiro.”

João Lyra,

em discurso de agradecimento à homenagem que recebia da classe contábil

Qual o motivo do Dia do Contabilista ser 25 de abril?

Esse foi o dia em que o senador João Lyra foi homenageado por toda a categoria. Isso ocorreu no ano de 1926, meses depois de o senador ter sido eleito presidente do Conselho Perpétuo dos Contabilistas Brasileiros. Essa homenagem se deve a uma vida voltada para a Contabilidade e para toda a categoria de contadores e técnicos em Contabilidade.

João Lyra nasceu na cidade de Goiana, Pernambuco, em 23 de novembro de 1871. Foi guarda-livros e chefe de escritório na firma em que trabalhava. Fundou em seu estado uma Associação de Guarda-Livros e foi membro da Associação Comercial de Recife. Em 1914, convidado pelo então ministro Rivadávia Corrêa, tomou parte da Comissão escolhida para estudar a reorganização da Contabilidade do Tesouro Nacional. No ano seguinte, foi eleito senador pelo Rio Grande do Norte, ocupando esse cargo até o fim de sua vida. Foi membro eminente da Comissão de Finanças, sempre ressaltando a importância dos profissionais da contabilidade para o Brasil. Em 1926, num almoço feito em sua homenagem pelas Entidades Contábeis Paulistas, João Lyra foi aclamado presidente do Supremo Conselho da Classe dos Contabilistas Brasileiros. Faleceu em 30 de dezembro de 1930.

O Dia do Contabilista só foi instituído oficialmente pela Lei Estadual de São Paulo

n.º 1.989, em 23 de maio de 1979. Em 2012, o CFC passou a chamar a data de Dia do Profissional da Contabilidade, conforme nova nomenclatura utilizada para definir o profissional.

O DEUS MERCÚRIO E A CONTABILIDADE

Na mitologia romana, o deus Mercúrio – conhecido como Hermes na mitologia grega – é um deus mensageiro. É o deus da eloquência e do comércio, dotado de uma incrível inteligência e agilidade. É conhecido por usar sandálias e capacete com asas e o caduceu, instrumento mágico capaz de transformar em ouro tudo aquilo que toca. Essa simbologia é muito forte na vida do profissional da contabilidade, conforme o próprio CRCSP destaca:

1. “nossa missão é dividida como guardiães de riquezas, que visam suprir à necessidade dos homens (tal como Júpiter atribuiu a Mercúrio);
2. assumimos o papel de protetores por meio da informação ágil e de sua interpretação (por analogia com a arte de prever, que era atributo de Mercúrio);
3. não vivemos nas evidências das manchetes, mas no quase anonimato, tomamos conhecimento de tudo e estamos em toda parte (toda célula social tem um ou muitos profissionais da contabilidade), sendo-nos

confiadas importantes e constantes missões (tal como se fazia a Mercúrio);

4. conseguimos controlar todo o comportamento das gestões por meio de nossos métodos, assim como Mercúrio, que, ao colocar seu capacete, tornava-se invisível e controlava as ações dos homens, guardando sigilo sobre o que fazia pelo fato de se ocultar materialmente;
5. utilizamos, em alta dose, os recursos mentais e intelectuais para dominar uma ciência complexa e só plenamente conhecida pelo uso da razão, com a máxima energia, com o uso de rara inteligência, mesmo que seja para iniciar nossas práticas (tal como a mitologia sugere à vida de Mercúrio);

6. estaremos sempre extremamente ocupados se desejarmos, com proficiência, exercer a profissão, pois as tarefas mais delicadas e sigilosas da administração nos são confiadas (tal como acontecia com o ocupadíssimo e diligente Mercúrio);
7. a velocidade com que ocorrem as práticas na vida das empresas e das instituições requer, de nossa parte, uma presença que nos obriga à agilidade e vitalidade, tal como o Caduceu a garantia a Mercúrio, como arauto dos deuses.”

Por isso, o caduceu, acompanhado ou não de Mercúrio, pode ser visto em diversos locais voltados para a Contabilidade ou Economia.



Uma das muitas representações de Mercúrio com seu caduceu

Caduceu

Caduceu é um objeto mágico, capaz de transformar em ouro aquilo que toca, pertencente ao deus Mercúrio – filho de Zeus e da ninfa Maia. O caduceu é um bastão entrelaçado por duas serpentes que estão frente a frente e possui na parte superior um elmo com duas asas. Trata-se

de um símbolo muito antigo, que representa o equilíbrio moral, a boa conduta e da ascensão, sendo reconhecido também como o emblema da negociação. Ambos, Mercúrio e o caduceu, foram escolhidos como insígnias da Contabilidade.

Sob a guarda e a proteção

“O deus grego Mercúrio foi eleito o símbolo dos profissionais da contabilidade. Quando decidimos instalar uma escultura desse mito no saguão do CRCSP, a ideia era mostrar aos profissionais a existência de um símbolo forte que representasse a profissão, mostrando uma obra de arte de grande vulto. A escultura foi encomendada e criada por um escultor italiano de fama internacional. Com a instalação do Centro de Memória da Contabilidade Paulista e com os eventos culturais, nada melhor para recepcionar os convidados do que uma obra de arte de boa qualidade e de boa procedência, quebrando o ambiente frio que existia e mostrando arte na sede do CRCSP.”

Victor Domingos Galloro

Agradecimento à profissão

“Eu uso esse anel de contador agora faz uns oito anos só. Mas eu tenho anel de contador, de economista, advogado, os dois estão no cofre, só uso esse porque foi a minha vida. Na verdade, eu hoje sou um contador que posso me julgar feliz. A profissão me deu muito, mas me deu muito mesmo, tudo que eu tenho eu devo à minha profissão. Foi minha mãe que me deu esse anel de presente quando eu me formei. E passei a usá-lo. Para mim tem um significado especial, porque eu vim para o Brasil e até os meus 12 anos não tinha circulado nenhum tostão na minha mão em moeda. Eu estudei aqui, trabalhei como um cavalo – sim, eu trabalhei 25 anos na minha vida sem nunca tirar um dia de férias! Então, eu acho que ter o meu anel é uma coisa muito gostosa para usar e uso, usarei até o fim!”

José Serafim Abrantes



Medalha “Mérito Contábil João Lyra”



Somente no Estado de São Paulo o número de profissionais da contabilidade registrados ultrapassa a casa dos 150 mil e a Contabilidade é uma das carreiras que mais oferece oportunidades de trabalho. Este capítulo é voltado para a atividade cotidiana da contabilidade e a atuação e a importância do CRCSP. Através das palavras dos próprios profissionais, poderemos ver como a profissão age em diversas frentes, como troca experiências, se organiza, evolui. Além disso, veremos como o CRCSP trabalha para que haja essa união e a disseminação de informações, para que a categoria do profissional da contabilidade continue crescendo, sem nunca perder o apoio das entidades.

Toda empresa, não importa o tamanho – pequena, média ou grande –, para o seu funcionamento, precisa ter a mão do profissional da contabilidade. Esse trabalho tão importante e o alicerce do CRCSP é o que será trabalhado neste capítulo que se inicia aqui.

O UNIVERSO DA CONTABILIDADE

“Hoje a Contabilidade é um negócio muito sério, que exige um profundo conhecimento do profissional. Para você ser um bom contador, se você não tiver uma formação humanística muito boa... Para ser um bom contador, tem que ter uma cultura, uma formação, precisa conhecer mais de uma língua. Senão, você não realiza o seu trabalho como deveria fazê-lo. A Auditoria está muito evoluída, está crescendo muito; a Perícia está muito evoluída, está crescendo muito. O Conselho está cuidando das normas, o que é um problema muito sério em termos de Brasil. Porque vocês talvez não saibam: no Brasil, a Contabilidade é tratada como ciência, os nossos cursos são cursos de Ciências Contábeis. Formam bacharéis em Ciências Contábeis. Não é assim para o anglo-saxônico, para o argentino e para o uruguaio. Para eles, a Contabilidade é uma arte, é um método, é um sistema de trabalho. Para nós não; para nós a Contabilidade é uma ciência.”

Ynel Alves de Camargo,

in memoriam, depoimento concedido em 2001

VÍNCULO COM O CONSELHO

“Quando eu comecei minha vida profissional, tinha um professor que se chamava Antônio Perez Rodrigues Filho, foi presidente do Conselho. Com muito orgulho, ele mostrava a carteirinha dele do CRC, era de número três, eu não me esqueço disso. Ele participou da criação do CRC, foi um dos criadores E ele nos incentivava, como alunos, a que a gente nunca deixasse de estar presente nos órgãos profissionais, nos órgãos de representação da classe, que tivesse esse tipo de vínculo.”

Eliseu Martins

PERSPECTIVA

“Eu sonho em ver mais a sociedade presente no prédio do Conselho. Eu sonho em ver mais o Conselho gerando atividades, emitindo opiniões, que falem para o coração da sociedade.”

Edgard Cornacchione

60 anos de contato



Sergio Prado de Mello

Nascimento:
12 de fevereiro de 1941, na cidade de Tambaú (SP)

Atividade:
perito contábil.
Foi diretor-executivo do CRCSP e presidente do CRCSP, gestão 2008-2009

Como boy, eu saía para a rua entregar coisas. Eu não conhecia São Paulo, só que a cidade, 60 anos atrás, era diferente, era mais fácil de você andar.

Quando vim pra São Paulo, com 15 anos, comecei a trabalhar no CRCSP e trabalhei aqui 34 anos. Fui boy, subchefe de seção, chefe de seção, fiscal, chefe de fiscalização, chefe de tesouraria, diretor-executivo. Nos últimos 25 anos, fui diretor-executivo. Acabei saindo em 1990; na época eu fui ser juiz classista na Justiça do Trabalho, indicado pelas entidades contábeis. Fiquei dez anos na Justiça do Trabalho. Depois que saí daqui, fui presidente do Sindicato dos Contabilistas e acabei voltando para o Conselho como conselheiro: vice-presidente de Fiscalização, quatro anos; vice-presidente de Administração, dois anos, e presidente, dois anos. Depois fui quatro anos vice-presidente de Fiscalização do Conselho Federal de Contabilidade. Então estou nesse meio só há 60 anos.

Quando meu pai veio pra São Paulo, foi com a intenção de encaminhar os filhos. Na época, eu tinha 15 anos e tinha um irmão completando 18. Meu pai teve uma pensão aqui. Tinha um contador e meu pai perguntou se ele sabia de alguém que estava precisando de boy, ou alguma coisa. Coincidentemente, esse contador era amigo do então diretor-executivo do Conselho. Indicou-me e eu comecei a trabalhar aqui em 20 de fevereiro de 1956.

Como boy, eu saía para a rua entregar coisas. Eu não conhecia São Paulo, só que a cidade, 60 anos atrás, era diferente, era mais fácil de você andar. Quando entrei aqui, o presidente era o terceiro ou o quarto na sequência de todos os presidentes do Conselho.

Eu fiz Economia antes, me formei em Ciências Contábeis, em 1967; em 1968,

já estava registrado como contador. Foi realmente uma satisfação por estar ligado nesse meio que já estava naquela época, foi o coroamento de tudo. Meu número é 58 mil, redondinho.

O Conselho teve quatro sedes, começou a funcionar na Rua Venceslau Brás, no Centro de São Paulo; depois foi para a Rua Três de Dezembro, também no Centro; depois foi para a Rua Vinte e Quatro de Maio. Quando eu entrei, a sede era na Vinte e Quatro de Maio. O Conselho ficava em um andar e tinha comigo 18 funcionários. Começou a expandir a sua sede lá mesmo. O prédio tem 14 andares e o Conselho tinha um. Depois foi comprando, comprando, comprando... Eu participei muito dessas compras, porque fui diretor durante 25 anos. Quando eu saí, o Conselho tinha dez andares e meio naquele prédio de 14. Era praticamente quase o prédio todo. Depois ficou pequeno e acabaram decidindo construir o prédio da Rua Rosa e Silva. Quando eu estava como vice-presidente, depois como presidente, foi comprado o prédio ao lado para ampliar.

[Sobre as eleições do Conselho], hoje, a eleição de um conselheiro é feita de forma direta, isso a partir de 1969. Até 1967, os conselheiros eram eleitos pelos sindicatos e associações profissionais, em uma assembleia. Cada sindicato e associação de contabilistas poderia indicar três delegados eleitores, sendo dois contadores e um técnico, que esta era a proporção inclusive da lei. Agora mudou, mas obrigatoriamente tinha dois terços de contadores, um terço de técnico e os delegados eleitores obedeciam essa proporção.

A reunião do Conselho em que foi eleita a primeira diretoria, no final de 1946, foi no

Sindicato dos Contabilistas. O Conselho tinha nove conselheiros, desde 1946 até 1959, sempre naquela proporção de dois terços de contadores, um terço de técnico. Em 1969, nós tivemos um presidente, Arthur Magalhães de Andrade, que sentiu que deveria ser criada uma nova estrutura para o Conselho. Então o número de conselheiros passou de 9 para 18 – hoje são 36 – e foram criadas duas Câmaras: de Registro e de Fiscalização. Os processos que antes praticamente iam todos para o presidente, passaram a ser encaminhados pra Câmara, que julgava e o plenário homologava. É o procedimento que existe até hoje. Aumentou o número de Câmaras.

O pessoal que está fora não tem noção do trabalho que se tem internamente. Quando algum colega acaba vindo para o Conselho, ele entende e dá valor.

No Conselho, quem faz a coisa acontecer são os funcionários, porque os conselheiros são passageiros. Eu citei que, quando entrei no Conselho, tinha 18 funcionários, quando eu saí tinha 120. Hoje tem mais de 200. E tem muita gente com muito tempo de casa, que conhece a história, conhece os procedimentos. Conselheiro vem, passa, vai embora e quem executa as coisas são os funcionários, por isso o relacionamento entre conselheiros e funcionários sempre foi muito bom.

Nos últimos 25 anos de funcionário, eu fui diretor-executivo, que é o maior cargo na hierarquia do Conselho; eu tinha relacionamento não só com os conselheiros, mas com quase todos os presidentes que passaram de 1956 a 1990; da mesma forma que eu tinha relacionamento com as entidades. Eu conhecia praticamente todos



Assinatura do contrato de reforma do prédio

os dirigentes de tudo quanto fosse entidade e tinha excelente relacionamento com eles. Quando saí, inicialmente, fui classista de primeira instância na Justiça do Trabalho e indicado pelo Sindicato dos Contabilistas. Depois, fiquei dois mandatos no Tribunal Regional do Trabalho, que é a segunda instância, aí indicado pela Federação dos Contabilistas, e a nomeação no primeiro caso é do presidente do tribunal, no segundo caso é do presidente da República. Então, quando eu saí, várias lideranças da classe já logo insistiram para que eu entrasse nas entidades, e eu fui para o Sindicato. Quando eu estava saindo do Sindicato, essas mesmas lideranças me chamaram: "Nós queremos que você vá para o CRC." Então eu acabei voltando para o CRC, exatamente por causa desse bom relacionamento que eu sempre tive com todas as grandes lideranças da classe.

Quando eu entrei, a sede era na Vinte e Quatro de Maio. O Conselho ficava em um andar e tinha comigo 18 funcionários. O prédio tem 14 andares e o Conselho tinha um. Quando eu saí, o Conselho tinha dez andares e meio naquele prédio de 14.

O pessoal que está fora não tem noção do trabalho que se tem aqui internamente.

Além de empresário, voluntário



Domingos Orestes
Chiomento

Nascimento:
27 fevereiro de 1938, na
cidade de São Paulo (SP)

Atividade:
empresário
da contabilidade,
presidente do CRCSP,
gestão 2010-2011

Eu já estava
impregnado com a
Contabilidade.

Eu comecei como office boy numa empresa que já não existe mais, e a empresa não tinha interfone, o telefone era só num local, com alguns ramais, e a fábrica era grande. Eu trabalhava no departamento de vendas, levava os pedidos três, quatro vezes por dia nas sessões correspondentes dos produtos que produziam aqueles pedidos; também ia chamar os diretores: “Telefone para o senhor.” A telefonista me disparava para todos os lugares. Passando por essa empresa, que foi o início da minha atividade assalariada, fui trabalhar em um escritório e me colocaram como faturista, auxiliar de faturamento. Eu já estava iniciando o curso Técnico em Contabilidade. E o professor passava na lousa os lançamentos, débito, crédito, compra, venda, aquela coisa toda, e eu não entendia. Fui trabalhar com o Dante [Giglio] e com o Giuseppe [Giglio], que tinham os livros de Contabilidade e ainda alguma coisa era feita manualmente: o livro diário, o livro de evasão e tal. E aí falei: “Giuseppe, você não me ensina Contabilidade?” Ele falou: “Ensino.” Ele ficou uma hora comigo e eu entendi Contabilidade, entendi o espírito do débito, o espírito do crédito, a essência, como você raciocina para debitar e creditar. Eu passei a tirar dez na aula! Não foi um passinho de mágica, houve uma maturação. Resultado: entrei por essa porta entendendo e de lá para cá eu nunca mais larguei da Contabilidade!

Quando voltei do Exército, já fui procurar outro emprego. Com 18 anos, entrei como subcontador numa empresa comercial, na Barão de Itapetininga; fiquei um ano e pouco lá, fui para outra empresa, fiquei um ano e pouco lá. Depois, fui como contador numa outra empresa pequena também,

fiquei cinco anos. E lá, quando cheguei à empresa em que eu estava como contador, foi aquela coisa: “Eu vou abrir o meu escritório. Eu vou abrir o meu escritório.” Eu já estava impregnado com a Contabilidade.

Veio a crise de 1964, aí nós começamos a mandar embora. De 120, nós reduzimos para 50 funcionários. Não tinha a lei do fundo de garantia, era a lei da estabilidade, era aquela loucura toda. Eu combinei com o meu patrão para ele me dar meio dia de expediente que eu ia tentar fazer qualquer coisa e ia reduzir um terço do meu salário e assim fiquei com a parte da tarde livre. Eu só trabalhava de manhã e nem tinha serviço, porque encolheu violentamente o negócio. E aí começou a pingar um cliente aqui, um cliente lá... E aí então começamos a tocar um escritorzinho. Daí para a frente, não paramos mais. Foi aí que comecei a vida de empresário. Gostei dela. Ser empresário é maravilhoso.

Imagina, um escritório de Contabilidade, com cinco anos de atividade, eu já tinha sete funcionários e devia ter uns 30 clientes e a legislação é perversa, se você não acompanhar direitinho a legislação, você acaba prejudicando o seu cliente por interpretações erradas, aplicação de impostos e aí dá um prejuízo tremendo. Aquilo pesava na minha consciência. O Sesccon, Sindicato das Empresas de Contabilidade, já fazia os encontros de escritórios de contabilidade, então eu me aproximei para aprender, para ter informação, para tirar as minhas dúvidas. Foi a melhor coisa do mundo que eu fiz! Aliás, no tempo que eu dei a minha contribuição aqui no CRCSP, tive a oportunidade de dar muita palestra para

alunos. Eu enfatizava muito que eles devem procurar as entidades para aumentarem o conhecimento e ficarem perto de pessoas com bastante conhecimento também para eles se espelharem, ouvirem e alavancarem mais depressa o conhecimento. Você vai fazendo seu network.

Nós somos sete entidades congregadas. Cada entidade congregada é dividida em quatro grupos: verde, branco, azul e interior. O azul é dos escritórios de Contabilidade; o branco é dos auditores, dos professores; o verde é dos profissionais da contabilidade de empresas privadas; o grupo do interior engloba todos os profissionais. 50% dos filiados no CRCSP pertencem ao interior; é um grupo também representativo, que quer ter voz política. Eu fui convidado para integrar o grupo azul, de empresas de contabilidade. Fiquei 18 anos no Conselho. Fui indicado para ser conselheiro e comecei a frequentar como suplente. Logo que abriu vaga, eu passei pra efetivo e fiz carreira aqui. Aqui, no Conselho, é onde está boa parte da minha vida.

Nós somos 36 conselheiros efetivos e 36 suplentes, na falta de um, tem o outro do mesmo grupo; aquele esquema político é muito bem respeitado. Nós, conselheiros, não levamos vantagem pecuniária de nenhuma maneira. A maior vantagem é o conhecimento que você tem de graça. É um trabalho voluntário fantástico aqui.

O outro trabalho voluntário que eu acho importante, e que de certa forma também nós incentivamos muito na nossa gestão, foi o Terceiro Setor, porque ele trata exatamente com as entidades de benemerência, de caridade, de filantropia, as religiosas; entidades sem fins lucrativos. Esse setor é

muito importante para a sociedade, porque o governo não consegue atender a todas as necessidades da carência do seu povo e vem o Terceiro Setor suplementar, suprir, ajudar o governo nesse atendimento. Onde entra o CRCSP? Sempre as diretorias dessas entidades são pessoas altruístas, são pessoas voluntárias movidas por algum sentimento que eles se doam para aquela causa e tal. Mas eles fazem tudo aos trancos e barrancos, às vezes se comprometendo violentamente. Aí nós preparamos os contadores para fazer um trabalho regrado na prestação de conta aos órgãos públicos, para que ele conscientize aquela diretoria de que o negócio tem que ser tratado com mais responsabilidade, mais ordenamento e assim por diante. Então, temos um setor, uma área, que trabalha muito na conscientização do Terceiro Setor, e onde o contador seria o médico dessas entidades. Como nós somos os médicos das empresas, eles seriam médicos das entidades.



Retrato oficial da gestão

Nós, conselheiros,
não levamos
vantagem
pecuniária de
nenhuma maneira.
A maior vantagem
é o conhecimento
que você tem
de graça. É
um trabalho
voluntário
fantástico aqui.

Trabalho com afinco e dedicação



José Serafim Abrantes

Nascimento:
25 de setembro
de 1942, em
Minhocal (Portugal)

Atividade:
contador, presidente
do CRCSP, gestão
1994-1995

Os gerentes iam tomar café lá no bar do papai, todos engravatados, todos bonitinhos e eu perguntava para eles naquela época: “Oh, gente, o que eu preciso fazer para trabalhar bonito igual a vocês?”

Nasci em Portugal, numa aldeia do Minhocal, no distrito da Guarda, no pé da Serra da Estrela. Vim para o Brasil em 1955, estudei tudo, construí uma vida aqui e me naturalizei brasileiro para poder presidir o Conselho Regional de Contabilidade do Estado de São Paulo, bem como o Conselho Federal de Contabilidade.

Papai tinha um bar/restaurante. Nós éramos uma família grande, mas o bar/restaurante ainda precisava contratar empregados, e o resíduo disso era muito pequeno. Na época, meu pai tinha o bar na Avenida Santo Amaro e na esquina tinha um banco, o Banco Noroeste do Estado de São Paulo, que desapareceu faz tempo. Os gerentes iam tomar café lá no bar do papai, todos engravatados, todos bonitinhos e eu perguntava para eles naquela época: “Oh, gente, o que eu preciso fazer para trabalhar bonito igual a vocês?” E eles falavam: “Oh, seu Celestino...” – que era o meu pai –, “o seu garoto aqui não quer ficar atrás do balcão, não.” O meu pai dava de ombros, que ele não era muito de falar, mas eles gentilmente respondiam: “Se você não quiser ficar atrás do balcão, você vai ter que estudar muito.” E eu fiz isso e cresci, fazendo e estudando aquilo que anexa valor a sua principal atividade, o contador.

Eu fiz técnico em Contabilidade primeiro porque o meu pai ganhava o suficiente para sustentar a família toda, éramos sete filhos e não sobrava para me pagar uma escola, uma Engenharia ou uma Medicina. Quem tinha que pagar a escola, portanto, era eu. Qual atividade econômica que

me dava a chance de mais rápido e mais cedo pagar o meu estudo? Contabilidade. Hoje já não tanto, porque acabou o curso Técnico em Contabilidade. No meu caso, eu fiz Contabilidade, o técnico, no lugar do colegial. Assim, eu economizava três anos. Dos sete aos 11, primário; dos 11 aos 15, ginásio e dos 15 aos 18, Técnico em Contabilidade. Com 18 anos, eu já podia assinar balanço.

Eu vim para as entidades porque o Anníbal de Freitas era meu grande líder na área contábil e com certeza ele está por aqui perto nos ouvindo. Era um homem muito sério, muito competente, muito rígido, mas bom demais. Foi ele que me incentivou a vir para as entidades.

Nas entidades tem gente muito séria, muito competente. As entidades na verdade são um local, a lei prevê isso, que a pessoa vem para se doar, para melhorar a profissão como um todo e eu trabalhei 22 anos para as entidades.

Onde eu mais trabalhei com afinco e dedicação foi no CRCSP. O CRC é uma entidade de registro, controle e fiscalização, proteção à sociedade. Essa é a definição das duas coisas que eu tenho que fazer. Se a sociedade está sendo prejudicada pelos profissionais que eu represento, que é o CRC, na qualidade de conselheiro, eu tenho que mudar isso. Então vim com muito afinco, implementei muita instrução às palestras, cursos. O prédio anexo tem quatro andares, o térreo e mais três, não é? Na planta, só tem dois. Eu mandei fazer quatro. E utilizamos o térreo para o expediente para atender mais rápido os profissionais, para

eles não terem que andar pelos andares, os outros três eram só cursos de segunda a sexta. Eu realmente me preocupei até na construção.

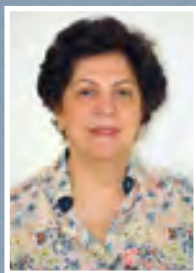
A sua cultura acumulada vira conhecimento ou virará conhecimento quando você a transmitir para outras pessoas, outros profissionais, quem está a seu lado, a distância não importa. Eu queria que os contadores melhorassem muito. Só com cultura, não tem outro caminho. Ele pode ser árduo, duro, mas só com mais cultura, com mais conhecimentos para os profissionais, que você consegue melhorar a profissão perante a sociedade e perante o todo. Então os Conselhos e as entidades da classe têm que continuar sempre se aprimorando.

Eu presidi o Sescon-SP de 1987 a 1990. Eu presidi o Conselho em 1994 e 1995, portanto já faz mais de 20 anos. Até agora as pessoas nem sabem; alguns conceitos de gestão, de administração continuam muito parecidos. No Sescon, era de três anos a presidência; aqui são dois anos. E presidi o Conselho Federal de Contabilidade também dois anos, só que eu fui reeleito, então presidi quatro, 1998 a 2001. Saí de lá em 31 de dezembro de 2001.



Retrato oficial da gestão

Gerenciando eventos



Marlene Pasquinelli

Nascimento:
26 de maio de 1942, na cidade de São Paulo (SP)

Atividade:
gerente de Eventos do CRCSP

A nova função foi a minha realização como profissional. Adoro o que faço e faço sempre com muito carinho todos os eventos que o meu departamento realiza.

Comecei a trabalhar no CRCSP em outubro de 1987. Particpei de uma prova para a seleção das vagas para o cargo de fiscal. Como trabalhava em uma empresa familiar e, estava prestes a me aposentar, pensei: “Vou mudar de atividade”. Na ocasião, era responsável pela Contabilidade, foi o meu primeiro emprego. E assim passei a fazer parte do quadro de funcionários do CRCSP. No início, integrei o programa de educação, recém-criado. Viajei para várias cidades, com o Sr. Jurandir Malaman, admitido na mesma época, fazendo palestra sobre as alterações da legislação, que eram frequentes.

Em dezembro do mesmo ano, conversei com a diretoria e solicitei exercer o cargo pelo qual fui contratada, o de fiscal. Em 1989, o CRCSP assumiu a realização da Convenção dos Contabilistas do Estado de São Paulo, que tinha sua edição a cada dois anos. Na ocasião, o diretor executivo Edeson Figueiredo Castanho pedia a colaboração de vários funcionários para ajudar na produção desse evento, e eu fazia parte – em virtude dele ser totalmente



Um pouco desse evento tão emocionante, Encontro de Feras, 2008

organizado aqui, não tínhamos empresa de fora, como acontece hoje. E assim, eu fui colaborando nos anos de 1991, 1993. Em 1994, na gestão do presidente José Serafim Abrantes, eu tive que decidir, a pedido dele: trabalhar na fiscalização ou cuidar de eventos. Eu optei por eventos. Fiquei trabalhando na diretoria até ser montado um Departamento de Eventos onde, até hoje, exerço a mesma função, agora como gerente.

A nova função foi a minha realização como profissional. Adoro o que faço e faço sempre com muito carinho todos os eventos que o meu departamento realiza. Nunca tive pretensões para outros cargos, pois este é o cargo do coração.

No departamento tem muitas atividades, além da Convenção Estadual, que hoje conta com a colaboração da Diretoria e das Entidades Congraçadas, tendo sempre à frente o presidente. Realizamos vários eventos voltados para a Educação Continuada (quando entrei no CRCSP, estava começando e, hoje, já tem o

Departamento de Desenvolvimento Profissional), realizamos também eventos comemorativos, reuniões de delegados do Conselho. Lembrando que todas essas ações são, sempre, voltadas para o profissional da contabilidade.

Os anos foram passando e o CRCSP crescendo a cada gestão. Foi totalmente informatizado, trazendo benefícios para o profissional da contabilidade e para os funcionários. Mudamos da Rua Vinte e Quatro de Maio para um prédio construído na Rua Rosa e Silva. Passado algum tempo, foi adquirido o prédio ao lado. Fomos certificados pelo ISO. Todo esse crescimento deve-se aos presidentes, que a cada gestão têm no seu plano de trabalho o objetivo de aprimorar, mudar, enfim, trazer melhorias para o profissional da contabilidade e para os funcionários.

Depois de toda essa explanação, não poderia deixar de mencionar o 1º Encontro dos Estudantes de Contabilidade do Estado de São Paulo, que foi realizado no circo. Foi um dos eventos que mais me marcaram. O que a gente fez? Uma palestra e uma apresentação circense. Nossa expectativa era de uns mil estudantes, foram 3 mil. Foi preciso levantar o toldo do circo para colocarmos cadeiras do lado de fora. Chovia. Mesmo assim todos ficaram até o fim. No evento seguinte, fomos pra Estância da Serra, em São Bernardo do Campo, um lugar bem maior, levamos 5.050 alunos; uma coisa espetacular.

No outro ano, nós levamos 4.800, 4.900. Esse encontro é o evento do coração. Um evento a que eu e todos do departamento nos entregamos de corpo e alma mesmo. É o evento que me marca.



O CRCSP

Para uma ação mais efetiva, é preciso chegar mais longe, trabalhar em rede e atuar na ponta, com o foco no profissional da contabilidade. Por isso



Por meio do registro é possível ter a dimensão do universo de profissionais da Contabilidade

é que ao longo dos anos, o CRCSP foi instituindo delegacias regionais e locais para estar mais perto das pessoas, já que quase metade dos profissionais está espalhada pelo estado.

A sede do CRCSP está no coração da cidade, mas a entidade se estende por 18 delegacias regionais e mais 128 delegacias locais estrategicamente posicionadas para atender todos os profissionais da contabilidade do estado.

Abrigando mais de 20% da população brasileira, São Paulo é um estado de grande magnitude e importância econômica. Por isso, é preciso integrar a capital com o interior, e este não é um trabalho fácil. O CRCSP está sempre conectado com o interior paulista através das delegacias regionais e promovendo eventos que atendam a essa grande demanda.



Encontro de delegados regionais com o Conselho Diretor do CRCSP



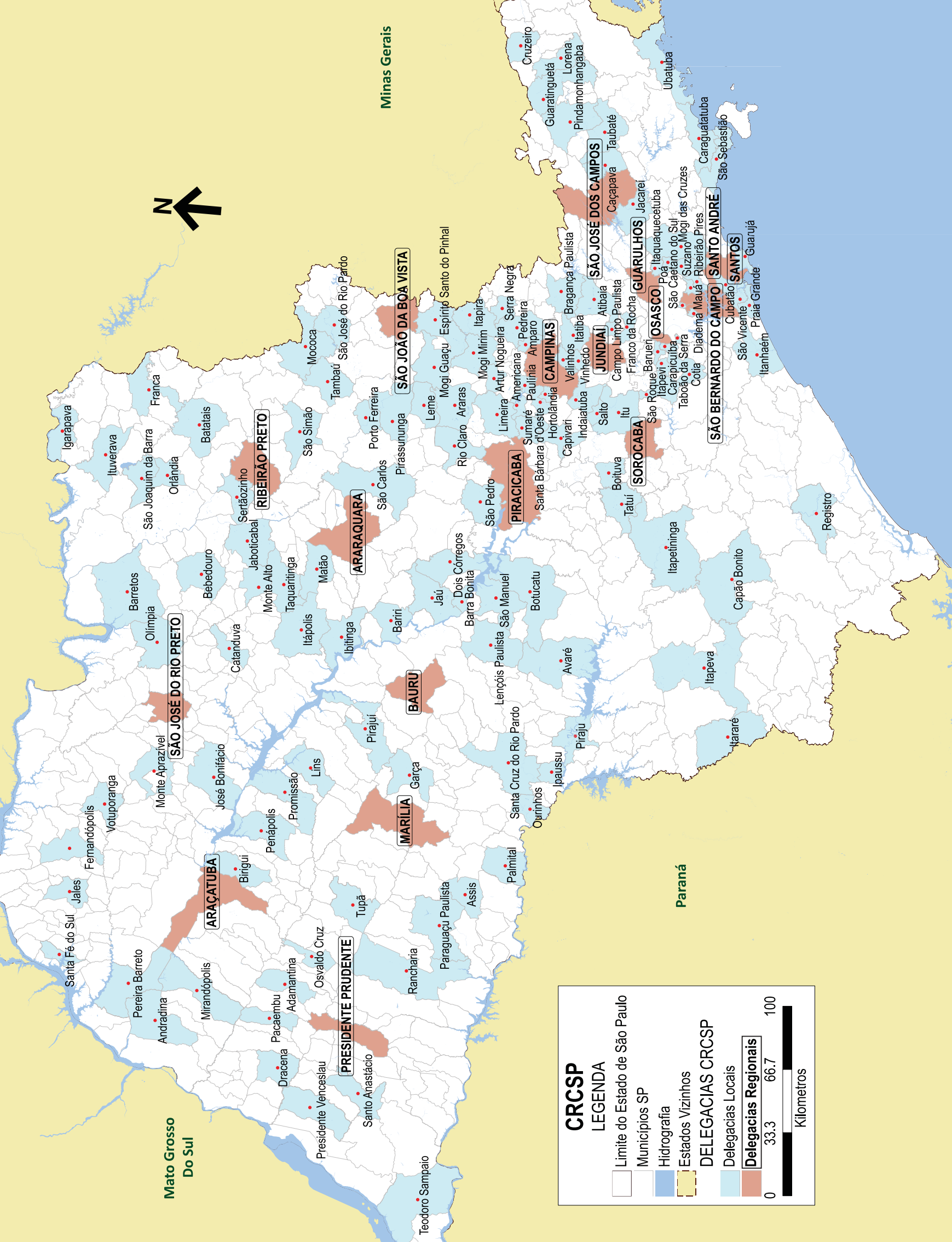
Primeiro Fórum Mulher Contabilista, atividade realizada na Delegacia Regional de Campinas, 2005

Cada vez mais longe

“Essa representatividade dos delegados nas cidades é muito importante. Hoje, o CRC está muito presente, está indo às cidades pequenas. Estende um pouco mais e não fica só limitado ali à delegacia regional. O CRC faz esse papel e está abrindo cada vez mais. Isso que eu acho legal: eles estão chegando a lugares que nunca foram atingidos. Nesses oito anos em que estou aqui, eu nunca tinha visto tantas atividades chegarem às cidades

menores. Estando presente, aparecendo, a sociedade dá mais valor para nossa profissão. Do que adianta você estar só na capital e não atingir lá, a cidade na ponta? Como a sociedade ali vai saber que existe um Conselho de Contabilidade, existe alguém que fiscaliza, existe alguém que dá um suporte técnico?”

Lilian Ricci Ghizzi



Integração¹

Fiz o Técnico em Contabilidade, depois Ciências Contábeis, pós em Administração Financeira e em Auditoria e Direito.

Comecei em 1980 como auxiliar de contabilidade numa indústria; depois de formado, em 1985, fiz estágio e, em 1986, fui contratado numa empresa de consultoria e auditoria; na sequência, em 1990, abri minha própria empresa de consultoria e auditoria; em seguida, em 1996, abri uma editora; em 2011, uma empresa de empreendimento e, em 2013, uma empresa de tecnologia. Hoje mantemos em funcionamento as empresas: a editora, a de empreendimentos e a de tecnologia.

No momento sou o coordenador geral do Grupo do Interior. Quanto ao Conselho e suas delegacias, estou sempre à disposição

¹ - Entrevista encaminhada por e-mail.

no que for preciso para colaborar com aconselhamentos.

No CRCSP fui coordenador da Câmara de Registro, de Fiscalização e do Tribunal Regional de Ética e Disciplina (Tred), vice-presidente de Administração e Finanças e presidente na gestão 2006/2007, momento no qual foi desenvolvido um planejamento estratégico para a entidade e quando foi comprado o prédio vizinho para a ampliação da sede.

As delegacias regionais e locais para o Conselho são uma forma de facilitar o cumprimento das obrigações pelos profissionais da contabilidade, principalmente do interior e a integração da entidade com a comunidade local.



Luiz Antonio Balamint

Nascimento:
18 de dezembro de 1964,
na cidade de Rio das
Pedras (SP)

Atividade:
contador, presidente
do CRCSP, gestão
2006-2007



Visita de estudantes em 2008, uma das práticas de integração estadual

A integração regional



Claudio Filippi

Nascimento:
5 de março de 1939, na cidade de São Paulo (SP)

Atividade:
auditor, presidente do CRCSP, gestão 2014-2015

Depois do ginásio, eu escolhi o curso Técnico em Contabilidade. Eu tinha alguns conhecidos que trabalhavam na área e era um curso que garantia a entrada na faculdade, um curso profissionalizante dentro de um tipo de matéria de exatas a que eu me adaptava bem. Quem fazia o curso Técnico em Contabilidade, se quisesse continuar no ramo, ia buscar o curso de Ciências Contábeis. Eu procurei o curso de Ciências Contábeis e Atuariais e fiz um vestibular na [Pontifícia Universidade] Católica, que aquele tempo era Coração de Jesus.

O primeiro emprego... Eu tinha acabado o Técnico em Contabilidade, foi num banco, no Citibank, e, depois, por orientação de outros profissionais, eu procurava trabalhar com um contador experiente, buscando uma firma de auditoria, que era um dos ramos especializados e avançados na época, e que continua até hoje. Eu tive alguma demora para encontrar uma oportunidade de trabalho, porque tinha que ter uma remuneração compatível com as responsabilidades familiares que eu já tinha e só depois de alguns anos, consegui uma remuneração adequada quando eu entrei numa firma chamada Pricewaterhouse, conhecida, hoje, como PwC, PricewaterhouseCoopers.

A minha firma, a Price, sempre teve interesse em participar das entidades contábeis, particularmente no Ibracon, onde militam os auditores independentes, e no Conselho Regional de Contabilidade, que é a entidade ligada a todos os profissionais da contabilidade. O Conselho Regional é a principal entidade contábil de cada estado. Minha firma sempre teve a intenção de participar, particularmente, nessas duas entidades. Outro sócio começou a participar e eu fui me dedicar internamente à implementação de uma especialização de serviços financeiros na Price em toda a América do Sul, passei vários anos nesse assunto.

Quando encerrou a atividade desse outro sócio no Conselho, eu comecei a participar, isso há mais ou menos 10, 12 anos. Particpei de uma chapa de eleição, a chapa foi escolhida e, a partir de então, eu passei a ser conselheiro. Depois, eu passei a participar do Conselho Diretor, primeiro na área de Desenvolvimento Profissional; depois, na área de Fiscalização; na de Administração e Finança e, finalmente, como presidente nos anos de 2014-2015. Fui o antecessor do presidente Gildo, que tem o mandato para 2016 e 2017.

As pessoas que participam do Conselho são pessoas que, em resumo, querem deixar um pouco da experiência profissional adquirida. Todos os conselheiros exercitam e executam trabalhos voluntários no Conselho. Todos são interessados em transmitir alguma coisa da experiência de vida para a profissão, trabalham em benefício da profissão. Trabalhando em benefício do Conselho, você, em última análise, está trabalhando em benefício da profissão, em benefício da sociedade. Como conselheiro, a gente participa de Câmaras, de Comissões, cada um com a sua especialização, com a sua atividade, e tudo dentro de normas existentes que são emanadas pelo Conselho Federal de Contabilidade e algumas também emanadas localmente pelo Conselho Regional. Todas as prestações de serviço têm certa rotina, certa norma, certo processo já delimitado, já pré-limitado. As atividades legais do Conselho são de registro profissional, onde se registram o profissional e as empresas, depois na fiscalização ética e disciplina, que tem o trabalho de dar suporte ao profissional da contabilidade e, eventualmente, em casos extremos, de emitir julgamentos, tudo de acordo com as regras. E mais recentemente, nos últimos 10, 12 anos, teve um grande desenvolvimento, o desenvolvimento profissional, que é uma prestação de serviço para atualização pessoal e técnica do profissional da contabilidade. Isso

é cada vez mais necessário e, quanto mais instrução você oferece para os profissionais da contabilidade, menos possibilidade de erro, menos possibilidade de eventualmente ser atingido por uma fiscalização. Esse é um dos objetivos: primeiro ensinar, para depois fiscalizar e eventualmente punir.

O conhecimento do interior e o relacionamento do interior somente foi possível a partir da existência de 18 delegacias regionais e mais de 120 delegacias locais¹. Essas delegacias são os braços do Conselho. Sem essas delegacias é impossível trabalhar no interior.

A gente sente que os delegados têm prazer em trabalhar para o Conselho, porque na verdade eles estão trabalhando para a profissão e eles também têm liderança em suas cidades, em seus locais, e com isso existe um bom relacionamento entre eles e existe uma possibilidade de uma grande ajuda para a profissão e uma grande ajuda para a sede do Conselho. Sem a participação deles, é

¹ - São atualmente 128 delegacias locais dentro de todo o Estado de São Paulo.

impossível trabalhar no interior. Eles são muito importantes. É uma coisa que a gente aprende é que tem profissionais muito competentes no interior, como a gente tem na capital, de tal maneira que a gente tem um conjunto de profissionais relevantes em matéria de competência e atuação. Existe no interior uma força muito grande e nenhum trabalho pode ser feito sem essa força do interior.

A integração depende da iniciativa de ambos os lados, da sede e das delegacias do interior. E existe essa integração, existe uma grande colaboração através dos eventos do interior e através de relacionamento, reuniões, treinamentos etc., existe uma integração total entre interior e capital. Isso também é muitíssimo importante para o desenvolvimento da profissão. Nós temos anualmente convenções regionais e temos também uma convenção estadual. O principal motivo de todo mundo participar é de relacionamento, conhecer a parte técnica e a parte de transmissão de ensinamentos da pessoa também é muito importante.

Trabalhando em benefício do Conselho, você, em última análise, está trabalhando em benefício da profissão, em benefício da sociedade.

Divisão das atividades do CRCSP

As Câmaras institucionais, compostas pelos conselheiros do CRCSP são: de Recursos, de Controle Interno, de Fiscalização (são três devido à amplitude da demanda de trabalho), de Desenvolvimento Profissional e de Registro.

Somadas a elas, o CRCSP atua também por meio de suas Comissões, compostas por jovens profissionais, mulheres, integrantes da melhor idade, do Terceiro Setor, da cultura e do meio acadêmico. São elas: CRCSP Mulher, CRCSP Melhor Idade e Cultural, Assessoramento ao Registro e à Fiscalização, Assessoramento à Câmara de

Desenvolvimento Profissional, Concessão de Diplomas e Medalhas, Desenvolvimento Científico, Editorial e Publicações, Educação Profissional Continuada, Gerenciamento das Delegacias, Mediação, Arbitragem e Perícia, Projetos Sociais, Representação junto à Área Pública, TV CRCSP, Ciclo de Palestras e Permanente de Transparência. Além disso, há também os demais grupos de trabalho para Apoio à Comissão Estadual do Jovem Contabilista e da Integração Estadual, para Atualização e Modernização do Centro de Memória do CRCSP e para Analisar e Comentar as Minutas das Normas de Auditoria em Audiência Pública.

CONVENÇÕES E CONGRESSOS

Além de estar fisicamente espalhado pelo estado, o CRCSP promove anualmente as Convenções Regionais e, a cada dois anos, as Convenções Estaduais.

É de longa data que os profissionais da contabilidade se reúnem. Data de 16 a 24 de agosto de 1924 o primeiro Congresso

Brasileiro de Contabilidade que aconteceu na então capital federal, Rio de Janeiro, na Associação dos Empregados do Comércio do Rio de Janeiro. Participaram desse evento inaugural agremiações de contadores, guardalivros, empresários do comércio, associações comerciais, industriais, entre outros profissionais, num total de 120 participantes e 70 trabalhos apresentados. Foi o Instituto Brasileiro de Contabilidade, que havia sido criado anos antes, em 1916, que organizou o evento e quem o presidiu foi o senador João Lyra.

Para se ter uma dimensão de como a profissão ganhou relevância, esse congresso está em sua 20ª edição. Ele acontece a cada quatro anos organizado pelo Conselho Federal de Contabilidade. Na última edição, mais de 8 mil congressistas lotaram o auditório principal do Centro de Eventos do Ceará para a solenidade de abertura.

Já sobre as Convenções Estaduais, a primeira aconteceu em julho de 1944 e motivou a posterior criação dos Conselhos Federal e Estaduais de Contabilidade, que saiu do papel dois anos depois. A última edição da Convenção dos Profissionais da Contabilidade do Estado de São Paulo aconteceu durante o mês de junho de 2015, na cidade de Santos, onde foram realizadas 32 palestras técnicas e motivacionais e três eventos paralelos, ministrados por 53 especialistas para mais de 1.500 participantes.

As convenções são espaços de debate e reflexão voltados para os profissionais da contabilidade com o intuito não só de unir a categoria, mas também de trocar experiências. Parte do interesse da classe em evoluir como um todo. É nesses espaços que se pode discutir com maior amplitude questões da profissão, não voltadas apenas para a técnica, mas também ao cenário do profissional da contabilidade, ao passado, presente e futuro.



21ª Convenção do do Estado de São Paulo, 2009

Recorde de público

“Em 2001, nós realizamos a 17ª Convenção do Estado de São Paulo, que ainda não tinha sido realizada em São Paulo e era sempre realizada em uma cidade turística do interior do estado. Questionei na oportunidade: “Nós temos na capital metade dos profissionais inscritos no Conselho, por que não realizamos em São Paulo?” E ouvia como resposta: “Não, é muito difícil o trânsito, é muito difícil a locomoção” e outras objeções. Acreditei que essas dificuldades poderiam ser superadas e não poderiam ser empecilhos, pois a capital possui muitos lugares importantes e tantas atrações! Definimos que deveríamos realizar a 17ª Convenção Estadual na cidade de São Paulo. Foi difícil convencer o pessoal. No final, eu insisti e consegui que a convenção

se realizasse na nossa cidade. Foi uma grande responsabilidade que assumimos. Na oportunidade, escolhemos o Anhembi e modificamos o horário da realização: em vez de ter atividades o dia todo, começávamos no período da tarde, às 2 horas, e terminávamos às 20 horas. Então o profissional poderia cumprir suas tarefas da manhã e à tarde participava da convenção. Nós conseguimos um recorde de público de aproximadamente 4.500 pessoas entre profissionais e estudantes. Foi um sucesso de público e de resultado financeiro, e assim foi criado um novo modelo para se fazer uma convenção.”

Victor Domingos Galloro

Reconhecimento da profissão

“Nós tivemos no 20º Congresso Brasileiro de Contabilidade, em Fortaleza, mais ou menos, 7.500 participantes. Teve até painéis simultâneos em seis salas diferentes, em seis ambientes diferentes e quanta inteligência foi esbanjada lá. Essa é a Contabilidade hoje.

Então, contador era um cara que sempre era visto como um mal necessário, e hoje nós somos a terceira profissão mais bem reconhecida mundialmente.”

Domingos Orestes Chiomento

Foi um sucesso de público e de resultado financeiro, e assim foi criado um novo modelo para se fazer uma convenção.

Essa é a Contabilidade hoje.



1ª Convenção do do Estado de São Paulo, 1944



Pedro Pedreschi, ainda presidente do Sindcont-SP, falando na abertura da 1ª Convenção

REGISTRO E FISCALIZAÇÃO

O exercício da profissão, sem o registro a que alude este artigo, será considerado como infração do presente decreto-lei

As primeiras iniciativas de fiscalização e regulamentação da profissão, como já vimos, começaram em meados dos anos de 1920, a partir das iniciativas do Instituto Paulista de Contabilidade. Em 1946, a regulamentação foi oficializada e transformada em definitiva, garantindo ao profissional a credibilidade necessária para o exercício de sua profissão em empresas nacionais e estrangeiras, que antes disso tinham predileção por trazer seus contadores.

O profissional da contabilidade podia ser formado em duas categorias: na de contador e na de técnico em contabilidade. Essa subdivisão foi criada pelo Decreto Lei n.º 9.295/1946 e com ele veio a necessidade de regulamentação da profissão:

“Art. 12. – Os profissionais a que se refere este decreto-lei somente poderão exercer a profissão depois de regularmente

registrados no órgão competente do Ministério da Educação e Saúde e no Conselho Regional de Contabilidade a que estiverem sujeitos.

Parágrafo único – O exercício da profissão, sem o registro a que alude este artigo, será considerado como infração do presente decreto-lei.”

Seguindo essas prerrogativas, o CRCSP passou a fazer seus registros. E, na reunião de novembro de 1947, ainda na sede do Sindicato dos Contabilistas de São Paulo, foram aprovadas pelos conselheiros as inscrições e os registros. O primeiro registro de contador foi concedido a Pedro Pedreschi. Nessa reunião foram registrados 74 contadores e 92 guarda-livros.



Quem foi Pedro Pedreschi?

Trata-se do primeiro presidente do CRCSP, seu mandato foi durante os anos de 1946-1949, e do primeiro contador registrado: número de registro no CRCSP: ISP000001/0-I. Nascido em

Santa Rita do Passa Quatro (SP), no dia 9 de novembro de 1896, tornou-se contador depois de se formar pela Escola de Comércio Álvares Penteado, na turma de 1917.

A emoção do início da profissão

“Tem uma solenidade que se realiza mensalmente, a entrega de carteiras para os formandos. De maneira geral, os que escolhem a profissão contábil são pessoas de classe média ou de classe mais pobre, então conseguir um diploma é algo importantíssimo e esse é um dos motivos pelos quais a gente trabalha para incentivar isso. Nós temos essa homenagem e uma centena de pessoas, ou um pouco mais, dependendo do mês, participa da entrega das carteiras, que ocorre aqui em nossa sede, no Teatro Professor Hilário Franco. A solenidade é encabeçada pela vice-presidente de Registro e tem a presença de outros vice-presidentes,

eventualmente do presidente também. A emoção que os novos profissionais sentem é alguma coisa que deixa a gente tocado. Eles visivelmente sentem prazer de ter ultrapassado essa parte da vida. Eu me lembro das primeiras vezes em que eu participei de entrega de carteira, tinha um rapaz cujo bisavô estava ali presente. O pessoal se veste o melhor possível, sente que está fazendo uma coisa importante e sente que está recebendo uma coisa importante. E a gente gosta muito de participar disso!”

Claudio Filippi

Como a primeira cirurgia

“Na época em que eu comecei, a Contabilidade era terrível, manuscrita, era tudo manual, mas tinha uma ciência, tinha uma técnica. E eu fiz muita contabilidade manual. Tinha que ter documento. Nunca deixou de ter a necessidade do documento, o documento é a essência da Contabilidade. Vocês não imaginam o orgulho de quem é contador quando ele se forma, quando ele

fecha o primeiro balanço. Fechar o balanço é como um grande cirurgião que vai fazer a sua primeira cirurgia e vê o êxito naquilo que fez. E foi assim também pra mim, fazendo Contabilidade: quando eu vi a primeira vez o balanço que eu fiz, eu quis sempre aprimorar, ano a ano, a Contabilidade.”

Sérgio Roberto Monello

Há outros artigos, entre as resoluções do Conselho Federal de Contabilidade, que dispõem sobre o exercício da profissão e que atestam a necessidade de um registro profissional que declare que o profissional da contabilidade esteja legalmente habilitado para o exercício de suas atividades, como a Resolução CFC n.º 560/1983:

“Art. 1º – O exercício das atividades compreendidas na contabilidade, considerada esta na sua plena amplitude e condição de Ciência Aplicada, constitui prerrogativa, sem exceção, dos contadores e dos técnicos em contabilidade legalmente habilitados, ressalvadas as atribuições privativas dos contadores.”

Além dessa, a Resolução CFC n.º 1.167/2009:

“Somente poderá exercer a profissão contábil, em qualquer modalidade de serviço ou atividade, segundo normas vigentes, o contabilista registrado em CRC.”

Uma lei federal importante e que teve um profundo impacto na profissão é a número 12.249/2010. A partir dela, fica regulamentada a exigência do Exame de Suficiência para a obtenção do registro profissional, e esta lei determina ainda que

só serão aptos ao exame e ao exercício da profissão aqueles que concluírem o bacharelado em Ciências Contábeis. Aos técnicos em Contabilidade que foram registrados até o ano de 2015, seu direito de exercício da profissão está assegurado.

Em consequência dessa lei, também em 2010, foi publicada a Resolução CFC n.º 1.301/2010, que regulamentou a retomada do Exame de Suficiência como requisito para obtenção ou restabelecimento de registro profissional em Conselho Regional de Contabilidade. Trata-se de uma avaliação objetiva para os bacharéis em Ciências Contábeis que acontece duas vezes ao ano, desde 2011.

Exame de Suficiência

“A aplicação do Exame de Suficiência é uma coisa positiva; nele você consegue ter um balizamento mínimo de quem vai ser aprovado para atuar na profissão. Então você estuda ali a respeito da profissão, vê lá o que é ética, quais são as normas para você atuar profissionalmente, mas você não tem experiência prática de atuação numa empresa ou no mercado de trabalho. Quando você faz uma avaliação como o Exame de Suficiência é para dar a condição de quem foi aprovado

para registro, mostrando que tem capacitação para atuar no mercado. É uma forma de a gente proteger o mercado de trabalho com profissionais mais bem qualificados, pelo menos com os conceitos básicos bem assimilados para aplicar na vida prática. Quem é aprovado no Exame de Suficiência já teve uma primeira avaliação positiva, dizendo que é capacitado para atuar na profissão.”

Gildo Freire de Araújo

Sempre bem-vindo

“Todo e qualquer exame que busca a identificação do conhecimento mínimo necessário para o adequado exercício de uma atividade profissional deve sempre ser bem-visto. Essa é a única forma objetiva de garantir que o profissional, ao exercer a sua atividade, estará efetivamente habilitado para fazê-lo com o nível de qualidade esperado. Dentro deste conceito, o Exame de Qualificação

Técnica passou a ser requerido para todos os profissionais que atuam no mercado de auditoria, independente de empresas reguladas (CVM, Bacen e Susep), sendo o principal requisito para que estes profissionais possam obter o registro no Cadastro Nacional de Auditores Independentes (CNAI).”

Sergio Antonio Dias

Como já foi dito, o CRCSP tem mais de 150 mil profissionais da contabilidade registrados, sendo mais de 90 mil contadores e 60 mil técnicos em contabilidade. E o número de contadores continua subindo!

Estão registradas também mais de 17 mil organizações contábeis. Desse universo, 11 mil são sociedades, 3 mil empresários, mais de mil microempreendedores individuais (MEI) e quase mil empresas individuais de responsabilidade limitada (Eireli), que são fiscalizadas em sua totalidade a cada triênio. Trata-se de fazer cumprir e de que sejam preservados os Princípios Fundamentais da Contabilidade, a partir das Normas Brasileiras de Contabilidade.

Para isso, o CRCSP possui em sua sede um tribunal de ética e disciplina que analisa casos de descumprimento das normas e legislação da profissão, para que seja auferida uma condenação ou absolvição do profissional da contabilidade. Mas a intenção primeira do CRCSP não é

julgar, e sim oferecer o desenvolvimento profissional para que os erros sejam mitigados.

Faz parte dos processos de fiscalização do CRCSP o incentivo às boas práticas, por exemplo, no apoio à campanha “Contrate com Contrato”, que procura garantir a segurança entre as partes e para que seja cumprido o Código de Defesa do Consumidor, bem como as disposições do novo Código Civil, principalmente na relação empresário e contador.

Outra frente de fiscalização é no combate à concorrência desleal. Para isso são feitas visitas às cidades do Estado de São Paulo, levando palestras e atividades que visam reconhecer o profissional da contabilidade que exerce sua prática responsável, dentro das normas exigidas pela profissão e com respeito à sua prática e às dos demais, em detrimento das organizações irregulares que, muito mais do que o oferecimento de um serviço a preço mais baixo, está desqualificando toda a classe e toda uma cadeia de valores da profissão.

À frente da pasta de Registro¹

Como vice-presidente de Registro, eu integro o Conselho Diretor do CRCSP e tenho a missão de supervisionar a administração e os serviços dos Departamentos de Registro e Atendimento, acompanhando todos os processos desde o nascedouro até a homologação no plenário e realizando a solenidade de entrega de carteiras de identidade profissional. Outra das minhas tarefas é determinar os procedimentos necessários para a instauração de processos de registro, distribuindo-os aos relatores/

revisores dentre os conselheiros da Câmara de Registro ou da Câmara de Recursos.

Também me cabe coordenar semanalmente a Câmara de Registro, além de convocar sessões ordinárias e extraordinárias da Câmara de Registro e da Câmara de Recursos, se for o caso. E ainda examinar as condições de admissibilidade dos recursos interpostos contra as decisões do CRCSP, em matéria que envolva a área de competência do registro.



Neusa Prone Teixeira da Silva

Nascimento: 2 de dezembro de 1949, na cidade de Bandeirantes (PR)

Atividade: empresária da contabilidade.
Vice-Presidente de Registro do CRCSP

¹ - Entrevista encaminhada por e-mail.

10 anos de fiscalização



Cláudio Rafael Bifi

Nascimento:
2 de dezembro de 1967, na cidade de São Paulo (SP)

Atividade:
contador e professor.
Diretor-Executivo do CRCSP

... eu não tinha o RG, não tinha CPF, não tinha carteira de trabalho, não tinha nada. Para você ter esses documentos, demorava 30 dias, até mais. Mas, como mãe é mãe, ela deu um jeito!

Depois que eu saí do ginásio, já estava aqui no Conselho – entrei aqui com 14 anos de idade. Eu não sabia realmente que profissão iria seguir, mas olhei a empresa em que trabalhava, que tinha tudo a ver com Contabilidade, e aí fui buscar o técnico em contabilidade. Fiz no Colégio Drummond, na Ponte Rasa. Comecei lá o técnico e só estudei Contabilidade até hoje.

Na infância, toda pessoa que aparecia na minha casa como amigo ou no início de uma amizade, a minha mãe perguntava: “Tem emprego para os meus filhos?” Um desses amigos, Clarindo Bibiano de Araújo, atualmente chefe da Secretaria do CRCSP, me indicou para uma entrevista no Conselho e minha mãe falou assim: “Legal, ele vai fazer uma entrevista, fazer uma ficha!” E eu sem nenhum interesse, com 14 anos, queria mais era aproveitar a infância, ficar “de boa”, mas me chamaram para fazer entrevista. Eu lembro bem que éramos cinco candidatos na sala de espera da diretoria na Rua 24 de Maio. Após uma semana, o Departamento Pessoal me ligou, conseguiu contato com a gente. “Você foi aprovado na entrevista, você começa amanhã, traga seus documentos.” E eu não tinha o RG, não tinha CPF, não tinha carteira de trabalho, não tinha nada. E naquela época, em 1982, para você ter esses documentos, demorava 30 dias, até mais. Mas, como mãe é mãe, ela deu um jeito!

Então, eu cheguei aqui, nessa empresa, com essa ideia que eu tinha que aprender tudo! A empresa me recebeu muito bem, desde aquela época até hoje. As pessoas me recebem muito bem, me orientam em

tudo aquilo que eu preciso, me apoiam. Eu tive um apoio muito grande do Conselho. Lembro o nome do meu primeiro chefe, do meu subchefe, foram as duas pessoas que me ensinaram muito: o Edson Tomihiro Kato era o chefe da CCA (Compras, Comunicação e Arquivo), e o Danilo [Cariri da Silva], o subchefe. Eles me mostraram o caminho certo, como me comportar numa empresa, como agir corretamente. Aquele friozinho na barriga do primeiro emprego, de você estar saindo de casa foi muito bom, a recepção aqui foi muito boa.

O Conselho hoje é outra empresa. Naquela época, não tínhamos internet e sequer computador. A forma de você se locomover na cidade era muito difícil.

Voltando aos estudos e como já dito, resolvi estudar Contabilidade devido a uma ligação da empresa com a área. E confesso que não sabia muito o que seria “Contabilidade” e o objetivo do CRC. Cursei o técnico em contabilidade, gostei muito. Prestei faculdade (Universidade São Judas Tadeu) para Ciências Contábeis. Na época, o CRC concedia bolsa de estudos. E eu uni o útil ao agradável: “Eu vou fazer.” Terminando o curso (me formei em 1992) comecei a analisar: “Eu preciso de um diferencial, porque se surgir uma oportunidade, terei muitos concorrentes.” Quando teve uma prova para ser fiscal, eu já tinha o curso de técnico e estava fazendo Ciências Contábeis. Fui aprovado! Trabalhei na Fiscalização. Foram anos de muito aprendizado. Comecei a ver a essência do Conselho. Depois de formado, comecei uma pós-graduação na Fecap (Controladoria) e, logo em seguida,

outra em Contabilidade de Custos, também na Fecap.

Da Fiscalização me chamaram para trabalhar na Contabilidade por um ano. Surgiu a grande oportunidade de chefiar um departamento: a Fiscalização! Concorri com sete pessoas. Estudei Contabilidade como um doido, as normas brasileiras, as resoluções do Conselho, tudo! Estudava, estudava. Era uma oportunidade única! Obtive sucesso! Fui aprovado para chefiar o maior departamento do CRC.

Aprendi nesse tempo que fiscalizar se divide em dois pilares: o primeiro é o de cumprir as normas, então, eu tenho que mostrar ao profissional que ele é regido por normas e tem um código de ética. O segundo é educar! Então, se eu educo, é mais fácil para fiscalizar e a tendência do profissional errar é menor. Quando ele erra, não vai poder alegar que não sabia, porque eu eduquei. O aspecto ético, da ética profissional, também é muito interessante. Procuo orientar os profissionais desse modo: “Por que nós

temos um Código de Ética?” É justamente para as pessoas não acharem que suas atitudes são as corretas. É simples. “A minha forma de agir pode ser uma e a sua, necessariamente, não precisa ir igual”.

Sem falar que uma atitude ética errada cometida por um profissional, não mancha apenas o seu nome, e sim de um grupo de pessoas!

Eu fiquei dez anos na Fiscalização. Nesse tempo, comecei a lecionar (1996). Sim, o CRC também me abriu portas no mundo acadêmico. Continuei com meus estudos. Fiz um mestrado na PUC-SP. Foi o período em que eu mais aprendi. Foram dez anos sensacionais.

Em 2006, fui convidado para a diretoria operacional. Fui responsável pela Fiscalização, Registro, Atendimento e Desenvolvimento Profissional. Foram oito anos. Finalmente, em 2014, fui convidado pelo Conselho Diretor para ser o diretor-executivo. Como disse no começo da minha história: no CRC, vivo aprendendo!

Aprendi nesse tempo que fiscalizar se divide em dois pilares: o primeiro é o de cumprir as normas. O segundo é educar!

ALGUMAS DAS POSSIBILIDADES DA PROFISSÃO CONTÁBIL

AUDITORIA

Somente aqueles que têm o diploma de Ciências Contábeis podem exercer a função de auditor. A licença é obrigatória para que o profissional possa assinar um relatório final de auditoria como responsável e fazer parte do Cadastro Nacional de Auditores Independentes (CNAI) do Conselho Federal de Contabilidade. Esse instrumento foi criado pela Resolução CFC n.º 1.019, de 18 de

fevereiro de 2005, alterada pela Resolução CFC n.º 1.147, de 12 de dezembro de 2008, com a exigência de realização de Exame de Qualificação Técnica para que os auditores possam trabalhar nas áreas reguladas pela Comissão de Valores Mobiliários e pelo Banco Central do Brasil. Com esse instrumento, o Sistema CFC/CRCs tem a dimensão de atuação desses profissionais no mercado brasileiro.

A melhor foto

“O auditor tem que entender mais de negócios, porque ele vai pegar um balanço e vai ter que dizer em algum momento para o mundo externo que aquele balanço, de acordo com as normas existentes nas regras contábeis, é a melhor fotografia daquela empresa. Então, para eu dizer que aquilo que está na máquina dele é a melhor fotografia sua, eu tenho que te conhecer. Se eu vir só a foto, eu não sei se você tem tique nervoso, se você tem cacoete, se você pisca o olho quando fala, porque na foto não aparece nada disso. Então, o auditor tem que entender o business, para depois ele ver se aquele business está fotografado naquele balanço. Uma vez eu estava fazendo auditoria numa fábrica de elevadores. Eu estava fazendo carreira, estava no meu terceiro ou quarto ano. Aí o meu superior veio revisar o

trabalho que eu tinha feito, naquele tempo tudo era documentado em papel, hoje é tudo no notebook. E ele falou para mim: ‘Antes de revisar os papéis de trabalho, eu queria que você me levasse para dar uma volta na fábrica, para você me mostrar a linha de produção.’ Eu fiquei pasmo. Falei: ‘Mostrar o quê? Linha de produção?’ Ele falou: ‘O quê? Você fez auditoria de estoques e não visitou a linha de produção? Você fez auditoria de pedaços de papel. É lá que as coisas acontecem. O que você está auditando é o reflexo do que está acontecendo ou não está.’ Então, o auditor tem que entender de chão de fábrica, RH, marketing, tesouraria, finanças, para poder saber se aquilo tudo, dentro de um jargão próprio, está fotografado no balanço.”

Nelson Carvalho

PERÍCIA CONTÁBIL

O perito contábil é o profissional essencial para a solução de litígios na justiça. Conforme a Resolução CFC n.º 1.243, de 2009, a perícia contábil constitui o conjunto de procedimentos técnico-científicos destinados a levar à instância decisória elementos de prova necessários à justa correção do litígio ou constatação de um fato, mediante laudo pericial contábil e/ou parecer pericial contábil, em

conformidade com as normas jurídicas e profissionais, e a legislação específica no que for pertinente. Ou seja, perito é a pessoa nomeada pelo juiz ou pelas partes para realizar um laudo pericial que será utilizado em um caso de justiça. Como se trata de realizar um parecer que será usado como prova de justiça, é uma responsabilidade muito grande, portanto exige vasto conhecimento contábil.

Outro segmento

“A perícia é um segmento da Contabilidade, é uma especialização. Aquilo já me atraía; hoje estou há 26 anos com escritório de perícia. Estou contente. Estou satisfeito.

Grosso modo, são trabalhos feitos pela justiça, ou extrajudiciais, quer dizer, no sentido de levantamento para proporcionar um laudo que vai servir de base para uma decisão ou do juiz ou das partes. O mais comum é a perícia judicial, ou seja, você é nomeado por um juiz para fazer determinada perícia. O que é isso? Tem duas fases ainda da perícia, uma delas é de execução. O processo judicial tem dois modos, dois segmentos, vamos chamar assim. Um é a parte de conhecimento, onde se decide se a pessoa tem ou não tem direito àquilo que está pleiteando. Então, vem uma sentença, que pode depois ter recurso ou não, reconhecendo o direito. Quanto vale esse direito? É outra fase do mesmo processo chamada de execução. Você tem que executar aquela sentença, calcular aquilo. Quando há divergência entre as partes é que o juiz nomeia

um perito, que é uma pessoa de confiança dele, para fazer esse trabalho que vai apresentar um laudo: ‘É x.’ As partes podem opinar, divergir e tal, mas é o juiz que vai decidir. Pode ser como meio de prova, ou seja, antes de decidir, o juiz pode ter dúvida de pontos, então ele nomeia um perito para fazer um levantamento naquilo que ele tem dúvida, apresentar um laudo para que possa subsidiar sua decisão. Ele não está restrito ao laudo, podendo decidir contra, mas é um subsídio importante que tem, porque, como o juiz não tem conhecimento técnico de todas as coisas, ele vai nomear um perito naquela área, então não é só contábil. Além do perito do juízo tem a figura do assistente técnico que também é perito; o nome é assistente técnico, que é indicado pelas partes. No mesmo processo, forçosamente, vai ter um laudo do perito do juiz e pode ter laudos divergentes das duas partes feitos pelo assistente técnico. O juiz vai avaliar e vai decidir. Essa é a especialização.”

Sergio Prado de Mello

ATUÁRIA

A atuária é o campo da avaliação de riscos e de cálculo de prêmios e reservas relacionados com seguros e previdência. Trata-se de uma atividade que exige uma boa formação em Ciências Matemáticas e Estatística, além de ser desejável que se tenha uma boa base em

Economia, pois o profissional da área será um verdadeiro arquiteto financeiro e matemático, com capacidade para analisar mudanças financeiras e sociais. Desde o ano de 1944 tem como representante o Instituto Brasileiro de Atuária (IBA).

Assim começou

“Eu ingressei na faculdade já temporão. Eu tinha em média quatro anos mais que os demais. Naquela época não existia Fuvest; o vestibular era na faculdade, tinha a prova escrita e a oral, era muito difícil. E assim começou. Por sorte, naquela época, você não entrava direto em Contabilidade. O primeiro ano era comum para todos os cursos e, no segundo ano, você escolhia e acabei escolhendo Contabilidade e Atuária. Eu sou

atuário também. Obviamente o currículo era muito mais pesado. O professor e grande mestre José Carlos Marion sempre falava: ‘Escolha uma profissão que não é das mais famosas.’ Naquela época, isso é 1958, a gente era considerado subcurso da faculdade. Os economistas se achavam muito superiores. Mas graças a Deus nos formamos bem.”

Sergio de Iudícibus

CONTABILIDADE DO SETOR PÚBLICO

É o ramo da Contabilidade voltado para o registro, controle e demonstração da execução de orçamentos da fazenda e patrimônio público. É focado em entender e divulgar a forma como o dinheiro foi arrecadado e de que maneira foi aplicado. Tem como base a Lei n.º 4.320/1964, que normatizou o Direito Financeiro. Atualmente,

segue as Normas Brasileiras de Contabilidade Aplicadas ao Setor Público, convergidas das Normas Internacionais de Contabilidade Aplicadas ao Setor Público, e emanadas do Conselho Federal de Contabilidade para elaboração e controle dos orçamentos e balanços das três esferas de poder - União, Estados e Municípios.

Cumprindo a lei

“A área pública, por mais surpreendente que possa parecer, tem muito controle. A gente tem vários balanços: o balanço financeiro, o balanço patrimonial, o balanço orçamentário. A gente sempre olha para o equilíbrio. Eu não posso gastar mais do que arrecado, então a minha área especificamente cuida disso, do equilíbrio orçamentário, econômico-orçamentário. A gente sempre tem que olhar para a previsão de arrecadação de receitas e para a execução orçamentária de algumas secretarias, de algumas unidades orçamentárias. Então o controle é mais presente por um motivo muito simples, a gente tem que cumprir o que está na lei, tem que seguir a Lei de Responsabilidade Fiscal, tem que atingir os limites que estão

na Constituição. Então não tem manobra, apesar de a gente ter escutado bastante sobre a Contabilidade criativa, sobre pedaladas fiscais, que não são atos ilícitos, são manobras contábeis em que você pega a exceção da norma e joga para dentro. Por trabalhar numa área de controle, eu vejo com muito bons olhos essa experiência nova de quatro meses na Secretaria de Finanças, onde eu já tive a oportunidade de apresentar orçamento em subprefeituras, tive a oportunidade de representar a Secretaria de Finanças na Câmara Municipal em audiências públicas, a oportunidade de me capacitar a todo instante.”

Ahmed Sameer El Khatib

TERCEIRO SETOR

O Terceiro Setor é constituído pelas entidades de interesse público, não possuindo fins lucrativos. Mas, como todo empreendimento, é necessário que haja a figura do contador, cujo trabalho opera em consonância com as leis. Em uma organização de interesse público, existe uma importância muito grande na transparência dos demonstrativos contábeis, como

acontece no setor público. De acordo com as Normas Brasileiras de Contabilidade, as entidades do Terceiro Setor são aquelas em que o resultado não é destinado aos detentores do patrimônio líquido e o lucro e o prejuízo são denominados, respectivamente, de superávit ou déficit. São reguladas pela Lei n.º 6.404/1976, seguindo algumas adaptações.

A Contabilidade e o Terceiro Setor



Sergio Roberto Monello

Nascimento:
3 de junho de 1943, na
cidade de São Paulo (SP)

Atividade:
contador, professor e
advogado

A Contabilidade, eu diria, nasceu comigo. Desde pequeno, eu tinha um prazer enorme com controles. A minha mãe até de vez em quando reclamava: “Para que tanto controle?”

A Contabilidade, eu diria, nasceu comigo. Desde pequeno, eu tinha um prazer enorme com controles. A minha mãe até de vez em quando reclamava: “Para que tanto controle?” Porque eu fazia questão de controlar as coisas da casa. Era eu que anotava tudo e eu queria saber, perguntava para o meu pai, porque meu pai trabalhou em Contabilidade: “Pai, como eu posso fazer para poder fazer registro?” E ele, como tinha feito já escrituração em escritórios em que ele trabalhou na juventude, me dizia: “Faz assim: débito, crédito etc.” E aquilo realmente me motivou, eu sempre gostei de fazer. Fui presidente de associações, sempre voltado para um controle. Dos controles via Contabilidade.

Quando eu estava terminando o ginásio, tive um dia uma conversa com o meu pai. Tinha uma dúvida muito grande entre fazer Contabilidade ou técnico de administração. E meu pai foi preciso: “Pelo que eu conheço de você, acho que você tem uma inclinação muito boa para Contabilidade.” Bastou. Essa palavra do meu pai me ajudou tanto que eu decidi então fazer Contabilidade.

Eu me formei em 1965 e desde 1966 estou inscrito no CRC. Então, resumindo, 50 anos de profissão contábil, 50 anos de escritório de Contabilidade; 40 anos, quase 41, com o exercício da advocacia e professor há 55 anos. É toda uma vida dedicada ao outro, porque o contador se dedica ao outro. Ele faz tudo que faz para o bem-estar da própria empresa e para que haja uma organização que possa promover o bem comum.

A Contabilidade hoje é uma ciência e é uma técnica muito procurada. Procurada porque apresenta resultados. Vou dar exemplo: até hoje eu tenho o caixa do meu começo de vida de casado, em que eu registrava tudo, até lua de mel, está tudo anotado lá! Por que fazemos isso? Para ter controle.

Eu sou muito ligado à igreja católica. E o que eu fiz? Eu via as entidades que tinham uma série de dificuldade nos controles, porque naquela época não havia uma exigência fiscal legal para as entidades beneficentes, e eu sempre gostei de entidades beneficentes. Aí eu: “Vou partir para um novo campo. Vou fazer Contabilidade das entidades filantrópicas.” Porque na época não se falava Terceiro Setor, falava-se em filantrópicas. Aí comecei a organizar dentro do Liceu Coração de Jesus, nos Campos Elísios, o meu escritório de Contabilidade. Os padres haviam me convidado para ser contador da Livraria Editora Salesiana e me ofereceram. Eu falei: “Eu precisava de um lugar para fazer um escritório de contabilidade. Vocês me permitem fazer em uma das salas aqui do Liceu Coração de Jesus?” E eles permitiram. Lá eu organizei meu escritório e logo em seguida comecei a atender todas as casas dos salesianos e todas as casas das irmãs salesianas. Em seguida, das irmãs de Santa Marcelina. Aí vi que estava no caminho certo. Tinha escolhido um campo certo de Contabilidade.

Aí vêm as grandes dificuldades: como será a Contabilidade que deve ser feita para uma entidade filantrópica? Havia pouca literatura. Comecei a organizar um plano de contas, comecei a discutir, participar de muitos encontros, do

sindicato. Onde eu pude estar presente para discutir Contabilidade, eu estava. Em 1968, então, comecei a lecionar Contabilidade no próprio Liceu Coração de Jesus. Aí forçosamente você é levado para a pesquisa, é obrigado a estudar mais para poder apresentar e colocar suas teses. Comecei a escrever artigos para os religiosos, criei o primeiro encontro de administração contábil para organizações na época filantrópicas e reuni todos os religiosos que eu podia para orientá-los. Criei o primeiro curso da Conferência dos Religiosos do Brasil, curso de Contabilidade, Direito e Administração. Nesse curso, então, eu comecei a ensinar Contabilidade, falar sobre Contabilidade para os religiosos.

Em 1977, foi o primeiro curso da CRB. O que é a CRB? É a Conferência dos Religiosos do Brasil, que congrega todos os religiosos do Brasil. E assim foi... Até chegar o momento em que se chamou Contabilidade do Terceiro Setor.

Eu vejo com orgulho que está cheio de especialistas do Terceiro Setor. O que não falta hoje é especialista do Terceiro Setor, seja no campo contábil, seja no campo do direito.

A Contabilidade do Terceiro Setor, na realidade, é muito mais preocupante que uma Contabilidade de qualquer empresa. No Terceiro Setor, você vai encontrar entidades que têm posto de gasolina, que têm indústria, que têm comércio... É uma diversificação de atividades, só que elas não objetivam o lucro. Então, o controle dos recursos têm que ter um cuidado bem maior, porque o que você adquire, você adquire para essa finalidade. Por exemplo,

a entidade pleiteia uma verba, recebe, tem que prestar conta dessa verba e não pode gastar nada daquilo que ela pretenda, tem que gastar naquilo que está no projeto e, hoje, com muito mais severidade, depois da Lei n.º 13.019.

Um contador em uma entidade sem fins lucrativos tem uma responsabilidade muito grande. Por quê? Primeiro, o Fisco, quando fiscaliza, quando faz o elenco de irregularidades que encontra, elenca a diretoria dos últimos cinco anos e o contador. O contador passa a colocar em exposição o seu patrimônio conquistado com o trabalho contábil. Então, ser contador de uma entidade filantrópica é muito mais penoso do que para um contador que trabalha para o comércio, para indústria. Ele é responsabilizado pelos erros que tiver e ainda o contador de uma filantrópica tem um compromisso com o bem comum. A Contabilidade de uma entidade sem fins lucrativos tem gravames. Se eu faço um erro numa empresa, vou pagar o erro daquilo lá, penalizado e tudo. Mas se eu faço numa filantrópica, estou prejudicando o povo.

O CRCSP, mais do que nunca, e nos últimos anos, está sendo um orgulho para mim, porque, no momento em que se preocupou com o Terceiro Setor, está despertando um interesse maior pelo contador e pela Contabilidade. Com essas atividades para o Terceiro Setor, nos vários ramos e segmentos profissionais, o CRCSP está abrindo um horizonte para ele próprio. Todo mundo conhece o CRC aqui em São Paulo que é um CRC superativo. O CRC tem compromisso social e está formando alunos, formando cidadãos.

Efeito Torre de Babel



Antoninho Marmo Trevisan

Nascimento:
30 de março de 1949, na cidade de Ribeirão Bonito (SP)

Atividade:
contador

... meu irmão mais velho é um escritor, a minha irmã é uma bibliotecária, o meu outro irmão, que infelizmente faleceu, era livreiro, tinha livrarias. Eu, que sou o caçula, sou um guarda-livros. Portanto, todo mundo ligado a livros.

Sou o mais novo de uma família de irmãos ligados a livros. Eu gosto de contar essa história: meu irmão mais velho é um escritor, João Silvério Trevisan; a minha irmã é uma bibliotecária, Maria de Lourdes Trevisan, e o meu outro irmão, que infelizmente faleceu, Cláudio José Trevisan, era livreiro, tinha livrarias. Eu, que sou o caçula, sou um guarda-livros. Portanto, todo mundo ligado a livros.

Eu estava fazendo o ginásio aqui em São Paulo com 13, 14 anos, e lembro perfeitamente que uma professora perguntou para os alunos o que é que cada um queria ser quando crescesse. Vários levantaram o braço dizendo que queriam ser médicos, outros engenheiros, alguns advogados, um ou outro professor e eu fui o único que levantei o braço e disse que queria ser contador. Mas por que isso? É que eu era office boy, tinha começado a trabalhar muito pequeno. Onde eu trabalhava tinha um contador e ele me chamava muito a atenção, porque todo mundo, antes de começar o trabalho, procurava falar com ele para que ele pudesse indicar o que cada um tinha que fazer. Todo mundo o respeitava muito; ele se chamava Celso Garcia Meira da Costa, nunca me esqueci. Eu ficava ali, garotinho, olhando de longe, e achava aquilo incrível, porque as pessoas tinham profunda admiração por ele, tinham um respeito enorme e ele era o grande líder daquele escritório onde eu trabalhava na Rua Sete de Abril, 127, no Centro de São Paulo. Fui tocado por essa imagem, e ele era também um tipo galanteador, fazia sucesso com as mulheres. Isso tudo me envolveu como garoto. E lembro que a professora ainda falou: “Mas, contador?”

Da onde você tirou isso?” Ela perguntou e eu contei a história, né?

De fato, depois que terminou o ginásio, eu fui fazer Técnico em Contabilidade lá na Lapa, na Rua Doze de Outubro, no Colégio Campos Salles, e passei a trabalhar com Contabilidade dentro desse escritório. Interessava-me muito não a mecânica contábil, mas aquilo que se referia à interpretação dos fenômenos econômicos, sociais, humanos e que a Contabilidade tinha que retratar, sobretudo quando se tratava de custos. Você entra no mérito da mão de obra, você entra no mérito das matérias-primas: “Qual é a matéria-prima que integra o processo produtivo?” Você analisa os gastos: “Quais gastos estarão ou não compondo o custo de um produto?” Isso me encantava. Encantava esse lado interpretativo da Contabilidade e me encantava a história da Contabilidade. Nos meus sonhos, ficava imaginando o que é também conhecido como pai da Contabilidade, Luca Pacioli, que em 1494 registrou um método de partidas dobradas e que era amigo do Leonardo da Vinci. Eu ficava imaginando como seriam as conversas entre o Luca Pacioli e o Leonardo da Vinci naquela época. Época essa em que a Contabilidade permitiu que nascessem as corporações graças a essa fantástica regra do débito, do crédito, da origem das aplicações e recursos. Aí então se criaram companhias que, portanto, continuavam a operar graças ao registro que se fazia das entradas, das saídas e as pessoas puderam ser sócias de empreendimentos. Então, a Contabilidade tem um papel importantíssimo na história da civilização,

sobretudo na história econômica e na história das corporações. É conhecida como a linguagem dos negócios. Talvez seja uma das únicas formas de as pessoas entenderem os negócios dos outros países, independente se ele está na Ásia, na Europa, nos Estados Unidos. Onde quer que esteja, você consegue interpretar uma companhia a partir dos balanços que ela publica. O padrão contábil desses balanços é fundamentalmente o mesmo, é uma linguagem igual à dos esportes. Eu acho que a Contabilidade é como as Olimpíadas, em que as nações se congregam e fazem acontecer competições sem guerra. Assim é a Contabilidade, ela é uma Olimpíada permanente e continuada, que permite que os povos se falem, se conheçam e façam transações e progridam.

É da natureza da Contabilidade a transparência. Pode ver que ela por si só no momento em que organiza os dados, no momento em que de forma independente classifica e no momento que permite que interprete o que está acontecendo, automaticamente está permitindo que

haja transparência. Porque, veja bem, o fato de abrir qualquer informação não quer dizer que está permitindo a transparência, porque se aquilo não estiver organizado de alguma forma, vai é confundir mais ainda a sociedade. Então o que os contadores fazem é colocar ordem na casa.

O fato é que nós contadores ficamos muito tempo vivendo nas trevas, porque falávamos de nós para nós mesmos. Isso é um erro. Erro enorme. E a sociedade cobrou caro, foi escolhendo outros profissionais que ela entendia. Foi escolhendo o administrador, o economista, o advogado, o especialista em software porque não entendia o que os contadores falavam e eles estavam achando que eram uma maravilha, porque só eles entendiam o que eles falavam, esquecendo-se de que o nosso trabalho não é para nós, é para os outros. Acho que isso é um passo enorme que nós, os profissionais da Contabilidade já melhoramos muito, mas temos que melhorar mais ainda.

A Contabilidade tem um papel importantíssimo na história da civilização, sobretudo na história econômica e na história das corporações. É conhecida como a linguagem dos negócios.

DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL

Vive-se atualmente no mundo da informação. Para todos os lados em que se vira, tem-se o acesso a novas notícias e a novas descobertas. Trata-se também de um mundo muito ágil, em constante transformação e renovação. Por conta disso, a Educação Profissional Continuada (EPC) é uma atividade formal e muito cara ao Sistema CFC/CRCs, bem como fazem parte das atitudes do CRCSP as parcerias com instituições de graduação e pós-graduação tanto para possibilitar o acesso ao ensino superior a técnicos que possuem o registro como para incentivar a continuidade do processo de formação.

O Programa de Educação Profissional Continuada tem como objetivo maior,

segundo sua proposta, “manter, atualizar e expandir os conhecimentos e competências técnicas e profissionais, as habilidades multidisciplinares e a elevação do comportamento social, moral e ético dos profissionais da contabilidade como características indispensáveis à qualidade dos serviços prestados e ao pleno atendimento das normas que regem o exercício da profissão contábil” e está previsto para os profissionais que integram o CNAI e sejam registrados na CVM e que exerçam atividades de auditoria. Esses profissionais têm que participar ativamente de certo número de atividades por ano em nome da sua manutenção no cadastro.

Além disso, o CRCSP premia a produção acadêmica de destaque como forma de incentivar a qualidade nos trabalhos e as produções técnicas e, ainda, homenageia os melhores alunos, futuros profissionais da contabilidade.

Como forma ainda de trabalhar com esse futuro profissional, estudante ou recém-formado de outras partes do estado, há um programa de visita à sede do CRCSP, quando alunos, professores e profissionais recém-formados da área contábil vão não apenas conhecer os espaços, como também participar de uma palestra sobre a profissão.

Como faz parte da missão do CRCSP incentivar o registro profissional, há também o programa voltado para oferecer atividades educacionais aos estudantes de contabilidade, propiciando oportunidades de conhecer melhor o órgão fiscalizador de sua futura profissão por meio de palestras e outras atividades práticas que estimulem sua percepção em relação à profissão e ao caminho escolhido.



Antoninho Marmo Trevisan no Encontro dos Estudantes do Grande ABCD, 2008

De fiscal a parceiro

“O contador naquela época via o Conselho como um órgão que apenas cobrava anuidade; era algo muito obrigatório, muito incisivo, muito punitivo. Então, nós percebemos que era visto pelos profissionais de forma negativa. Hoje não, hoje a maioria vê o Conselho como um grande parceiro,

um amigo que pode fazer com que ele cresça no mercado de trabalho, uma entidade que não perdeu a sua essência de uma entidade de registro, de fiscalização e, agora, com educação profissional continuada.”

Claudio Rafael Bifi

Dois caminhos

“O que deveria ser esperado de um processo de formação? Uma visão é a seguinte, que a formação do profissional deve envolver o máximo de aspectos práticos e tecnicistas para que o profissional saia capaz de exercer a sua profissão no dia seguinte, quando for ao mercado. Não só para Contabilidade. Ou que a pessoa saiba os elementos fundamentais da existência e da convivência em sociedade, que são as bases de qualquer profissão e que ela saia com capacidade crítica para descobrir o que ela ainda não conhece. São esses dois modelos, eu tenho argumentos para os dois e contra os dois. O ideal é um misto disso, na fase em que a gente

está. Se a gente olhar o histórico, da época da Segunda Guerra para cá, a gente viveu muito isso, tem que preparar as pessoas e o momento de preparar as pessoas é na faculdade, e essas pessoas têm que sair com competências para exercício profissional para o resto da vida. Ao longo do tempo, a gente percebeu que não dava para ser assim, porque a sociedade se alterava muito, as coisas se alteravam muito e essa pessoa devia continuar aprendendo mesmo depois de ter sido formada, então isso é uma coisa que mais ou menos todo mundo aceita.”

Edgard Cornacchione

Multiplicidade e estudos

“No escritório de contabilidade, você tem a oportunidade de fazer a contabilidade de vários segmentos: de uma casa de carnes a uma galeria de artes, de uma agência de turismo a uma casa de câmbio, passando por uma construtora. A gama de clientes é muito grande e, cada cliente, cada setor, na verdade, tem sua particularidade. É muita informação, e você se sente meio que deslocado e perdido. Mas, com o tempo, você vai sentindo que aquilo realmente é algo fascinante, a gente está em constante aprendizado até hoje. Todos os dias sai alguma notícia nova, seja de

aspecto tributário, seja de aspecto de Normas Internacionais de Contabilidade que estão por vir, cuja aplicação está próxima. Em Contabilidade, a gente não para de estudar nunca. Eu diria que atualização, assim como o próprio Conselho Regional, o Conselho Federal promovem educação continuada, isso tem que ser uma constante para todos os profissionais, não só para os auditores, não só para os contadores de mercado regulado, tem que ser para todo mundo.”

Ahmed Sameer El Khatib

Desenvolvimento de talentos



José Aparecido Maion

Nascimento:
19 de março de 1953, na
cidade de Jaú (SP)

Atividade:
contador.
Vice-Presidente de
Desenvolvimento
Profissional do CRCSP

... se você tem um talento para a Contabilidade, você tem que desenvolvê-lo. Se você passa por um processo de educação continuada, é um jeito.

Fui começar a querer fazer meu primeiro trabalho na área de Contabilidade porque eu fiz a Escola de Comércio. Em Jaú tem a Escola de Comércio Horácio Berlinck; é tradicional ainda na área contábil. Eu vim para São Paulo ajudar num trabalho de perícia, de um ex-presidente do CRCSP, que é o perito número um, José Ferraz de Siqueira Sobrinho, e esse trabalho acabou me levando para a OAB, Ordem dos Advogados do Brasil.

Você entra numa profissão naquilo que você consegue; se você se dedicar, passa a gostar. E quem gosta do que faz, vai mais longe. Então essa é a trajetória. Eu comecei com essa atividade de perito. Depois, fiz o curso na própria Álvares Penteado, de auditoria, aí fui fazer nas empresas um programa de recrutamento de estagiários, trainees. Acabei entrando em uma empresa nacional, do Américo Oswaldo Campiglia, que era uma empresa de porte, de auditoria, na época. Fui para lá, e de trainee virei sócio da empresa Campiglia.

Teve um período que o Campiglia falou assim para mim: “Olha, você vai lá para o Ibracon representar nossas empresas nacionais.” Primeiro você agradece: “Obrigado pela oportunidade.” Isso foi depois de uns três anos dentro da auditoria. Mas eu falei: “Por que eu, professor?” “É porque você sempre critica o sistema CFC, CRC, critica a Sescon, critica o Ibracon, fala que ninguém faz nada, isso e aquilo.” “Exatamente por isso: por que eu tenho que ir?” “É melhor você deixar de ser estilingue e ser um pouco vidraça. Para você vai ser bom, para a empresa vai ser bom, porque você critica, vai lá tentar fazer alguma coisa.

Se você não conseguir fazer alguma coisa, você vai criticar a si mesmo.” Então eu fui com espírito de mudança, e você passa a gostar dessas atividades, contribuir.

Eu estava vendo uma parábola, de Lucas, dos talentos. Para uma pessoa foram dados cinco talentos, ou seja, cinco dinheiros, moedas, traduzindo para hoje. Aí, passado um tempo, o senhor foi prestar conta. Para aquele que ele deu cinco, ele trabalhou esses cinco e devolveu dez, para quem ele deu dois, também devolveu mais dois, e para quem ele deu um, ele enterrou o dinheiro com medo de ser roubado, ser cobrado e ficou com aquilo mesmo. Então, se você tem um talento para a Contabilidade, você tem que desenvolvê-lo. Se você passa por um processo de educação continuada, é um jeito. Já nessa época do Evangelho existia prestação de conta. Ali surgiu o administrador, o talento. Se ele é um bom administrador, se é um bom economista, um bom contador, um bom engenheiro, se administrou bem esses recursos, você tem que pegar toda essa pérola bruta e lapidar, que é a profissão.

Como naquela historinha dos cinco talentos, se você não se dedicar a lapidar os seus, seja por oportunidade, seja por conquista, você será a pessoa que não vai atingir seu objetivo. São os talentos que você tem que aprimorar. Hoje a evolução é muito grande. Antes, o contador vivia isolado dentro de uma empresa, lá no fundo. O contador era lá bem esquecido. Hoje ele tem que participar das reuniões de tendências futuras da empresa. Então ele saiu daquele lugarzinho, foi vindo para o topo com essa evolução, ao ponto de sentar à mesa e discutir a estratégia da empresa. A nossa evolução

é transformar conhecimento cada vez mais no assessoramento e na consultoria, e não mais no registro, porque o registro quem faz é a máquina.

Para nós, dentro do sistema CFC/CRCs, o desenvolvimento profissional é uma educação preventiva no sentido de que, quanto mais capacitado você estiver, menos possibilidade de erros você tem. E é um retorno que a gente dá para os profissionais das unidades: a gente dá conhecimento. Nós não estamos obrigando ninguém a fazer, mas que a pessoa sinta que sempre tem que regar esse seu talento, porque senão ele vai sair do mercado.

Não questione e não pergunte o que o CRC faz por você, e sim o que você faz pela profissão. O contador não deve perguntar o que o CRC faz por ele, ele tem que perguntar, sim, o que ele faz pela profissão, sem se esquecer do juramento de honrar a profissão, ser ético.

E educação para a vida toda, quer dizer educação continuada, educação permanente para todas as profissões. Você tem que ter um processo de educação continuada e isso se justifica pela evolução que nós temos, somos seres mutantes, e a velocidade dessa mudança está muito grande.

Não é fácil você alterar, por exemplo, uma grade curricular. Você fica discutindo uma grade curricular em qualquer profissão cinco, dez anos, na hora em que você vai adotar, preparou todos os seus educadores, você vai pôr em prática, você sabe que o mercado já não é mais aquele. Então você tem que dar essa acompanhada. Você tem que ter um processo de educação continuada.

CONTANDO À MODA ANTIGA

DESENVOLVIMENTO DAS TÉCNICAS NA ESCRITURAÇÃO MANUAL

A escrituração manual era feita por meio de uma pena, que tinha que ser frequentemente molhada no tinteiro. O tamanho e a espessura das letras dependiam da força e do jeito daquele que escrevia, que fazia e era responsável pelo registro daquela informação. Depois da pena, as canetas tipo tinteiro passaram a ser utilizadas e existiam instrumentos como o “mata-borrão”, que ajudava para que a tinta não borrasse e também para que não sujasse os livros. Foi só depois que as canetas esferográficas passaram a ser usadas. Esse tipo de caneta proporcionava uma escrita mais uniforme. Outro tipo de material era o lápis de copiar ou o lápis de tinta.

O tamanho dos livros de escrituração contábil era enorme.

O GUARDA-LIVROS

Essa era a nomenclatura daquele profissional cuja rotina era registrar as operações contábeis, escriturar e manter os livros das empresas atualizados e com capricho. Se, por um lado, tinha o profissional que cuidava do livro, por outro, tinha aquele que se incumbia de fazer as contas, de ser o contador.

Durante o império, o guarda-livros que ganhasse 200\$000 (200 réis) ou mais e que estivesse registrado no exercício da atividade estava apto a votar, conforme Decreto n.º 6.097, de 12 de janeiro de 1876. Lembrando que nesse período o

voto não era universal, apenas homens alfabetizados e com certo número de posses podiam exercer esse direito cívico.

Quatro anos depois, a partir do Decreto n.º 4.475, de 18 de fevereiro de 1870, foram aprovados os Estatutos da Associação dos Guarda-Livros da Corte. Para exercer essa que é considerada a primeira profissão liberal regulamentada, era preciso saber Português, Francês e Caligrafia, que era uma das exigências já que, nessa época, a Contabilidade era feita à mão e, portanto, a letra daquele profissional tinha que ser boa!

Fazia parte das matérias a serem cursadas durante o curso secundário Técnico de Contabilidade: Caligrafia, Estenografia, Mecanografia e Datilografia.

O processo contábil é composto por quatro principais atividades: de reconhecimento, de classificação, de mensuração e de divulgação. Depois de coletada e de valorada, a informação é registrada nos livros oficiais para, na sequência, serem comunicadas, divulgadas. Com a implementação tecnológica, a Contabilidade se viu na obrigação de acompanhar esse processo tanto em prática de registro e geração de informações como nesse processamento de dados contábeis.

Então, muito antes da chegada dos computadores e de toda essa tecnologia de ponta acessível, conectada por meio da internet, já havia técnicas e modos de se fazer a Contabilidade que davam conta de todo o trabalho e que foram evoluindo ao logo do tempo. Essa capacidade de adaptação às novas tecnologias é

Primeiro certificado

“Como comecei a trabalhar muito menina, naquela época se tirava carteira profissional com 14 anos de idade. E aí tem uma história engraçada, porque no período de férias eu fui fazer com a minha irmã um curso de datilografia. Hoje nem existe mais máquina de datilografar. Não existia computador naquela época. Tinha que praticar com os dez dedos todas as teclas da máquina de datilografar e eles colocavam uma cobertura na sua mão para você não enxergar os teclados, então a ideia era você olhar um texto e reproduzir na máquina de escrever para ir pegando agilidade. Tinha tempo, tinha produtividade, tinha o treino dos dedos. E como a gente já sabia tocar piano, não foi tão difícil, a única coisa é que as teclas eram pesadas, o piano você flui, na máquina de datilografar você tinha que pôr um peso na



Primeiro diploma de Marcia Ruiz Alcazar

mão. Acho que foi o primeiro certificado que eu consegui! E assim começa mais ou menos a minha história.”

Marcia Ruiz Alcazar

fundamental a todos os ramos e a todas as profissões e, na Contabilidade não é diferente, as práticas estão sempre mudando para se adaptarem às novas necessidades impostas pelo aumento da complexidade do mundo e das atividades de mercado.

Mesmo com a invenção de Gutemberg lá pelos idos do século XVI, a imprensa e a possibilidade de reprodução tipográfica, ainda por muitos anos, a execução dos lançamentos de débitos e créditos e as contas foram feitas apenas manualmente. As primeiras máquinas de calcular eram rudimentares e tinham apenas as funções de adição e subtração, essas foram inventadas em 1642. Conforme foram aparecendo essas calculadoras foram sendo desenvolvidas também as máquinas de escrever.

Os sistemas mecanizados foram levados aos escritórios de Contabilidade para aumentar a produtividade e agilizar o trabalho. Além disso, a tendência de técnicas mecanizadas é de diminuir os erros humanos, possibilitando que a atividade seja feita mais rapidamente, com mais eficácia.

De todos os sistemas de mecanização, provavelmente, o primeiro a ser importado ao país foi o *hollerith*. Essas máquinas foram nomeadas segundo o inventor do método do cartão perfurado, que é usado nesse sistema para os lançamentos contábeis. A presença desse sistema foi tão marcante no Brasil que seu nome, além de representar um método de trabalho contábil, também passou a significar a comprovação do depósito do salário.

“Em 1916, o suíço Alfons Ruf inverteu a ordem dos lançamentos, efetuando o registro original no Razão” (Cosenza; De Rocchi, 2014, p.15-16), criando, assim, uma sistemática de registrar contabilmente por decalque que ficou conhecida como Sistema Ruf. Mesmo tendo sido criado para o desenvolvimento manual, esse sistema “permitia escriturar de forma simultânea várias peças contábeis, através da combinação de formulários e do uso de carbono. Com isso, poupava-se tempo

e, ao mesmo tempo, evitavam-se os erros de transcrição de contas e cifras, tão comuns na escrituração manual” (2014, p. 15-14).

Outro método mecanizado era o sistema de inserção frontal de ficha – *front feed*, que consistia em exercer a Contabilidade escrita por meio da máquina de escrever comum, adaptada. Um dispositivo especial permite a entrada das fichas onde eram lançados os dados e as informações.

Tecnologia

“Tinha o *front feed*, são máquinas que eram pesadíssimas. O primeiro computador que eu conheci era feito por ficha picotada, quer dizer, aquilo era um monstro. Hoje nós temos um computador que carregamos embaixo do

braço. Nós temos computadores que levamos na mão.”

Annibal de Freitas, in memoriam, depoimento concedido em 2001

A ficha tríplice era uma técnica brasileira que consistia em um formulário utilizado no sistema contábil maquinizado, que continha três vias, cada qual com sua especificação: a primeira via destinada ao Livro Diário, a segunda ao Razão da conta debitada e a terceira ao Razão da conta creditada. Segundo Cosenza e De

Rocchi: “O Sistema Ficha Tríplice foi um método de contabilização que permitiu aperfeiçoar a prática dos serviços de contabilidade, racionalizando e simplificando as tarefas, além de eliminar os tempos inúteis devido ao trabalho de transcrição dos registros contábeis de um livro para outro” (2014, p.22).

Em ordem alfabética

“Depois de ser office-boy, eu fui para o Departamento de Registro. Todos os contratos, cadastros, pessoa física e jurídica, tudo era feito por ficha em máquina de escrever. E você tinha que pegar aquela ficha e arquivar num arquivo enorme de aço, várias gavetas em ordem alfabética. Então a responsabilidade era muito grande, porque hoje você insere dados no

computador e ele faz a guarda disso em ordem alfabética. Mas na época você tinha que abrir uma gaveta, ficar lá com o dedinho procurando e inserir aquela ficha. A responsabilidade era grande, porque se você insere uma ficha numa ordem errada você não acha mais!”

Claudio Rafael Bifi

As cores

“A ficha tríplice era o modelo anterior ao sistema informatizado de contabilidade, onde existia uma cor rosa, uma cor amarela e a cor branca. A cor branca era a que a gente usava para fazer a transcrição para o livro diário.

Esse controle que era feito, era datilografado e aí você montava a contabilidade com base nessas fichas.”

Jair Gomes de Araújo

Com a chegada dos computadores e com o acesso à internet, esses sistemas evoluíram ainda mais, afirmando a agilidade, a automação e a eficácia

que vieram com a escrita tipográfica em substituição à escrita manual, cálculo mecânico e automatizado e a possibilidade de lançamentos simultâneos.

Buscando as diferenças

“Antigamente, o contador tinha que achar a diferença num balanço. Como era duro você encontrar uma diferença! Mas você pega prática. Eu tenho uma prática enorme de ver as diferenças, mas hoje você não tem essa problemática, porque tem planos, projetos de informática que dão tudo preciso, calculado. Folha de pagamento hoje é uma beleza para ser feita. Antigamente, era uma dificuldade, tudo à mão, na máquina de somar e na calculadora. Houve uma evolução muito grande!”

Sergio Roberto Monello

Mesa vazia

“Eu acho que a Contabilidade acompanhou o mundo. O mundo nessa última geração andou muito em relação ao que era no passado. Essa geração teve a oportunidade de sentir todas as mudanças, desde o telefone no disco, até o celular. A evolução foi muito rápida e permitiu concentrar tudo isso numa geração só. A gente tem a satisfação de ter participado de todo esse processo. Os processos eram praticamente artesanais; hoje é um processo eletrônico, em que o contador não precisa mais transcrever, ele só dá um comando no computador, que o livro é produzido. O que mudou hoje em toda a parte tecnológica: se você olhar no escritório do passado tinha muito carimbo, tinha muito papel, máquina de escrever, muitos formulários. Era um arsenal de trabalho que hoje foi enfiado dentro de um computador, de um sistema. A mesa ficou vazia, você praticamente tem o computador a sua disposição.”

Jair Gomes de Araújo

Do passado para o futuro

“Você ia a uma empresa, fazia um pedido, o cara ia ver na produção, aquilo demorava muito. Então você utilizava a Contabilidade para contar a história do passado. O meu sistema de informação contábil era para eu ratificar se deu certo tudo que eu fiz, mas com uma defasagem grande, de um mês, dois meses, seis meses. Hoje não, eu utilizo o sistema de informações para a tomada de decisões presentes e futuras. Eu projeto o resultado porque o sistema me faz isso. A evolução é muito grande, porque tenho condições de pegar tudo o que aconteceu em um mês e projetá-lo para seis, para 12, para 20, e acompanhar em tempo real se aquilo está ocorrendo para você fazer mudanças de rumos. Então a Contabilidade hoje, a gente a usa mais de forma provisional.”

José Aparecido Maion

HOMENAGENS

As medalhas, ao longo do tempo de existência do CRCSP, mostram-se importantes e expressivas formas de reconhecimento do trabalho destacado, desenvolvido em favor das atividades contábeis por mais de dez anos de exercício da profissão.

A Ordem do Mérito Contábil foi instituída a partir da plenária de 12 de dezembro de 1994 e compreende as seguintes medalhas (Resolução CRCSP n.º 479/1994):

FREDERICO HERRMANN JUNIOR

– àquele que se distinguir na doutrina e pesquisa da ciência contábil ou que tenha defendido, com distinção, dissertação de mestrado ou tese de doutorado em instituições de pesquisa ou de ensino contábil de reconhecida reputação.

HORÁCIO BERLINCK

– àquele que se distinguir na área acadêmica, no exercício do magistério do segundo ou do terceiro grau da ciência contábil, ou área correlata, por mais de dez anos.

FRANCISCO D'AURIA

– àquele que se distinguir como autor de obra didática de Contabilidade ou de cunho científico contábil, de reconhecido valor.

PEDRO PEDRESCHI

– àquele que se distinguir e tenha obtido projeção na militância da profissão contábil, por mais de dez anos, ou liderança da classe, inclusive no setor público ou sindical na área da Contabilidade, Administração Financeira e Gerencial ou Contabilidade Pública.

ERNANI CALBUCCI

– àquele que se distinguir como contabilista e também como artista, poeta, escritor, intelectual, ou nas artes plásticas ou em letras.

JOAQUIM MONTEIRO DE CARVALHO

– destinada a agraciar o profissional da contabilidade que por seu trabalho e dedicação tenha se distinguido ou obtido projeção na militância da profissão contábil, quer na liderança da classe em associação profissional, em sindicatos, em entidades contábeis, ou em atividades nos setores públicos, político ou privado (Resolução CRCSP n.º 520/1995).

PROFESSOR HILÁRIO FRANCO

– destinada a agraciar o profissional da contabilidade que se distinguir na doutrina e pesquisa da ciência contábil ou tenha defendido, com distinção, dissertação de mestrado ou tese de doutorado em instituições de pesquisa ou na área do ensino contábil ou com a autoria de obras literárias na esfera da Contabilidade. (Resolução CRCSP n.º 758/2001).

Todas essas medalhas seguem um padrão e são cunhadas em bronze, em formato circular, tendo ao centro a efigie de um dos patronos. No reverso, esculpido ao centro, o símbolo do caduceu.

Reconhecimento do CRCSP

“Uma das coisas que mais me orgulha e que eu escrevo – a gente tem o currículo Lattes, o acadêmico, e tem um currículo menorzinho, que é um biography, que é bem pequenininho, e eu faço questão de deixar nesse pequenininho – é que eu recebi uma premiação aqui do Conselho, que é a Medalha Frederico Herrmann Jr. Eu realmente me senti muito importante nesse reconhecimento. Eu julgo que a aproximação aconteceu, eu estou sempre à disposição, gostaria até de contribuir mais. Eu recebi um telefonema do [Cláudio Rafael] Bifi e ele perguntou se eu tinha compromisso para o dia tal, 11 de maio.

“Bom, pera lá, eu preciso ver minha agenda”, me pegou assustado: ‘O que é?’ Aí ele falou. Nossa, eu fiquei muito emocionado, muito emocionado mesmo! Porque eu me sinto, na medida das minhas limitações, fazendo uma série de ações para aproximar o Conselho e a Academia e, de repente, você vê uma situação como essa, é como se fosse assim: olha, aparentemente alguém está vendo que a gente está fazendo coisas, que a gente está ajudando a área a se valorizar. Eu fiquei muito emocionado!”

Edgard Cornacchione

Agradecido

“Eu sempre tive grandes amigos que foram dirigentes do CRC, ex-auditores, colegas do mundo profissional, eu sempre tive um relacionamento não muito próximo, mas sempre amistoso. Aqui tinha eventos, tinha solenidades e eu sempre procurava atender quando esses amigos convidavam. Há uns dez

anos, eu recebi uma honraria, fui agraciado com a medalha Hilário Franco pelo CRC São Paulo, numa convenção dos profissionais em Santos. Foi uma honraria que muito me alegrou, muito me satisfez.”

Nelson Carvalho

Motivação extra

“Você sempre trabalha e não pensa muito nisso, mas receber as medalhas é um momento importante, é um reconhecimento dos pares e o reconhecimento dos pares é muito bacana, porque é um pouco diferente de ser reconhecido em casa. O reconhecimento sempre é legal, tanto da parte do órgão que reconhece como da parte do homenageado também

é muito bacana. Dá um estímulo para que você possa produzir mais, fazer mais. Essas medalhas que recebi estão expostas lá no meu escritório, onde eu trabalho. Sempre que eu dou uma olhadinha, lembro, isso me motiva a trabalhar!”

Jair Gomes de Araújo

Uma especial

“Eu recebi várias medalhas. A Pedro Pedreschi é uma medalha oficial do Conselho, que anualmente algumas pessoas que se destacaram na profissão receberam. O Pedro Pedreschi foi um dos líderes do passado, foi presidente do Conselho, e todo mundo se sente

orgulhoso de receber uma medalha desse tipo, porque é o reconhecimento de uma atividade, o reconhecimento de uma participação. É sempre bom você ter reconhecimento.”

Claudio Filippi

DIVERSIDADE



Neste capítulo, iremos mostrar a parte mais importante da Contabilidade: as pessoas. Quem leva a Contabilidade como missão faz isso por toda a vida, e é por isso que as gerações se encontram e trabalham juntas, de uma maneira que é muito construtiva. Gêneros também se encontram, enriquecendo a dinâmica do trabalho. Tudo isso faz com que muitos desafios sejam enfrentados no embate da multiplicidade, positivo, quando diferentes formações e visões de mundo se congraçam a favor e no desenvolvimento de uma profissão.

Como vimos, a Contabilidade passou por grandes mudanças de legislação, que contribuíram e favoreceram mudanças sociais. É um ciclo: a Contabilidade incita a transformação da sociedade e vice-versa.

Por isso, o perfil do profissional da contabilidade foi se alterando ao longo do tempo, indo cada vez mais para uma formação mais abrangente, mais humanista e inclusiva, cada vez mais se abrindo para o mundo.

Tudo o que aconteceu na Contabilidade se deve à atuação das pessoas, os profissionais dedicados que merecem ter suas vozes ouvidas como uma forma de celebrar o que já foi alcançado e deixar o registro para aqueles que virão.

SER CONTADOR

“O lado pessoal: para mim é a paixão. Contabilidade é tudo que eu sei fazer. Contabilidade são perspectivas de futuro. Num sentido mais estrito, Contabilidade é um sistema, um grande sistema de informação. O controle das contas das empresas, seja ela pública ou privada, obrigatoriamente, passa nas mãos de um contador. O contador é o piloto do avião. Ele tem a visão de todo o mapa que o cerca, de todas as variáveis, seja chuva, seja tempestade, que afetam ali a rota do avião. Então a Contabilidade realmente tem um papel mais do que importante e cada vez mais as pessoas estão percebendo isso. A Contabilidade não é mais um mera guarda-livros, mas um apoio à autoadministração, à sociedade. A Contabilidade tem um papel cada vez mais importante como sendo um prestador de contas para a sociedade. É uma profissão empolgante para quem se encaixa nela, porque isso é natural. É muito difícil encontrar alguém que sonhe em ser contador desde pequeno. Mas as coisas vão se encaixando e naturalmente você é posto nas Ciências Contábeis.”

Ahmed Sameer El Khatib

FUGINDO DO ESTEREÓTIPO

“A figura do contador foi por todo esse tempo massacrada pelas regras tributárias, pelo sistema de correção monetária, pelas obrigações acessórias impostas pela Receita Federal, pela Receita Estadual, pela Receita Municipal. Ele foi se afastando da sociedade e foi aparecendo para as pessoas como uma figura exótica e perdendo o glamour. Um cozinheiro hoje tem um baita glamour, todo mundo quer ser cozinheiro. Trabalha-se em pé com um tamanco desconfortável numa cozinha com 40, 45 graus de calor, e ele está ganhando o quê? Um salário mínimo e meio, mas ele sai dali e fala para a namorada: “Eu sou chef de cozinha!” E ela lhe dá um beijo. Outro sujeito sai: “Eu sou um contador.” Ela fala: “O quê?” Aí, então, ela foge. Ela foge porque a imagem que se tem dele é estereotipada, de uma figura que não existe mais. Agora, o contador é outro cidadão, um cidadão do mundo, um cidadão que participa das mudanças, que conhece as regras internacionais, que vive as empresas.”

Antoninho Marmo Trevisan

O PERFIL DO CONTADOR AO LONGO DA HISTÓRIA

Como vimos nos capítulos anteriores, a Contabilidade sempre foi fundamental para o desenvolvimento das sociedades. Desde a Antiguidade, no Egito, em Roma, a Contabilidade ficou nas mãos de homens que tinham grande prestígio social devido às atividades desenvolvidas, que envolviam uma técnica especial e, principalmente, alfabetização.

Conforme os séculos se passaram, o perfil do profissional da contabilidade foi se transformando com as sociedades. As exigências são diferentes. A figura do guarda-livros se transformou no profissional da contabilidade moderno, voltado cada vez menos para uma prática tecnicista e cada vez mais para uma prática humanista.

O profissional da contabilidade tem uma preocupação cada vez maior em deixar o seu papel claro para a sociedade, que, apesar de tê-lo em seu meio há tantos séculos, ainda não entende muito bem a sua importância. Muito se discute

sobre isso e a função das entidades é fundamental, afinal são ambientes de encontro de pessoas e ideias, onde o futuro é construído e desenhado a cada novo debate.

Além disso, o mundo está cada vez mais integrado, as distâncias cada vez menores. Com o advento da informática e da internet, as informações chegam de todos os lugares em tempo real e isso se reflete também no trabalho dos profissionais da contabilidade. Aquele guarda-livros que ficava na empresa praticamente escondido, voltado apenas para a empresa e sem abertura para a sociedade, deu lugar a um profissional dinâmico, que precisa entender muito bem dos mais variados assuntos. O trabalho desse novo profissional está cada vez mais incluindo a sociedade por meio dos relatórios divulgados para o público.

A própria sociedade exige cada vez mais, preocupada com a saúde financeira individual, das instituições e, em última instância, de seu país. Isso torna a

A figura do guarda-livros se transformou no profissional da contabilidade moderno, voltado cada vez menos para uma prática tecnicista e cada vez mais para uma prática humanista.

Diferença a cada cliente

“O fato de trabalhar numa organização contábil traz uma expertise que mesmo que você entenda do assunto técnico, por exemplo, sobre imposto de renda, a forma como você aborda o cliente indústria é uma, o publicitário é outra, o médico é outra... O assunto pode ser tratado de 'n' formas,

de acordo com o cliente com quem você está se relacionando. Mais do que conhecer Contabilidade ou questões físico regulatórias, a gente tem que conhecer o negócio do seu cliente, para falar a mesma linguagem.”

Marcia Ruiz Alcazar



Já se pode ver a diversidade na formação das Comissões do CRCSP

Contabilidade um meio muito poderoso de fazer a sociedade mais justa, na medida em que trabalha em nome da transparência e da legalidade, sendo fiscalizada pelos Conselhos Regionais e Federal. As exigências do século XXI já haviam sido previstas nos anos 90, conforme escreve o Professor Hilário Franco¹:

“A globalização da economia e das relações internacionais determina, indubitavelmente, o progresso ou retrocesso das nações no século XXI, influenciando não somente na economia, mas também na própria cultura dos povos. Vencerão o desafio da competição internacional aqueles que estiverem mais preparados para enfrentá-los, isto é, aqueles com melhor formação cultural e técnica. A cultura humanística

será a base de todo desenvolvimento e a preparação técnica, representada por treinamento e atualização de conhecimentos, será condição *sine qua non* para a competição eficiente no campo econômico e profissional.”

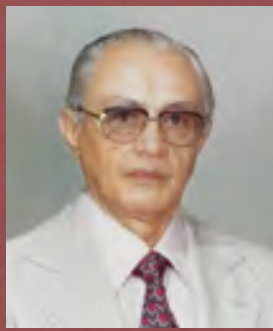
Além disso, a Contabilidade não está apenas nas mãos de homens, mas também nas mãos de mulheres. Essa mudança foi acontecendo gradualmente, conforme a própria sociedade foi se alterando, de acordo com as lutas por direitos femininos.

Dessa maneira, podemos ver que não existe uma imagem do contador, mas diversas facetas, diversos rostos diferentes que trabalham em prol do profissionalismo, da ética e das boas práticas contábeis.

A Contabilidade não está apenas nas mãos de homens, mas também nas mãos de mulheres.

¹ - FRANCO, Hilário. *A contabilidade na era da globalização*. São Paulo: Atlas, 1999. p. 23

Hilário Franco (1921-2000)



Hilário Franco

Diplomado contador pela Escola de Comércio Álvares Penteado em 1943, Hilário Franco foi professor, pesquisador e autor de grandes obras, como *Fundamentos Científicos da Contabilidade*. Além de contador, era administrador e economista. Presidiu o Sindcont-SP nos anos de 1955 e 1956 e lá recebeu o título de “Contabilista

Benemérito” em 1971. Em seu nome, pelo Sindcont-SP, foi instituído o Prêmio Hilário Franco. O CRCSP o homenageia com a Medalha Professor Hilário Franco, destinada a reconhecer os profissionais da contabilidade que se destacarem na doutrina e pesquisa da Contabilidade. O teatro da sede do CRCSP tem o seu nome.

Profissão do século XXI

“Contador é, no estereótipo da maioria das pessoas na década de 1960, aquele que era incapaz de ser simpático. Entrava na empresa de manhã e, quando encontrava o presidente, em vez de dar uma boa notícia, falava: ‘Olha, a Receita Federal nos autuou hoje.’ Um cara totalmente pessimista. Essa era a visão que as pessoas tinham do contador. Viseira e aquele lápis escrevendo. Era uma visão de escriturário, no fundo. Isso demorou muito para mudar. Eu não saberia assegurar se mudou totalmente ainda. Nos Estados Unidos, as três profissões mais badaladas e mais bem remuneradas são: advogado,

médico e contador público certificado. Aqui, a maioria dos contadores vem de famílias simples, pouco abastadas. Até recentemente, o grau cultural do contador era muito baixo. Por quê? A gente tem que sustentar a família. Porém, eu acho que hoje, principalmente, com a internacionalização da Contabilidade, pelo menos profissionalmente, nós demos um passo gigantesco. Eu não teria dúvida em dizer que a nossa profissão é a profissão que vai ser grande líder do final do século XXI.”

Sergio de Iudícibus

é um gestor, porque ele não está falando lá de crédito, débito, não. Ele está orientando. Com esse desenvolvimento, com essa mudança, tudo cresceu: o Conselho, as entidades, todos cresceram. E o contador saiu de trás dos livros e mostrou como é importante seu trabalho. Eu sou formada, nem exerço a profissão, mas sinto, em todos os locais a que vou, que a profissão é especial. Todo mudo precisa de um contador!”

Marlene Pasquinelli

Mostrando seu valor

“O contador só vivia atrás de livros, fazendo contas. Era o meu caso. A gente tinha alguns periódicos, por exemplo, o IOB que nos orientava nas mudanças, porque, naquela época, a lei de noite era uma coisa, de manhã era outra. Então a gente lia só o que interessava para a profissão e era trabalhar de manhã, de tarde e de noite. Com a informatização, a Contabilidade e o contador mudaram muito. O contador deixou de só executar. Agora, eu vejo o contador como um gestor. Um contador que tem um escritório de contabilidade, na realidade,

Independentemente de ser mulher

Minha mãe achava que eu queria ser professora. Acho que ela estava certa, porque eu sou professora. Sempre gostei muito de ensinar; não tinha muita noção do que eu ia fazer quando criança, mas defini muito cedo que queria ser contadora. Eu já sabia que gostava do mundo dos negócios, por isso eu tinha dúvida entre Economia, Administração e Contabilidade. A Contabilidade pode ter uma visão muito mais ampla do negócio, um conhecimento muito maior do negócio.

Sou uma pessoa extremamente racional, determino quais são meus objetivos para poder seguir. Na faculdade, eu já me encantei com os professores falando dos cursos de mestrado, doutorado e da possibilidade de lecionar Contabilidade, então, eu já tinha como objetivo fazer mestrado e doutorado.

Fui trabalhar como contadora de uma escola. Com poucos meses trabalhando, faltou um professor na faculdade recém-criada de Contabilidade e meu chefe falou: “Você não quer ir lá dar aula?” Eu entrei na sala de aula e nunca mais saí, porque eu amei aquele negócio de dar aula de Contabilidade!

A maioria dos contadores são homens. Em todos os lugares no mundo dos negócios, a maioria é homem. E eu não quero ter um sucesso profissional porque eu sou mulher, eu quero ter sucesso profissional independente de ser mulher. Homem e mulher são bichos diferentes, a gente tem visões diferentes às vezes da mesma coisa, é um complemento. E as pessoas têm

comportamentos diferentes, então isso é um grande acréscimo em qualquer área. A gente pode crescer no intelecto quando você dá essa oportunidade.

Quando você tem ideias diferentes sobre o mesmo assunto, ou vai dar conflito, ou vai dar um resultado excelente. Se você é muito boa em Comunicação e eu sou muito boa em Contabilidade, olha que coisa legal, a gente pode comunicar a informação contábil de uma forma muito melhor! As expertises ajudam, elas se complementam.

As instituições têm que parar para pensar: será que estamos dando as oportunidades para as mulheres como deveríamos? Essa é a elucubração que as instituições têm que fazer. Na hora de montar a chapa que vai para uma eleição: será que a gente está montando de forma igualitária? Nós temos muito mais homem do que mulher, será que tem muito mais homens do que mulheres no mercado de trabalho, com capacidade para assumir isso? “Mas esses homens já construíram há muito mais tempo.” Lógico! Você tem homens que começaram na profissão – se ele tem 70 e eu tenho 50 – 20 anos antes de mim e 20 anos antes de mim só tinha homem, então é por isso que mais homens têm mais tempo de atuação na profissão do que mulher e têm que ser levado em consideração os resultados que as mulheres obtiveram a partir do momento que passaram a ter espaço. Ainda tem mais homens do que mulheres mas, em geral, está um pouco mais equilibrado.



Marta Pelucio

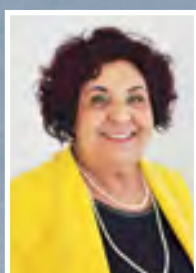
Nascimento:
30 de junho de 1968, na cidade de Marília (SP)

Atividade:
contadora

Sou uma pessoa extremamente racional, determino quais são meus objetivos para poder seguir.

Eu não quero ter um sucesso profissional porque eu sou mulher, eu quero ter sucesso profissional independente de ser mulher.

“Sonhar é preciso!”¹



Celina Coutinho

Nascimento:
14 de março de 1943, na Usina Itaiquara, município de Tapiratiba (SP)

Atividade:
profissional da contabilidade e advogada. Vice-Presidente de Registro do CRCSP, na gestão 2008-2009

Morei em uma rua próxima da Pontifícia Universidade Católica e achava a escola maravilhosa, muitas vezes entrei na capela e fiquei lá sonhando em ser uma universitária.

Meu pai, Antonio Felix Coutinho, era lavrador e aprendeu o ofício de cozinheiro, responsável pela transformação do melado de cana-de-açúcar em açúcar cristal.

Minha mãe Maria Esteves Coutinho, faleceu ao dar à luz um irmão mais novo, quando eu tinha três anos de idade. Então, meu pai foi meu pai e mãe, fui criada pelos meus avós paternos sempre com a assistência de meu amado pai.

Fiz o curso primário no Grupo Escolar Rural da Fazenda Itaiquara, terminei com 11 anos de idade e, para continuar os estudos, era necessário que os pais tivessem condições financeiras para sair da fazenda e estudar na cidade próxima, coisa que não pude fazer. Acho que meu pai nem pensou nessa hipótese, pois não tinha condição.

Vim para São Paulo aos 15 anos de idade morar com uma tia, na casa dela fazia o serviço doméstico inclusive cozinhava.

Morei em uma rua próxima da Pontifícia Universidade Católica e achava a escola maravilhosa, muitas vezes entrei na capela e fiquei lá sonhando em ser uma universitária.

Meus primos precisaram de aulas particulares que eram ministradas por um professor da Fecap. Este professor transformou minha vida aconselhando que eu voltasse aos estudos e afirmando que eu tinha condições de aprender uma profissão. Foi então que fiz um curso de três meses de admissão para o ginásio no Colégio Comercial Vitor Viana e escolhi fazer um curso que tinha as matérias prática de comércio e prática de escritório com

¹ - Entrevista encaminhada por e-mail.

noções de contabilidade. Em 10 de março de 1966, recebi meu diploma de “Auxiliar de Escritório”.

Apaixonei-me pelo débito e crédito (que não entrava na cabeça da maioria dos alunos)! Nessa mesma escola, fiz o curso Técnico em Contabilidade e, quando o professor de Contabilidade faltava, eu aproveitava para passar com meus colegas a matéria que eu tinha muita facilidade em aprender.

Fiz o curso de Direito e escolhi a Pontifícia Universidade Católica por motivos óbvios.

Meu primeiro trabalho foi como professora de datilografia no Colégio Comercial Vitor Viana onde estudei (fui convidada para dar aulas antes de terminar o próprio curso), e dar aulas onde eu estudava foi tudo de bom, pois, além do salário, eu ainda estudava de graça!

Minha experiência profissional foi muito gratificante. Trabalhei em uma empresa multinacional onde a Contabilidade era a menina dos olhos e qualquer decisão era tomada com base nos relatórios contábeis. Em todas as reuniões de vendas a concorrência estava difícil, a gerente contábil sempre pôde contribuir, observando as propostas e opinando para tornar mais atraente as condições de vendas.

Mas foi graças ao trabalho nas entidades contábeis que eu aprendi a participar e contribuir para o bem comum. Antes, ganhava e gastava dinheiro, agora eu penso nas pessoas e acredito que esse é o segredo da felicidade: vivermos rodeados por quem gostamos, porque quando você semeia amor, colhe amor. A vida tem altos e baixos, mas, fazendo o balanço, a gente sai ganhando!

MULHERES NA CONTABILIDADE

Historicamente, o mundo da Contabilidade era dominado por homens. Isso se devia às relações sociais de gênero estabelecidas ao longo do desenvolvimento humano. Os homens sempre foram mais voltados para o trabalho fora do lar e as mulheres, dentro do lar.

O século XX foi um ponto de virada para essas relações, marcado pelas reivindicações femininas por mais direitos e uma participação ativa na sociedade. Para se ter uma ideia, no Brasil, a mulher só conquistou o direito de voto em 1932, durante o Governo Vargas. Ainda assim, só podiam votar as mulheres casadas, com autorização de seus maridos, ou as viúvas que tivessem renda própria. O direito do voto só foi estendido a todas as mulheres em 1946, no Governo Dutra.

Isso mostra que a emancipação feminina é um tema muito recente, mas que está ganhando cada vez mais força ao longo dos anos. Na Contabilidade não é diferente. O CRCSP foi criado no ano de 1946, junto com o direito de todas as mulheres votarem. Um ano depois, em 1947, sob o número 67, foi registrada a primeira mulher profissional da contabilidade no CRCSP.

Seu nome era Dvoira Nudelman, uma imigrante romena, que chegou ao Brasil em 1932 e era conhecida como Dora ou Dorinha, devido à peculiaridade de seu nome original, difícil de pronunciar no Brasil. Aos 15 anos, começou a estudar na tradicional Escola de Comércio Álvares Penteado e se formou contabilista. Conheceu Moisés, seu marido, em uma fábrica de aparelhos elétricos

onde trabalhavam. Juntos, abriram um escritório de contabilidade no Bom Retiro, de onde tiraram o sustento da família.

Ao longo do tempo, podemos ver que a atuação da mulher no campo da Contabilidade só tem aumentado, tornando-se hoje uma grande força a ser cada vez mais respeitada.

O século XX foi marcado pelas reivindicações femininas por mais direitos e uma participação ativa na sociedade.



Primeira profissional mulher registrada, Dora Nudelman, CRCSP número 67



José Donizete Valentina

Nascimento:
5 de maio de 1965, na
cidade de Campinas (SP)

Atividade:
empresário da
contabilidade.
Vice-Presidente de
Fiscalização, Ética e
Disciplina do CRCSP

Prerrogativas iguais¹

Como tive início na profissão contábil aos 12 anos, sempre tive contato profissional com a contabilidade em suas mais diversas áreas, desde o mais básico como os serviços de rua e mais gerais no escritório, até a área fiscal, a área de departamento de pessoal, a societária e a contábil, somente depois de tudo isso é que ingressei na área da auditoria.

Uma vez que conheci a minha esposa através da contabilidade – ela também é uma profissional da contabilidade – sempre tive esse exemplo dentro de casa: vejo que a mulher possui muito mais determinação, paciência e investe muito mais onde trabalha, tendo se adaptado muito bem à profissão contábil. Por mais espaço que a mulher ainda tenha que conquistar no mercado de trabalho, vejo que uma das áreas que ela conquistou com certeza foi a contábil.

O que muda principalmente é o fato de que as mulheres investem muito mais do que os homens em um relacionamento, sendo que uma empresa não deixa de ser uma forma de relacionamento, pois elas possuem maior equilíbrio emocional e envolvimento, além da paciência e garra para trabalhar. Até 1964, a mulher precisava de autorização do pai ou do marido para trabalhar fora de casa e hoje ela já ocupa papéis de destaque em muitos segmentos profissionais e principalmente na Contabilidade, uma mudança social significativa e que indica que em poucos anos nossa profissão terá um número maior de mulheres do que de homens. Mas considero um retrocesso, a sociedade focar no gênero e não na competência, pois entendo que tanto homens como mulheres devem ter os mesmos direitos e prerrogativas, não podendo haver distinção em nenhum aspecto, quer seja econômico, profissional ou social.

¹ - Entrevista encaminhada por e-mail.

VERSÃO ACUMULATIVA						
PERÍODO	REGISTROS CONCEDIDOS			AINDA ATIVOS		
	MASC	FEM	TOTAL	MASC	FEM	TOTAL
Até 1950	16.061	830	16.891	543	19	562
Até 1955	25.194	1.561	26.755	1.162	40	1.202
Até 1960	33.633	2.280	35.913	1.874	58	1.932
Até 1965	43.499	3.466	46.965	3.090	114	3.204
Até 1970	60.923	6.046	66.969	5.886	301	6.187
Até 1975	79.568	9.364	88.932	9.721	691	10.412
Até 1980	98.411	14.242	112.653	14.770	1.464	16.234
Até 1985	113.019	19.571	132.590	20.142	2.858	23.000
Até 1990	131.524	29.138	160.662	28.115	5.981	34.096
Até 1995	146.154	38.067	184.221	35.955	9.913	45.868
Até 2000	165.085	53.361	218.446	47.782	17.868	65.650
Até 2005	181.329	69.316	250.645	59.394	27.865	87.259
Até 2010	199.978	91.321	291.299	74.503	44.573	119.076
Até 2015	212.917	106.746	319.663	86.638	58.772	145.410
Até 31/10/2016	215.260	110.171	325.431	88.973	62.181	151.154

VERSÃO POR PERÍODO						
PERÍODO	REGISTROS CONCEDIDOS			AINDA ATIVOS		
	MASC	FEM	TOTAL	MASC	FEM	TOTAL
1947 a 1950	16.061	830	16.891	543	19	562
1951 a 1955	9.133	731	9.864	619	21	640
1956 a 1960	8.439	719	9.158	712	18	730
1961 a 1965	9.866	1.186	11.052	1.216	56	1.272
1966 a 1970	17.424	2.580	20.004	2.796	187	2.983
1971 a 1975	18.645	3.318	21.963	3.835	390	4.225
1976 a 1980	18.843	4.878	23.721	5.049	773	5.822
1981 a 1985	14.608	5.329	19.937	5.372	1.394	6.766
1986 a 1990	18.505	9.567	28.072	7.973	3.123	11.096
1991 a 1995	14.630	8.929	23.559	7.840	3.932	11.772
1996 a 2000	18.931	15.294	34.225	11.827	7.955	19.782
2001 a 2005	16.244	15.955	32.199	11.612	9.997	21.609
2006 a 2010	18.649	22.005	40.654	15.109	16.708	31.817
2011 a 2015	12.939	15.425	28.364	12.135	14.199	26.334
Até 31/10/2016	2.343	3.425	5.768	2.335	3.409	5.744

Futuro cor de rosa

“Na última década, o número de mulheres que ingressaram na profissão cresceu 80%, 83%. É bastante agressivo o percentual de crescimento de ingresso de mulheres na profissão. As mulheres também ganham dos homens na aprovação do Exame de Suficiência, talvez porque exista uma predominância,

nas academias, de mulheres se formando. Se esse ritmo continuar, estima-se que em um curto espaço de tempo, talvez em 2020, 2025, as mulheres vão ser maioria absoluta no exercício da nossa profissão.”

Marcia Ruiz Alcazar

De pai para filha



Lilian Ricci Ghizzi

Nascimento:
28 de março de 1958, na cidade de Campinas (SP)

Atividade:
empresária da contabilidade .
Delegada Regional do CRCSP Campinas

Eu tinha vontade de ser o que meu pai era. Meu pai sempre foi uma estrela, sempre o admirei muito.

O meu pai, Leonildo Ghizzi, foi delegado do CRCSP em Campinas por 35 anos. Foi por meio dele que eu conheci a história do CRCSP, porque eu já vinha com ele ao Conselho antes de nem imaginar que seria delegada.

Eu tinha vontade de ser o que meu pai era. Meu pai sempre foi uma estrela, sempre o admirei muito. Naquela época, eram pilhas e pilhas de Declarações de Imposto de Renda para conferir; ele fazia tudo à mão. Um dia, eu falei: “Pai, acho que eu quero ser contadora.” “Não, menina, não é profissão de mulher, você vai fazer outra coisa, deixa que eu sou o homem da casa. Pode achar outra profissão.” Eu devia ter uns 15, 16 anos. E eu me formei professora e cheguei a dar aula muito tempo. Só que os caminhos me levaram para o escritório.

De pequeninha, eu me lembro do meu pai trabalhando muito e de eu indo ao escritório dele, sentando na máquina de escrever, querendo datilografar, fiz curso de datilografia e ficava lá mexendo em papel. Era uma coisa linda mexer em papel e tinha muito papel naquela época!

Meu pai sempre foi muito atuante em relação às atividades do Conselho. Eu me lembro dele pegando o carro: “Olha, hoje eu vou pra São Paulo” e a gente vinha junto. O CRCSP tinha outra sede, então ele deixava a gente ali perto, eu, minha mãe e meus irmãos e ia para o CRC: “Vou fazer tal serviço, termino daqui a tanto tempo, aí vocês me encontram aqui.” Para a gente, era o auge vir para a capital! Campinas era interior. Hoje, já é uma cidade muito

grande e pertinho, mas naquela época, era uma viagem gostosa.

Ele saía do CRC e a gente ia para o cinema assistir aos filmes que às vezes nem iam pra Campinas, ia comer bauru, que era o sanduíche da época, e fazia um tour ali pela Praça da República, Sé e o Viaduto do Chá. Isso ficou muito marcado. A gente sempre compartilhou isso.

Eu comecei a trabalhar com meu pai faz 20 anos. Primeiro, eu me formei no Técnico em Contabilidade, que eu precisava para ajudá-lo a assinar os balanços. Aí, em 2000, eu estava me sentindo livre: “Agora eu vou deslanchar.” Eu entrei no escritório, no operacional, departamento pessoal, fui indo, fui indo, passei por todos os departamentos. Comecei a frequentar curso, paralelo a isso. Trabalhava, sempre trabalhei muito na minha vida. Até que meu pai, em 2005, ou 2004, não me lembro, deixou de ser delegado. Ele achava que seria delegado para o resto da vida.

No escritório, fui entrando no meio de cliente, que eu tenho uma postura totalmente diferente da dele em administração, é minha característica ser tipo professora mesmo, muito didática, de explicar, chamar, conversar, mandar e-mail todo detalhado. Aí entrou outro delegado regional em Campinas, passaram uns seis, sete anos, mais ou menos, até que eu fui indicada para ser delegada, na gestão do Sergio Prado de Mello.

O Sergio ligou para o meu pai e falou: “Olha, a Lilian foi indicada para ser a delegada.” Meu pai não se continha de alegria! Foi uma coisa muito linda!

A gente tem muitas funções. Campinas, depois da capital, é a maior delegacia, concorre com Osasco, que tem bastante gente, mas é da Grande São Paulo. Campinas tem muitos profissionais, a representatividade ali do Conselho é muito grande.

A minha presença é primordial ali para representar o Conselho na cidade e essa presença é uma responsabilidade muito grande. Além de eu adorar o que faço, tenho que tomar cuidado com o que falo, com a minha postura, com a minha apresentação. Em relação ao CRCSP, sempre mantenho uma postura muito firme, ao mesmo tempo, muito acolhedora. Essa é minha característica, não tem jeito.

Eu procuro sempre não decepcionar o Conselho. Então, quando solicitada, eu largo tudo que estou fazendo para atender ao pedido; dessa forma, eles veem que sempre podem contar comigo. Uma vez que eu sou a representante deles, não adianta deixar para depois.

É totalmente diferente o que fazia meu pai do que nós, delegados, fazemos agora. No tempo do meu pai, não existia internet, não existia nada, então, qualquer coisa que ele precisava, ele tinha que se deslocar. Hoje, não. Nossa comunicação é muito mais estreita. Eu me sinto aqui dentro. A delegacia está lá, os encargos que eu tenho estão lá, mas eu sinto que estou aqui, dentro do Conselho, que eu estou falando daqui de dentro, tamanha a ligação que eu tenho com todo mundo aqui.

De pequeninha, eu me lembro do meu pai trabalhando muito e de eu indo ao escritório dele, sentando na máquina de escrever, querendo datilografar...

O Sergio ligou para o meu pai e falou: “Olha, a Lilian foi indicada para ser a delegada.” Meu pai não se continha de alegria!

A minha presença é primordial ali para representar o Conselho na cidade e essa presença é uma responsabilidade muito grande.

Empoderamento



Camila Pereira Boscov

Nascimento:
25 de maio de 1982,
na cidade de
Santo André (SP)

Atividade:
professora de
Contabilidade.

Meu pai trabalhava, minha mãe era dona de casa, então eu sempre fui protegida pelos meus pais. Eu sempre só estudei, a minha visão de mundo era a minha escola. Eu estava em dúvida em relação às profissões ligadas a trabalhar em empresa: Administração, Economia, Contabilidade, Direito. Eram essas as minhas dúvidas. Mas, na palestra do [José Roberto] Kassai, o que eu achei interessante do que ele disse foi que o profissional contábil acaba aprendendo essas outras habilidades, tem aula de administração, economia, de direito. Esses outros profissionais não podem atuar como contadores, já o contador, por tirar o CRC, está habilitado a trabalhar e também aprende as expertises das outras áreas. A ideia que o Kassai vendeu no curso e eu comprei era que em Contabilidade o leque de opções é maior e isso me convenceu: “Vou me inscrever para o vestibular em Contabilidade na USP!” Logo que eu entrei na universidade, tive aula com o professor João Domiraci [Paccez], ali eu percebi que tinha feito a escolha certa!

Acabei a graduação, entrei no Banco Real e trabalhava na área de finanças. Trabalhava, mas não era feliz ali. Eu fazia o meu trabalho, era trainee, tinha um plano de carreira, de crescimento. Mas para trabalhar tem que ter as borboletas na barriga, tem que ter alguma coisa que impulse e eu não tinha. Eu até fazia as minhas coisas, mas não tinha aquele amor pela profissão. Aí eu decidi fazer o mestrado.

Continuei com as minhas tarefas de banco, fazendo o mestrado ao mesmo tempo. Só que quando você entra no mestrado, as oportunidades vão se abrindo... Um professor começa a chamar para um trabalho aqui, outro ali. Na época, o Santander ia comprar o banco, então eu achei que era a oportunidade de sair. A professora [Maria] Rosa Trombetta e a professora Silvia [Pereira de Castro]

Casa Nova estavam fazendo um projeto no eLearning da Fipecafi, iam ser umas aulas on-line porque tinha começado uma lei que mudou totalmente a Contabilidade, era 2007. Houve muitas transformações na Contabilidade. Ia ser um projeto muito grande, porque todos os contadores precisariam se atualizar sobre a nova lei e pela internet ficaria muito mais democrático o acesso. Aí eu comecei a trabalhar nesse projeto. As pessoas que assistiam aos cursos on-line mandavam e-mails com dúvidas e aí eu respondia. Esse foi o meu primeiro emprego na área acadêmica.

Terminei o meu mestrado e em seguida já emendei o doutorado, aí mais oportunidades se abriram. Eu tive também sorte porque, como essa lei mudou, impulsionou muito a profissão contábil. Essa lei sofisticou a Contabilidade e deu um pouco mais de importância ao papel do contador. Muita gente teve que voltar a estudar. Eu dei aula para o contador do banco que tinha me demitido. Ele se tornou o meu aluno. Eu tinha saído numa boa, mas foi engraçado ver o mundo dando voltas. Porque ele, embora conhecesse muito a Contabilidade, conhecia a Contabilidade antiga. Como essa lei, mudou totalmente a forma de fazer Contabilidade, as pessoas tiveram que voltar a estudar, aí ele voltou.

Eu acompanhei todas as transformações dessa nova Contabilidade, então para mim foi um pouco mais fácil. Eu sempre foquei na parte de Contabilidade financeira, meus estudos sempre foram sobre as IFRS. Na minha dissertação de mestrado eu tentei vincular os dois grandes ramos: Contabilidade Financeira e Contabilidade Gerencial. Com essas novas normas contábeis, as empresas precisaram fazer uma nota explicativa, como se fosse um relatório, as empresas passaram a divulgar informações mais gerenciais, por exemplo, a empresa precisaria dizer qual o lucro que ela



Entrega do prêmio Tese de Doutorado: Camila não pôde receber pessoalmente e seus pais o entregaram no dia do Natal

tem em cada produto, por regiões geográficas, por tipo de cliente, que eram informações que antes elas não contavam para ninguém, eram mais internas. Isso trouxe uma série de impactos na companhia. Eu acabei analisando esses impactos e essa vinculação de uma nota explicativa que é feita pela Contabilidade Financeira, mas que usa informações que são da Contabilidade Gerencial.

O meu trabalho mais legal mesmo foi o de doutorado. Como essas mudanças contábeis mudaram muito a forma de se fazer Contabilidade, o meu trabalho foi sobre as mudanças organizacionais, o que essas novas normas contábeis impactaram a vida do dia a dia da empresa. Fiz um estudo de caso em três companhias. O que eu descobri na minha tese foi que muitos profissionais passaram a estudar Contabilidade porque precisariam de informações de outras áreas, e essas outras áreas seriam impactadas pela informação contábil. Minha tese ganhou o prêmio do CRCSP como a melhor tese de doutorado, então eu vi que meu esforço tinha dado um resultado legal!

Eu tive que enviar um PDF sem identificação nenhuma porque a avaliação do Conselho é anônima para não ter nenhum vínculo. Mas sabe quando você, na correria, nem pensa

mais no assunto? Então, na hora, foi uma surpresa muito grande, eu jamais, jamais esperaria conseguir!

Infelizmente, não pude ir na premiação, mas a minha mãe foi com o meu pai e receberam o prêmio por mim. Eu não tinha visto a minha mãe e, quando eu voltei de viagem, a gente se reuniu. Já era Natal quando eu encontrei a minha mãe. Essa tese foi dedicada ao meu avô e eu também não o tinha visto. Aí tiramos uma foto atrás da árvore de Natal: o meu avô, eu e esse certificado. Foi a última vez que eu e ele tiramos uma foto juntos. Ele morreu em fevereiro. E isso me traz uma lembrança muito boa dele!

Na minha graduação, eu ganhei também um prêmio do CRC porque eu me formei como a melhor média em Contabilidade. Eles pegaram todas as disciplinas da USP e fizeram a média das médias, e a minha foi 9,1. Com isso, ganhei um prêmio do CRC como a melhor aluna da graduação em 2004. Esse prêmio da tese foi em 2014, dez anos depois. Até brincaram: “Em 2024, você tem que fazer alguma coisa!” Foi bem legal: dois prêmios do CRC, o da graduação é uma plaquinha que está na minha sala do Insper e o outro é como se fosse um diploma. Eu sou muito grata à minha profissão, aos professores que eu tive e ao CRCSP.

As pessoas que assistiam aos cursos *on-line* mandavam e-mails com dúvidas e aí eu respondia. Esse foi o meu primeiro emprego na área acadêmica.

Em processo de integração



Marcia Ruiz Alcazar

Nascimento:
8 de dezembro de
1971, na cidade de
São Paulo (SP)

Atividade:
empresária da
contabilidade.
Vice-Presidente de
Administração e
Finanças do CRCSP

Meus pais se chamam José Maria Chapina Alcazar e Cátia Ruiz Alcazar. Eles também são contadores e empresários da contabilidade. Eu tenho uma irmã, Adriana, e um irmão, o Fernando, e a família toda está na Contabilidade, está no DNA!

Meus pais se conheceram muito jovens, noivaram e casaram em nove meses. Quando minha mãe ficou grávida, meu pai decidiu sair da empresa onde ele trabalhava como contador-geral, responsável por uma indústria de caldeiras, e empreender um sonho pessoal: começar sua atividade independente, como empresário da contabilidade. Eles ficaram um pouco inseguros, tendo que vender o almoço para comprar o jantar, mas insistiram e eu já estava envolvida nesse contexto, nesse sonho, desde o momento em que fui gerada.

Meu pai sempre foi um homem que trabalhou muito e minha mãe cuidava da retaguarda, dava toda a assistência. A gente brinca que ela balançava o pé com o carrinho e datilografava com as duas mãos. E nesse meio eu fui crescendo, logo depois de um ano minha irmã chegou, então, para a gente, foi sempre muito claro esse contexto de trabalho e de muita alegria. Para a gente foi muito natural aprender a se identificar, gostar daquele ambiente. Quando chegou o momento de fazer opção de que carreira seguir, eu já sabia que eu queria ser contadora, porque eu queria ser como mamãe, queria ser como papai, ter empresa.

Com 14 anos, ganhei de presente a minha primeira carteira profissional e comecei de fato a “trabalhar” meio período. Quando completei 15 anos, já comecei com uma pequena responsabilidade no escritório: datilografar vários formulários; formulários de Imposto de Renda.

Eu comecei como office girl no escritório; eu era uma expert em andar de metrô na cidade de São Paulo, sabia exatamente a escada rolante que eu tinha que descer da estação, a porta que tinha que entrar no metrô pra andar menos nas plataformas e visitar as repartições públicas, porque eu era responsável por levar os pedidos até os fiscais pra

abertura de uma empresa ou atender a uma entrega de um documento porque, naquela época, tudo era protocolado no balcão, não tinha entrega por correio ou computador; entrega digital, eletrônica, não existia. Era tudo por papel e por carimbos.

Meu pai foi preparando os filhos numa espécie de job rotation, então eu passei por todas as áreas técnicas, porque aí eu já tinha me formado técnica em contabilidade e já tinha habilitação pra exercer a profissão: na própria área contábil, na elaboração dos balanços, das demonstrações contábeis e das questões relacionadas ao imposto de renda da pessoa jurídica; na área fiscal, aprendendo tudo de ICMS, de apuração de IPI, de ISS; depois, na área trabalhista, fazendo também tudo relacionado à folha de pagamento, controle de sindicatos, encargos sociais. Especializei-me tecnicamente nas três principais áreas críticas da Contabilidade e depois fui com a minha mãe trabalhar na área financeira. E, lá, aprendi a gerir e a saber qual era o controle necessário de produção. De forma bem resumida, essa é a trajetória da minha formação enquanto profissional da contabilidade numa empresa familiar, que aconteceu de uma forma bastante organizada e disciplinada num modelo de plano de carreira para ir desenvolvendo as capacidades técnicas na própria prática.

Hoje, eu estou como vice-presidente de Administração e Finanças do Conselho Regional de Contabilidade do Estado de São Paulo. O CRCSP completa 70 anos neste ano e eu sou a primeira contadora a ocupar essa vice-presidência. Nunca teve na história da Contabilidade no nosso estado uma contadora que ocupasse a vice-presidência de Administração e Finanças na maior instituição regulatória contábil do nosso país.

Sempre foi um ambiente muito masculino, onde tem uma exigência por competência, por força, por conhecimento. E eu busquei esse lado de me aperfeiçoar para poder ter igualdade de discussão. Se você entra fragilizada numa discussão, você não é nem ouvida. Eu sempre era desafiada. Nesse contexto do cenário do empreendedorismo,

da própria Contabilidade no Brasil, existe uma participação mais ativa da mulher, sem dúvida. Graças às nossas antecessoras, hoje eu estou aqui e consigo estar no mercado de trabalho, tendo a liberdade de votar, de administrar os meus recursos financeiros, isso é muito recente na vida da mulher contemporânea.

Eu já tinha me formado contadora; eu verticalizei muito a minha formação acadêmica e depois fui buscar fazer um curso de gestão correlacionado mais para a área de administração para não ficar tão focada só nas questões contábeis. Eu precisava entender o que era importante na gestão das empresas para melhorar a minha linguagem e a forma de prestar serviços para os diversos clientes que nós tínhamos na empresa, sempre focando a pequena e a média empresa brasileira. Quando foi lançado o Movimento da Mulher Contabilista, eu achei interessante e fui entender o que era esse movimento: “Só vão mulheres, não vão homens?” E foi uma novidade, porque eram mulheres discutindo a profissão e a gente viu que eram muitas mulheres interessadas na profissão, mas não apareciam.

Aí surgiu um movimento liderado por mulheres da Contabilidade e eu tive a oportunidade e a honra de conhecer a senhora Marta Arakaki, que é do Rio de Janeiro, a Celina Coutinho daqui de São Paulo, a Terezinha Falcão, a Vitória do Rio de Janeiro, a Constança da Bahia, são as senhoras que inspiram esse Movimento da Mulher Contabilista. E eu tenho a honra de ter como madrinha deste movimento a Terezinha Falcão, que me convidou para participar de algumas reuniões aqui em São Paulo. Eu entrei no Sistema CFC-CRCs pelo Movimento da Mulher como participante. Conhecendo como era o processo, fui começando a me interessar mais pelos eventos, a participar de convenções. Era uma jovem profissional cheia de ideias e sonhos para revolucionar a Contabilidade. Então eu comecei a aprender que não adiantava só ficar reclamando: para interferir, tem que participar. É mais ou menos como diz aquele ditado: “Água mole em pedra dura, tanto bate até que fura.” Você não vai pedir uma coisa hoje e ela vai ser alterada amanhã. Não é essa dinâmica, mas você vai pedir hoje, pedir amanhã, depois de amanhã... Uma hora

você sensibiliza um grupo que vai, eventualmente, mudar uma determinada situação. E essa minha participação política classista começou nesse movimento da mulher.

Participando do Movimento da Mulher, eu descobri o Movimento do Jovem, que nasceu em São Paulo em 2004. Eu já tinha sido convidada para participar de uma composição eleitoral no CRCSP. Quando assumi o primeiro pleito eleitoral no Estado de São Paulo, eu já tinha muita vivência profissional, porque eu comecei a trabalhar com 15 anos de idade, então, com 25, você já está com dez anos de experiência, de vivência prática, então eu conhecia muito. Acharam que eu tinha a possibilidade de contribuir com o Sistema CRC de São Paulo e me convidaram para ser conselheira efetiva. Antes eu participava desses encontros de grupos de mulheres, jovens, mas, em 2006, eu ingressei efetivamente no Conselho Regional.

E eu me interessei pela comissão do jovem e demos continuidade a um trabalho que foi iniciado na gestão de 2004, quando eu entrei na Comissão do Jovem e também na Comissão da Mulher. Na Comissão do Jovem, a gente começou a discutir um projeto de disseminar a Contabilidade nas escolas de ensino médio, porque já se percebia a deficiência de ingresso nos cursos de Ciências Contábeis. Eu tive a sorte de ter uma família que foi minha inspiração, mas como inspirar outros jovens que não têm na sua família um contador? Como a sociedade enxerga o contador? Eu sempre tive muitos amigos, amigas comentando: “O que você faz?” “Sou arquiteto.” “Você materializa sonhos.” “Eu sou publicitário.” “Você só vai às festas todas as noites.” “Você faz o quê?” “Eu sou médico.” “Nossa, eu não gosto de sangue, que aflição.” Toda profissão tem um glamour. Quando chegava a minha vez de falar: “Sou contadora!” “Mas que coisa chata! Não tinha uma coisa mais legal para você fazer?” Essa era a visão de uma profissão muito burocrática, uma profissão muito chata, tensa. E a gente quis, na Comissão Jovem, comunicar de uma forma diferente. Desde então, fui convidada a compor essa comissão no Estado de São Paulo. O projeto foi tão legal que o Conselho Federal de Contabilidade quis implementar no Brasil inteiro!

Especializei-me tecnicamente nas três principais áreas críticas da Contabilidade e depois fui com a minha mãe trabalhar na área financeira.

Graças às nossas antecessoras, hoje eu estou aqui e consigo estar no mercado de trabalho.

Com 14 anos, ganhei de presente a minha primeira carteira profissional e comecei de fato a “trabalhar” meio período.

IMPORTÂNCIA DA RELAÇÃO INTERGERACIONAL

Se Luca Pacioli estivesse vivo ainda hoje, não reconheceria mais o trabalho de um profissional da contabilidade, tamanhas as transformações.

Antes de falarmos de gerações, é importante que fique claro que existe um debate já de longa data a respeito do conceito de geração. Grandes nomes da Sociologia e da Filosofia, como Auguste Comte e Karl Mannheim tentaram dar conta do que isso significa.

Auguste Comte entendia a geração como conectada ao tempo mensurável, ou seja, dentro de um determinado período, uma nova geração aparecia. Ele demarcava essa quantidade em 30 anos.

Já Karl Mannheim definia uma geração como um grupo de jovens que experimentaram os mesmos problemas históricos concretos. Ou seja, relacionava a geração à vivência histórica, o que significava que num mesmo período podem conviver diversas gerações. Afinal, as experiências históricas são diferentes dependendo do local em que você vive e da classe social.

Qualquer que seja a definição, há uma grande diferença nas visões de mundo entre as gerações. São vivências diferentes, criações diferentes e ideais por vezes conflitantes. Não importa quanto se tente passar os próprios valores para os filhos, sempre haverá diferenças.

No mundo da Contabilidade, por existir há tanto tempo e passando por tantas mudanças ao longo da História, essas diferenças também existem. Se Luca Pacioli estivesse vivo ainda hoje, provavelmente, não reconheceria mais o trabalho de um profissional da contabilidade, tamanhas as transformações. Essas mudanças se devem ao progresso das gerações, que passam o bastão adiante. Isso não se deve apenas a diferenças de idade, mas também na forma como a Educação evolui. As escolas de Contabilidade, conforme já abordamos,

utilizavam uma visão mais voltada para a Contabilidade italiana, o que depois foi substituído pela visão norte-americana. Isso significa que durante um longo período de transição, os profissionais que pensavam da maneira italiana tiveram que aprender a pensar da maneira norte-americana, enquanto os profissionais em formação já aprendiam logo de cara a Contabilidade norte-americana.

Além disso, existe a adequação do Brasil às IFRS, padronizando a Contabilidade, tornando-a cada vez mais global, para que o mundo se comunique na mesma linguagem contábil. Essa é outra grande mudança que causa mais um choque geracional nos moldes do anterior.

Pode parecer que esse encontro entre gerações cause muitos problemas e muitas discussões entre os profissionais, mas a verdade é outra. As gerações mais novas sempre têm a aprender com as anteriores. Afinal, há uma grande diferença de experiência, e essa experiência precisa ser compartilhada para que a sociedade possa continuar evoluindo, aumentando a importância e a *expertise* dos profissionais da contabilidade.

Esse movimento é uma via de mão dupla. As gerações mais antigas também aprendem com as mais novas. O mundo muda cada vez mais rápido e às vezes é muito difícil acompanhar essas mudanças, mas as gerações mais novas já nascem no meio delas e não conhecem outra realidade. Dessa maneira, muito se ganha com os mais jovens.

As Comissões da Melhor Idade e do Jovem do CRCSP têm grande participação nessas questões geracionais, afinal atendem às duas pontas da cadeia. Através de encontros e programas de incentivo, o choque dá espaço

a uma construtiva troca de ideias, na qual todos ganham.

Por isso é importante que todos os profissionais da contabilidade estejam

sempre atualizados, participem de programas de educação continuada, acompanhem as mudanças do mundo. Afinal, juventude é temporária e essa nova geração um dia será a mais antiga.

Integração

“Hoje nós temos uma pulverização etária de gerações muito grande: temos conselheiros novos, como não tinha na minha época. Eu era sozinho. Eu não tinha ninguém próximo da minha idade, 26 anos. Nós temos conselheiros novos. O choque de geração

diminuiu. A tecnologia aproxima muito as pessoas e as gerações, então fica mais fácil contornar. Não há um conflito, há uma convivência muito harmônica.”

Luiz Fernando Nóbrega

Entre gerações

“Essa mistura é muito boa, porque um cara antigo, que tem muita visão de mundo, tem muita coisa a agregar, e vem um cara novo, que com esses novos conceitos, com uma aptidão de informática, que impactou muito a

profissão contábil, essa questão de cada vez mais ter softwares que nos ajudam. Essa interação é sempre muito rica, muito válida e um acaba aprendendo com o outro.”

Camila Pereira Boscov

“Vamos falar de jovens?”

“Pela nossa experiência, a gente sabe que o futuro pertence aos jovens, então o Conselho tem comissões especiais a respeito do relacionamento com os jovens, o Conselho tem costume de participar nas entidades, nas faculdades com palestras, incentivando o relacionamento dos jovens. Os jovens visitam o Conselho, recebem informações a respeito da profissão. Nós temos que incentivar a profissão, facilitar a entrada do jovem na profissão. Então nós temos várias atividades relacionadas aos jovens. Isso é muitíssimo importante, porque eles são o futuro. E quanto mais pessoas jovens nós tivermos engajadas nas entidades contábeis, mais para a frente a profissão vai. Porque seria muito ruim se tivesse só profissionais veteranos

nas entidades. É bom ter jovens também para trazer sangue novo, ensinamento novo e novas técnicas. É inegável que os jovens têm mais facilidade com tecnologia de informática. Os encontros do veterano com o jovem e do jovem com o veterano são importantes também, porque ambos têm alguma coisa para dizer um para o outro. Cada vez mais a gente está incentivando os jovens, eles visitam o Conselho, conhecem o Conselho, têm palestras, alguns eventos importantes como o encontro de estudantes, em que milhares de estudantes vêm assistir a palestras técnicas ou comportamentais. Esse é um evento muito bonito.”

Claudio Filippi



Diploma de Mérito Contábil, prêmio dado aos melhores estudantes dos cursos de Ciências Contábeis

Seguindo os passos do pai



Joaquim Carlos Monteiro de Carvalho

Nascimento: 25 de maio de 1945, na cidade de São Paulo (SP)

Atividade: técnico em contabilidade e economista. Integrante do Conselho desde 2002

Meu pai, Joaquim Monteiro de Carvalho, era contador, economista, foi professor da Universidade Mackenzie, da Universidade Católica, da Faculdade Álvares Penteado. Teve uma atuação político-social extremamente atuante, foi um dos fundadores do Conselho Regional de Contabilidade, foi o segundo presidente. Fundador do Sescon-SP, que é o sindicato das empresas de contabilidade, foi seu presidente durante mais de uma década. Fundou a Apejesp, a associação dos peritos. Foi vereador por São Paulo por três mandatos, convidado como técnico secretário de finanças do prefeito Prestes Maia.

Desde garoto, eu queria ser profissional contábil, mas meu pai achava como eu já tinha um nome que, embora não fosse dele, Joaquim, era do meu avô, o pai dele, de que eu estava recebendo a influência. Então eu fui estudar no ginásio normal, acadêmico, mas eu acabei ficando retido e me transferi para o ginásio básico na Álvares Penteado. Com 15 anos, comecei a trabalhar em Contabilidade. Estudava e trabalhava em Contabilidade, aí fiz uma carreira que foi atuando aí.

Tenho outros ídolos, mas o meu pai é o mais forte pela sua conduta, sua retidão. Então fui seguindo essa carreira no meio contábil e tive o privilégio de conviver com vários presidentes dessa casa, do Sescon, profissionais ilustres, em função da amizade que o meu pai tinha, eu vivi aprendendo com eles.

Com 21 anos, fui ser professor. Com 19 anos, fui emancipado por escritura pública e fiquei sócio da Sotabil, Sociedade Técnica de Contabilidade Ltda., CRC número

cinco, igual ao do meu pai. Meu pai era um homem extremamente comunicativo, era um homem que tinha ideias, que permitia à gente discordar dele, que conversava muito com a gente. Meu pai era uma pessoa fascinante; era um homem voltado ao trabalho e à família. Ele veio de uma origem humilde e preservava esses valores, mesmo quando ficou importante. E como contador, achava que era um homem elegante, e eu fui acompanhando. Eu frequentava desde pequenininho o escritório dele, que ficava na Quinze de Novembro, no Centro de São Paulo, naquele meio bancário, uma coisa bonita, parece o Wall Street, igualzinho!

Terminei o meu curso técnico em 1965. Em 1967, eu tive o meu primeiro registro, que é 53.239, e tive o privilégio de receber a carteira das mãos do presidente Tikara Tanaami, amigo do meu pai, hoje meu amigo, que frequenta a Comissão da Melhor Idade, da qual eu sou coordenador. Embora eu tenha formação em Economia e Pedagogia, o que mais me encanta é ser profissional da contabilidade – a profissão é fascinante, porque não é parada, está sempre lançando desafios.

Eu ia às entidades profissionais, mas nunca tinha participado diretamente, nada disso. Depois que meu pai faleceu, em 1993, ele foi homenageado na Escola Álvares Penteado e lá encontrei o Professor José Alonso, Tikara Tanaami, todas essas pessoas disseram para mim: “Oh, Monteirinho, você, diferente do seu pai, nunca contribuiu para as entidades, você precisa contribuir!” Aí eu disse o seguinte: “Pode pôr o meu nome como suplente.” Foi o que aconteceu em 1994, fui suplente do Conselho Fiscal do

Sindicato dos Contabilistas, primeira coisa, depois fui suplente do CRC e, a partir de 2002, 50 anos depois que o meu pai tinha sido presidente, eu fui conselheiro efetivo. Aí tive a trajetória como conselheiro efetivo. Como eu sou técnico, o cargo maior que eu podia atingir no Conselho Diretor era vice-presidente de Registro, e eu fui vice-presidente de Registro em 2010-2011, na gestão do meu querido amigo Domingos [Orestes] Chiomento.

A história do CRC se confunde com a minha, porque o meu pai era atuante nesse processo, então eu sempre convivi com o Conselho e, como profissional, antigamente, para assinar balanço tinha que vir pedir um atestado.

No CRC, todo conselheiro tem atividade nas câmaras. Os conselheiros têm que pertencer também às comissões. Você escolhe essas comissões. O presidente faz uma consulta, você indica, aí o presidente avalia dentro do perfil das necessidades.

Sempre que possível ele valida aqueles seus pedidos, a gente pode estar em três comissões no máximo, eles pedem para ficar no mínimo em duas. Eu estou nas comissões em que eu me inscrevi: Melhor Idade e Cultural e de Medalhas.

A da Melhor Idade é uma comissão composta de ex-presidentes, ex-dirigentes ou outros profissionais, normalmente que tiveram atuação expressiva. A gente se reúne, analisa e faz eventos voltados à melhor idade. No começo do ano, nós fizemos Imposto de Renda com enfoque na melhor idade, porque as pessoas com mais idade têm isenções. Vem uma pessoa especialista para falar para essas pessoas. A gente tem atividades de representação do presidente, então quando ele não pode, nos dá o privilégio de ir no lugar dele, e você vai representando o Conselho, você participa e vai conviver com os seus colegas que têm uma visão diferente, uma cultura diferente.

Meu pai era um homem extremamente comunicativo, era um homem que tinha ideias, que permitia à gente discordar dele, que conversava muito com a gente, era uma pessoa fascinante.



Medalha desenvolvida pelo CRCSP em homenagem ao seu pai

Tenho outros ídolos, mas o meu pai é o mais forte pela sua conduta, sua retidão.

PROFISSIONALIZAÇÃO

A sociedade em que vivemos hoje é uma sociedade na qual o conhecimento se torna cada vez mais importante. Por isso o CRCSP está se voltando cada vez mais para ele.

“O conhecimento, nessas últimas décadas, tornou-se o capital principal, o centro de custo e o recurso crucial da economia. Isso muda as forças produtivas e o trabalho; o ensino e o aprendizado; e o significado do conhecimento e suas políticas. Mas também cria o problema das responsabilidades dos novos detentores do poder, os homens do conhecimento.”

Apesar de escrita nos anos 70, esta constatação do professor, escritor e consultor administrativo Peter Drucker muito tem a ver com as exigências dos tempos atuais.

A importância que o conhecimento tem está muito ligada com a própria essência da Contabilidade, já que trabalhar nesse campo significa entender dados que ao leigo parecem completamente abstratos e não só traduzi-los, mas utilizá-los para que as empresas tracem seus objetivos de maneira eficiente. Desse modo, a própria Contabilidade é conhecimento.

Conhecimento não se faz sozinho, é uma construção. Construímos conhecimento por meio de nossas vivências, leituras, reflexões, mas, além disso, de trocas. A disseminação do saber também se faz com encontros, conversas. É assim que aprendemos novos pontos de vista, histórias que nos ensinam o que fazer em situações que ainda não vivemos.

A sociedade em que vivemos hoje é uma sociedade na qual o conhecimento se torna cada vez mais importante. Por isso o CRCSP está se voltando cada vez mais para ele. É através dele que o profissional vai estar mais preparado para enfrentar

o mundo moderno. A técnica ainda é muito importante, mas já não é o que mais vale.

Isso significa que as exigências que a sociedade faz ao profissional da Contabilidade são cada vez maiores. Tanto é assim que as entidades estão cobrando cada vez mais dos profissionais da contabilidade. Em 1999, o CFC, na época presidido por José Serafim Abrantes e através da Resolução CFC

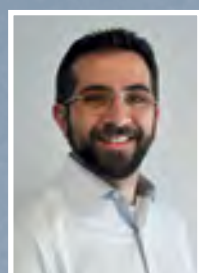
n.º 853/1999, institui o Exame de Suficiência para obtenção do registro profissional. Conforme nos informa a própria resolução, este era um debate que já ocorria há muito tempo nos encontros dos profissionais da contabilidade e visava garantir a qualidade dos serviços prestados aos usuários. Isso mostra uma preocupação não só com os clientes atendidos, mas com a sociedade, que só tem a ganhar. A partir de então, só obtém o registro aquele que atender a um nível mínimo de conhecimento.

Essa ideia de haver um exame era algo que teria que acontecer uma hora ou outra, não só por causa do crescente número de profissionais da contabilidade, mas também porque houve um aumento na oferta de cursos na área. Isso fez com que a competição na área fosse aumentando e era preciso melhorar a profissionalização, caso contrário corria-se o risco de ter profissionais, mas sem o exercício real do potencial.



Convenções são ambientes propícios para a troca de ideias e experiências, contribuindo para o desenvolvimento profissional

Surpresa, logo no início da carreira



Ahmed Sameer
El Khatib

Nascimento:
17 de maio de 1982,
na cidade de São
Paulo (SP)

Atividade:
contador e professor

A minha mãe não se alfabetizou no Brasil. Eu alfabetizei a minha mãe em língua portuguesa. Foi a minha primeira experiência em sala de aula.

Meus pais vieram do Oriente Médio para o Brasil no início da década de 1980, aqui se instalaram, na região central [de São Paulo] e começaram a trabalhar com comércio: de roupas e de eletrônicos.

Eu perdi o meu pai muito cedo, com 5 anos de idade. Então, desde pequeno eu ajudava no comércio; desde pequeno, eu tive contato com a Contabilidade, com finanças. Foi uma infância difícil, mas, por outro lado, bastante prazerosa, sempre orientada pelo trabalho e pela educação.

Desde pequenininho, eu tinha que ajudar, fazer algumas traduções, porque a minha mãe não se alfabetizou no Brasil. Eu alfabetizei a minha mãe em língua portuguesa. Foi a minha primeira experiência em sala de aula, inclusive. Eu chegava do colégio e na sala tinha várias senhoras árabes – minha mãe trouxe todo o núcleo de amizade dela que não falava português – para que eu as alfabetizasse. Aquilo foi muito bonito para mim, foi mágico.

Desde pequeno, eu tive um contato muito próximo com Contabilidade, com finanças, com duplicatas, com pagamento de fornecedores, com cheques e tal. Naturalmente, houve uma tendência forte para que eu enveredasse para alguma área das finanças. A Contabilidade, na verdade, foi uma escolha por ser uma profissão de alta empregabilidade, por ter emprego sempre e bons em qualquer área, por ter uma gama de especializações muito grande. A gente tem mais de 50 especializações em Contabilidade.

Eu iniciei na Universidade de São Paulo a graduação [em Ciências Contábeis] e, no primeiro dia de aula, eu já estava

com um estágio num escritório de Contabilidade como todo bom contador tem que começar. Hoje, eu sigo nas duas profissões: trabalho em tempo integral na Prefeitura de São Paulo, na Secretaria de Finanças, e todas as noites eu leciono.

Toda a minha vida, eu sempre fui orientado: trabalho e educação. Nunca só trabalhei, nunca só estudei. Sempre foram as duas coisas desde que eu me conheço por gente.

O mestrado foi algo interessante, porque eu me formei na USP, fui orientado pelo Professor Nelson Carvalho na primeira graduação e na segunda também [Ciências Atuárias]. A gente conversava muito sobre perspectivas de temas a serem estudados no Brasil. Em 2008, 2009, na crise internacional nos Estados Unidos, ele conversou comigo sobre algo que me intrigava: “Olha, Ahmed, tem um tema que está me chamando a atenção. Alguns países islâmicos possuem bancos, instituições financeiras, que operam não só nesses países de religião muçumana, mas em outros países ocidentais, e passaram ilesos pela crise de 2008, 2009. Você não quer estudar o porquê? Qual o motivo dessa blindagem?” E, na graduação, eu tinha estudado no meu TCC a harmonização contábil em três países, antes mesmo da aprovação da Lei n.º 11.638, isso em 2006, Japão, Emirados Árabes Unidos e Brasil. Eu estava com alguma coisa fresca pelo menos com relação ao mundo árabe e resolvi estudar.

Fui fazer o mestrado na PUC. Para minha felicidade, o Professor Sergio de Ludícibus leciona lá. Ele foi o orientador do Professor Nelson Carvalho. Assim que eu apresentei determinado seminário na

aula dele de Teoria da Contabilidade, falei um pouco sobre as finanças islâmicas, ele quis me pegar para ser orientando dele. Então, fui orientado pelo Professor Sergio de Ludícibus e foi, realmente, um grande aprendizado, uma grande honra! Eu jamais imaginei ter aula, quem dirá ser orientado pelo professor Sergio, referência nacional e internacional em Contabilidade.

Para minha surpresa, fui premiado em 2014 como melhor dissertação de mestrado. Foi um momento muito importante, que mostrou que realmente eu estava no caminho certo em relação à pesquisa, à investigação que é condição necessária para um bom pesquisador.

Eu recebi na verdade uma notícia do Claudio [Rafael] Bifi dizendo que minha dissertação havia sido premiada e que eu tinha passado na frente de várias dissertações do Estado inteiro de São Paulo. No começo, eu não acreditei: “Meu, não é possível. É um tema tão diferente, será que eles entenderam

mesmo?” Eu até confirmei com ele várias vezes: “Você vai receber o e-mail, vai vir na cerimônia do CRCSP no final do ano, vai estar todo mundo aqui do Ibracon, do Conselho Federal... Enfim, você foi o primeiro.” Eu fiquei muito feliz!

Foi um dos momentos mais importantes da minha vida. Trouxe minha mãe. O prêmio foi dedicado a ela, uma pessoa que não teve condições de estudar, mas que em nenhum momento deixou de apostar nas minhas peripécias acadêmicas. Foi um momento muito marcante, porque ver tantos profissionais da área contábil reunidos, o Conselho Regional lembrando momentos importantes, homenageando professores...

No discurso, eu enfatizei isso: dediquei o prêmio para minha mãe e realmente é para ela mesmo. Tudo que eu ganho, tudo que eu consigo na vida, não tem que ser diferente, não tem mérito individual, tem que ser compartilhado. Foi um dia bem mágico para mim, para minha carreira.

Hoje, eu sigo nas duas profissões: trabalho em tempo integral na Prefeitura de São Paulo, na Secretaria de Finanças, e todas as noites eu leciono. Toda a minha vida, eu sempre fui orientado: trabalho e educação.

A CONTABILIDADE E O UNIVERSO JOVEM

Aqueles que estão entrando hoje na faculdade de Ciências Contábeis já nasceram na era digital, nunca viveram um dia sem saber o que é a internet.

Hoje, uma pessoa pode conversar com outra do outro lado do mundo em tempo real.

“Se somássemos todas as descobertas científicas, invenções e inovações técnicas realizadas pelos seres humanos até hoje, chegaríamos à espantosa conclusão de que mais de 80% de todas elas se deram nos últimos cem anos.” Historiador Nicolau Sevcenko¹ em 2001, a respeito do século XX e suas transformações.

Existe uma peculiaridade nas novas gerações em relação à tecnologia. Aqueles que estão entrando hoje na faculdade de Ciências Contábeis já nasceram na era digital, nunca viveram um dia sem saber o que é a internet, enquanto muitos de seus professores já exerciam a profissão quando não existia a menor possibilidade de possuir computadores em casa, pois eles ocupariam uma sala inteira. Essa velocidade vertiginosa das implantações tecnológicas se reflete em todos os lugares e isso não é diferente na prática da Contabilidade. O guarda-livros, as fichas tríplexes, a Remington... Tudo isso que um dia foi essencial para o exercício da profissão, hoje é peça de museu. O jovem de hoje não consegue nem ao menos imaginar como essas coisas eram utilizadas.

Seria uma injustiça chamar os processos mais antigos de obsoletos ou primitivos. Afinal, eles atendiam todas as necessidades da época com muita presteza. O que se pode falar é em mudança. O mundo agora é outro. Trata-se da era digital, a era da informação, da internet. Hoje, uma pessoa pode conversar com outra do outro lado do mundo em tempo real. Isso significa que os problemas também são outros, outras exigências.

¹ - SEVCENKO, Nicolau. A Corrida para o Século XXI: no loop da montanha-russa. In: SOUZA, Laura de Mello; SCHWARCZ, Lilia Moritz (coord.). Virando Séculos. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 24.

Para as funções básicas da Contabilidade, o usuário não recorre mais a um contador, como antigamente. Muitas dúvidas são tiradas pela internet, e os próprios processos são realizados pelo mesmo canal. Um exemplo disso é a entrega da declaração de Imposto de Renda, que há não tantos anos era feita pessoalmente, através da entrega de um disquete, nos endereços disponibilizados pela Receita Federal.

Por isso agora o papel do profissional da contabilidade é muito mais voltado à compreensão e divulgação de dados contábeis, além de uma atuação efetiva nos negócios da empresa, no sentido de tomar decisões importantes. O papel tecnicista está sendo deixado de lado, dando espaço a uma atividade muito mais intelectualizada e que adquire cada vez mais importância. Afinal, apesar de vivermos na era da informação, ainda é muito fácil ser desinformado. Existe, sim, uma quantidade imensa de informação, assim como uma facilidade nunca vista antes em adquiri-la, mas é preciso saber filtrar o que é de qualidade e o que não é. Isso torna essencial que os profissionais da contabilidade tenham um senso crítico ímpar para poder exercer sua função, agora muito mais carregada de certa subjetividade que no início dos tempos não havia.

Dentro das empresas, os sistemas contábeis estão cada vez mais complexos e integrados. Há o sistema *Enterprise Resource Planning* (ERP), que cruza dados de diversos setores da empresa para uma melhor e mais rápida leitura e produção dos demonstrativos contábeis.

A partir de 2001, com a preocupação de reduzir a quantidade de papel nos processos contábeis, surge a



Edgard Cornacchione palestrando sobre o uso de elementos de jogo no mundo dos negócios

Por isso agora o papel do profissional da contabilidade é muito mais voltado à compreensão e divulgação de dados contábeis, além de uma atuação efetiva nos negócios da empresa.

Certificação Digital, que garante a validade de documentos jurídicos por meio de assinatura digital. A partir dessa tecnologia, foi criado o Sistema Público de Escrituração Digital, ou Sped, uma solução tecnológica que ainda está em fase de melhorias, mas que visa tornar mais dinâmica e moderna a manutenção e

o envio de informações digitais de natureza fiscal e contábil. Sua implementação está sendo feita em parceria com o CFC.

O mundo digital é o novo caminho a ser trilhado pelos profissionais da contabilidade, agora rumando para o futuro de maneira acelerada, mas consciente.

Tecnologia de ponta

“Já existem empresas que fazem Contabilidade totalmente automatizada, com base em transações bancárias, e é uma coisa extremamente complexa. Há bancos que já oferecem o serviço como cortesia para os seus clientes, o serviço de elaboração dos registros contábeis, da obtenção dos relatórios

contábeis. Se você pensar, todas as transações são digitalizadas em algum momento, mesmo aquelas que você faz no caixa, com papel-moeda. Isso inclusive é uma tendência fortíssima de ser uma sociedade digital.”

Edgard Cornacchione

Um jovem na casa



**Luiz Fernando
Nóbrega**

Nascimento:
13 de julho de 1974,
na cidade
de Bauru (SP)

Atividade:
contador e vice-
presidente de
Fiscalização, Ética e
Disciplina do CFC.
Presidente
do CRCSP, gestão
2012-2013

Eu me
candidatei para
ser conselheiro
da casa, entrei
em 2000 e era
o conselheiro
mais jovem do
Brasil.

Comecei no escritório fazendo trabalhos ditos menos intelectuais, mais braçais, numa época em que o computador era um pouco raro e a gente usava muito livro ainda: os livros eram escritos à mão, datilografia, coisas que não se usam mais.

Eu entrei na faculdade com 17 anos. Logo que me formei, fiz pós-graduação em Administração de Marketing e Recursos Humanos. Alguns anos mais tarde, eu fiz uma pós-graduação em Controladoria e Finanças.

Nós temos a cada quatro anos os Congressos Brasileiros de Contabilidade, organizados pelo CFC. Em 1996, o congresso aconteceu em Fortaleza (CE), eu era recém-formado, eu fui para esse congresso. Assisti a painéis que eram coordenados pelo finado professor Hilário Franco, que é um ícone da nossa profissão. Eu gostei da ideia de fazer trabalhos. No ano seguinte, em 1997, na cidade de Águas de Lindoia (SP), houve uma convenção do CRCSP. Eu estava encorajado, fiz um trabalho que foi selecionado. Eu me lembro do dia, era um hotel tradicional, e várias salas diferentes para a apresentação. A minha era a do auditório principal e estava lotada. Eu cheguei cedo, preparado, mas nervoso, fiquei sentado na primeira fila esperando, as pessoas vinham, conversavam, cumprimentavam. E eu não tinha olhado para a plateia. Na hora em que eu subi as escadas, vi aquela plateia cheia, aquilo me deu mais nervoso ainda, tanto que meus primeiros slides eram projeções em retroprojetor, eu tinha feito transparências, o coordenador da mesa falou: "Luiz, dá uma olhadinha ali." Eu olhei, a transparência estava torta, eu não conseguia nem centralizar as transparências! Fiz a apresentação, quando sentei, parece que atrás da mesa, eu fiquei um pouco mais confortável, respondi todas as perguntas. Um tempo depois me ligou a nossa gerente de eventos atual, a Marlene Pasquinelli:

"Olha, queria dizer que o seu trabalho foi premiado, ficou em terceiro lugar e ganhou um prêmio, 500 reais." Aquilo foi a abertura das portas para a profissão, para enxergar a profissão num patamar diferente, enxergar a floresta, não enxergar ali só as árvores.

Depois de um tempo, eu me candidatei para ser conselheiro da casa, entrei em 2000 e era o conselheiro mais jovem do Brasil. Hoje, a gente vê muitos conselheiros jovens, mas na época a média de idade no nosso plenário devia beirar os 50, 55 anos, e aí chegou um molequinho de 26 na casa. Aí fui me enturmando, fui mostrando o meu trabalho, fui muito testado.

O papel do conselheiro é de muita responsabilidade, nós julgamos processos de colegas, então eu era muito enfrentado pela idade, talvez para ser testado, para ser provado. E assim começou a carreira na casa e na profissão em si.

No começo, eu não tinha muito assunto com as pessoas, pessoas muito mais velhas e eu não tinha vivência da profissão. Eu conhecia muito pouco do Conselho, do funcionamento do Conselho, eu ficava meio isolado. Foi difícil, esse choque de gerações existiu. Aos poucos, a gente vai se inserindo em trabalhos com grupos menores, vai começando a conhecer, e sempre que a gente tinha as reuniões plenárias, que é com todos os conselheiros, existia esse teste. Meus processos nunca eram aprovados de uma vez. Mas isso me forçou a estudar mais. Quando eu vinha fazer a defesa dos meus processos, vinha muito preparado, então eu acabava respondendo a contento. E foram muitos testes. As pessoas foram aprendendo a me respeitar depois de um tempo de muita inquisição, muita dúvida sobre a minha qualidade e capacidade.

Eu vinha de ônibus de Bauru, é longe, são quase cinco horas de viagem, e quantas e quantas vezes eu não atravesssei a Estação Barra Funda correndo para não perder o ônibus, porque, se eu perdesse, o outro era muito mais tarde... Eram praticamente dez horas de viagem para cinco horas de reunião aqui.

Com o tempo, o funcionamento da casa foi sendo desmistificado, você vai começando a conhecer as pessoas, e isso vai trazendo mais conforto. A partir do meu segundo ano, eu já estava com amigos, que eu levo até hoje, com pessoas falecidas, que deixaram saudade, pessoas que já saíram da casa, mas continuam amigas. Hoje eu posso dizer que o choque de geração não existe mais.

É um universo muito gostoso de estar, é uma entidade séria, uma entidade estruturada, é o maior Conselho do país. A gente acaba conhecendo pessoas muito inteligentes, muito importantes, criando um network muito bacana. E o dia a dia se tornou prazeroso. Esse ambiente foi me deixando cada vez mais encantado, e a gente criou uma família aqui. Foram 14 anos de casa!

Eu sempre fui o mais novo aqui: o mais novo conselheiro do Brasil, o mais novo coordenador, o mais novo tudo. Cada etapa era um desafio diferente, de provar competência para estar ali.

Nós temos um encontro de estudantes que começou em 2008, eu estava atuando na vice-presidência de Desenvolvimento Profissional e nós fizemos um encontro dentro de um circo. Colocamos estudantes debaixo da lona de um circo. Nós trouxemos quatro palestrantes, desses quatro, três eram ícones da profissão: o finado professor Antônio Lopes [de] Sá, o professor Eliseu Martins e o Antoninho Marmo Trevisan. Três baluartes da profissão. Lotamos um circo. Depois de dois anos, nós já

fizemos outro maior, com 5 mil, e até hoje isso acontece. A gente está atrás do jovem, a gente oferece conteúdo, abre a casa para ele já ir se enturmando com a profissão, para se inteirar do que a gente faz.

Logo que eu assumi a vice-presidência de Desenvolvimento Profissional, em 2008, fui chamado de jovenzinho, que eu estava ali só para passar dois anos, que eu nunca ia chegar à presidência. Foi um combustível sensacional para mim. Eu sou extremamente competitivo. Falou que eu não posso fazer, para mim realmente é o inverso. Esse encontro dos estudantes foi uma realização, assim como tantas outras da vice-presidência de Desenvolvimento Profissional.

Dois anos depois, eu assumi a vice-presidência de Administração e Finanças, em que é mais difícil de atuar, mais do que até a própria presidência, porque temos 70 conselheiros, 150 delegados, temos quase 500 colaboradores diretos e indiretos. Foi um belo desafio. Até que chegou a vez de ser o presidente ("presidente jovenzinho"...). E nós fizemos uma excelente gestão. Nada sozinho. Tinha todo o meu Conselho Diretor, os conselheiros, os delegados, todos os funcionários. A minha despedida da casa, depois de dois anos na presidência, foi o episódio que mais me marcou, porque a gente fazia uma reunião geral de delegados, e eu fui o último a falar e fui me despedindo de todos, de tudo que a gente tinha feito. Foi numa Convenção que nós tivemos aqui no Anhembi e terminei agradecendo a eles, porque são eles que levam as pancadas do dia a dia. São os delegados que aguentam o tranco. Então, eu terminei aquele momento agradecendo, fazendo uma referência a eles, já quase sem conseguir falar, como agora, com a voz embargada. Todos estavam em pé e quase todos em prantos, também compactuando com aquele sentimento que tomava conta de mim naquele momento. Aquilo foi muito especial para mim.

As pessoas
foram
aprendendo a
me respeitar
depois de um
tempo de muita
inquisição,
muita dúvida
sobre a minha
qualidade e
capacidade.

Com o tempo, o
funcionamento
da casa
foi sendo
desmistificado,
você vai
começando a
conhecer as
pessoas, e isso
vai trazendo
mais conforto.

PERSPECTIVAS



O passado da Contabilidade é muito rico e extenso, mas assim também será o futuro. A Contabilidade do século XXI tem peculiaridades que não se viam antigamente. Muita coisa mudou tanto na profissão e em suas práticas quanto na sociedade que a cerca. O próprio mundo mudou.

Não basta que os profissionais da contabilidade atendam apenas seus clientes. É preciso que a sociedade seja atendida como um todo. É preciso também que as empresas sejam sustentáveis, pois agora adquirimos a noção de que nossos recursos naturais não vão durar para sempre, e de que até hoje o ser humano tem sido muito irresponsável com o planeta em que vive.

Por isso, a sustentabilidade é o tema central do novo milênio. Vivemos um momento crucial na História, vislumbrando possibilidades catastróficas e sentindo a necessidade de oferecer soluções rápidas para os problemas que virão.

Vinculados à sustentabilidade estão a ética e o trabalho social. Estes três eixos são a chave para um futuro mais próspero e mais humano, com mais responsabilidade. Não se pode mais pensar a empresa fora da sociedade, é preciso que ambas trabalhem juntas, que se entendam como parte de um todo, que é mais importante do que o indivíduo.

Ao lado de tudo isso, temos 70 anos de trajetória do CRCSP que serve de sustentação para a reflexão acerca dessas mudanças. Ou seja, o papel do CRCSP é fundamental para mais orientação aos profissionais da contabilidade do século XXI. Esses profissionais têm uma responsabilidade muito grande, além de uma incrível capacidade de mudança. São profissionais muito preparados e que buscam um aperfeiçoamento ainda maior, dessa vez vinculados aos estratos sociais com os quais trabalham e aos quais prestam contas.

A situação em que vivemos não é fácil, mas sabemos que o papel da Contabilidade, se bem realizado, pode ajudar a salvar o mundo.

COM OS DOIS LADOS

“A gente tem aí dois lados. Primeiro, pensando na sustentabilidade dos negócios como uma gestão de negócios, os gestores criam as organizações com o intuito de ganhar dinheiro. Então, tem a preocupação com o negócio, o fator gestão das empresas é de suma importância e o profissional da contabilidade tem muita competência para atuar junto dos empresários ou com as entidades de uma maneira que lhe dê essa condição de continuidade. Agora, pensando em termos de meio ambiente, é outra situação com que as empresas se preocupam também e essa consciência tem que estar sempre presente de uma maneira ampla, se a gente pensar no nosso universo de contabilidade, onde o papel teve, até muito pouco tempo, uma participação bastante grande, porque eram gerados relatórios em papel, hoje a gente já tem a preocupação de minimizar o uso de papéis. Os relatórios são eletrônicos, até pela dinâmica da nossa atuação. Hoje, com o papel, você não consegue ter uma rapidez na troca de informações como a que você teria pelo meio eletrônico. Pode parecer pouco, mas não é, porque o volume de impressões e de papéis era grande. A gente tem focado isso, até em gestões anteriores, no CRCSP sem papel. Nós tínhamos um processo de fiscalização absurdo, em uma sala não cabia o volume de processos que existiam, hoje é tudo eletrônico.”

Gildo Freire de Araújo

CONTABILIDADE SUSTENTÁVEL

O poder e o dever que as empresas têm as tornam grandes responsáveis pelas mudanças que virão, por isso a sociedade exerce sua pressão para que essas empresas possam ser fiscalizadas e cobradas.

Sustentabilidade, grosso modo, é a capacidade de se sustentar, de se manter. É um conceito discutido todos os dias e em todos os lugares, cada vez com mais frequência. Refere-se ao tratamento que damos ao mundo, à nossa necessidade – muito mais do que a capacidade – de utilizarmos os recursos naturais para a nossa sobrevivência sem destruir o meio ambiente de maneira irreversível, é como podemos tirar o suficiente para nós sem deixar faltar para as próximas gerações.

Hoje em dia, essa ideia de que precisamos cuidar do mundo para que possamos prosperar como espécie parece óbvia, mas, historicamente, este é um conceito muito novo. É uma ideia que só começou a aparecer com força nos anos 1970, em plena Guerra Fria, quando a sombra de destruição mundial passou a ser estampada em cada manchete de jornal.

A partir daí o mundo se voltou para a discussão desse problema. As Nações Unidas realizaram importantes encontros, como a Eco-92 e a Rio+10, ambas realizadas no Rio de Janeiro.

As nações ainda têm muito a melhorar para chegar a resultados animadores. A importância do tema é clara para todos, mas as atitudes a serem tomadas nem sempre o são. Estamos colhendo cada vez mais e mais rapidamente os efeitos da irresponsabilidade humana dos últimos séculos. O ambiente não é mais o mesmo e nunca mais será. Sabendo disso, todos têm um papel muito importante em tentar conter os avanços de atividades nocivas ao ambiente. O poder e o dever que as empresas têm nesse sentido as tornam grandes responsáveis pelas

mudanças que virão, por isso a sociedade exerce sua pressão para que essas empresas possam ser fiscalizadas e cobradas.

O papel da Contabilidade é muito importante nesse sentido, à medida que mostra para a sociedade se as empresas estão sendo ambientalmente responsáveis ou não. Isso é feito, principalmente, por meio de duas medidas: o balanço social e a Demonstração de Valor Adicionado (DVA).

O balanço social é um conjunto de informações que demonstram como a empresa se relaciona com a sociedade à qual pertence ou com a qual trabalha. Tem por objetivo a divulgação de resultados de responsabilidade social, ou seja, o impacto que aquela empresa tem em seu entorno. Isso significa que uma empresa não pode mais entender a si mesma como algo hermético, mas sim como um agente social. Ela usa os recursos, inclusive humanos, da região e deve dar algo em troca. Portanto, o balanço social é o que mede essa troca.

A divulgação desse balanço é tão importante quanto a medição em si, pois é o que age dentro do princípio da transparência. Não basta simplesmente registrar a relação empresa-sociedade, é preciso também que a sociedade tenha acesso a esses dados, senão de nada serviriam. Em última instância, a sociedade precisa ser beneficiada com a presença daquela empresa e, além disso, precisa entender como se deu esse benefício.

A partir da aprovação da Lei n.º 11.638, de 2007, passou a ser obrigatória a todas as S.A.s a divulgação da Demonstração de Valor Adicionado. Esse demonstrativo serve para divulgar não só a riqueza

gerada pela empresa, mas também como foi feita sua distribuição para aqueles que contribuíram para a geração dessa riqueza. Assim, podemos saber os valores que foram para funcionários, fornecedores, acionistas etc. Essa medida amplia as informações contábeis relevantes, enquadrando-se no cenário da Contabilidade Social.

Apesar de sua obrigatoriedade ser apenas às companhias abertas, muitas empresas também realizam a DVA, seja por pressão da sociedade ou por princípios éticos.

A DVA faz parte do balanço social e ambos têm outro valor, além da sustentabilidade. No mundo de hoje, onde cresce cada vez

mais a consciência dos problemas sociais e ambientais que vivemos, uma empresa que zela por esses valores e se posiciona como uma entidade que não só deixa de prejudicar o ambiente e a sociedade, mas que também ajuda a salvar ambos, é uma empresa que melhora sua imagem junto à sociedade. As pessoas evitam consumir produtos e serviços de empresas que não devolvem à sociedade as riquezas adquiridas.

Portanto, nos dias de hoje, uma empresa não tem nada a ganhar indo contra a sustentabilidade, muito pelo contrário. E a Contabilidade é o meio mais importante de divulgação e fiscalização da postura das empresas.

No mundo de hoje, onde cresce cada vez mais a consciência dos problemas sociais e ambientais que vivemos, uma empresa que zela por esses valores e se posiciona como uma entidade que não só deixa de prejudicar o ambiente e a sociedade, mas que também ajuda a salvar esses dois fatores, é uma empresa que melhora sua imagem junto à sociedade.



O Balanço Socioambiental é um importante instrumento para a divulgação do impacto do CRCSP na sociedade

Em busca do equilíbrio



José Roberto Kassai

Nascimento:
25 de maio de 1961, na
cidade de Terra Boa (PR)

Atividade:
professor do
Departamento de
Contabilidade e Atuária
e coordenador do
Núcleo de Estudos em
Contabilidade e Meio
Ambiente (Necma/USP)

Eu aprendi Contabilidade graças ao Edson. Ele me deu um livro no final do ano, de presente: a primeira edição do *Manual de Contabilidade das Sociedades Anônimas*, da Fipecafi, que hoje é a bíblia da Contabilidade.

Entre outras coisas, quando eu comecei a estudar, queria fazer Biologia. Meu pai faleceu quando eu tinha 16 anos. Minha mãe, na época, estava doente, eu era o mais velho e um tio conseguiu um emprego para eu trabalhar em Contabilidade. Foi aí que comecei a aprender débito e crédito. O meu chefe, Edson Bochemi, quando eu terminei o colegial, fez minha inscrição no vestibular em Ciências Contábeis; eu nem sabia o que era. Ele falou: “É isso que você tem que fazer.” E fiz. Fiz Contábeis, mestrado, doutorado, um monte de cursos e o mérito é dele! A escolha da profissão não foi minha. Se eu tivesse que escolher, talvez não tivesse escolhido tão bem! E eu tenho uma dívida com ele, vejo meu filho, a garotada escolhendo e tudo em dúvida... Eu não teria escolhido uma profissão que eu adoro hoje!

Comecei trabalhando numa máquina chamada Audit. A gente fazia lançamento de ficha tríplice de débito e crédito. Eu era um datilógrafo. Aprendi datilografia com meu pai em casa; ele comprou uma máquina e eu e meu irmão aprendemos. No final do mês, a gente já datilograva melhor do que ele!

Eu lembro que tinha um lançamento assim: pagamento de uma despesa qualquer e eu tinha que lançar crédito. No final do dia, fui lá na mesa do chefe e falei: “Isso aqui não está errado? Está pagando e está falando que é crédito.” Ele deu risada e começou a explicar o débito e o crédito. A gente tem dificuldade até hoje para ensinar os alunos! Ele me adotou, eu aprendi Contabilidade graças ao Edson. Ele me deu um livro no final do ano, de presente: a primeira edição do *Manual de Contabilidade das Sociedades Anônimas*, da Fipecafi, que hoje é a bíblia da Contabilidade; o CRCSP participou e utiliza muito. Eu guardo essa primeira edição com muito orgulho, porque hoje eu trabalho ao lado de cada um dos autores.

Como já trabalhava na época, tinha experiência, foi uma faculdade muito fácil. E depois eu cheguei a fazer uns 30 cursos no CRCSP, da área tributária, a gente fez todos os cursos de formação na área contábil. Nós temos centenas de cursos, então o pessoal realmente não conhece o que é Ciências Contábeis. E eu também não conhecia, por isso eu agradeço ao Edson Bochemi. Hoje fica muito claro que é uma profissão muito gratificante, você pode trabalhar praticamente em qualquer área, só que você vai ser um especialista de uma linguagem financeira do dinheiro.

O meu primeiro emprego foi fazer lançamento contábil há exatamente 40 anos, aí eu aprendi a fazer Contabilidade como contador, fazer os relatórios, prestação de contas. Depois, trabalhei na área financeira, era mais um usuário, já trabalhava com mais análises para renegociações, fusões, financiamentos, estratégias financeiras. Depois, na controladoria, o que envolve bastante a questão de custos, formação de preços para fazer planejamento, orçamento. Trabalhei em auditoria também, um pouquinho de auditoria externa e trabalhei mais tempo em auditoria interna, que é para verificar os controles internos. Aí eu montei uma empresa de consultoria mais para negócios, onde a gente fazia um pouquinho de tudo. Depois, eu entrei na universidade e estou até hoje em pesquisas e nos últimos dez anos pesquisa a questão ambiental também.

Em 2007, o Brasil de forma ousada e pioneira adotou integralmente as Normas Internacionais de Contabilidade. Na verdade, foi mais que integralmente, porque, além de 100% das normas, ele adotou também a DVA, que é a *Demonstração do Valor Adicionado*, uma novidade que nem todos os países adotam. Com a Lei n.º 11.638, as empresas tiveram de 2007 até 2010 para implementar integralmente as Normas Internacionais de Contabilidade. Pelo menos em teoria, no Brasil, todas as empresas

têm um padrão internacional de Contabilidade, os nossos relatórios contábeis servem lá fora. Outros países têm que fazer alguns ajustes para fazer a exposição externa. Nesse período, a gente foi questionado, provocado por amigos nossos que trabalhavam com questões ambientais, sociais e de sustentabilidade, eles queriam saber o que era essa grande mudança que o Brasil estava promovendo, que saía nos jornais todos os dias e se tinha alguma coisa prevista de sustentabilidade. Consultamos o CPC, que é o Comitê de Pronunciamentos Contábeis, do qual o CRCSP participa fortemente, e descobrimos que não tinha nada, não se falava nada de sustentabilidade.

Nós fomos provocados, então, para promover algum evento. Nos anos de 2007, 2008, 2009, nós fizemos alguma coisinha, agora o primeiro evento de peso realizado foi no dia 23 de maio de 2010 lá na FEA-USP e se chamava “Diálogo IFRS versus GRI”, IFRS são as Normas Internacionais de Contabilidade e GRI é Global Report Initiative, uma ONG internacional com sede na Holanda que melhor trata de diretrizes de sustentabilidade. A gente promoveu esse encontro para tratar da integração desses relatórios contábeis e não contábeis, ou financeiros e não financeiros.

O resumo desse evento, nas palavras do presidente da GRI e que é o lema do Núcleo de Estudos em Contabilidade e Meio Ambiente (Necma), é o seguinte: “Se não houver uma ação por parte da Contabilidade e finanças, que é a linguagem do dinheiro que os mercados entendem, de nada adianta a retórica dos ambientalistas, socialistas, economistas, istas, istas.” Então, por exemplo, você tem dois empreendimentos, os dois são rentáveis economicamente, mas um tem apelo ao aspecto social e ambiental. É lógico que o pessoal vai optar por ele. A gente trabalha bastante para que as pessoas conheçam o que é esse *Relato Integrado*. A gente frisa que

não necessariamente significa que tenha que ter um relatório novo, ou tenha que extinguir os velhos. O que está por trás disso é o princípio do pensamento integrado. A empresa, os principais gestores têm que agir de forma integrada com o mesmo pensamento, com o foco estratégico no futuro. E como é essa proposta? A Contabilidade vai abordar não só o capital financeiro, em que hoje tem bastante experiência, mas os seis capitais. Assim, o *Relato Integrado* vai ser a mola propulsora de um desenvolvimento sustentável.

Além desse foco estratégico, você tem que, com base no pensamento integrado, olhar o todo da empresa. Você não só vai olhar o ambiente interno, você vai avaliar também toda a cadeia, o ambiente externo: desde a extração, produção, distribuição, consumo, descarte, o lixo, ver se o lixo volta para a natureza, quais são as externalidades boas e ruins. Você vai verificar se em todas as ações em que a empresa está envolvida ela vai reportar o seu desempenho positiva ou negativamente, com base nos seis capitais. O primeiro capital é o financeiro, em que a Contabilidade dá show, ela já tem todo um know-how de séculos. O segundo capital é o intelectual manufaturado. Depois, o terceiro é o humano; o quarto, o social e o quinto, de relacionamento. O sexto é o capital natural, o capital ambiental.

É uma nova Contabilidade em que você vai reportar os seis capitais. A proposta que a Contabilidade está abrindo é de uma transparência total, só que com uma visão do todo, com o ambiente interno e externo e englobando todos os aspectos.

A Contabilidade é o equilíbrio da natureza. Então, o balanço contábil é um balanço, débito bate com crédito, ativo com passivo, a origem com a aplicação, você não pode gastar mais do que ganha. A Contabilidade serve para avaliar o equilíbrio, o equilíbrio das empresas, o equilíbrio do planeta, o equilíbrio das cidades, o equilíbrio de uma família.

“Se não houver uma ação por parte da Contabilidade e finanças, que é a linguagem do dinheiro que os mercados entendem, de nada adianta a retórica dos ambientalistas, socialistas, economistas, istas, istas, istas.”

UMA HISTÓRIA DO VOLUNTARIADO

A ideia de ajudar aqueles que estão passando por necessidades é muito antiga.

A ideia de ajudar aqueles que estão passando por necessidades é muito antiga, como podemos ver entre os egípcios, hebreus, romanos, indianos, entre outros. Entre essas civilizações, na Antiguidade, variava muito o papel do Estado e o do indivíduo na responsabilidade com as pessoas em situação de risco.

A partir do que temos documentado, o trabalho voluntário só ganhou maior expressão com o advento do Cristianismo, graças à ideia de salvação pelas obras que são realizadas durante a vida.

O Brasil, colonizado por portugueses extremamente católicos, teve no cristianismo o embrião do trabalho voluntário. Isso só se mostrou mais fortemente no século XIX, quando as cidades foram crescendo e com elas sua população, propiciando a diversidade de classes que temos. Dentro desse contexto, o trabalho voluntário se realizava por meio da benemerência. Tratava-se de um tipo de ação voluntária de caridade. Existia a visão de que era preciso ajudar as pessoas mais carentes de uma forma paternalista, mas que não significava de maneira nenhuma dar oportunidades para essas pessoas.

A partir da década de 1930, apareceu a política de assistência social, desta vez atrelada ao poder público, surgindo o Estado de Bem-Estar Social, que pregava a solução das questões sociais, embora ainda de maneira muito rudimentar, não estimulando atitudes associativas ou voluntárias.

Nos anos 60, no auge da Guerra Fria, o mundo passou por momentos de grandes extremismos e de forte politização. O movimento voluntário adquiriu características mais libertárias e contestatórias, dando origem ao voluntariado combativo, cujas ações eram baseadas na mudança da ordem social como um todo.

Com a redemocratização do Brasil e de outros países em desenvolvimento, nos anos 80, surgiu um tipo de voluntariado definido por uma parceria entre o Estado e a sociedade civil. Com essa nova visão, o trabalho voluntário ganhou fôlego contra os grandes problemas advindos da desigualdade social. Começam a surgir empresas, fundações e organizações sociais. O Dia Nacional do Voluntário é comemorado em 28 de agosto, conforme instituído pela Lei n.º 7.352, de 1985, e busca reconhecer e destacar o trabalho das pessoas que doam seu tempo, trabalho e habilidades em prol da construção de uma sociedade melhor.

Nos anos 90, vemos o auge das organizações não governamentais (ONGs) dando uma nova importância ao trabalho social. Somente em 1998, foi estabelecida a Lei n.º 9.608, que regulamentou o trabalho voluntário. Segundo ela, “considera-se serviço voluntário, para os fins desta lei, a atividade não remunerada prestada por pessoa física à entidade pública de qualquer natureza ou à instituição privada de fins não lucrativos que tenha objetivos cívicos, culturais, educacionais, científicos, recreativos ou de assistência à pessoa”.

O movimento que existe até hoje é o de parceria entre a iniciativa privada e o poder público, incentivando cada vez mais que as empresas tenham preocupações com as sociedades às quais pertencem

e incentivem o trabalho voluntário. Isso mostra a importância que o voluntariado vem ganhando ao longo dos anos, de modo a termos uma sociedade mais integrada e participativa.

O voluntariado vem ganhando importância ao longo dos anos, de modo a termos uma sociedade mais integrada e participativa.



Curso de Contabilidade no Terceiro Setor, realizado pela Escola Aberta do Terceiro Setor em setembro de 2016 no CRCSP

Linguagem do dinheiro

“No âmbito de Contábeis, você vai ser um especialista na área do dinheiro. A gente pergunta: “Dinheiro traz felicidade?” “Sim.” “Não.” “Manda buscar”. E a gente fala: “Quem passa na área de Contábeis tem que falar que o dinheiro traz felicidade, sim, mesmo que não concorde.” Tem uma pesquisa de Daniel Kahneman, que é Prêmio Nobel de Economia, de preços endógenos: a pessoa está na miséria, ganha dinheiro, a felicidade vai para uma sobrevivência; depois vai para um nível de conforto, luxo. Então, o dinheiro traz felicidade nessa parte, a pessoa está com fome, quem não gosta

de conforto, uma casa, ar-refrigerado? E, depois que chega aqui no ponto de luxo, aí essa felicidade não é tão linear, isso que defendia o Daniel Kahneman. Mas, se a gente observar bem, temos 7,2 bilhões de habitantes, temos uns 2 bilhões que não se alimentam bem, nós temos 1 bilhão de habitantes que não têm acesso à água diária. Então, o grande desafio hoje não é só químico, físico, biológico ou de mudanças climáticas, ele é, sobretudo, econômico.”

José Roberto Kassai

O TRABALHO VOLUNTÁRIO NO CRCSP

A Contabilidade tem um papel fundamental na construção de uma sociedade mais justa. Afinal, o profissional da área é peça-chave para o bom funcionamento das empresas, organizações e outras entidades.

A Contabilidade tem um papel fundamental na construção de uma sociedade mais justa. Afinal, o profissional da área é peça-chave para o bom funcionamento das empresas, organizações e outras entidades que adotam o trabalho voluntário. É por meio da Contabilidade que pode existir transparência plena, de modo que a sociedade veja como os investimentos são administrados.

Por isso o sistema CFC/CRCs criou o Programa de Voluntariado da Classe Contábil (PVCC). Este programa tem por objetivo “estimular a prática cidadã e o espírito de responsabilidade social entre os profissionais da contabilidade por meio da difusão do voluntariado organizado, incentivando-os a comprometerem-se com questões sociais relevantes para o país”¹. A

execução deste programa se dá por meio do CRC de cada estado, que deve coordenar as ações pertinentes em sua região. Podem participar do programa os profissionais da contabilidade com registro ativo e estudantes de Ciências Contábeis, desde que supervisionados pelos primeiros.

O PVCC possui quatro subprogramas. São eles:

Rede Nacional de Cidadania Fiscal – Observatórios Sociais: voltados para a conscientização da cidadania fiscal e gestão transparente de recursos públicos, os observatórios sociais agem em caráter preventivo e em escala municipal. Este subprograma estimula a criação e a administração destes observatórios nas cidades.

¹ - Trecho retirado do próprio PVCC. Disponível em: <voluntariadocontabil.cfc.org.br>.

Em busca de um resultado positivo

“Nós temos, dentro do Conselho, de um modo geral, programas de voluntariado. A gente desenvolve campanhas visando mostrar para o profissional que ele pode atuar de forma voluntária, com competência na realização das coisas. Nossa área social atingiu o segmento do Terceiro Setor, mostrando que a Contabilidade pode dar uma condição bem diferenciada para que essas instituições tenham organização interna e que possam ter uma continuidade naquilo que elas realizam. A gente percebe o reconhecimento dessas entidades do grande valor que tem o profissional da contabilidade, pela natureza do conhecimento e pelo que a gente pode realizar,

tem muito para dar de suporte para as entidades que atuam na área social. A gente tem motivado a criação de Observatórios Sociais, que é um trabalho voluntário, uma entidade que atua de forma autônoma e que envolve a sociedade organizada no acompanhamento do gasto público. Imagine, por exemplo, o Estado de São Paulo, com 645 municípios, se cada município tivesse um Observatório Social, que conseguisse acompanhar um gasto público, a gente diminuiria todos esses desvios. Temos percebido que isso vai dar um impacto, até o final da gestão, muito positivo.”

Gildo Freire de Araújo

Educação Financeira: este subprograma também é voltado para a conscientização, de modo preventivo. Busca educar a população quanto à gestão das finanças individuais, enfatizando os riscos de endividamento e esclarecendo as dúvidas sobre cartão de crédito e consumo consciente, realizando o treinamento presencial e a distância por todo o Estado de São Paulo.

Doações ao Funcionário e Fundo de Idosos: subprograma criado para a assistência de crianças e idosos de maneira indireta. Trata-se da conscientização e orientação de clientes – pessoas físicas e jurídicas –, para que estes possam aderir a programas de incentivos fiscais que regulam as doações aos fundos de proteção à criança, adolescente e

idosos. Além disso, também auxiliam na elaboração de projetos para se habilitarem a receber recursos de potenciais doadores.

Ações Locais de Voluntariado: como existe uma grande diversidade de ações voluntárias empreendidas pelos profissionais da contabilidade, e nem todas elas se enquadram nos subprogramas acima, foi criado este último, que organiza, acompanha e mensura essas ações. Todas elas são submetidas ao CRC e avaliadas. A partir daí são monitoradas e ganham o apoio do sistema CFC/CRCs. Dentre as ações do CRCSP estão o curso sobre Terceiro Setor, em parceria com a Escola Aberta do Terceiro Setor, e o apoio ao Movimento Merenda Escolar em São Paulo e Poá.

Escola Aberta do Terceiro Setor

Criada a partir dos debates ocorridos no III Congresso Brasileiro de Fundações e Entidades de Interesse Social, realizado em São Paulo em 21 de novembro de 2011, o Projeto Social Escola Aberta do Terceiro Setor tem o apoio de autoridades governamentais, do CFC, do CRCSP e de diversas outras fundações. Trata-se de um projeto social de capacitação a distância que visa à formação de agentes do Terceiro Setor, para que estes possam ser melhores interlocutores entre o Terceiro Setor, o Estado e o mercado, promovendo valores éticos, cidadania, formação humanística e empreendedorismo.

“Escola Aberta do Terceiro Setor é uma ação importante. O CRCSP apoia, na verdade, a capacitação de profissionais do Terceiro Setor, de ONGs. A Escola Aberta oferece um curso de Contabilidade com vários módulos gratuitamente para vários interessados. Tem aí um acesso bastante relevante por parte dos alunos e um apoio institucional do CRCSP muito, muito forte e tempestivo. Então a Escola Aberta do Terceiro Setor para mim foi uma grande oportunidade, foi uma grande honra receber o convite e fazer o que eu gosto.”

Ahmed Sameer El Khatib

ÉTICA NA CONTABILIDADE

A transparência é fundamental para seu funcionamento.

A Contabilidade é um setor no qual a transparência é fundamental para seu funcionamento. Por isso o mais importante de todos os valores para as boas práticas de Contabilidade é, com certeza, a ética.

Mas o que é a ética?

A palavra vem do grego *ethos* e define conjuntos de valores que resultam em uma prática moral. A ética está sempre ligada à vida em sociedade e como ela se manifesta para que essa vida seja próspera. Tem a ver com o modo como tratamos os outros e como exercemos a nossa liberdade enquanto respeitamos as liberdades do próximo.

A ética profissional está ligada ao respeito aos colegas de trabalho e à sociedade, e também à transparência nas práticas e processos. Atualmente, com a Contabilidade voltada aos relatórios de balanço social, esse princípio ético é fundamental. A sociedade cobra que as empresas sejam justas e tenham práticas que respeitem o ser humano, o meio ambiente e a sociedade como um todo. Por isso a transparência está dentro dos princípios éticos da Contabilidade. E isso também tem uma ligação forte com a sustentabilidade, pois é uma cobrança da sociedade.

Conforme apontado por Antônio Lopes de Sá, “virtudes básicas dos profissionais são aquelas que são indispensáveis, sem as quais não se consegue a realização de um exercício ético competente, seja qual for a natureza do serviço prestado”. Desse modo, pode-se falar em virtudes exigidas de todos os profissionais da contabilidade, que definiriam quais são as boas práticas da profissão.

As discussões sobre ética no meio da Contabilidade vêm desde os anos 50, mas apenas em 1970, com a Resolução n.º 290, o Conselho Federal de Contabilidade criou um Código de Ética. Esse código foi atualizado por meio da Resolução n.º 803, de 10 de outubro de 1996. Hoje é conhecido como Código de Ética Profissional do Contador, ou CEPC, e é composto por 15 artigos que definem as normas de conduta

dos profissionais de contabilidade, dentro das quais todos devem agir.

Segundo este código, os profissionais sempre devem agir com honestidade e zelo, resguardando os interesses de seus clientes, mas sem prejudicar a dignidade do profissional. Também é preciso que o contador trabalhe com idoneidade e para tanto é necessário que esteja sempre atualizado com relação às leis e normas de conduta que deve seguir. Este conhecimento é muito exigido também para a emissão de opiniões e pareceres, para a qual precisam ter profundo saber sobre os processos.

Caso haja algum tipo de quebra de confiança entre o profissional e o cliente por qualquer uma das partes, o código defende que o profissional deve renunciar com notificação prévia de 30 dias, zelando pelos interesses do cliente e evitando declarações públicas sobre os motivos da renúncia. Caso haja um profissional encarregado de substituí-lo, é necessário que o primeiro passe as informações corretas para o segundo de modo que este continue o trabalho de maneira coerente e eficiente.

O Código de Ética também tem como preocupação a categoria como um todo. Existem passagens que exigem que os profissionais da contabilidade sempre zelem pela classe, lutando por condições dignas de trabalho e remuneração à altura. Além disso, reforça que somente os profissionais com registro no CRC têm competência para exercer a profissão.

O papel do CRCSP na ética é imprescindível, pois o próprio código diz que todos os prazos estipulados pelo Conselho devem ser cumpridos e quaisquer desvios de conduta ficam a cargo dos Conselhos Regionais para serem julgados. Estes desvios também estão definidos no CEPC, assim como as punições às quais os profissionais serão subjugados. Essas punições podem envolver advertências (pública ou reservada) e até mesmo suspensão. Para o julgamento nesses casos, os CRCs funcionam como tribunal regional de ética e disciplina, enquanto o CFC faz o papel de tribunal superior.

Antônio Lopes de Sá (1927-2010)

Foi contador e escritor, dedicando uma vida à Contabilidade. Deixou mais de 150 obras publicadas e uma grande quantia de artigos. Foi um dos agraciados pela Medalha

João Lyra, do CFC. Sua vasta obra trata de diversos assuntos, com grande ênfase na importância da Ética. Foi agraciado com a Medalha Francisco D’Auria pelo CRCSP.



Referência para a vida

“O aspecto ético faz parte da vida de todas as pessoas e, profissionalmente, isso é de relevância, porque uma sociedade como a nossa e com os exemplos que a gente tem aí, a gente percebe como essa falta de compromisso e de responsabilidade é muito ruim em todos os aspectos, não só para o profissional, mas também para a sociedade. Quando a pessoa se compromete a atuar numa profissão, precisa ter como norte que, primeiro, deve ter competência técnica para isso e agir com ética em relação às pessoas e ao trabalho. Isso precisa estar muito presente. Ou você age com ética ou você age

com ética, principalmente, por causa do respeito em relação ao próximo, respeito em relação ao seu cliente, respeito em relação às organizações em que você participa, é o mínimo que se tem que fazer para que as coisas caminhem sempre da forma correta e na forma que a sociedade espera que você aja. Esse é o exemplo que você tem que dar quando participa de uma entidade de classe: primeiro, para que as pessoas possam respeitá-lo e, segundo, para que usem esta como referência para a vida.”

Gildo Freire de Araújo

Matéria-prima da profissão contábil

“A gente se dedica cada vez mais à profissão e se preocupa em fazer a profissão ter uma aceitação perante a sociedade. Tudo tem uma matéria-prima. Para fazer uma mesa aqui, você precisa de madeira, então a matéria-prima. Na Contabilidade, a matéria-prima é a informação.

É a informação que dá um produto contábil. E essa informação tem que ser fidedigna, então a transparência em informação é a principal matéria-prima na Contabilidade, elas são indissociáveis.”

José Aparecido Maion

Ética, de fato

“Para qualquer profissão, a primeira coisa é a questão ética, é o primeiro valor. As pessoas esquecem de ensinar o valor ético de fato, o que é ética de fato, não significa uma disciplina de código de ética, conduta. Você tem a disciplina no curso de Contabilidade, é uma disciplina obrigatória, que é Ética da Profissão Contábil, mas é aplicada à profissão contábil. Você tem que ensinar coisas éticas de uma forma geral, de como lidar com as pessoas, de como lidar no ambiente, no planeta. Isso envolve valores

que eu gosto de ensinar sobre responsabilidade social corporativa e, não só corporativo, mas responsabilidade social pessoal. Todo mundo tem obrigação com o planeta e isso envolve tudo: quem está do seu lado, quer seja na sua família ou dentro de um ônibus ou dentro de qualquer lugar, são valores de viver em sociedade de uma forma geral. Porque, depois disso, você pode ter qualquer profissão se tiver isso muito claro.”

Marta Pelucio

Agente social de confiança



Edgard Cornacchione

Nascimento:
25 de maio de 1969, na
cidade de São Carlos (SP)

Atividade:
contador e professor

Eu comecei a trabalhar muito cedo, influenciado pelo meu pai. Eu me criei num sítio e gostei muito dessa experiência, me ajudou no que eu sou hoje e me fez focar muito. Com 11 anos, nós estamos falando de 1980, mais ou menos nesse período, meu pai tinha contato com o engenheiro da cidade, ele fez uma visita para a gente e falou: “Ah, tem um negócio chamado computador aí que vocês precisam dar uma olhada.” Eu, moleque, fiquei encantado e me dediquei em informática. Quase não havia nada de recurso, revistas, livros, equipamentos. E meu pai me deu uma enorme motivação. Acabei debruçando em cima dessa área de tecnologia e fui para o inglês. E isso fez uma diferença significativa na minha carreira e na minha vida, a tecnologia e o idioma.

Eu fui ajudar meu pai – que é contador e advogado –, aprendi um monte de coisa, fazia Contabilidade, digitava. Até hoje é difícil alguém me bater no teclado numérico reduzido, porque eu digito muito rapidamente. No escritório, eu fui seguindo essa trilha, tecnologia e Contabilidade, tecnologia e empresas. Foi natural eu pensar numa carreira na área de Contabilidade e eu não escondo que houve uma enorme influência do meu pai.

Lembro até hoje o dia em que eu vim fazer a matrícula na USP, em 1986. Eu estava discutindo com meu pai na Anhanguera sobre esse negócio de matrícula, aquela dúvida tremenda e, naquele ponto, perto do pedágio que caiu a ficha: era Contabilidade mesmo.

Quando eu estava terminando a graduação, fui conversar com um professor muito querido chamado Masayuki Nakagawa: “E agora, o que eu vou fazer?” Ele começou a me falar coisa de mestrado, de carreira acadêmica, tal. E eu não tive dúvidas, eu prestei o concurso para fazer o mestrado. Dezembro de 1986 foi a primeira vez que vim parar na USP por conta do vestibular e vai fazer 30 anos que eu não tiro o pé de lá!

Posso dividir o passado em duas fases, mas eu acho que tem uma terceira, que daqui a pouco eu vou saber caracterizar melhor quando ela começa. A primeira fase seriam os primeiros dez anos da minha carreira como docente, pesquisador da USP, década de 1990, que foi devotada à Contabilidade Gerencial, com vários projetos de pesquisa e que a gente pôde ver como ajudar empresas de porte grande, com inovações na área de Contabilidade Gerencial.

Depois de 2000 até agora, suspeito que estou passando por um processo de transformação, mas esse outro pedaço foi a minha imersão em Educação. Eu não me distanciei da Contabilidade, eu simplesmente mudei o foco da minha pesquisa. A partir daí, muita coisa aconteceu de inovação na educação de Contabilidade – não é só do Brasil que eu estou falando, não, é do mundo. Por exemplo, eu sou pioneiro hoje em jogos aplicados à área de Contabilidade. Algumas tecnologias são de pôr na tomada, outras não mais são tecnologias que fazem a nossa vida mais eficiente. Hoje, eu sinto que estou num processo de transição; eu tenho olhado já há uns oito anos muito para o futuro. Eu me estimei muito sobre antecipação de cenários que afetam a nossa área profissional, assim como outras áreas profissionais, nitidamente apoiadas por tecnologia.

Assim, eu tenho procurado olhar para isso como fenômenos que potencialmente podem acontecer – sei lá, o homem em Marte em 2025 ou 2022 ou 2027, o que significa para a gente? Processos de abundância ao invés de processos de escassez, o que significa para a Contabilidade? Empresas que dependem menos de ativos fixos, ativos reais, prédio e mais de ideias e atingem uma valorização substancial em pouco tempo. Quebras de paradigma, rupturas reais em relação a como a sociedade se organiza e como é que os negócios se estabelecem.

Uma pesquisa minha é preço zero. Eu advogo que em um intervalo de tempo muito distante nós não vamos mais ter preços como a gente tem hoje, os produtos e serviços serão transacionados a preço zero ou quase zero. O que significa isso para a sociedade? E hoje você já tem isso na sua vida cotidiana, já tem uma série de coisas que você consome, que são boas, alta qualidade e você não paga por isso. Então o que significa isso para a gente, Contabilidade?

Então, o que tem acontecido com Contabilidade no mundo? Para que a sociedade precisa do contador? Para mim é uma coisa simples: Contabilidade para a sociedade é confiança.

O que nós estamos experimentando? É uma relação entre a sociedade e as profissões, algumas profissões vão ser necessárias no futuro, outras não. A Contabilidade tem parte dela que não será necessária como a gente conhece hoje. Só que tem uma parte da Contabilidade que é extremamente importante: a Contabilidade é confiança. A maneira que eu traduzo Contabilidade enquanto profissão é confiança. O agente social de confiança, esse é o contador. Então como eu formo um agente social de confiança? É menos instruindo esse indivíduo sobre aspectos tecnicistas e mais alimentando, provocando esse indivíduo para pensar em situações de conflito, situações de não conformidade, que possam afetar os agentes da sociedade para que ele exerça um papel de confiança.

Contabilidade é um agente social de confiança, é para o nosso bem-estar, para que a sociedade viva bem, para que a gente tenha, principalmente se pensarmos em acesso a produtos de qualidade, preços cada vez mais competitivos. A Contabilidade está olhando isso, investimento, poupança. Só que, em geral, o que a gente vê no mundo, é que o contador prefere não dialogar com a sociedade diretamente, mas dá impressão que esta é uma das profissões como outras que preferem atuar mais nos bastidores. A transição em que nós estamos agora para esse futuro é que a Contabilidade precisa ter um protagonismo

diferenciado, o contador tem que estar muito mais presente junto à sociedade, em um diálogo mais aberto, para desenvolver soluções que hoje não existem. E não há outro profissional que tenha as competências para que isso aconteça. O único profissional que reconhece todas as relações, ou potencialmente, as principais relações que afetam a situação patrimonial, a situação de desempenho das organizações, é o contador.

E o que ele tem que saber para ser o tal agente social de confiança? Eu fico sempre me perguntando: o auditor é um camarada que trabalha para uma empresa, ou para a sociedade? O contador é um camarada que trabalha para uma empresa, ou para a sociedade? E eu posso ter as duas respostas: “Não, ele trabalha para uma empresa.” Não sei. O médico, quando o opera e deixa com a saúde restabelecida, está trabalhando para você e para a sociedade ao mesmo tempo; ele não está trabalhando apenas para você, porque a saúde é algo público. Eu não posso deixar de acreditar que, se eu tenho uma pessoa saudável dentre cem que não são saudáveis, que está tudo bem, entendeu? É mais ou menos isso que eu estou querendo dizer: o contador é um profissional de infraestrutura social.

Assim, é num horizonte de tempo longe, mas que eu vejo, sim, a Contabilidade como um agente importante. O que eu quero dizer é o seguinte: o profissional da contabilidade tem acesso a relações que levam à qualidade do serviço, do produto que é gerado, consumo de recurso; ele tem condições de fazer essas análises. Ele talvez não tenha feito no passado por falta de estímulo. Por isso que eu digo: a universidade tem que dar esse estímulo, forçar o camarada a pensar nisso, mas a sociedade também, não é? Por isso que o diálogo junto à sociedade é fundamental. Para mim o papel do contador é um papel social, não dá para ele olhar só um pedaço.

O meu recado principal é esse: o contador como um agente social de confiança. É aí que vamos ter o nosso esteio de valorização, é aí que nós vamos ter a sociedade dialogando de forma mais aberta com a gente e vice-versa.

Contabilidade é um agente social de confiança, é para o nosso bem-estar, para que a sociedade viva bem, para que a gente tenha, principalmente se pensarmos em acesso a produtos de qualidade, preços cada vez mais competitivos.

ACADEMIA PAULISTA DE CONTABILIDADE

Contando com o apoio de diversos profissionais renomados do meio, em 25 de abril de 1952 foi fundada a Academia Paulista de Contabilidade, associação sem fins lucrativos e de âmbito estadual, que inicialmente tinha por finalidade cuidar do aperfeiçoamento científico da Contabilidade e do exercício profissional. Seu primeiro

presidente foi o renomado Professor Francisco D'Auria.

Reinstalada em 2012, a Academia tem uma grande importância na preservação da memória da Contabilidade e conta com a colaboração de grandes profissionais que ajudaram a construir este patrimônio histórico.

Francisco D'Auria (1884-1958)



Medalha Francisco D'Auria

Foi fundador e presidente do Sindcont-SP, contador-geral da República, contador do Departamento de Comércio Álvares Penteado, professor da Escola Técnico-Comercial do Instituto Brasileiro de Contabilidade, contador-geral do Estado de São Paulo, professor da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo, Secretário da Fazenda do Estado de São Paulo

e Secretário de Finanças da Prefeitura de São Paulo. Além disso, publicou 23 livros sobre Contabilidade e matérias afins. Seu trabalho foi reconhecido no exterior, o que fez com que ele se tornasse membro da *The Economic Society*, além de sócio correspondente da *Société de Comptabilité de France* e contador emérito das Américas. O CRCSP batizou uma de suas medalhas com seu nome.

Ressurgimento

“Em 1952, o meu pai, Joaquim Monteiro de Carvalho, e um grupo de pessoas fundaram a Academia Paulista de Contabilidade, mas ela ficou adormecida. A Academia abrange profissionais que têm conhecimento de destaque, tanto técnicos como contadores. O técnico

tem que ter outra formação superior. Eu fui empossado acadêmico na cadeira do professor Domingos D'Amore, que eu conheci, um grande professor!”

Joaquim Carlos Monteiro de Carvalho

Reinstalação da Academia

“Eu viajava por esse Brasil todo, pelo Conselho, e percebi que Rio de Janeiro, Paraná, Minas Gerais e Rio Grande do Norte tinham Academia de Contabilidade. Eu viajava muito com o professor José Joaquim Boarin. E falei: “por que nós não temos academia em São Paulo, onde as maiores inteligências da Contabilidade estão?” Ele respondeu: “Eu acho que já tivemos academia aqui em São Paulo.” “Vamos ver se a gente ativa a academia aqui em São Paulo, professor?” Quando eu chego vejo um livro que tem a anotação da Academia Paulista de Contabilidade, criada

pelo Professor Francisco D'Auria, em 1952. Eu vejo também Licurgo do Amaral Campos, que foi meu professor de Contabilidade lá na Faculdade de Ciências Econômicas, na Fundação Santo André. E aí o que nós fizemos? Corremos atrás e recriamos, reinstalamos a Academia Paulista de Contabilidade. Assim, nós estamos perpetuando, através do tempo e do espaço, os grandes nomes. Hoje temos a Academia Paulista de Contabilidade reinstalada.”

Domingos Orestes Chiomento

Cadeira de n.º 38¹

Muito cedo fui cooptado para a área da profissão contábil, devido à influência, em meu primeiro emprego, exercida pelos meus companheiros que trabalhavam na área contábil. Cursei o Técnico em Contabilidade e a Faculdade de Ciências Contábeis e Atuarial (Fecap); sempre me senti atraído pelos desafios da profissão.

Minha vida profissional foi iniciada no setor de Contabilidade e, após essa primeira fase, foi totalmente dedicada à especialização em Auditoria; foram muitos, nos últimos 38 anos, os pareceres de auditoria emitidos e assinados por mim e, todos eles, sempre significaram uma experiência nova e uma oportunidade de enfrentar novos e grandes desafios no exercício profissional de contador especializado em Auditoria Independente.

Iniciei minha carreira como auditor independente em empresa de grande prestígio nessa área onde, em 1974, fui convidado a participar como sócio da organização. Esse exercício profissional me propiciou, inclusive, uma importante participação no Brasil e no exterior.

Convocado por companheiros, e alicerçado em minhas atividades junto às entidades de classe, comecei minha participação junto ao CRCSP inicialmente como conselheiro, passando por quase todos os setores ou departamentos, em um processo de acompanhamento das atividades do CRCSP, integrando o Conselho Diretor e, finalmente, a presidência, na gestão de 1998-1999.

É muito importante para cada um de nós participar do Conselho e, dessa forma, servir à sociedade brasileira, por intermédio dessa mais importante entidade de representação da classe contábil, o que nos permitiu acompanhar e balizar a evolução de nossa economia e crescimento empresarial, colaborando ativamente não apenas no registro e fiscalização da profissão, mas também, e fortemente, na evolução da Ciência Contábil, inclusive buscando sua evolução nacional e internacionalmente.

Na minha gestão no Conselho Diretor e, subsequentemente como presidente, ocorreu uma extraordinária evolução da Contabilidade no Brasil, que culminou na atual fase de plena convergência das normas brasileiras de Contabilidade às normas internacionais.

Do ponto de vista patrimonial, demos continuidade e dedicamos muitos esforços no dotar a profissão de uma apropriada estrutura física, atualizada e ampla, que nos permitisse vir a ser a desejável “casa” dos profissionais da Contabilidade paulista. Na minha gestão, nossos esforços foram direcionados para, além das prerrogativas de registro e fiscalização, acompanhar os objetivos de dar aos nossos profissionais da contabilidade uma casa mais apropriada e permitir um espaço grande e acolhedor para o desenvolvimento intelectual de nossos profissionais.

A reativação da Academia Paulista de Contabilidade teve por objetivo principal a reafirmação da valorização educacional e cultural, a imagem, desenvolvimento e estímulo ao conhecimento filosófico, científico e tecnológico das Ciências Contábeis, colocando nossos objetivos mais alinhados a modernos processos para abranger os aspectos educacionais e culturais, de comunicação, difusão e informação.

Adicionalmente à atividade da Academia, nossa ação lá é importante para a profissão contábil por reconhecer, em um contexto plenamente acadêmico, além do acompanhamento dessa evolução técnica e cultural, o registro e a proteção ao nosso acervo intelectual e de nossos líderes, que nos deixaram um patrimônio intelectual a ser preservado e ampliado.

Ocupo a cadeira de n.º 38, que tem como patrono o insigne Professor Hilário Franco, professor emérito da Fecap, laureado como Contador Benemérito das Américas, agraciado com a maior comenda da profissão brasileira, Medalha de Mérito Contábil João Lyra pelo CFC, além de inúmeros e incontáveis títulos de reconhecimento pelas entidades contábeis de todo o Brasil.



Irineu De Mula

Nascimento:
29 de setembro de 1938, na cidade de São Paulo (SP)

Atividade:
presidente da Academia Paulista de Contabilidade (APC), presidente do CRCSP, gestão 1998-1999

1- Entrevista encaminhada por e-mail

TRABALHOS COM A MEMÓRIA

A Contabilidade é uma das práticas mais antigas da humanidade e, por isso, tem a sua história muito ligada ao desenvolvimento das sociedades.

A Contabilidade é uma das práticas mais antigas da humanidade e, por isso, tem a sua história muito ligada ao desenvolvimento das sociedades.

Assim, seria uma enorme injustiça não dar a importância que a Contabilidade merece. Por meio dela, podemos estudar movimentos que outras ciências humanas acabam ignorando. Por ela é possível entender registros de relações entre pessoas, países, sociedades.

Por isso é importante fazer esse trabalho de resgate da memória. Nas histórias das pessoas que vivem nesse meio e para esse meio, há uma sabedoria que não pode ser perdida, precisa ser passada adiante. Dessa maneira as gerações mais novas vão poder entender melhor o terreno onde estão pisando. Vão poder começar com conhecimentos que aqueles que vieram

antes deles podem não ter recebido, mas tiveram o prazer de passar adiante.

Por que existe um valor inestimável no ato de passar conhecimento adiante. Nossas vivências, quando guardadas, servem apenas para nós mesmos, mas quando disseminadas, mudam as vidas daqueles que entram em contato com elas.

O trabalho com memória não é novo para a Contabilidade, afinal, grande parte daquilo que ela estuda são registros feitos em algum lugar do tempo. Portanto, é fácil para a categoria entender a importância da história. É fácil notar como é preciso entender de onde viemos para que possamos saber quem somos hoje e a partir daí traçarmos o que será de nós amanhã.



Inauguração do Teatro Professor Hilário Franco, durante o aniversário de 64 anos do CRCSP, ocasião em que foram feitos trabalhos voltados para a memória

Memória

“Não saber de onde a gente vem é uma coisa muito cruel, não saber a nossa evolução, desconhecer. Não ter a chance de me apropriar da minha essência, de onde eu venho, de entender. Como é importante para o ser humano cometer erro, como é importante a gente cair, se machucar, ralar. Como é importante a gente passar por experiências que são agradáveis e passar por experiências que são desagradáveis. A gente só vai entender isso se nós abirmos esse processo e investigarmos, analisarmos, porque não é apenas olhar o que aconteceu, mas é interpretar, entender os porquês. Quer dizer, se eu não tenho história, dificilmente vou ser capaz de antecipar, se eu não sei de onde eu

vim, dificilmente vou ser capaz de antecipar os meus comportamentos em situações parecidas ou distintas das que eu presenciei ou experimentei. A história da Contabilidade é uma coisa tão curiosa, no mundo inteiro você conversa com os contadores, o pessoal lembra de alguns fenômenos de história da Contabilidade, tipicamente o Pacioli, o livro a Summa. É tão rica a história da Contabilidade, é tão presente na evolução do ser humano, é tão presente na configuração da sociedade moderna, é presente em cálculo, é presente em escrita, é presente em relações de confiança, é presente em negócios.”

Edgard Cornacchione

Ajuda na direção

“A história da credibilidade da profissão, tudo passou por pessoas. E pessoas que, como eu e como tantos outros, dedicaram um pedacinho de si para que a profissão pudesse melhorar. O registro da história é não só valorizar essas pessoas, dar crédito para o que elas fizeram em dado período, mas também mostrar, para aqueles que vão estar lá na frente, o respeito pela profissão. E ter respeito pelo seu passado ajuda

a dirigir melhor o futuro. Muitas decisões que eu tomei, eu me pautei em exemplos de pessoas que tinham me dado a escola aqui nessa casa, ou meu próprio pai lá em Bauru, para tomar uma decisão. Isso é história. E se o registro da história não for mantido, a gente dificilmente vai ter um referencial que vai nos ajudar nesse sentido.”

Luiz Fernando Nóbrega

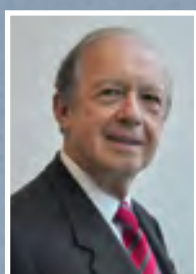
Gratidão

“É preciso honrar a história para continuar fazendo essa história. Então, esse registro da memória da Contabilidade paulista se confunde com a Contabilidade brasileira. O sistema foi criado, a profissão foi regulamentada em 1946 e o Estado de São Paulo, no desenvolvimento do nosso país, impulsiona até hoje a economia. A Contabilidade se confunde com a história do desenvolvimento da humanidade, não seria diferente do nosso Estado de São Paulo, que é um dos estados de maior contribuição, ou talvez o de maior contribuição para o desenvolvimento do nosso país. Honrar essa

história, resgatar a memória dos personagens que contribuíram para que esse sistema se fortaleça e continue contribuindo a cada dia, sem dúvida nenhuma é uma iniciativa brilhante do Conselho Regional de Contabilidade em um ano em que se comemoram 70 anos da profissão. Eu acho que honrar a história é a forma de expressar a nossa gratidão por uma profissão tão brilhante, por um sistema tão eficiente e que tanto defende a classe contábil no nosso estado e no nosso país.”

Marcia Ruiz Alcazar

Para abrir os horizontes



Victor Domingos Galloro

Nascimento:
20 de abril de 1942, na
cidade de São Paulo (SP)

Atividade:
contador e auditor,
presidente do CRCSP,
gestão 2000-2001

A minha mãe formou-se como guarda-livros. Tenho muito orgulho desse fato e coloquei o diploma dela na parede do escritório.

A minha mãe, Maria Filomena Petraroli Galloro, era formada em Enfermagem e formou-se também como guarda-livros. Tenho muito orgulho desse fato e coloquei o diploma dela na parede do escritório em minha residência. Ela se formou na década de 1930 para exercer a função de guarda-livros. Esse diploma é um importante documento de época, bonito e interessante.

O profissional guarda-livros exercia as mesmas funções de um contador ou de um técnico em contabilidade. Logicamente, as exigências da época eram bem menores que as dos dias atuais. O profissional fazia os registros contábeis e zelava pelo patrimônio da empresa, só que, naquela época, nós não tínhamos o registro profissional, mas a responsabilidade já era grande, e os profissionais capacitados, competentes. Tivemos grandes destaques: de profissionais com a formação de guarda-livros, participando de governos e atividades públicas, era uma profissão muito valorizada na época como agora também é.

Eu, com 12 anos de idade, fui trabalhar num escritório de contabilidade cujo titular era o contador Frederico José Sacco. Escolhi esse profissional como referência a ser seguida e o meu sonho era ser um contador. Então, tive o aprendizado da profissão com ele e realmente me apaixonei e estou nessa profissão até hoje.

O contador Frederico Sacco, na época, era contador do meu pai, Vicente Galloro, que possuía uma loja de calçados, e o meu pai pediu para que ele arrumasse algo para que eu pudesse estar ocupado, para não ficar na rua. Comecei a trabalhar e me desenvolvi nesse escritório.

No início, atendia chamadas telefônicas, anotava pedidos de clientes, entregava documentos e outros trabalhos, era office-boy e fui aprendendo a fazer escrituração fiscal, a apurar impostos e fiquei cerca de sete anos trabalhando com ele. Eu queria aprender mais Contabilidade e, no escritório, eu estava voltado para a parte fiscal, então resolvi sair para praticar escrituração contábil numa empresa industrial.

Na década de 1960, época de uma fase difícil na economia do país, um contador fazia o seu trabalho, era encarregado do departamento pessoal e outros afazeres. Tinha os seus assistentes, mas era responsável por todos os trabalhos contábeis, fiscais e administrativos, fazia tudo o que era necessário.

Consegui uma colocação profissional, trabalhava numa metalúrgica de porte médio e aprendi a prática da profissão cumprindo as exigências e desafios do dia a dia e, em poucos anos, consegui ocupar o cargo de contador. Completei o curso Técnico em Contabilidade em 1961. Depois me formei em Direito e, nesse interim, comecei a formar o meu escritório de contabilidade. Meu sonho era ter o meu escritório.

Consegui ter todo o material, comprei as máquinas, uma máquina de somar, marca Bourroghs em prestações, 24 parcelas! Só tinha máquina de somar que era importante para apurar os impostos, pois a escrituração dos livros era manuscrita. Montei o meu escritório nos fundos da minha casa, que tinha três salas. Comecei a formar uma clientela, conseguindo uma empresa cliente aqui, outro cliente acolá.

Assim, fui montando o meu acervo de clientes e comecei na área contábil. Em 1968, passei a trabalhar por conta própria.

Completei o curso na área jurídica, e voltei a estudar. Completei o curso de Ciências Contábeis por orientação do contador Frederico Sacco, que veio a ser meu sogro, e que sempre me dizia: "Você tem que se formar em Ciências Contábeis, que é o futuro da profissão." Ele atuava como perito contador. Como profissional técnico em contabilidade, eu já tinha o escritório formado.

Depois da formatura no curso superior, comecei a trabalhar na área de falências e concordatas. Naquela oportunidade, tinha bastante experiência, porque já trabalhava há muitos anos. Na década de 1980, além da Contabilidade, desenvolvi a área de Auditoria na minha empresa, no que fui bem-sucedido.

Fui convidado para participar da entidade de classe, no Ibracon, que aceitei prontamente. Entrei como diretor e, após o término do mandato, me convidaram para ser conselheiro do CRCSP, no final da década de 1980.

No início da década de 1990, eu fazia parte da Câmara de Fiscalização. E o vice-presidente de Fiscalização, contador José Antonio Godoy, que foi presidente do CRCSP na gestão 1996-1997, discutia muito os meus relatos, respeitando os meus pareceres. Quando eleito presidente, me convidou para ser vice-presidente de Fiscalização na sua gestão, o que aceitei com muito orgulho. Fui, posteriormente, vice-presidente de Administração, depois fui eleito presidente do Conselho Regional de Contabilidade do Estado de São Paulo, na gestão 2000-2001.

Consegui ter todo o material, comprei as máquinas, uma máquina de somar, marca Bourroghs em prestações, 24 parcelas! Só tinha máquina de somar que era importante para apurar os impostos, pois a escrituração dos livros era manuscrita.



Na parede, a lembrança da conquista materna

Mudou-se aquele conceito de rigidez que existia. O ambiente ficou mais leve, a profissão ficou mais bem vista com essas medidas e passou-se a ter uma visão mais ampla da profissão.

Sentar na cadeira de presidente, realmente é diferente do que ser vice-presidente, nas responsabilidades e afazeres. Você tem que ter uma visão ampla para definir uma série de situações. Na época, tivemos a oportunidade de fazer grandes transformações nas operações do Conselho, muitas delas ainda perduram. Entre outros trabalhos, tivemos a oportunidade de criar o Centro de Memória da Contabilidade Paulista, que posteriormente passou por transformação. Tivemos condições de iniciar os eventos culturais, realizados mensalmente. Passaram-se 15 anos e esses eventos perduram, o que muito nos orgulha. Foram inovações interessantes. Conseguimos a doação da escultura do deus grego Mercúrio, hoje instalada na entrada principal da entidade. O Centro de Memória sofreu transformação, mas continua instalado. A ideia era ter os profissionais da contabilidade e a sociedade participando desses eventos, isso aconteceu e acontece até hoje. Muitos profissionais não perdem a inauguração mensal de uma exposição de artes plásticas no CRCSP.

Mudou-se aquele conceito de rigidez que existia. O ambiente ficou mais leve, a profissão ficou mais bem vista com essas medidas e passou-se a ter uma visão mais ampla da profissão.

Enfim, uma história oferece um ponto de apoio para que as pessoas, no futuro, possam examinar e conhecer o que aconteceu e se orgulhar. É muito importante ter uma história para ser contada, para ser preservada, para nós reconhecermos os valores que já não estão mais presentes, para que a profissão ou a entidade seja reconhecida e seja valorizada pelas pessoas que a frequentam e dela participam.

O papel da história é importante por causa disso: essa história preservada vai se basear no que foi feito para também seguir o caminho do futuro e melhorar cada vez mais. Não tendo história, a pessoa perde a referência. Tendo uma

história, a pessoa tem no que se apoiar e se orgulhar do que foi feito. Essa é a minha visão.

[Sobre o Centro de Memória da Contabilidade Paulista] Não existia nada no Estado de São Paulo a esse respeito. Nós éramos uma profissão com muitos profissionais registrados, na época cerca de 100 mil, e não tínhamos uma história registrada. Daí a criação desse Centro de Memória, e conseguimos depoimentos de todos os grandes profissionais, veteranos, na época. Então foi uma coisa importante esse registro para deixar cultura, de fazer esse trabalho de registrar a história. A sementinha foi jogada lá atrás. Esse registro é importante para a posteridade, mostrando as dificuldades e também os frutos do trabalho do contador.

Isso faz parte do desenvolvimento das pessoas; as pessoas têm que conhecer uma série de coisas para ter uma visão maior, uma amplitude maior. E nos orgulha muito as pessoas virem, conhecerem; escolas trazerem seus alunos para conhecer o Centro de Memória, o espaço cultural. Na oportunidade, foi instalado um piano que é muito usado, então tem uma série de coisas que fazem parte da cultura. O contador, na falta de uma cultura geral, não consegue ter uma visão completa para ajudar o empresário a ter sucesso nas atividades. Se ele ficar somente com a parte técnica, realmente, acaba ficando prejudicado, ele e a empresa cliente. Tendo uma visão, conhecendo a história, conhecendo o que se passou na profissão, e com o Centro da Memória, com essas atividades culturais mensais, ele tem a oportunidade de ficar com uma visão mais ampla do que ficar envolvido somente com a parte técnica. Tem que ter uma visão ampla para você enxergar mais longe e com uma amplitude maior, e é isso que a cultura geral proporciona. Esses motivos que me levaram à criação de todas essas atividades, que hoje estão incorporadas.

À frente das comemorações dos 70 anos

Desenvolvimento da carreira

Não tinha muita noção do que era o universo da Contabilidade, tinha uma ideia de que eu precisava entrar no Banco do Brasil, porque achava bacana o pessoal de terno e gravata. Fui trabalhar em banco, na Contabilidade, aí despertou esse lado de me desenvolver nessa área, porque gostei muito do trabalho que fazia naquela agência. Eu ainda trabalhava no banco e comecei a atender uns clientes no que se referia ao Imposto de Renda Pessoa Física e percebi, naquela oportunidade, que eram poucos os escritórios de Contabilidade em Diadema. Meu irmão abriu um comércio e eu achei que poderia fazer essa parte fiscal e contábil para adquirir experiência. Como eu já conhecia os escritórios na cidade, fui perguntando como fazer, como resolver aquelas coisas de que eu não tinha muita noção; me atenderam, todos me explicavam como eu devia fazer

para fazer a escrituração do livro fiscal, a apuração de impostos... Apareceram outros clientes, mas o tempo era curto, porque eu trabalhava na agência e tinha muitas responsabilidades a essa altura. Eu percebia que precisava trabalhar numa área industrial, porque tem outra série de obrigações que eu desconhecia. Por coincidência, um empresário precisava de um gerente financeiro, então, para ele, nada melhor do que pegar alguém de banco. Ele me contratou para trabalhar em uma indústria que tinha um grande movimento e eu vi a oportunidade de vivenciar um pouco esse lado, já que a Contabilidade bancária é o inverso da Contabilidade das demais empresas. Fiquei dois anos na indústria, consegui ter uma visão maior do que seria uma empresa de contabilidade. Toda aquela rescisão que eu recebi, usei para comprar equipamentos, já existia computador e o crescimento foi muito rápido e faz quase 30 anos!



Gildo Freire de Araújo

Nascimento:
24 de janeiro de 1959,
na cidade de
São Paulo (SP)

Atividade:
empresário da
contabilidade,
presidente
do CRCSP, gestão
2016-2017



Gildo Freire de Araújo

Terminando o ano que vem, terei ficado 16 anos no Conselho Regional de Contabilidade. A gente nem percebe passar o tempo!

Inicialmente, eu comecei a participar do Sindicato dos Contabilistas de São Paulo, que tinha cursos que atendiam aquilo que eu precisava. No sindicato, naquela época, havia reuniões de empresários para trocar ideias e eu fiquei encantado. Não deixei mais de frequentar, era toda semana às quartas-feiras, que nós tirávamos dúvidas da nossa semana, criávamos um network e eu também comecei a tirar dúvidas dos outros por conta da vivência. Comecei a me envolver mais e, naturalmente, tem que estudar, tem que acompanhar sempre a legislação... Daí me convidaram a participar como conselheiro do Conselho Regional de Contabilidade e eu comecei, em janeiro de 1998, a participar do CRC de São Paulo. Quando a gente é eleito, a gente fica sempre quatro anos, depois fui reeleito e participei de diversas atividades e fui adquirindo outra competência, a de saber como é a entidade que fiscaliza a profissão e fazia palestras, dava alguns cursos pelo estado. Em 2006, eu saí do Conselho, fiquei quatro anos fora para dar uma organizada na empresa de contabilidade. Quando fui reconduzido como conselheiro, voltei na condição de vice-presidente, justamente pelos conhecimentos que já tinha dos oito anos anteriores. Terminando o ano que vem, terei ficado 16 anos no Conselho Regional de Contabilidade. A gente nem percebe passar o tempo!

Septuagenária

A entidade está completando 70 anos e só chegou até aqui porque houve profissionais que, com o mesmo intuito que temos hoje, mostraram para a sociedade o valor que tem a profissão e, logicamente, nós já passamos por outros locais, por outras sedes em que

o crescimento só foi possível porque os profissionais se envolveram, acreditaram que poderiam fazer e fizeram.

A história dessa casa tem que fazer parte da história do profissional da contabilidade, para a gente referenciar quem se preocupou com esse desenvolvimento, o que foi feito no decorrer de todos esses anos e o que a gente espera que outros profissionais também façam. A história ajuda nesse desenvolvimento e na nossa percepção de que a gente pode realizar mais! O CRCSP começou pequenininho, foi toda uma motivação para ter um conselho regional de classe no nosso estado e mostrou que os profissionais, com toda a sua competência, conseguiram desenvolvê-lo de forma que, hoje, a gente está numa sede como a que temos!

Uma coisa que a gente tem focado bastante é mostrar para a sociedade o valor do profissional da contabilidade. Nós temos buscado mídias, temas que são divulgados toda semana, justamente para ter esse reconhecimento da nossa profissão. A gente tem muito ainda o que fazer, o Brasil precisa muito da Contabilidade e os estados, naturalmente, também. Então, a gente quer mostrar que o profissional da contabilidade é comprometido com o país, é comprometido com as empresas e com as organizações e nós queremos que esses profissionais assimilem isso e estejam preparados e desenvolvidos para atuar profissionalmente. Percebemos, com o passar dos anos, que a gente tem um reconhecimento maior. A tecnologia influencia muito a nossa área, no que se refere à dinâmica das coisas. Então o profissional precisa ter competência, também, para acompanhar a tecnologia e oferecer muito para as organizações na gestão das empresas.

A condição de estar na presidência depende de muitos fatores, depende dos outros profissionais que atuam como conselheiros, dos colaboradores do CRCSP. É a soma de esforços e a gente depende muito dessas competências individuais. Valorizar o ser humano é de suma importância, o fator humano tem que ser referenciado, porque é a base para tudo! É isso o que faz as coisas acontecerem e que realmente faz com que hoje o Conselho tenha essa referência e tenha esse reconhecimento na sociedade.

Quando a gente entra em nossa sede, a gente se sente abraçado pela classe, percebe que está num ambiente muito desenvolvido, onde se é amparado por um Conselho cujo espaço demonstra muita competência e representa a classe de uma forma muito positiva. Quando a gente entra numa entidade como a nossa, que mostra toda essa pujança, sente-se um respaldo e que o profissional pode se desenvolver muito bem, amparado por essa que é a maior entidade contábil do Brasil.

A história dessa casa tem que fazer parte da história do profissional da Contabilidade.



Atual Conselho Diretor com o presidente Gildo Freire Araújo à frente. Da esquerda para direita: José Donizete Valentina, vice-presidente de Fiscalização, Ética e Disciplina, Marcia Ruiz Alcazar, vice-presidente de Administração e Finanças, Neusa Prone Teixeira da Silva, vice-presidente de Registro, e José Aparecido Maion, vice-presidente de Desenvolvimento Profissional

A entidade está completando 70 anos e só chegou até aqui porque houve profissionais que, com o mesmo intuito que temos hoje, mostraram para a sociedade o valor que tem a profissão.

CONSELHEIRO	CRC N.º	CATEGORIA	GESTÃO	GÊNERO
Acácio de Paula Leite Sampaio	466	CT	Mandato:1954/1956 – Efetivo Mandato: 1957/1959 – Efetivo	Masc.
Adauro Cesar de Castro	38.790	TC	Mandato: 1968/1970 - Suplente Mandato: 1974/1977 - Suplente	Masc.
Adelino Mendes	10.513	TC	Mandato: 1959/1961 - Efetivo	Masc.
Adhemar Aparecido de Caroli	240.154	TC	Mandato: 2010/2013 - Efetivo	Masc.
Adhemur Pilar	514	TC	Mandato: 1951/1953 - Efetivo Mandato: 1957/1959 - Suplente Mandato: 1961/1963 - Suplente	Masc.
Adilson Biróli Gonzalez	77.599	CT	Mandato: 1994/1997 - Suplente	Masc.
Adilson Luizao	138.349	CT	Mandato: 2006/2007 - Suplente Mandato: 2008/2011 - Suplente	Masc.
Adolpho Paschoal Colonna Romano	3.532	CT	Mandato: 1986/1989 - Suplente	Masc.
Adriano Gilioli	186.671	CT	Mandato: 2010/2013 - Suplente Mandato: 2014/2017 – Efetivo	Masc.
Affonso Russomano	9	TC	Mandato: 1947/1951 - Efetivo	Masc.
Alaor da Silva Cardoso	1.609	CT	Mandato: 1959/1961 - Suplente	Masc.
Alberto da Cruz Gallo	17.885	CT	Mandato: 1960/1962 - Suplente Mandato: 1962/1964 - Suplente	Masc.
Alberto Lima	31.997	TC	Mandato: 1969/1971 – Efetivo Mandato: 1978/1981 - Suplente	Masc.
Alceu Pereira	17.433	CT	Mandato: 1986/1989 - Suplente	Masc.
Alcides Ramos	17.433	CT	Mandato: 1986/1989 - Suplente	Masc.
Alcides Rolim	47.077	TC	Mandato: 1986/1989 - Efetivo	Masc.
Alcy Ozias Garcia	114.772	CT	Mandato: 1998/2001 - Suplente	Masc.
Alécio Zanettim	19.162	TC	Mandato: 1960/1962 - Suplente Mandato: 1961 – Efetivo Mandato: 1960/1962 – Efetivo Mandato: 1963/1965 – Efetivo Mandato: 1990/1993 – Efetivo Mandato: 1994/1997 - Efetivo	Masc.
Alex Oliveira Rodrigues de Lima	172.390	CT	Mandato: 1998 a 2001 - Efetivo	Masc.
Alexandre Ferezini	230.366	CT	Mandato: 2014/2017 - Suplente	Masc.
Alexandre Juniti Kita	190.430	TC	Mandato: 2012/2015 - Suplente Mandato: 2016/2019 - Suplente	Masc.
Alexandre Sanches Garcia	153.432	CT	Mandato: 2016/2019 – Efetivo	Masc.
Alfredo Nazareno	18.479	CT	Mandato: 2016/2019 – Efetivo	Masc.
Almir da Silva Mota	95.942	CT	Mandato: 2004/2007 – Suplente Mandato: 2008/2011 - Efetivo	Masc.
Altair Juliano	29.591	CT	Mandato: 1984/1987 – Efetivo Mandato: 1988/1991 – Efetivo	Masc.
Alvaro Fernandes	24.636	CT	Mandato: 1966/1968 – Suplente Mandato: 1969/1971 - Efetivo	Masc.
Alvaro José Nahum	11.970	CT	Mandato: 1965/1967 - Suplente	Masc.
Alvaro Mendonça Filho	146	CT	Mandato: 1966/1968 – Suplente Mandato: 1969/1971 – Efetivo Mandato: 1974/1977 - Suplente	Masc.
Alvaro Simões Machado	4.127	CT	Mandato: 1950/1952 - Suplente Mandato: 1952/1954 - Efetivo	Masc.
Américo Paulo Sesti	4.420	CT	Mandato: 1953/1955 - Efetivo	Masc.

CONSELHEIRO	CRC N.º	CATEGORIA	GESTÃO	GÊNERO
Amicis Brandi Bertolotti	1.329	CT	Mandato: 1963/1965 – Suplente Mandato: 1966/1968 - Efetivo	Masc.
Amir Gomes dos Santos	65.438	TC	Mandato: 1992/1993 – Suplente Mandato: 1994/1997 – Efetivo Mandato: 1998/2001 - Efetivo	Masc.
Amyntas Pereira do Amaral	18.937	CT	Mandato: 1949/1950 - Suplente Mandato: 1953/1955 - Suplente Mandato: 1957/1959 - Efetivo	Masc.
Ana Maria Costa	123.361	CT	Mandato: 1998/2001 - Suplente Mandato: 2002/2005 - Suplente Mandato: 2006/2009 – Suplente Mandato: 2010/2013 – Efetiva Mandato: 2014/2017 - Efetiva	Femin.
Ana Maria Galloro Laporta	203.642	CT	Mandato: 2004/2007 - Suplente Mandato: 2008/2011 - Suplente Mandato: 2012/2015 - Suplente	Femin.
Ana Maria M. da Silva Malagolli	120.002	TC	Mandato: 1996/1999 - Suplente	Femin.
Angela Zechinelli Alonso	126.226	CT	Mandato: 2010/2013 – Suplente Mandato: 2014/2017 - Efetiva	Femin.
Anibal Galhardi	16.769	CT	Mandato: 1965/1967 - Suplente Mandato: 1968/1970 - Efetivo	Masc.
Annibal de Freitas	5.551	CT	Mandato: 1962/1964 - Suplente	Masc.
Antonino Aparecido de Carvalho	170.901	TC	Mandato: 2002/2005 - Efetivo	Masc.
Antonio Baesso Neto	56.966	TC	Mandato: 2008/2011 - Efetivo	Masc.
Antonio Borim	17.873	CT	Mandato: 1969/1971 - Efetivo	Masc.
Antonio Carlos Bordin	70.557	CT	Mandato: 2006/2009 - Efetivo	Masc.
Antonio Carlos Fernandes de Mello	95.977	TC	Mandato: 2000/2003 - Suplente	Masc.
Antonio Carlos Gonçalves	163.710	TC	Mandato: 2010/2013 - Suplente Mandato: 2014/2017 - Suplente	Masc.
Antonio Carlos Martins	76.734	CT	Mandato: 1990/1993 - Suplente	Masc.
Antonio Damas	1.032	CT	Mandato: 1965/1967 - Suplente Mandato: 1968/1970 - Suplente	Masc.
Antonio de Baptista	8.860	CT	Mandato: 1967/1969 - Suplente Mandato: 1971/1973 - Suplente	Masc.
Antonio de Méo	35.507	TC	Mandato: 1990/1993 – Suplente Mandato: 1994/1997 – Suplente	Masc.
Antonio de Oliveira Garcia	29.598	TC	Mandato: 1960/1962 - Efetivo	Masc.
Antonio de Oliveira Rego	37.943	TC	Mandato: 1998/2001 – Efetivo	Masc.
Antonio Eugenio Cecchinato	68.184	CT	Mandato: 2010/2013 - Suplente	Masc.
Antonio Gemignani	1.333	CT	Mandato: 1978/1981 - Suplente	Masc.
Antonio Gonçalves Júnior	1.514	CT	Mandato: 1961/1962 - Suplente Mandato: 1963/1965 - Efetivo	Masc.
Antonio Gonzalez	75.565	TC	Mandato: 2002/2005 – Suplente	Masc.
Antonio Hélio Civali	55.102	TC	Mandato: 1990/1993 - Suplente	Masc.
Antonio Lando Accorsi	1.989	CT	Mandato: 1953/1955 – Suplente Mandato: 1955/1957 - Efetivo Mandato: 1961/1963 - Efetivo	Masc.
Antonio Luiz Sarno	40.275	CT	Mandato: 1972/1975 – Efetivo Mandato: 1982/1985 - Efetivo	Masc.
Antonio Marcos Favarin	84.374	CT	Mandato: 1996/1999 - Suplente	Masc.
Antonio Neves da Silva	111.763	CT	Mandato: 2002/2005 – Efetivo Mandato: 2006/2009 - Efetivo	Masc.
Antonio Peres Rodrigues Filho	3	CT	Mandato: 1947/1949 – Efetivo Mandato: 1950/1952 – Efetivo Mandato: 1954/1956 - Efetivo	Masc.

CONSELHEIRO	CRC N.º	CATEGORIA	GESTÃO	GÊNERO
Antonio Sofia	120.947	CT	Mandato: 1992/1993 - Suplente Mandato: 1994/1997 - Efetivo Mandato: 2002/2005 - Suplente	Masc.
Antonio Soligo	14.368	CT	Mandato: 1986/1989 - Suplente	Masc.
Antonio Venício Fellin	275	CT	Mandato: 1958/1960 - Suplente Mandato: 1961 - Efetivo Mandato: 1965/1967 - Efetivo Mandato: 1968/1970 - Efetivo Mandato: 1978/1981 - Efetivo Mandato: 1982/1985 - Efetivo Mandato: 1986/1989 - Efetivo Mandato: 1990/1993 - Suplente Mandato: 1994/1997 - Suplente	Masc.
Aparecida Terezinha Falcão	53.965	CT	Mandato: 1986/1989 - Suplente Mandato: 1990/1993 - Suplente Mandato: 1994/1997 - Suplente	Femin.
Aparecido Diniz de Moraes	162.050	TC	Mandato: 1998/2001 - Suplente	Masc.
Ari Milton Campanhã	129.359	TC	Mandato: 2004/2007 - Suplente Mandato: 2008/2011 - Efetivo Mandato: 2012/2015 - Efetivo	Masc.
Armando Aloe	15	CT	Mandato: 1967/1969 - Suplente	Masc.
Armando Andrade	39.578	CT	Mandato: 1992/1993 - Efetivo Mandato: 1994/1997 - Efetivo Mandato: 1998/2001 - Efetivo	Masc.
Armando do Nascimento	43.450	TC	Mandato: 1998/1999 - Efetivo	Masc.
Arnaldo José Marques de Souza	21.154	TC	Mandato: 1961 - Suplente	Masc.
Arnaldo Longhi Colonna	37.576	TC	Mandato: 2002/2005 - Efetivo Mandato: 2006/2009 - Efetivo	Masc.
Arthur Magalhães Andrade	102	CT	Mandato: 1952/1954 - Suplente Mandato: 1955/1957 - Efetivo Mandato: 1958/1960 - Efetivo	Masc.
Arthur Pinto	7.781	CT	Mandato: 1988/1991 - Suplente	Masc.
Ary Silveira Bueno	107.634	CT	Mandato: 1992/1995 - Suplente	Masc.
Ataliba Amadeu Sevá	3.240	CT	Mandato: 1949 - Suplente Mandato: 1972/1975 - Efetivo Mandato: 1976/1979 - Efetivo Mandato: 1980/1983 - Efetivo	Masc.
Aureliano Fonseca Braga	33.147	CT	Mandato: 1980/1983 - Efetivo Mandato: 1984/1987 - Suplente	Masc.
Ayrton Viola	44.656	TC	Mandato: 1984/1987 - Suplente Mandato: 1988/1991 - Efetivo Mandato: 1992/1995 - Suplente Mandato: 1996/1997 - Efetivo	Masc.
Benedito Carlos dos Santos	74.101	TC	Mandato: 1992/1993 - Suplente	Masc.
Benedito Pereira de Barros Filho	161.162	CT	Mandato: 1996/1999 - Suplente Mandato: 2000/2003 - Suplente	Masc.
Bethel Corcoruto Lombardi	216.887	CT	Mandato: 2014/2017 - Suplente	Masc.
Breno Acimar Pacheco Correa	130.814	CT	Mandato: 2016/2019 - Suplente	Masc.
Bruno Della Nina	19.391	CT	Mandato: 1959/1961 - Efetivo	Masc.
Bruno Roberto Kalkevicius	65.396	TC	Mandato: 2010/2013 - Efetivo Mandato: 2014/2017 - Efetivo	Masc.
Camila Severo Facundo	219.147	CT	Mandato: 2006/2009 - Suplente Mandato: 2010/2013 - Efetiva	Femin.
Carlos Alberto Vieira	131.881	TC	Mandato: 2014/2015 - Suplente Mandato: 2016/2019 - Efetivo	Masc.
Carlos Augusto Nogueira	104.734	TC	Mandato: 1992/1995 - Efetivo Mandato: 1994/1995 - Efetivo Mandato: 1996/1999 - Efetivo Mandato: 2000/2003 - Efetivo Mandato: 2004/2007 - Efetivo	Masc.

CONSELHEIRO	CRC N.º	CATEGORIA	GESTÃO	GÊNERO
Carlos Bevilacqua	37.935	TC	Mandato: 1980/1983 - Efetivo Mandato: 1984/1987 - Efetivo	Masc.
Carlos Carmelo Antunes	152.755	TC	Mandato: 2006/2009 - Suplente	Masc.
Carlos Fernandes Thomé	3.429	CT	Mandato: 1968/1970 - Suplente	Masc.
Carlos Galhardo	71.020	TC	Mandato: 1982/1985 - Suplente Mandato: 1990/1993 - Suplente	Masc.
Carlos Roberto Matavelli	60.351	CT	Mandato: 2008/2011 - Efetivo Mandato: 2012/2015 - Efetivo Mandato: 2016/2019 - Efetivo	Masc.
Carmem de Faria Granja	127.256	CT	Mandato: 2006/2009 - Suplente	Femin.
Célia Regina de Castro	149.352	CT	Mandato: 1992/1995 - Efetiva Mandato: 1994/1997 - Efetivo Mandato: 1998/1999 - Efetivo Mandato: 2000/2003 - Efetivo	Femin.
Celina Coutinho	65.678	TC	Mandato: 2004/2007 - Suplente Mandato: 2006/2009 - Efetiva	Femin.
Celso Aparecido Gonçalves	76.610	CT	Mandato: 2006/2009 - Efetivo	Masc.
Celso Carlos Fernandes	107.771	TC	Mandato: 2006/2009 - Efetivo Mandato: 2010/2013 - Suplente Mandato: 2014/2017 - Efetivo	Masc.
Cesar Olivieri	13.409	CT	Mandato: 1969/1971 - Efetivo	Masc.
Charles Barnsley Holland	(RJ) 16.367	CT	Mandato: 2000/2005 - Efetivo	Masc.
Cibebe Pereira Costa	186.537	TC	Mandato: 2006/2009 - Efetiva Mandato: 2010/2013 - Suplente Mandato: 2014/2017 - Efetiva	Femin.
Cláudio Anibal Cleto	117.982	CT	Mandato: 2000/2003 - Efetivo Mandato: 2004/2007 - Efetivo	Masc.
Claudio Avelino Mac-Knight Filippi	(MG) 16.843	CT	Mandato: 2004/2005 - Suplente Mandato: 2006/2009 - Efetivo Mandato: 2010/2013 - Efetivo Mandato: 2014/2017 - Efetivo	Masc.
Claudio Gonçalo Longo	65.872	CT	Mandato: 2014/2017 - Suplente	Masc.
Clorivaldo Garcia Baptista	60.167	TC	Mandato: 1996/1999 - Suplente Mandato: 2000/2003 - Efetivo Mandato: 2004/2007 - Suplente Mandato: 2008/2011 - Suplente	Masc.
Clovis Ioshike Beppu	75.446	TC	Mandato: 2004/2007 - Efetivo	Masc.
Custódio Guimarães Filho	48.455	CT	Mandato: 1978/1981 - Efetivo Mandato: 1982/1985 - Efetivo Mandato: 1986/1989 - Efetivo	Masc.
Daisy Christine Hette Eastwood	125.616	TC	Mandato: 2002/2005 - Suplente Mandato: 2006/2009 - Efetiva Mandato: 2010/2013 - Efetiva	Femin.
Dario Rocha Rodrigues	3.886	CT	Mandato: 1988/1991 - Efetivo	Masc.
Deise Pinheiro	147.434	CT	Mandato: 2006/2009 - Suplente	Femin.
Derneval Gondim Freire	154.860	CT	Mandato: 2016/2019 - Suplente	Masc.
Dino de Stefani	23.788	CT	Mandato: 1955/1957 - Suplente	Masc.
Dirceu Aparecido de Carvalho	49.299	TC	Mandato: 1994/1997 - Suplente	Masc.
Domingos José de Souza	51.498	TC	Mandato: 1982/1985 - Suplente	Masc.
Domingos Orestes Chiomento	32.010	CT	Mandato: 1994/1997 - Suplente Mandato: 1998/2001 - Efetivo Mandato: 2002/2005 - Efetivo Mandato: 2006/2009 - Efetivo Mandato: 2010/2013 - Efetivo	Masc.
Dorival da Rocha Mello	69.630	TC	Mandato: 1988/1991 - Suplente	Masc.
Dorival Fontes de Almeida	71.624	TC	Mandato: 2006/2009 - Suplente	Masc.
Dulcideo Antonio Pereira	50.391	CT	Mandato: 1978/1981 - Suplente	Masc.

CONSELHEIRO	CRC N.º	CATEGORIA	GESTÃO	GÊNERO
Durval Alves	22.880	TC	Mandato: 1964/1966 – Efetivo Mandato: 1967/1969 – Efetivo Mandato: 1970/1973 - Efetivo Mandato: 1974/1977 - Efetivo Mandato: 1978/1981 – Efetivo Mandato: 1982/1985 - Efetivo Mandato: 1986/1989 - Efetivo	Masc.
Edeno Teodoro Tostes	100.317	TC	Mandato: 1986/1989 – Efetivo Mandato: 1994/1997 - Suplente	Masc.
Edevaldo Pereira de Souza	139.431	CT	Mandato: 2002/2005 – Suplente Mandato: 2006/2009 - Suplente	Masc.
Edison de Oliveira Santos	11.280	CT	Mandato: 1957/1959 - Suplente	Masc.
Edison Ferreira Rodrigues	11.280	CT	Mandato: 2010/2013 – Suplente	Masc.
Edivalmir Antonio Massa	174.959	CT	Mandato: 1998/2001 – Efetivo	Masc.
Edmundo José dos Santos	145.654	TC	Mandato: 2000/2003 - Efetivo	Masc.
Eduardo José Rodrigues	223.269	CT	Mandato: 2016/2019 - Suplente	Masc.
Eiuseu Martins	(PR) 10.705	CT	Mandato: 1984/1987 - Suplente Mandato: 1988/1991 - Suplente	Masc.
Elizabeth Castro Maurenza de Oliveira	144.373	CT	Mandato: 2008/2011 – Suplente Mandato: 2012/2015 - Suplente Mandato: 2016/2019 - Efetiva	Femin.
Elza Nice Ribeiro Moreira	164.013	CT	Mandato: 2004/2007 - Suplente	Femin.
Emilio Bacchi	8	CT	Mandato: 1947/1949 – Efetivo Mandato: 1949/1950 - Suplente	Masc.
Emílio Nápoli	10.531	CT	Mandato: 1972/1975 - Suplente	Masc.
Emir Castilho	84.596	CT	Mandato: 2010/2013 - Suplente Mandato: 2014/2017 - Suplente	Masc.
Erasto Moreira Pires	12.151	CT	Mandato: 1954/1956 - Suplente	Masc.
Ernesto Das Candeias	38.604	CT	Mandato: 1978/1981 - Suplente Mandato: 1990/1993 – Efetivo Mandato: 1994/1997 - Efetivo	Masc.
Ernesto Marra	338	CT	Mandato: 1956/1967 – Efetivo Mandato: 1978/1981 - Efetivo	Masc.
Erse Bassani	10.520	CT	Mandato: 1966/1968 - Efetivo	Masc.
Euclides Aparecido Moreno	134.173	TC	Mandato: 1998/2001 - Suplente	Masc.
Eudes Emiliano Maretti Fernandes	160.661	CT	Mandato: 2002/2005 - Suplente	Masc.
Fernando de Almeida Santos	258.696	CT	Mandato: 2014/2017 - Suplente	Masc.
Fernando Nepomuceno Filho	36.354	TC	Mandato: 1971/1973 - Suplente	Masc.
Firmino Pacheco Nobre	140	CT	Mandato: 1966 – Suplente Mandato: 1967/1969 – Efetivo Mandato: 1970/1973 – Efetivo	Masc.
Flávia Augusto	219.810	CT	Mandato: 2012/2013 - Suplente Mandato: 2014/2017 – Efetiva	Femin.
Francisco Antonio Feijó	17.911	TC	Mandato: 1968/1970 - Suplente Mandato: 1971/1973 – Efetivo Mandato: 1974/1977 – Efetivo Mandato: 1978/1981 - Suplente Mandato: 1982/1985 – Efetivo	Masc.
Francisco Antonio Marona	13.084	CT	Mandato: 1974/1977 - Efetivo	Masc.
Francisco de Chiaro Netto	22.199	TC	Mandato: 1974/1977 - Suplente Mandato: 1992/1995 – Efetivo Mandato: 1994/1997 – Efetivo	Masc.
Francisco de Luca Netto	458	TC	Mandato: 1966/1968 - Efetivo	Masc.
Francisco Emilio Nápoli	50.109	CT	Mandato: 1980/1983 – Efetivo Mandato: 1984/1987 - Efetivo	Masc.
Francisco José Ardito	15.877	CT	Mandato: 1982/1985 - Suplente	Masc.

CONSELHEIRO	CRC N.º	CATEGORIA	GESTÃO	GÊNERO
Francisco Gaia Gomes	2.107	CT	Mandato: 1964/1966 - Suplente	Masc.
Francisco José Jarabeck	111.371	CT	Mandato: 1998/2001 - Suplente Mandato: 2002/2005 - Suplente	Masc.
Francisco Montoia Rocha	136.437	CT	Mandato: 2004/2007 - Suplente	Masc.
Francisco Moraes da Costa	19.018	CT	Mandato: 1953/1955 - Suplente	Masc.
Francisco Moreno Correa	57.607	CT	Mandato: 1970/1973 - Suplente	Masc.
Francisco Rodrigues Dias	11.853	CT	Mandato: 1959/1961 – Suplente Mandato: 1961 - Efetivo Mandato: 1962/1964 – Efetivo Mandato: 1970/1973 – Efetivo Mandato: 1974/1977 – Efetivo Mandato: 1978/1981 - Suplente Mandato: 1982/1985 - Suplente	Masc.
Francisco Yoshico Minei	43.517	CT	Mandato: 1982/1985 - Efetivo	Masc.
Gastão Rabelo E Silva	1.425	TC	Mandato: 1949 – Efetivo Mandato: 1950/1952 - Suplente Mandato: 1952/1954 - Efetivo	Masc.
George Dimitri Nassan	43.364	TC	Mandato: 1976/1979 - Efetivo	Masc.
Geraldino Faviere	7.178	CT	Mandato: 1963/1965 - Suplente Mandato: 1966/1968 - Efetivo	Masc.
Geraldo Faria de Toledo	23.726	TC	Mandato: 1956/1957 – Suplente Mandato: 1957/1959 - Efetivo	Masc.
Geraldo Gianini	67.830	CT	Mandato: 2008/2011 - Suplente	Masc.
Geraldo Stanzani	46.185	CT	Mandato: 1980/1983 – Efetivo Mandato: 1984/1987 - Efetivo	Masc.
Gilberto Benedito Godoy	54.249	CT	Mandato: 1996/1999 – Suplente Mandato: 2000/2003 - Suplente Mandato: 2004/2005 - Suplente Mandato: 2006/2009 - Suplente Mandato: 2010/2013 - Suplente	Masc.
Gilberto de Mello Schavareto	93.921	TC	Mandato: 1992/1995 - Suplente	Masc.
Gilberto Freitas	191.474	TC	Mandato: 2010/2011 - Suplente Mandato: 2012/2015 - Suplente	Masc.
Gildo Freire de Araujo	102.295	CT	Mandato: 1998/2001 – Efetivo Mandato: 2002/2005 – Efetivo Mandato: 2010/2013 – Efetivo Mandato: 2014/2017 - Efetivo	Masc.
Guy Almeida Andrade	116.758	CT	Mandato: 1992/1995 – Efetivo Mandato: 1994/1997 - Efetivo	Masc.
Hajime Isayama	96.846	CT	Mandato: 1990/1993 – Suplente Mandato: 1994/1997 – Efetivo Mandato: 1998/2001 – Efetivo Mandato: 2002/2005 - Efetivo	Masc.
Hatiro Shimomoto	37.165	TC	Mandato: 1963 – Suplente Mandato: 1964/1966 – Efetivo Mandato: 1967 - Suplente	Masc.
Hélio Silveira Lima	1.601	CT	Mandato: 1960/1962 - Efetivo	Masc.
Helvécio Alves Marques	34.512	CT	Mandato: 1961/1962 - Suplente	Masc.
Henrique Gudim	14.304	CT	Mandato: 1952/1954 – Suplente Mandato: 1956/1958 - Efetivo	Masc.
Hermenegildo Vendemiatti	59.873	TC	Mandato: 2008/2011 - Suplente Mandato: 2012/2015 – Suplente	Masc.
Homero Rutkowski	105.553	TC	Mandato: 1998/2001 – Efetivo Mandato: 2002/2005 – Efetivo	Masc.
Idalino Mendonça	305	TC	Mandato: 1955/1956 – Suplente Mandato: 1956/1958 – Efetivo Mandato: 1959/1961 - Efetivo	Masc.
Iguatemy Jorge de Andrade	2.203	CT	Mandato: 1963/1965 - Suplente	Masc.

CONSELHEIRO	CRC N.º	CATEGORIA	GESTÃO	GÊNERO
Inez Justina dos Santos	126.720	CT	Mandato: 2010/2013 - Suplente Mandato: 2014/2017 - Efetiva	Femin.
Innocêncio Martins Franco	20.447	TC	Mandato: 1961/1962 – Suplente Mandato: 1963/1965 - Suplente	Masc.
Ippo Watanabe	18.661	TC	Mandato: 1962/1964 - Suplente Mandato: 1986/1989 - Suplente Mandato: 1990/1993 – Efetivo Mandato: 1994/1997 – Efetivo Mandato: 1998/2001 – Efetivo	Masc.
Iracélio Perez	53.029	TC	Mandato: 2006/2009 - Suplente	Masc.
Irineu Desgualdo	4.014	CT	Mandato: 1963/1965 – Efetivo Mandato: 1978/1981 - Efetivo	Masc.
Irineu de Mula	56.524	CT	Mandato: 1984/1987 - Suplente Mandato: 1990/1993 – Efetivo Mandato: 1994/1997 – Efetivo Mandato: 1998/2001 - Efetivo	Masc.
Irineu Thomé	34.445	CT	Mandato: 1992/1995 - Suplente	Masc.
Jácomo Armando Bonitátibus	4.026	CT	Mandato: 1969/1971 - Suplente	Masc.
Jair Gomes de Araújo	123.639	CT	Mandato: 1998/2001 – Efetivo Mandato: 2002/2005 - Efetivo	Masc.
Jairo Balderrama Pinto	159.718	CT	Mandato: 2008/2009 – Suplente Mandato: 2010/2013 – Suplente Mandato: 2014/2017 - Suplente	Masc.
Jannuário Sylvio Pezzotti	8.207	CT	Mandato: 1971/1973 - Suplente	Masc.
Januel Rubens Fontarolli	33.434	CT	Mandato: 1969/1971 - Suplente	Masc.
Jerônimo Silva Júnior	6.842	CT	Mandato: 1969/1971 - Suplente Mandato: 1974/1977 - Efetivo	Masc.
João Aleixo Pereira	76.924	CT	Mandato: 1980/1983 - Suplente Mandato: 1984/1987 - Efetivo	Masc.
João Bacci	65.435	CT	Mandato: 1990/1993 - Suplente	Masc.
João Baptista Grecco	24.204	TC	Mandato: 1996/1999 – Suplente Mandato: 2000/2003 – Efetivo	Masc.
João Bianchi	10.056	TC	Mandato: 1949/1951 - Suplente	Masc.
João Carlos Castilho Garcia	169.842	CT	Mandato: 2014/2017 - Efetivo	Masc.
João Crespo Lopes	3.631	CT	Mandato: 1949/1950 - Suplente	Masc.
João da Silva Cardoso Neto	97.664	CT	Mandato: 1990/1993 – Efetivo	Masc.
João Deméo	21.366	TC	Mandato: 1961/1963 - Suplente Mandato: 1962/1964 – Efetivo Mandato: 1978/1981 - Efetivo Mandato: 1982/1985 - Efetivo	Masc.
João Edison Deméo	104.400	TC	Mandato: 1998/2001 – Suplente Mandato: 2016/2019 - Suplente	Masc.
João Gondim Sobrinho	5.826	CT	Mandato: 1959/1961 – Suplente Mandato: 1962/1964 – Efetivo Mandato: 1965/1967 – Efetivo Mandato: 1968/1970 - Efetivo	Masc.
João Gurzoni Netto	4.642	CT	Mandato: 1954 - Suplente Mandato: 1955/1957 - Suplente	Masc.
João Manoel Ribas D'avila	683	CT	Mandato: 1961/1963 – Efetivo Mandato: 1964/1966 - Efetivo	Masc.
João Marques da Silva Reis	2.601	CT	Mandato: 1968/1970 - Efetivo	Masc.
João Pestana Filho	11.997	CT	Mandato: 1970/1973 – Suplente Mandato: 1974/1977 - Suplente Mandato: 1978/1981 – Efetivo Mandato: 1982/1985 – Efetivo	Masc.
Joaquim Alves da Cruz	4	CT	Mandato: 1947/1951 - Efetivo	Masc.

CONSELHEIRO	CRC N.º	CATEGORIA	GESTÃO	GÊNERO
Joaquim Carlos Monteiro de Carvalho	53.239	TC	Mandato: 1998/2001 – Suplente Mandato: 2002/2005 – Efetivo Mandato: 2006/2009 – Efetivo Mandato: 2010/2013 – Efetivo Mandato: 2014/2017 - Efetivo	Masc.
Joaquim de Carvalho Júnior	4.595	CT	Mandato: 1972/1975 – Efetivo Mandato: 1976/1979 - Suplente Mandato: 1980/1983 - Suplente	Masc.
Joaquim Monteiro de Carvalho	5	CT	Mandato: 1947/1950 – Efetivo Mandato: 1951/1953 - Efetivo	Masc.
Joaquim Satyro Netto	29.456	TC	Mandato: 1967/1969 - Suplente Mandato: 1970/1973 – Efetivo Mandato: 1974/1977 - Efetivo Mandato: 1978/1981 - Efetivo	Masc.
Jocilene Oliveira dos Santos	239.653	CT	Mandato: 2008/2011 - Suplente	Femin.
Joel Dias Branco	192.629	TC	Mandato: 2006/2009 - Suplente	Masc.
Joiarib de Lima Furquim	32.513	TC	Mandato: 1964/1966 - Suplente	Masc.
Jorge Alberto da Cunha Moreira	(RJ) 78.169	CT	Mandato: 2014/2017 - Suplente	Masc.
Jorge Luiz Hilsdorf	41.899	TC	Mandato: 1972/1975 - Suplente	Masc.
Jorge Luiz Pereira de Araújo	139.389	CT	Mandato: 1998/2001 - Suplente	Masc.
José Antonio Frealdo Júnior	51.510	CT	Mandato: 1986/1989 – Efetivo Mandato: 1990/1993 – Efetivo Mandato: 1996/1997 - Efetivo	Masc.
José Antonio de Godoy	49.868	CT	Mandato: 1986/1989 – Efetivo Mandato: 1990/1993 - Efetivo Mandato: 1994/1997 - Efetivo	Masc.
José Aparecido Maion	117.681	CT	Mandato: 1994/1997 - Efetivo Mandato: 1998/2001 - Efetivo Mandato: 2002/2005 - Efetivo Mandato: 2010/2013 - Efetivo Mandato: 2014/2017 - Efetivo	Masc.
José Aref Sabbagh Esteves	90.980	TC	Mandato: 1996/1997 - Suplente Mandato: 1998/2001 - Suplente Mandato: 2002/2005 - Efetivo Mandato: 2006/2009 - Efetivo	Masc.
José Augusto Picão	83.191	CT	Mandato: 2014/2017 - Suplente	Masc.
José Benedito da Silva Salgado	64.936	CT	Mandato: 1974/1977 - Suplente Mandato: 1986/1989 - Efetivo	Masc.
José Carlos Borrego Borges	62.826	TC	Mandato: 1990/1993 - Efetivo	Masc.
José Carlos Duarte Leardine	148.010	TC	Mandato: 2008/2011 - Suplente Mandato: 2012/2015 - Efetivo Mandato: 2016/2019 - Efetivo	Masc.
José Carlos Marion	94.500	CT	Mandato: 1986/1989 - Suplente	Masc.
José Carlos Melchior Arnosti	173.657	CT	Mandato: 2006/2009 - Efetivo Mandato: 2012/2015 - Efetivo	Masc.
José Dante Fúria	1.840	CT	Mandato: 1956/1958 - Suplente	Masc.
José Dias	12	CT	Mandato: 1950/1952 - Suplente Mandato: 1953/1955 - Efetivo	Masc.
José Donizete Valentina	124.700	CT	Mandato: 2006/2009 - Efetivo Mandato: 2010/2013 - Efetivo Mandato: 2014/2017 - Efetivo	Masc.
José Eugênio de Lima	64.060	TC	Mandato: 1992/1995 - Efetivo Mandato: 1998/1999 - Efetivo	Masc.
Joséfa Possidônio Dapper	(RJ) 32.382	CT	Mandato: 1996/1997 – Suplente Mandato: 1998/2001 - Suplente	Femin.
José Ferraz de Siqueira Sobrinho	2.185	CT	Mandato: 1958/1960 - Efetivo Mandato: 1961/1963 - Efetivo	Masc.
José Fiorita	13.552	CT	Mandato: 1964/1966 - Suplente	Masc.

CONSELHEIRO	CRC N.º	CATEGORIA	GESTÃO	GÊNERO
José Francisco de Oliveira	35.842	TC	Mandato: 1970/1973 - Suplente Mandato: 1974/1977 - Suplente	Masc.
José Geraldo de Lima	6.425	CT	Mandato: 1949/1951 - Suplente	Masc.
José Geraldo de Mattos Barros	23.669	CT	Mandato: 1960/1962 - Efetivo Mandato: 1963/1965 - Efetivo Mandato: 1972/1975 - Efetivo Mandato: 1976/1979 - Efetivo	Masc.
José Gomes	17.463	CT	Mandato: 1966/1968 - Suplente Mandato: 1969/1971 - Suplente	Masc.
José Homero Adabo	74.137	CT	Mandato: 2002/2005 - Efetivo	Masc.
José Ismar da Fonseca	37.146	CT	Mandato: 1988/1991 - Efetivo Mandato: 1992/1995 - Efetivo	Masc.
José Joaquim Boarín	36.198	CT	Mandato: 2004/2007 - Efetivo Mandato: 2008/2011 - Efetivo	Masc.
José Luiz Ribeiro de Carvalho	141.128	CT	Mandato: 2014/2017 - Suplente	Masc.
José Luiz Vellani	102.318	CT	Mandato: 1982/1985 - Suplente	Masc.
José Maria de Menezes Campos	13.032	CT	Mandato: 1960/1962 - Suplente Mandato: 1961/1963 - Efetivo	Masc.
José Maria Ribeiro	97.208	TC	Mandato: 2010/2013 - Suplente	Masc.
José Rojo Alonso	32.722	CT	Mandato: 1961/1962 - Efetivo Mandato: 1963/1965 - Suplente Mandato: 1966/1968 - Suplente Mandato: 1970/1973 - Efetivo	Masc.
José Serafim Abrantes	53.583	CT	Mandato: 1990/1993 - Suplente Mandato: 1994/1997 - Efetivo	Masc.
José Silva	81.383	TC	Mandato: 1984/1987 - Suplente Mandato: 1988/1991 - Suplente Mandato: 1994/1997 - Efetivo Mandato: 1998/2001 - Efetivo	Masc.
José Teixeira da Silva	5.402	CT	Mandato: 1964/1966 - Suplente Mandato: 1967/1969 - Efetivo Mandato: 1971/1973 - Efetivo Mandato: 1974/1977 - Efetivo	Masc.
José Wilson Saraiva	13.640	CT	Mandato: 1955/1957 - Suplente Mandato: 1961/1963 - Suplente	Masc.
Josué Penna	503	CT	Mandato: 1952/1954 - Suplente	Masc.
Juares Brasil Correa	62.516	TC	Mandato: 1992/1993 - Efetivo Mandato: 1994/1997 - Efetivo Mandato: 1998/2001 - Efetivo	Masc.
Júlio César dos Santos	137.878	CT	Mandato: 2002/2005 - Suplente	Masc.
Júlio Linuesa Perez	99.555	CT	Mandato: 1998/2001 - Suplente Mandato: 2002/2005 - Efetivo Mandato: 2006/2009 - Efetivo Mandato: 2010/2013 - Efetivo	Masc.
Júlio Lucarelli	22.236	CT	Mandato: 1972/1975 - Suplente Mandato: 1976/1979 - Efetivo	Masc.
Júlio Luiz Baffini	162.773	CT	Mandato: 2006/2007 - Efetivo	Masc.
Júlio Simões	821	CT	Mandato: 1974/1977 - Suplente	Masc.
Kiota Tsutsui	15.420	CT	Mandato: 1982/1985 - Suplente	Masc.
Koshiro Kanaguchiko	34.246	TC	Mandato: 1986/1989 - Suplente	Masc.
Laerte Mancuso	32.094	CT	Mandato: 1974/1977 - Efetivo Mandato: 1982/1985 - Efetivo Mandato: 1986/1989 - Efetivo	Masc.
Lázaro Aparecido Banzato	53.981	CT	Mandato: 1986/1989 - Suplente Mandato: 1990/1993 - Suplente	Masc.
Lázaro Aparecido de Almeida Pinto	208.757	TC	Mandato: 2006/2009 - Suplente	Masc.
Leonardo Silva Tavares	134.185	CT	Mandato: 2006/2009 - Suplente	Masc.

CONSELHEIRO	CRC N.º	CATEGORIA	GESTÃO	GÊNERO
Leonildo do Amaral	6.754	CT	Mandato: 1954/1956 - Suplente	Masc.
Licurgo do Amaral Campos	288	CT	Mandato: 1957/1959 - Suplente	Masc.
Liliana Rugiero	19.208	CT	Mandato: 1980/1983 - Suplente	Femin.
Lorival José de Almeida	32.929	TC	Mandato: 1992/1993 - Efetivo	Masc.
Luciana de Fátima Silveira Granados	131.637	CT	Mandato: 2006/2009 - Suplente Mandato: 2010/2013 - Suplente	Femin.
Luís Augusto de Godoy	190.300	CT	Mandato: 2000/2003 - Suplente Mandato: 2004/2007 - Suplente Mandato: 2008/2011 - Efetivo	Masc.
Luis Carlos do Rego	145.687	CT	Mandato: 2014/2017 - Suplente	Masc.
Luiz Antonio Balamint	132.021	CT	Mandato: 1992/1995 - Efetivo Mandato: 1994/1997 - Efetivo Mandato: 1996/1999 - Efetivo Mandato: 2004/2007 - Efetivo	Masc.
Luiz Bertasi Filho	28.901	CT	Mandato: 1962 - Suplente Mandato: 1963/1965 - Efetivo Mandato: 1966/1968 - Efetivo Mandato: 1974/1977 - Efetivo Mandato: 1994/1997 - Suplente Mandato: 1998/2001 - Efetivo Mandato: 2002/2005 - Suplente Mandato: 2006/2009 - Suplente	Masc.
Luiz Carlos Vaini	73.457	CT	Mandato: 1990/1993 - Efetivo Mandato: 2002/2005 - Efetivo	Masc.
Luiz Edmundo Franchim	741	CT	Mandato: 1964/1966 - Efetivo	Masc.
Luiz Fernando Nóbrega	186.718	CT	Mandato: 2000/2003 - Efetivo Mandato: 2004/2007 - Efetivo Mandato: 2008/2011 - Efetivo Mandato: 2012/2015 - Efetivo	Masc.
Luiz Gonzaga Tegon	20.272	CT	Mandato: 1961/1963 - Suplente	Masc.
Manassés Efraim Afonso	134.000	TC	Mandato: 2006/2009 - Suplente Mandato: 2010/2013 - Suplente Mandato: 2014/2017 - Efetivo	Masc.
Manoel do Nascimento Veríssimo	121.524	CT	Mandato: 2010/2013 - Suplente Mandato: 2014/2017 - Efetivo	Masc.
Manoel Orlando de Moraes Pinho	35.891	CT	Mandato: 1974/1977 - Suplente	Masc.
Marcelo Roberto Monello	207.467	CT	Mandato: 2004/2007 - Efetivo Mandato: 2008/2011 - Efetivo Mandato: 2012/2015 - Efetivo Mandato: 2016/2019 - Efetivo	Masc.
Marcia Ruiz Alcazar	160.313	CT	Mandato: 2006/2007 - Efetiva Mandato: 2008/2011 - Efetiva Mandato: 2012/2015 - Efetiva Mandato: 2016/2019 - Efetiva	Femin.
Márcio Lério da Silva	240.313	CT	Mandato: 2016/2019 - Suplente	Masc.
Márcio Martins Villas	91.842	CT	Mandato: 1996/1999 - Efetivo	Masc.
Márcio Zago	176.617	TC	Mandato: 2016/2019 - Suplente	Masc.
Marco Antonio de Carvalho Fabbri	148.961	CT	Mandato: 2002/2005 - Suplente Mandato: 2006/2009 - Suplente Mandato: 2010/2013 - Suplente	Masc.
Marco Antonio Muzilli	101.145	CT	Mandato: 2006/2009 - Efetivo	Masc.
Marcos Brunhara	72.660	TC	Mandato: 2002/2005 - Efetivo	Masc.
Marcos Castilho Alexandre	134.582	TC	Mandato: 1998/2001 - Suplente Mandato: 2002/2005 - Suplente Mandato: 2012/2015 - Suplente	Masc.
Maria Anselma Coscrato dos Santos	88.140	CT	Mandato: 2006/2009 - Efetiva	Femin.
Maria Thereza Pompa Antunes	224.220	CT	Mandato: 2014/2017 - Efetiva	Femin.

CONSELHEIRO	CRC N.º	CATEGORIA	GESTÃO	GÊNERO
Mariano Amádio	83.485	CT	Mandato: 2012/2015 - Suplente Mandato: 2016/2019 - Efetivo	Masc.
Marilene de Paula Martins Leite	144.118	CT	Mandato: 2006/2009 - Efetiva Mandato: 2010/2013 - Efetiva	Femin.
Marina Marcondes da Silva Porto	180.466	CT	Mandato: 2008/2011 - Suplente Mandato: 2012/2015 - Suplente	Femin.
Mário Dacanal	3.315	CT	Mandato: 1956/1958 - Suplente	Masc.
Mário Franzolin	531	CT	Mandato: 1969/1971 - Efetivo	Masc.
Mário Martins de Almeida	30.748	CT	Mandato: 1992/1993 - Suplente Mandato: 1994/1997 - Suplente Mandato: 1998/2001 - Suplente	Masc.
Mário Migliavada	33.218	TC	Mandato: 1961/1962 - Suplente	Masc.
Mário Scaff	6	CT	Mandato: 1947/1950 - Efetivo Mandato: 1951/1953 - Efetivo Mandato: 1956/1958 - Efetivo	Masc.
Mauro Manoel Nóbrega	71.729	TC	Mandato: 1994/1997 - Efetivo Mandato: 2008/2009 - Efetivo Mandato: 2010/2013 - Efetivo Mandato: 2014/2017 - Efetivo	Masc.
Mauro Túlio Garcia	132.860	TC	Mandato: 2014/2017 - Suplente	Masc.
Masateru Kawakami	74.313	CT	Mandato: 1998/1999 - Suplente Mandato: 2000/2003 - Suplente	Masc.
Miguel Roberto Gherrize	31.947	CT	Mandato: 1998/1999 - Efetivo	Masc.
Milton Improta	2	CT	Mandato: 1947/1949 - Efetivo	Masc.
Misawo Usuba	35.846	CT	Mandato: 1994/1997 - Suplente Mandato: 1998/2001 - Suplente Mandato: 2002/2005 - Suplente	Masc.
Moacir da Silva Netto	170.742	TC	Mandato: 2010/2013 - Suplente Mandato: 2014/2017 - Suplente	Masc.
Moacyr Prado Simões	16.484	CT	Mandato: 1964/1966 Mandato: 1967/1969 - Efetivo Mandato: 1970/1973 - Efetivo	Masc.
Moacyr Ribeiro da Silva	17.841	TC	Mandato: 1967/1969 - Suplente Mandato: 1970/1973 - Suplente	Masc.
Moysés Atie	656	CT	Mandato: 1976/1979 - Suplente	Masc.
Nello Luiz Accorsi	160	CT	Mandato: 1954/1956 - Efetivo	Masc.
Nelmir Pereira Rosas	(RJ) 56.456	CT	Mandato: 2012/2015 - Efetivo Mandato: 2016/2019 - Efetivo	Masc.
Nelson Beutel	54.197	TC	Mandato: 2002/2005 - Suplente Mandato: 2008/2009 - Suplente	Masc.
Nelson da Costa Moreira	31.289	TC	Mandato: 1965/1967 - Suplente Mandato: 1968/1970 - Efetivo Mandato: 1971/1973 - Efetivo	Masc.
Nelson Espíndola Lobato	1.493	CT	Mandato: 1949/1951 - Suplente	Masc.
Nelson Mendes Pinto	30.405	TC	Mandato: 1968 - Suplente	Masc.
Nelson Mosulini Cagnani	28.899	TC	Mandato: 1986/1989 - Suplente Mandato: 1990/1993 - Suplente	Masc.
Nelson Pinheiro da Cruz	58.264	TC	Mandato: 1988/1991 - Efetivo	Masc.
Nelson Piva	146.964	CT	Mandato: 1996/1999 - Efetivo Mandato: 2000/2003 - Efetivo	Masc.
Nelson Rodrigues	26.663	TC	Mandato: 1978/1981 - Efetivo Mandato: 1982/1985 - Efetivo Mandato: 1996/1999 - Efetivo	Masc.
Nelson de Souza Barreto	15.469	CT	Mandato: 1965/1967 - Suplente	Masc.
Neusa Prone Teixeira da Silva	167.164	TC	Mandato: 2006/2009 - Efetiva Mandato: 2010/2013 - Efetiva Mandato: 2014/2017 - Efetiva	Femin.

CONSELHEIRO	CRC N.º	CATEGORIA	GESTÃO	GÊNERO
Newton Chaves Sanches	15.139	CT	Mandato: 1967/1969 - Suplente	Masc.
Newton Figueira de Mello	31.351	TC	Mandato: 1971/1973 - Suplente	Masc.
Nézio Antonio Barreiros	44.005	TC	Mandato: 1986/1989 - Suplente	Masc.
Niveson da Costa Garcia	149.804	CT	Mandato: 2002/2005 - Suplente Mandato: 2006/2009 - Efetivo Mandato: 2010/2013 - Efetivo Mandato: 2016/2019 - Suplente	Masc.
Nobuya Yomura	82.502	CT	Mandato: 2010/2013 - Suplente	Masc.
Noêmio Freire	1.196	TC	Mandato: 1950/1952 - Efetivo Mandato: 1953/1955 - Efetivo	Masc.
Octacílio Guimarães Costa	5.820	CT	Mandato: 1951/1953 - Suplente	Masc.
Octávio Almeida	17.020	CT	Mandato: 1967/1969 - Suplente Mandato: 1969/1971 - Suplente Mandato: 1971/1973 - Efetivo Mandato: 1974/1977 - Efetivo Mandato: 1978/1981 - Efetivo (Masc.
Oldemar Adriano do Couto	14.467	CT	Mandato: 1963 - Suplente	Masc.
Oldemar Murari	31.535	CT	Mandato: 1974/1977 - Suplente Mandato: 1978/1981 - Suplente	Masc.
Orlando Affonso Mendes	33.654	TC	Mandato: 1964/1966 - Suplente	Masc.
Oscar Castelo Branco	7		Mandato: 1947/1950 - Efetivo Mandato: 1949 - Suplente	Masc.
Osmar Fernandes	16.605	CT	Mandato: 1974/1977 - Efetivo Mandato: 1978/1981 - Efetivo Mandato: 1988/1991 - Suplente Mandato: 1992/1995 - Suplente	Masc.
Oswaldo Monéa	101.189	CT	Mandato: 1996/1999 - Efetivo Mandato: 2000/2003 - Efetivo Mandato: 2004/2007 - Efetivo	Masc.
Oswaldo Mauro	1.114	CT	Mandato: 1966/1968 - Suplente	Masc.
Oswaldo Pereira	59.578	TC	Mandato: 2006/2007 - Suplente Mandato: 2008/2011 - Suplente Mandato: 2010/2013 - Efetivo Mandato: 2014/2017 - Efetivo	Masc.
Otair Marcos Danieli	79.950	CT	Mandato: 1998/2001 - Suplente	Masc.
Paschoal Rizzi Naddeo	40.389	TC	Mandato: 1967/1969 - Efetivo Mandato: 1978/1981 - Suplente	Masc.
Paulo Alex de Souza	9.878	CT	Mandato: 1961/1962 - Suplente	Masc.
Paulo César Adorno	171.613	CT	Mandato: 2014/2017 - Suplente	Masc.
Paulo Raimundo Ribeiro dos Santos	79.715	CT	Mandato: 2002/2005 - Suplente	Masc.
Paulo Roberto Martinello	98.914	CT	Mandato: 1994/1997 - Suplente	Masc.
Paulo Roberto Martinello Júnior	217.640	CT	Mandato: 2008/2011 - Suplente Mandato: 2012/2015 - Suplente Mandato: 2016/2019 - Efetivo	Masc.
Pedro Ernesto Fabri	68.875	CT	Mandato: 1998/2001 - Efetivo Mandato: 2002/2005 - Efetivo	Masc.
Pedro Ítalo Rigitano	4.983	CT	Mandato: 1971/1973 - Suplente	Masc.
Pedro Pedreschi	1	CT	Mandato: 1947/1951 - Efetivo	Masc.
Plinio Rangel Pestana	31.588	CT	Mandato: /1961 - Suplente Mandato: 1962/1964 - Suplente Mandato: 1965/1967 - Efetivo	Masc.
Priscila Cristina Provazi	183.072	CT	Mandato: 2016/2019 - Suplente	Femin.
Rafael Cocca	1.188	CT	Mandato: 1971/1973 - Suplente	Masc.
Raphael Lório	11.683	CT	Mandato: 1951/1953 - Suplente	Masc.
Raul Antonio Correa da Silva	79.028	CT	Mandato: 1998/2001 - Suplente Mandato: 2002/2005 - Efetivo	Masc.

CONSELHEIRO	CRC N.º	CATEGORIA	GESTÃO	GÊNERO
Reinaldo Guerreiro	125.451	CT	Mandato: 1998/2001 - Suplente Mandato: 2002/2005 - Suplente	Masc.
Ricardo Luiz de Souza	121.109	TC	Mandato: 1991 - Suplente	Masc.
Rita de Cássia Bolognesi	190.281	CT	Mandato: 2006/2009 - Suplente Mandato: 2010/2013 - Suplente Mandato: 2014/2017 - Efetiva	Femin.
Roberson de Medeiros	179.128	CT	Mandato: 2012/2015 - Suplente	Masc.
Roberto Baquero	21.236	TC	Mandato: 1980/1983 - Suplente	Masc.
Roberto Bergamini	1.964	TC	Mandato: 1954/1956 - Suplente Mandato: 1955/1957 - Efetivo Mandato: 1961/1963 - Efetivo	Masc.
Roberto Plinio Colacioppo	6.047	CT	Mandato: 1978/1981 - Suplente Mandato: 1982/1985 - Suplente Mandato: 1986/1989 - Suplente	Masc.
Roberto Yoshio Kuabata	126.298	CT	Mandato: 2014/2017 - Suplente	Masc.
Ronald Monteiro	25.509	TC	Mandato: 1972/1975 - Suplente Mandato: 1976/1979 - Suplente Mandato: 1980/1983 - Suplente Mandato: 1984/1987 - Efetivo	Masc.
Ronaldo Raymundo Saunier Martins	43.176	CT	Mandato: 1992/1995 - Suplente Mandato: 1998/2001 - Suplente Mandato: 2002/2005 - Suplente Mandato: 2008/2009 - Suplente Mandato: 2012/2013 - Suplente	Masc.
Ronaldo Zalla Domingues	115.273	CT	Mandato: 1998/2001 - Suplente	Masc.
Rosmary dos Santos	127.172	CT	Mandato: 2010/2013 - Suplente Mandato: 2014/2017 - Suplente	Femin.
Rubens Duprat	3.394	CT	Mandato: 1960/1962 - Suplente	Masc.
Rubens Marques da Silva	7.353	CT	Mandato: 1963/1965 - Suplente	Masc.
Rubens Monton Coimbra	118.825	CT	Mandato: 2010/2013 - Efetivo	Masc.
Samuel Tufano	4.297	CT	Mandato: 1976/1979 - Suplente	Masc.
Sandra Regina Nogueira Pizzo Sabathé	195.651	CT	Mandato: 2004/2005 - Suplente Mandato: 2010/2013 - Suplente Mandato: 2014/2017 - Suplente	Femin.
Sebastião de Barros Martins	9.871	CT	Mandato: 1951/1953 - Suplente Mandato: 1954 - Suplente	Masc.
Sebastião Gianotti	2.023		Mandato: 1949 - Suplente	Masc.
Sebastião Luiz Gonçalves dos Santos	115.037	CT	Mandato: 2008/2011 - Efetivo Mandato: 2012/2015 - Efetivo Mandato: 2016/2019 - Efetivo	Masc.
Sebastião Pereira Lima Filho	23.600	TC	Mandato: 1962/1964 - Efetivo Mandato: 1965/1967 - Efetivo Mandato: 1968/1970 - Efetivo	Masc.
Seizi Toma	31.246	CT	Mandato: 1972/1975 - Efetivo Mandato: 1976/1979 - Efetivo Mandato: 1980/1983 - Suplente	Masc.
Selma do Carmo Ribeiro	159.113	CT	Mandato: 2014/2017 - Suplente	Femin.
Sergio Approbato Machado	10.204	CT	Mandato: 1968 - Suplente Mandato: 1982/1985 - Efetivo Mandato: 1986/1989 - Efetivo Mandato: 1990/1993 - Efetivo	Masc.
Sérgio Borges Felipe	135.642	CT	Mandato: 2006/2007 - Suplente	Masc.
Sergio Garcia da Silva	17.196	CT	Mandato: 1966/1968 - Suplente	Masc.
Sergio Paula Antunes	54.936	TC	Mandato: 2000/2003 - Suplente Mandato: 2004/2007 - Suplente	Masc.
Sergio Prado de Mello	58.000	CT	Mandato: 2003/2005 - Efetivo Mandato: 2006/2009 - Efetivo	Masc.
Sergio Provenzano	37.375	TC	Mandato: 1969/1971 - Suplente	Masc.

CONSELHEIRO	CRC N.º	CATEGORIA	GESTÃO	GÊNERO
Sergio Vollet	52.549	CT	Mandato: 2006/2009 - Efetivo Mandato: 2010/2013 - Efetivo	Masc.
Setsuo Kaidei Júnior	196.192	CT	Mandato: 2006/2009 - Suplente	Masc.
Shiguero Nishiguti	85.239	CT	Mandato: 1996/1997 - Efetivo	Masc.
Shiro Yamamoto	2.265	CT	Mandato: 1968/1970 - Suplente Mandato: 1971/1973 - Efetivo	Masc.
Silmar Marques Palumbo	190.737	CT	Mandato: 2006/2009 - Suplente Mandato: 2010/2013 - Efetivo Mandato: 2016/2019 - Suplente	Masc.
Sinji Oguma	83.316	CT	Mandato: 2000/2003 - Suplente	Masc.
Stalin Favalli	24.054	TC	Mandato: 1978/1981 - Suplente Mandato: 1990/1993 - Efetivo	Masc.
Suely Gualano Bossa Serrati	179.291	CT	Mandato: 2014/2017 - Suplente	Femin.
Sylvestre Oliveira Calmon	49.536	TC	Mandato: 1982/1985 - Suplente	Masc.
Sylvio Murilo Prata Provazi	169.826	TC	Mandato: 2002/2005 - Suplente	Masc.
Sylvio Nunes	3.359	CT	Mandato: 1978/1981 - Suplente Mandato: 1982/1985 - Efetivo Mandato: 1986/1989 - Efetivo	Masc.
Takeru Horikoshi	167.989	CT	Mandato: 2016/2019 - Suplente	Masc.
Telma Tibério Gouveia	77.249	CT	Mandato: 2006/2009 - Efetiva Mandato: 2010/2013 - Suplente	Femin.
Teresinha da Silva	136.144	CT	Mandato: 2004/2007 - Suplente Mandato: 2008/2011 - Suplente Mandato: 2012/2015 - Efetiva	Femin.
Theobaldo de Freitas Leitão	23.043	CT	Mandato: 1959/1961 - Efetivo Mandato: 1962/1964 - Efetivo	Masc.
Thereza Jolide Meneghesso Provazi	106.695	CT	Mandato: 1984/1987 - Suplente Mandato: 1988/1991 - Suplente Mandato: 1992/1995 - Suplente Mandato: 1996/1997 - Efetiva	Femin.
Tikara Tanaami	4.651	CT	Mandato: 1961/1963 - Suplente Mandato: 1964/1966 - Efetivo Mandato: 1967/1969 - Efetivo Mandato: 1971/1973 - Suplente Mandato: 1974/1977 - Suplente	Masc.
Ubirajara do Nascimento Moreira	41.973	CT	Mandato: 1996/1997 - Suplente Mandato: 1998/2001 - Efetivo	Masc.
Ubirajara Mendes	105.074	CT	Mandato: 1986/1989 - Suplente Mandato: 1990/1993 - Efetivo	Masc.
Umberto José Tedeschi	114.210	TC	Mandato: 2008/2011 - Efetivo Mandato: 2012/2015 - Efetivo Mandato: 2016/2019 - Efetivo	Masc.
Urbano do Carmo Curano	484	CT	Mandato: 1961/1963 - Suplente Mandato: 1964/1966 - Suplente	Masc.
Valder Luiz Palombo Alberto	122.987	CT	Mandato: 1994/1997 - Efetivo	Masc.
Valdimir Batista	135.035	CT	Mandato: 2002/2005 - Suplente Mandato: 2006/2009 - Suplente Mandato: 2010/2013 - Efetivo Mandato: 2014/2017 - Efetivo	Masc.
Valdir Campos Costa	103.058	CT	Mandato: 2002/2005 - Efetivo Mandato: 2006/2009 - Suplente	Masc.
Valmir Leôncio da Silva	136.061	CT	Mandato: 2014/2017 - Efetivo	Masc.
Vera Lucia Vada	123.710	CT	Mandato: 2006/2009 - Suplente Mandato: 2010/2013 - Efetiva	Femin.
Vicente Feola Filho	3.916	CT	Mandato: 1961/1962 - Efetivo	Masc.
Victor Colella	21.374	CT	Mandato: 1978/1981 - Efetivo	Masc.

CONSELHEIRO	CRC N.º	CATEGORIA	GESTÃO	GÊNERO
Victor Domingos Galloro	44.278	CT	Mandato: 1988/1991 - Efetivo Mandato: 2000/2003 - Efetivo	Masc.
Victório Micheletti	13.353	CT	Mandato: 1972/1975 - Suplente Mandato: 1976/1979 - Suplente Mandato: 1980/1983 - Efetivo	Masc.
Vinício Martins Presti	66.855	CT	Mandato: 1990/1993 - Suplente Mandato: 2000/2003 - Efetivo Mandato: 2004/2007 - Efetivo	Masc.
Virgílio Bolonhani da Silva	36.231	TC	Mandato: 1986/1989 - Efetivo	Masc.
Virgínia Justamante de Tófoli	22.366	TC	Mandato: 1956/1958 - Suplente	Femin.
Vitor Luis Trevisan	123.179	CT	Mandato: 1998/2001 - Suplente	Masc.
Vitória Lopes da Silva	212.018	CT	Mandato: 2012/2015 – Suplente Mandato: 2016/2019 – Suplente	Femin.
Wagner Renato Ramos	130.947	CT	Mandato: 1992/1993 - Suplente Mandato: 1994/1997 - Suplente Mandato: 1998/2001 - Efetivo	Masc.
Waldemar Machado de Barros	19.892	TC	Mandato: 1958/1960 - Efetivo Mandato: 1961/1963 - Efetivo	Masc.
Waldemar Murano	31.729	TC	Mandato: 1965/1967 - Efetivo	Masc.
Waldomiro Mesquita	39.349	TC	Mandato: 1976/1979 - Suplente	Masc.
Wallace Zornig	25.845	CT	Mandato: 1972/1975 - Suplente	Masc.
Walter Fernandes Monteiro	33.849	TC	Mandato: 1972/1975 - Efetivo Mandato: 1976/1979 - Efetivo	Masc.
Walter Guerino Pizzo	18.366	CT	Mandato: 1968/1970 - Suplente Mandato: 1971/1973 - Efetivo Mandato: 1974/1977 - Efetivo Mandato: 1978/1981 - Suplente	Masc.
Walter Lório	84.113	CT	Mandato: 1992/1993 - Suplente Mandato: 1994/1997 - Suplente Mandato: 2006/2009 - Efetivo Mandato: 2010/2013 - Efetivo Mandato: 2014/2017 - Efetivo	Masc.
Walter Rodrigues	2.653	CT	Mandato: 1961/1962 - Efetivo Mandato: 1963/1965 - Efetivo	Masc.
Wanderley Antonio Laporta	45.451	TC	Mandato: 2000/2003 - Suplente Mandato: 2004/2007 - Efetivo Mandato: 2008/2011 - Efetivo Mandato: 2012/2015 - Efetivo	Masc.
Wanderley Aparecido Justi	101.956	TC	Mandato: 2002/2005 - Suplente Mandato: 2006/2009 - Suplente Mandato: 2010/2013 - Efetivo Mandato: 2014/2017 - Suplente	Masc.
Wanderley Aparecido Justi Júnior	245.141	CT	Mandato: 2012/2015 – Suplente Mandato: 2016/2019 – Suplente	Masc.
William Peterson de Andrade	196.844	TC	Mandato: 2010/2013 - Suplente Mandato: 2014/2017 - Suplente	Masc.
Yae Okada	96.316	TC	Mandato: 2000/2003 - Suplente Mandato: 2010/2013 - Suplente Mandato: 2014/2017 - Suplente	Femin.
Zaina Said El Hajj	217.031	CT	Mandato: 2006/2009 - Suplente	Femin.
Zoilo de Souza Assis	18.865	CT	Mandato: 1961 - Suplente Mandato: 1962/1964 - Suplente	Masc.

PRESIDENTE	CRC N.º	CATEGORIA	GESTÃO	GÊNERO
Pedro Pedreschi	1	CT	Gestão 1946/1950	Masc.
Joaquim Monteiro de Carvalho	5	CT	Gestão 1950/1953	Masc.
Gastão Rabelo e Silva	1.425	TC	Gestão 1954	Masc.
Antonio Peres Rodrigues Filho	3	CT	Gestão 1954/1957	Masc.
Acácio de Paula Leite Sampaio	466	CT	Gestão 1957	Masc.
Mario Scaff	6	CT	Gestão 1958	Masc.
Arthur Magalhães Andrade	102	CT	Gestão 1959/1960	Masc.
José Ferraz de Siqueira Sobrinho	2.185	CT	Gestão 1961	Masc.
Theobaldo de Freitas Leitão	23.043	CT	Gestão 1962	Masc.
José Geraldo de Mattos Barros	23.669	CT	Gestão 1963/1964 Gestão 1978/1979	Masc.
Antonio Venício Fellin	275	CT	Gestão 1965/1966 Gestão 1980/1981	Masc.
Tikara Tanaami	4.651	CT	Gestão 1967/1968	Masc.
João Gondim Sobrinho	5.826	CT	Gestão 1969	Masc.
Firmino Pacheco Nobre	140	CT	Gestão 1970/1971	Masc.
José Rojo Alonso	32.722	CT	Gestão 1972/1973	Masc.
Francisco Rodrigues Dias	11.853	CT	Gestão 1974/1977	Masc.
Octávio Almeida	17.020	CT	Gestão 1980	Masc.
Sylvio Nunes	3.359	CT	Gestão 1982/1983	Masc.
Antonio Luiz Sarno	40.275	CT	Gestão 1984/1985	Masc.
Custódio Guimarães Filho	48.455	CT	Gestão 1986/1987	Masc.
Altair Juliano	29.591	CT	Gestão 1988	Masc.
Sergio Approbato Machado	10.204	CT	Gestão 1989/1990	Masc.
José Ismar da Fonseca	37.146	CT	Gestão 1990/1991 Gestão 1992/1993	Masc.
Célia Regina de Castro	149.352	CT	Gestão 1994	Femin.
José Serafim Abrantes	53.583	CT	Gestão 1994/1995	Masc.
José Antonio de Godoy	49.868	CT	Gestão 1996/1997	Masc.
Irineu de Mula	56.524	CT	Gestão 1998/1999	Masc.
Victor Domingos Galloro	44.278	CT	Gestão 2000/2001	Masc.
Pedro Ernesto Fabri	68.875	CT	Gestão 2002/2003	Masc.
Luiz Carlos Vaini	73.457	CT	Gestão 2004/2005	Masc.
Luiz Antonio Balamínut	132.021	CT	Gestão 2006/2007	Masc.
Sergio Prado de Mello	58.000	CT	Gestão 2008/2009	Masc.
Domingos Orestes Chiomento	32.010	CT	Gestão 2010/2011	Masc.
Luiz Fernando Nóbrega	186.718	CT	Gestão 2012/2013	Masc.
Claudio Avelino Mac-Knight Filippi	(MG)16.843	CT	Gestão 2014/2015	Masc.
Gildo Freire de Araujo	102.295	CT	Gestão 2016/2017	Masc.

Adauro César de Castro	Joaquim M. de Carvalho
Adelino Dias Pinho	Joaquim M. de Carvalho
Ademar Franco	Pedro Pedreschi
Adhemar Aparecido de Caroli	Horácio Berlinck
Adolpho Paschoal C. Romano	Joaquim M. de Carvalho
Alberto Abusamra Bugarib	Ernani Calbucci
Alcides Ramos	Joaquim M. de Carvalho
Alécio Zanettim	Joaquim M. de Carvalho
Alexandre Rocha Santos Padilha	Joaquim M. de Carvalho
Amador Alonso Rodriguez	Joaquim M. de Carvalho
Amaro Luiz de Oliveira Gomes	Horácio Berlinck
Amaury Maciel	Horácio Berlinck
Americo Bergamaschi	Joaquim M. de Carvalho
Américo Oswaldo Campiglia	Horácio Berlinck
Amir Gomes dos Santos	Joaquim M. de Carvalho
Ana Maria Elorrieta	Joaquim M. de Carvalho
André Luis Magustero Américo	Joaquim M. de Carvalho
Angela Zechinelli Alonso	Joaquim M. de Carvalho
Annibal de Freitas	Joaquim M. de Carvalho
Antoninho Marmo Trevisan	Ernani Calbucci
Antoninho Marmo Trevisan	Professor Hilário Franco
Antonio Carlos Bordin	Pedro Pedreschi
Antonio de Oliveira Rego	Joaquim M. de Carvalho
Antônio Domingues de Azevedo	Pedro Pedreschi
Antonio Gonzales	Joaquim M. de Carvalho
Antonio Jonas	Joaquim M. de Carvalho
Antonio Lopes de Sá	Francisco D'Auria
Antônio Luiz Sarno	Joaquim M. de Carvalho
Antonio Mantovani	Joaquim M. de Carvalho
Antonio Marangon	Pedro Pedreschi
Antonio Royo Franco	Joaquim M. de Carvalho
Antonio Sarubbo Junior	Joaquim M. de Carvalho
Antonio Sofia	Joaquim M. de Carvalho
Antônio Venício Fellin	Joaquim M. de Carvalho
Aparecida Terezinha Falcão	Joaquim M. de Carvalho
Ariovaldo dos Santos	Horácio Berlinck
Ariovaldo Guello	Joaquim M. de Carvalho
Armando Antolini Jr.	Horácio Berlinck
Arnaldo Faria de Sá	Joaquim M. de Carvalho
Arthur Alexandre dos Santos Filho	Pedro Pedreschi
Arthur Magalhães Andrade	Joaquim M. de Carvalho
Arthur Verna	Joaquim M. de Carvalho
Carlos Augusto Nogueira	Joaquim M. de Carvalho
Carlos Bevilacqua	Joaquim M. de Carvalho
Carlos José de Lima Castro	Joaquim M. de Carvalho
Carlos José Tozzi	Joaquim M. de Carvalho
Carlos Manchini	Joaquim M. de Carvalho
Célia Leão	Joaquim M. de Carvalho
Célia Regina de Castro	Joaquim M. de Carvalho
Celina Coutinho	Joaquim M. de Carvalho
Charles Barnsley Holland	Pedro Pedreschi
Claudio Avelino Mac-Knight Filippi	Pedro Pedreschi
Claudio Gonçalves Longo	Pedro Pedreschi
Clovis Luis Padoveze	Horácio Berlinck
Custódio Guimarães Filho	Joaquim M. de Carvalho
Darci Marino	Joaquim M. de Carvalho

Dario Rocha Rodrigues	Joaquim M. de Carvalho
Dirceu Cerquetani	Joaquim M. de Carvalho
Dorival da Rocha Mello	Joaquim M. de Carvalho
Durval Alves	Joaquim M. de Carvalho
Edeno Teodoro Tostes	Joaquim M. de Carvalho
Edeson Figueiredo Castanho	Joaquim M. de Carvalho
Edgard Bruno Cornacchione Junior	Frederico Herrmann Jr.
Edir Sales	Ernani Calbucci
Edison Arisa Pereira	Pedro Pedreschi
Edmundo Rondinelli Spolzino	Ernani Calbucci
Edmur Clovis Granato	Joaquim M. de Carvalho
Eduardo Augusto Rocha Pocetti	Joaquim M. de Carvalho
Elcio Aníbal de Lucca	Ernani Calbucci
Eliane Aparecida Maia	Joaquim M. de Carvalho
Eliseu Martins	Frederico Herrmann Jr.
Eliseu Martins	Professor Hilário Franco
Elsó Raimondi	Joaquim M. de Carvalho
Emanuel von L. Massarani	Ernani Calbucci
Enzo Felizatti	Joaquim M. de Carvalho
Ernesto das Candeias	Joaquim M. de Carvalho
Ernesto Marra	Joaquim M. de Carvalho
Ernesto Rubens Gelbcke	Horácio Berlinck
Fabio Oliveira Filho	Joaquim M. de Carvalho
Fernando Dantas Alves Filho	Joaquim M. de Carvalho
Fernando Nepomuceno Filho	Joaquim M. de Carvalho
Flausino Marquez Rezende	Joaquim M. de Carvalho
Flávio Gonçalves Pacheco	Horácio Berlinck
Francisco Antonio Feijó	Joaquim M. de Carvalho
Francisco de Chiaro Netto	Joaquim M. de Carvalho
Francisco Moreno Correa	Horácio Berlinck
George Dimitri Nassan	Joaquim M. de Carvalho
Geraldo Cillo	Joaquim M. de Carvalho
Geraldo Stanzani	Joaquim M. de Carvalho
Gideon Carvalho de Benedicto	Horácio Berlinck
Guilherme Afif Domingos	Ernani Calbucci
Guy Almeida Andrade	Joaquim M. de Carvalho
Hajime Isayama	Horácio Berlinck
Haroldo Reginaldo Levy Neto	Ernani Calbucci
Hatiro Shimomoto	Joaquim M. de Carvalho
Heber Carlos de Carvalho	Joaquim M. de Carvalho
Hélio de Oliveira	Joaquim M. de Carvalho
Henrique Shiguemi Nakagaki	Pedro Pedreschi
Hilário Franco	Francisco D'Auria
Homero Rutkowski	Joaquim M. de Carvalho
Ippo Watanabe	Joaquim M. de Carvalho
Iran Siqueira Lima	Francisco D'Auria
Irineu de Mula	Joaquim M. de Carvalho
Irineu Desgualdo	Joaquim M. de Carvalho
Irineu Thomé	Joaquim M. de Carvalho
Itamar Borges	Ernani Calbucci
Jair Gomes de Araújo	Joaquim M. de Carvalho
Januário Sylvio Pezzotti	Horácio Berlinck
João Aleixo Pereira	Joaquim M. de Carvalho
João Carlos Castilho Garcia	Joaquim M. de Carvalho
João Carlos Hopp	Horácio Berlinck
João F. de Camargo Pinheiro	Ernani Calbucci

João Gondim Sobrinho	Pedro Pedreschi
João Rey Ortiz Filho	Joaquim M. de Carvalho
Joaquim Satyro Netto	Horácio Berlinck
José Antonio de Godoy	Horácio Berlinck
José Aparecido Maion	Joaquim M. de Carvalho
José Carlos Marion	Frederico Herrmann Jr.
José Carlos Marion	Professor Hilário Franco
José de Faria Granja	Joaquim M. de Carvalho
José Fernando da Costa Boucinhas	Pedro Pedreschi
José Fiorita	Joaquim M. de Carvalho
José Gomes	Joaquim M. de Carvalho
José Homero Adabo	Horácio Berlinck
José Ismar da Fonseca	Horácio Berlinck
José Joaquim Boarin	Horácio Berlinck
José Maria Chapina Alcazar	Joaquim M. de Carvalho
José Maria Chapina Alcazar	Pedro Pedreschi
José Martonio Alves Coelho	Professor Hilário Franco
José Martonio Alves Coelho	Pedro Pedreschi
Jose Rojo Alonso	Joaquim M. de Carvalho
José Serafim Abrantes	Pedro Pedreschi
Júlio César dos Santos	Pedro Pedreschi
Julio Sergio de Souza Cardoso	Joaquim M. de Carvalho
Laelso Rodrigues	Joaquim M. de Carvalho
Laerte Mancuso	Joaquim M. de Carvalho
Laerte Teixeira da Costa	Joaquim M. de Carvalho
Láudio Camargo Fabretti	Frederico Herrmann Jr.
Leonildo Ghizzi	Joaquim M. de Carvalho
Lívio Xella	Joaquim M. de Carvalho
Luiz Antonio Arthuso	Horácio Berlinck
Luiz Antonio Balamint	Pedro Pedreschi
Luiz Bertasi Filho	Joaquim M. de Carvalho
Luiz Carlos Vaini	Pedro Pedreschi
Luiz Fernando Mussolini	Pedro Pedreschi
Luiz Fernando Nóbrega	Pedro Pedreschi
Luiz Flávio Borges D'Urso	Ernani Calbucci
Luiz Nelson Guedes de Carvalho	Professor Hilário Franco
Luiz Poças Leitão Júnior	Joaquim M. de Carvalho
Luiz Settanni	Joaquim M. de Carvalho
Marcio Martins Villas	Joaquim M. de Carvalho
Maria Clara Cavalcante Bugarim	Professor Hilário Franco
Maria Odilla Nobre	Joaquim M. de Carvalho
Maria Thereza Pompa Antunes	Frederico Herrmann Jr.
Mário José Antunes	Joaquim M. de Carvalho
Mário Martins de Almeida	Joaquim M. de Carvalho
Mário Presente	Horácio Berlinck
Marta Maria Ferreira Arakaki	Joaquim M. de Carvalho
Masayuki Nakagawa	Frederico Herrmann Jr.
Maurício Ferreira Frizzarin	Ernani Calbucci
Mauro Fernando Gallo	Frederico Herrmann Jr.
Mauro Manoel Nóbrega	Joaquim M. de Carvalho
Miguel Molina	Joaquim M. de Carvalho
Miguel Roberto Gherrize	Joaquim M. de Carvalho
Moacyr Baptista Pinheiro	Joaquim M. de Carvalho
Moacyr Padovan	Joaquim M. de Carvalho
Nara Maria Marcondes França	Joaquim M. de Carvalho
Nelson Machado	Pedro Pedreschi
Nelson Mitimasa Jinzenji	Joaquim M. de Carvalho
Nena Gerusa Cei	Frederico Herrmann Jr.

Nobuya Yomura	Horácio Berlinck
Odilon Luiz de Oliveira	Joaquim M. de Carvalho
Olinto Arrivabene	Joaquim M. de Carvalho
Oliver Gomes da Cunha	Horácio Berlinck
Olívio Koliver	Frederico Herrmann Jr.
Orival da Cruz	Pedro Pedreschi
Orlando Bonifácio Martins	Joaquim M. de Carvalho
Oscar Waldemar Breitenviser	Joaquim M. de Carvalho
Osmar Fernandes	Joaquim M. de Carvalho
Oswaldo Monea	Joaquim M. de Carvalho
Paschoal Rizzi Naddeo	Joaquim M. de Carvalho
Paulo Adolpho Santi	Joaquim M. de Carvalho
Paulo Henrique Feijó da Silva	Horácio Berlinck
Pedro Augusto de Melo	Joaquim M. de Carvalho
Pedro Ernesto Fabri	Pedro Pedreschi
Pedro Ernesto Fabri	Joaquim M. de Carvalho
Pedro Lucio Siqueira Farah	Joaquim M. de Carvalho
Pedro N Ferreira de Camargo	Joaquim M. de Carvalho
Plínio Biscalchin	Pedro Pedreschi
Raul Antonio Correa da Silva	Joaquim M. de Carvalho
Roberto Dreyfus	Pedro Pedreschi
Roberto Müller Filho	Ernani Calbucci
Roberto Yazbek	Pedro Pedreschi
Ronald Monteiro	Joaquim M. de Carvalho
Ronaldo Raymundo Saunier Martins	Joaquim M. de Carvalho
Rubens Monton Coimbra	Pedro Pedreschi
Rutnea Navarro Guerreiro	Frederico Herrmann Jr.
Salvador Strazzeri	Joaquim M. de Carvalho
Samuel Tufano	Pedro Pedreschi
Sebastião Luiz Gonçalves dos Santos	Joaquim M. de Carvalho
Sebastião Pereira Lima Filho	Joaquim M. de Carvalho
Sérgio Approbato Machado	Ernani Calbucci
Sérgio Approbato Machado Junior	Joaquim M. de Carvalho
Sérgio Contente	Ernani Calbucci
Sérgio de Iudicibus	Joaquim M. de Carvalho
Sérgio de Iudicibus	Professor Hilário Franco
Sérgio Prado de Mello	Pedro Pedreschi
Sérgio Roberto Monello	Joaquim M. de Carvalho
Shiro Yamamoto	Joaquim M. de Carvalho
Shoiti Morita	Joaquim M. de Carvalho
Silvio Lopes Carvalho	Joaquim M. de Carvalho
Taiki Hirashima	Pedro Pedreschi
Theobaldo de Freitas Leitão	Joaquim M. de Carvalho
Tikara Tanaami	Joaquim M. de Carvalho
Valdir Renato Coscodai	Pedro Pedreschi
Vicente Celeste Amadei	Joaquim M. de Carvalho
Victor Domingos Galloro	Pedro Pedreschi
Victório Micheletti	Joaquim M. de Carvalho
Vinício Martins Presti	Joaquim M. de Carvalho
Virgilio Bolonhani da Silva	Joaquim M. de Carvalho
Waldemar Garcia de Santana	Pedro Pedreschi
Waldemar Machado de Barros	Joaquim M. de Carvalho
Walter Arnaldo Andreoli	Joaquim M. de Carvalho
Walter Feldman	Ernani Calbucci
Walter Guerino Pizzo	Horácio Berlinck
Ynel Alves de Camargo	Professor Hilário Franco
Ynel Alves de Camargo	Horácio Berlinck
Zoilo de Souza Assis	Joaquim M. de Carvalho



AGRADECIMENTOS

Este livro celebra, em 2016, os 70 anos do Conselho Regional de Contabilidade do Estado de São Paulo. Nesta casa passaram inúmeros profissionais e aqui fica o nosso agradecimento a cada um deles.

Além disso, agradecemos a possibilidade de rememorar algumas falas de grandes nomes da Contabilidade paulista, que foram registradas em 2001, na ocasião da elaboração do Centro de Memória.

Agradecemos aos profissionais da Contabilidade que se dispuseram a compartilhar um pouco de suas histórias e trajetórias para que este livro fosse possível.

Agradecemos também aos funcionários do CRCSP que nos ajudaram nessa empreitada: da Biblioteca e da comunicação, na logística, no agendamento e na elaboração dos retratos dos entrevistados.

E, finalmente nossos agradecimentos às empresas e entidades da contabilidade que tornaram realidade este livro.

Que essas histórias sirvam para mostrar a riqueza desse universo da Contabilidade!

ENTIDADES CONGRAÇADAS



ENTIDADES APOIADORAS



REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Maria Thereza Pompa; MARTINS, Eliseu. Capital Intelectual: verdades e mitos. In: Revista Contabilidade e Finanças – USP. Maio/Agosto. 2002, n. 29.
- AUDITORIA, REGISTROS DE UMA PROFISSÃO. Livro comemorativo dos 35 anos do Ibracon. *História dos Congressos Brasileiros de Contabilidade / Conselho Federal de Contabilidade* – 3ª ed. Brasília: CFC, 2016.
- CABRAL, Natanael. Balanço Social e a Demonstração do Valor Adicionado: “Compromisso, Sustentabilidade e Transparência”. PUC-SP. 2012. Disponível em: tede2.pucsp.br/bitstream/handle/1528/1/Natanael%20Cabral.pdf.
- COSENZA, José Paulo; DE ROCCHI, Carlos Antonio. “Evolução da escrituração contábil: desenvolvimento e utilização do sistema ficha tríplice no Brasil”. In: *Revista de Contabilidade do Mestrado em Ciências Contábeis da UERJ (online)*. Rio de Janeiro, v. 19, n.1, p. 1 - p. 23, jan/abr., 2014. Disponível em: www.arena.org.br/revista/ojs-2.2.3-06/index.php/UERJ/article/download/2031/1807.
- COUTO, Ana Maria do. *A Influência Norte-Americana no Sistema Contábil Brasileiro*: elementos para se repensar a história da Contabilidade no Brasil. 1989. Disponível em: bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/9120.
- CRCSP Online. Informativo Semanal de 21 de janeiro de 2016. Disponível em: http://www.crcsp.org.br/portal_novo/publicacoes/crcsp_online/materias/361_10.htm
- FARIAS, Lediane Fernandes de. *O Reflexo das Alterações da Lei nº 6.404/76 nos Índices Econômico-Financeiros das Empresas*. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/25732/000751622.pdf>. Acesso em: 3/11/2016.
- FERRARI, Graça. *A História do Conselho Regional de Contabilidade do Estado de São Paulo: comemorando 64 anos de instalação*. CRCSP: São Paulo, 2010.
- Gestor Contábil, 8ª edição. Disponível em: <http://www.crcsp.org.br/portal/publicacoes/gestor-contabil/edicao-08.pdf>
- GUIA DE ORIENTAÇÃO EXAME CNAI-CFC IBRACON. Disponível em: cfc.org.br/wp-content/uploads/2016/01/GuiaCNAI2015.pdf.
- HISTÓRIA DA CONTABILIDADE: a mecanização da Contabilidade. Disponível em: www.Contabilidade-financeira.com/2013/10/historia-da-Contabilidade-mecanizacao.html.
- HISTÓRIA DA CONTABILIDADE: o ano de 1972. Disponível em: www.Contabilidade-financeira.com/2014/02/historia-da-Contabilidade-o-ano-de-1972.html.
- HISTÓRIA DA CONTABILIDADE: o surgimento da Auditoria no Brasil. Disponível em: www.Contabilidade-financeira.com/2013/09/historia-da-Contabilidade-o-surgimento.html
- <http://cfc.org.br>
- <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2012/08/campanha-comemora-dia-nacional-do-voluntariado.html>
- <http://guiadoestudante.abril.com.br/estudo/as-moedas-que-o-brasil-ja-teve/#0>
- <http://institucional.sescon.org.br/?pagina=inclui/historia.php>
- <http://portalcfc.org.br>
- <http://teoriascontabeis.blogspot.com.br/2009/09/Contabilidade-no-brasil.html>
- <http://www.anpad.org.br/admin/pdf/CON432.pdf>
- <http://www.apcsp.org.br>
- <http://www.apejesp.com.br>
- <http://www.atuarios.org.br/iba/conteudo.aspx?id=2&mindex=0>
- <http://www.certisignexplica.com.br/hilario-franco-um-legado-de-conhecimento/>
- <http://www.certisignexplica.com.br/medalha-francisco-dauria-para-enaltecer-quem-engrandece-a-Contabilidade/>
- <http://www.classecontabil.com.br/artigos/da-ragioneria-a-Contabilidade-um-tributo-a-escola-italiana?tmpl=print>
- <http://www.classecontabil.com.br/artigos/programa-de-voluntariado-da-classe-contabil>
- <http://www.Contabilidade-financeira.com/2014/02/historia-da-Contabilidade-boucinhas.html>
- <http://www.crcpr.org.br>
- <http://www.essenciasobreaforma.com.br/colunistas-base.php?id=4>
- http://www.facaparte.org.br/?page_id=583
- http://www.facsaoorque.br/novo/publicacoes/pdfs/natasha_adm.pdf
- <http://www.fecap.br>
- <http://www.fecontesp.org.br>
- <http://www.ibracon.com.br>
- <http://www.fipecafi.org/sala-de-imprensa/releases/fipecafi-35-anos-pioneirismo-construcao-historia-contabil-atuarial-brasileira.pdf>
- http://www.normaslegais.com.br/legislacao/resolucao/cfc/138_2008.htm
- <http://www.portaldeContabilidade.com.br>
- <http://www.sbhe.org.br/>
- <http://www.sindcontsp.org.br/menu/nossa-historia>
- <http://www.tax-Contabilidade.com.br/matTecs/matTecsIndex.php?idMatTec=168>
- http://www2.cfc.org.br/sisweb/sre/detalhes_sre.aspx?Codigo=1999/000853
- https://capitalaberto.com.br/boletins/as-mudancas-introduzidas-pela-lei-11-6382007/#.WBe_q9lRkUk
- <https://www.bcb.gov.br/htms/Museu-espacos/cedulabc.asp?idpai=CEDMOEBR>
- JORNAL DO 20º CBC. Edição n. 1, 12 de setembro de 2016. Disponível em: cbc.cfc.org.br/images/stories/jornal/jornal20cbc_12set.pdf
- JORNAL DO CFC. Janeiro/2001. Disponível em: portalcfc.org.br/wordpress/wp-content/uploads/2013/08/jornal_33.pdf
- KOWALSKI, Aline et al. Resgate Histórico da Contabilidade: a moeda brasileira. In: *Revista de Administração – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões*, v. 11, n. 19 (2013). Disponível em: <http://revistas.fw.uri.br/index.php/revistadeadm/article/view/953/1552>.
- PRIMAK, Fábio Vinícius. *Infortabilidade – A Contabilidade na Era da Informática*. Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna, 2009.
- RELATÓRIO DE GESTÃO EXERCÍCIO DE 2013 SINDCONT-SP. Disponível em: www.sindcontsp.org.br/plugin.php?h=leitura/relatorios/rg2013#page/1.
- RESGATE DA MEMÓRIA CONTÁBIL NOS ESTADOS. Brasília: CFC, 2016. Disponível em: cfc.org.br/wp-content/uploads/2016/08/resgate.pdf
- REVISTA CAMPO & CIDADE. Março/Abril 2012, n. 77. Disponível em: <http://www.campoecidade.com.br/category/edicao-77-antigos-guarda-livros-ituanos/>.
- RONDON, Ida Pereira Bernardo; SOBRINHO, Osvaldo Américo de Oliveira. *Comportamento Ético na Contabilidade*. Disponível em: www.ice.edu.br/TNX/storage/webdisco/2011/11/10/outros/ea05f548430e4ff0524db363852d032.pdf. Acesso em: 3/11/2016.
- TRADIÇÃO DE MODERNIDADE – SINDCONT-SP 90 ANOS. Disponível em: www.sindcontsp.org.br/plugin.php?h=leitura/livro#page/1.
- WELLER, Wivian. A Atualidade do Conceito de Gerações de Karl Mannheim. In: *Revista Sociedade e Estado*. Maio/Agosto 2010, n. 2, vol. 25.

CONSELHO REGIONAL DE
CONTABILIDADE DO ESTADO
DE SÃO PAULO - CRCSP

GESTÃO 2016-2017

CONSELHO DIRETOR

Presidente: Gildo Freire de Araújo
Vice-presidente de Administração e
Finanças: Marcia Ruiz Alcazar
Vice-presidente de Fiscalização: José
Donizete Valentina
Vice-presidente de Desenvolvimento
Profissional: José Aparecido Maion
Vice-presidente de Registro: Neusa Prone
Teixeira da Silva

CÂMARA DE RECURSOS

Coordenadora: Marcia Ruiz Alcazar
Coordenador-adjunto: Mauro Manoel
Nóbrega
Membros: Adriano Gilioli, Valdimir
Batista, Maria Thereza Pompa Antunes e
José Carlos Duarte Leardine

CÂMARA DE CONTROLE INTERNO

Coordenador: José Aparecido Maion
Coordenador-adjunto: Flávia Augusto
Membros: João Carlos Castilho Garcia,
Joaquim Carlos Monteiro de Carvalho e
Rita de Cássia Bolognesi

I CÂMARA DE FISCALIZAÇÃO

Coordenador: José Donizete Valentina
Coordenador-adjunto: Sebastião Luiz
Gonçalves dos Santos
Membros: Rita de Cássia Bolognesi,
Nelmir Pereira Rosas, Walter Iório e Ana
Maria Costa

II CÂMARA DE FISCALIZAÇÃO

Coordenadora: Marcia Ruiz Alcazar
Coordenador-adjunto: Carlos Roberto
Matavelli
Membros: Bruno Roberto Kalkevicius,
Manoel do Nascimento Veríssimo,
Elizabeth Castro Maurenza de Oliveira e
Manassés Efraim Afonso

III CÂMARA DE FISCALIZAÇÃO

Coordenador: José Donizete Valentina
Coordenador-adjunto: Marcelo Roberto
Monello
Membros: Cibele Costa Pereira, Mauro
Túlio Garcia, Paulo Roberto Martinello
Júnior e Oswaldo Pereira

**CÂMARA DE DESENVOLVIMENTO
PROFISSIONAL**

Coordenador: José Aparecido Maion
Coordenadora-adjunta: Angela Zechinelli
Alonso
Membros: Mariano Amádio, Valmir
Leôncio da Silva, Alexandre Sanches
Garcia e Claudio Avelino Mac-Knight
Filippi

CÂMARA DE REGISTRO

Coordenadora: Neusa Prone Teixeira da
Silva
Coordenador-adjunto: Umberto José
Tedeschi
Membros: Inez Justina dos Santos e
Carlos Alberto Vieira

CONSELHEIROS EFETIVOS

Gildo Freire de Araújo, Marcia Ruiz
Alcazar, José Donizete Valentina,
José Aparecido Maion, Neusa Prone
Teixeira da Silva, Adriano Gilioli,
Alexandre Sanches Garcia, Ana Maria
Costa, Angela Zechinelli Alonso, Bruno
Roberto Kalkevicius, Carlos Alberto
Vieira, Carlos Roberto Matavelli,
Celso Carlos Fernandes, Cibele Pereira
Costa, Claudio Avelino Mac-Knight
Filippi, Elizabeth Castro Maurenza de
Oliveira, Flávia Augusto, Inez Justina
dos Santos, João Carlos Castilho
Garcia, Joaquim Carlos Monteiro
de Carvalho, José Carlos Duarte
Leardine, Manassés Efraim Afonso,
Manoel do Nascimento Veríssimo,
Marcelo Roberto Monello, Maria
Thereza Pompa Antunes, Mariano
Amádio, Mauro Manoel Nóbrega,
Nelmir Pereira Rosas, Oswaldo Pereira,
Paulo Roberto Martinello Junior, Rita
de Cássia Bolognesi, Sebastião Luiz
Gonçalves dos Santos, Umberto José
Tedeschi, Valdimir Batista, Valmir
Leôncio da Silva e Walter Iório

CONSELHEIROS SUPLENTE

Alexandre Ferezini, Alexandre Juniti
Kita, Antonio Carlos Gonçalves,
Bethel Corcoruto Lombardi, Breno
Acimar Pacheco Correa, Claudio
Gonçalo Longo, Derneval Gondim
Freire, Eduardo José Rodrigues, Emir
Castilho, Fernando de Almeida Santos,
Jairo Balderrama Pinto, João Edison
Demeo, Jorge Alberto da Cunha
Moreira, José Augusto Picão, José Luiz
Ribeiro de Carvalho, Luis Carlos do
Rego, Marcio Lerio da Silva, Marcio
Zago, Mauro Túlio Garcia, Moacir da
Silva Netto, Niveson da Costa Garcia,
Paulo Cesar Adorno, Priscila Cristina
Provazi, Roberto Yoshio Kuabata,
Rosmary dos Santos, Sandra Regina
N. Pizzo Sabathé, Selma do Carmo
Ribeiro, Silmar Marques Palumbo,
Suely Gualano Bossa Serrati, Takeru
Horikoshi, Vitória Lopes da Silva,
Wanderley Aparecido Justi, Wanderley
Aparecido Justi Júnior, William Peterson
de Andrade e Yae Okada

Conselho Regional de Contabilidade do
Estado de São Paulo
Rua Rosa e Silva, 60 - Higienópolis -
01230-909 - São Paulo-SP.
Tel.: 11 3824.5400 (Teleatendimento)
E-mail: crcsp@crcsp.org.br
Portal: www.crcsp.org.br

FICHA TÉCNICA

REALIZAÇÃO PESSOAS&ESCOLHAS

Supervisão do Projeto
Márcia Ruíz

Projeto editorial e Organização
Fernanda Palo Prado

Edição de textos e pesquisa
Fernanda Palo Prado
Ricardo Taddeo Pedroni

Memória Oral
Fernanda Palo Prado
Márcia Ruíz
Ricardo Taddeo Pedroni

Retrato dos Depoentes
Comunicação CRCSP

Transcrição
MW Transcrições

Revisão
Graça Ferrari
Sílvia Balderama

Impressão
Ricargraf

Jornalista Responsável
Fernanda Palo Prado
MTB: 0068589SP

Projeto Gráfico e Editoração
GFK Comunicação

Crédito de imagens

Acervo Antoninho Marmo Trevisan: p. 41 |
Acervo Camila Pereira Boscov: p. 107 | Acervo
CRCSP: 19, 32, 35, 46 (ambas), 53, 55, 57, 58, 59
(todas), 60, 61, 63, 66, 67, 68, 82, 97, 98, 101, 110,
114-115, 135, 138, 140, 145, 147 | Acervo Edgard
Cornacchione: p. 119 | Acervo Eliseu Martins:
p. 43 | Acervo Escola Aberta Terceiro Setor:
p. 131 | Acervo Fecap: p. 24 | Acervo Marcia
Ruiz Alcazar: p. 86 | Acervo Sindcont: p. 21
(ambas) | Acervo Victor Domingos Galloro: p.
143 | ALotOfPeople, iStock by Getty Images:
p. 92-93 | Attributed to Jacopo de' Barbari
(1460/1470–before 1516) [Public domain],
via Wikimedia Commons: p. 15 | BruderCZ,
iStock by Getty Images: p. 2-3 | By Stefano
Stabile (Own work) [CC BY-SA 3.0 ([http://
creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/](http://creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/))],
via Wikimedia Commons: p. 14 | Dance60,
iStock by Getty Images: p. 4-5 | Domínio
público, [https://commons.wikimedia.org/w/
index.php?curid=123557](https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=123557): p. 12 (esquerda) |
Domínio Público via [https://commons.
wikimedia.org/wiki/File:Leonardo_Fibonacci.
png](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Leonardo_Fibonacci.png): p. 14 | Domínio público, notas: p.39 |
ManuelVelasco, iStock by Getty Images: p.
48-49 | Paulo Mason: p. 62 | Maxiphoto,
iStock by Getty Images: capa | Musée du
Louvre, Atlas database: entry 9619. Domínio
Público. Disponível em [https://commons.
wikimedia.org/wiki/File:Sales_contract_
Shuruppak_Louvre_AO3760.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Sales_contract_Shuruppak_Louvre_AO3760.jpg): p. 12 (direita)
| Nikada, iStock by Getty Images, p. 6-7 | Por
Michal Mañas (Own work) [GFDL ([http://
www.gnu.org/copyleft/fdl.html](http://www.gnu.org/copyleft/fdl.html)) or CC BY
3.0 ([http://creativecommons.org/licenses/
by/3.0/](http://creativecommons.org/licenses/by/3.0/))], via Wikimedia Commons: p. 47 |
Por Olaf Tausch (Own work) [GFDL ([http://
www.gnu.org/copyleft/fdl.html](http://www.gnu.org/copyleft/fdl.html)) or CC BY
3.0 ([http://creativecommons.org/licenses/
by/3.0/](http://creativecommons.org/licenses/by/3.0/))], via Wikimedia Commons: p. 13 |
Rawpixel, iStock by Getty Images: p. 122-123

05081197FFC108B3
0303F8FE96810F3C
06C661F9DEB0
340429CFC771E
56CA91B6D04D13
7F8B95262B1279
773E3AF3F546F3
A8D589485463
2C575B144F068F
F63C04E4136C
6BB95AF698F
580A19
F864C5B63F146



9 788593 390005